
How do you choose
between loyalty and love?
KANE
COOPER CONSTRUCTION #2
JEN DAVIS



2020

SINOPSE

Eu sei como é perder tudo, ver meu mundo desabar ao meu redor, incapaz de fazer merda nenhuma sobre isso. Eu era um homem quebrado quando os Skulls me acolheram. Eles me ajudaram a juntar os cacos, se tornaram minha família, ganharam minha lealdade.

Depois minhas tempestades passadas voltam à minha vida e ao meu local de trabalho, com saltos altos e uma atitude correspondente. Amanda não é apenas dona da empresa. Ela é dona do meu coração.

Ela sempre será proprietária. Mesmo que sua traição tenha me enviado para o inferno em primeiro lugar

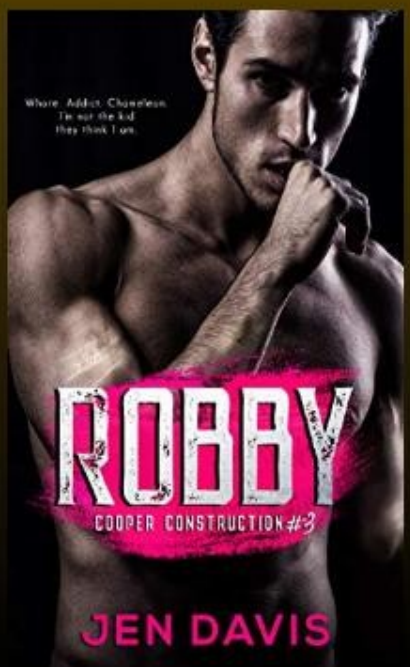
Mas estar juntos agora não é tão simples como antes. Nós dois mudamos. Depois de treze anos, estamos em mundos separados. Eu não pertenço ao mundo dela, e ela não quer ter nada a ver com o meu.

O problema é que não acho que posso deixá-la se afastar de mim... de novo não.

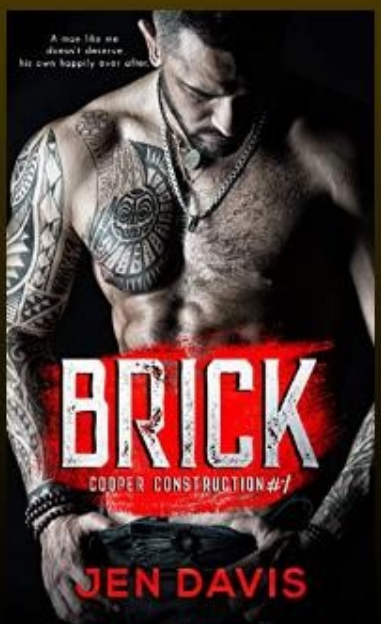
Lançamento



Próximas



Distribuído



DEDICAÇÃO

David, Catie e Michael: Vocês são os maiores presentes da minha vida. Eu não poderia fazer isso sem o seu amor e apoio.

CAPÍTULO UM

Amanda

Os dedos de Nathan cravaram na pele macia da parte interna do braço de Amanda. — Quantas vezes eu tenho que te dizer? A arrecadação de fundos para o meu escritório não é uma oportunidade para você falar mal.

Ela apertou a mandíbula contra o desejo de dizer a ele para se foder.

— Você tem ideia de quantas mulheres dariam os dentes para estar no seu lugar? — ele sibilou, aumentando a pressão de seu aperto.

Mais do que ela poderia contar, provavelmente. No final dos trinta, a sociedade considerava Nathan Shaw um dos solteiros mais cobiçados de Atlanta, bonito, rico e de uma família poderosa política tão velha quanto o tempo. Seu cabelo loiro perfeitamente estilizado emoldurava um rosto aristocrático pálido com olhos azuis e sobrancelhas habilmente arqueadas. Ele nunca deixou sua cobertura vestido com nada menos do que condiz com sua posição. O homem era praticamente da realeza da Geórgia.

Ele também era um bastardo arrogante e intitulado.

— Na verdade, Abe, — ele zombou da voz dela em um falsete alto, — ... acho que o dinheiro seria melhor gasto em um abrigo para abusos domésticos. — Ele a sacudiu com tanta força que seus dentes estalaram. — Podemos muito bem dar descarga no vaso sanitário.

— Ele pediu minha opinião, — ela rangeu, sua cabeça começando a doer.

Nathan a jogou contra a parede, a parte de trás de seu crânio ricocheteando no gesso. — *Minha* opinião é a *sua* opinião, e você sabe muito bem disso.

Ele a soltou e ela caiu no chão. Pendurando o paletó do smoking nas costas de uma das cadeiras altas que mantinha debaixo da ilha em sua cozinha sofisticada, ele parecia ter acabado de puni-la.

Seus instintos gritaram o contrário. Ela se enrolou em uma bola, protegendo a cabeça, quando um chute violento atingiu sua parte inferior das costas.

— Se você vai ficar ao meu lado, você se comportará como sua criação deve ditar. — Sua voz não traía mais sua raiva. Ele o trancou, substituindo-o com uma cadência melosa de facilidade praticada. Medido. Controlada. — Estou sendo claro?

Apenas uma resposta permitiria a ela escapar disso. Ela ergueu a cabeça. — Sim, — ela murmurou.

Ele a agraciou com um sorriso de serpente. — Excelente. Agora saia do chão. Você vai estragar seu vestido.

Seu cérebro posterior gritou para fugir de sua mão estendida, mas a rejeição poderia fazer seu sangue ferver novamente. Ela lutou contra seus instintos e envolveu os dedos nos dele.

Ele a puxou para um pé instável, então soltou sua mão. Seus dedos puxaram as mechas de cabelo vermelho escuro escapando do coque simples que seu estilista havia criado. — Seu cabelo parece todo bagunçado, querida.

Porra.

Lentamente, ele soltou o resto de suas mechas, o olhar em seu rosto ficando mais quente. No momento em que todo o seu cabelo estava grosso em seus ombros, ela podia ver a tenda em suas calças.

Ela engoliu a bile queimando sua garganta.

— Linda, — disse ele com voz rouca. — Eu quero desembrulhar você.

Antes que ela pudesse se afastar, ele puxou para baixo o zíper lateral de seu vestido prateado sem alças cintilante. Ele se acumulou no chão a seus pés.

Tanto por sua preocupação em ficar arruinado.

O beijo frio do ar contra sua pele exposta a fez estremecer. Tudo o que ela usava agora eram os saltos altos e o pequeno pedaço de renda preta disfarçada de roupa íntima.

Ficar nua com ele nunca fez parte do negócio. Ela se curvou rapidamente para agarrar o tecido caro e puxá-lo para cima. Chegou até a cintura dela antes que ele prendesse a mão em seu pulso.

— Eu acho que você precisa ser lembrada de quem usa as calças neste relacionamento. — Sua voz ficou mais baixa. — Talvez o que você realmente precise é que eu pegue o que eu quero e foda seu doce traseiro. Talvez isso lhe ensine o seu lugar.

Cerrando os dentes, ela sacudiu o constrangimento de ficar ali seminua. — Não.

Ele provavelmente poderia tê-la forçado. Obviamente, muitos uísque com soda o fizeram cruzar linhas que ele apenas contornou no passado. Houve momentos em que ele apertou o braço dela com muita força ou a empurrou com um pouco de força, mas ele nunca a machucou como fizera esta noite.

Ainda assim, ela havia sido firme no passado, recusando qualquer convite para sua cama.

Sua resolução não mudaria agora. Ou nunca.

— Me deixa ir. — Ela endireitou o queixo. — A menos que você esteja disposto a fazer isso contra a minha vontade.

Um grunhido torceu seu rosto, e ele apertou seu pulso com mais força. Ela parou de respirar, um suor frio pontilhando a curva de suas costas.

Talvez ela tenha calculado mal. Uma dúzia de cenários de pior caso passou por sua cabeça. Nathan quebrando o pulso dela. Quebrando o braço dela. Forçando-se dentro dela.

Ela deveria gritar? Correr?

Antes que ela pudesse formar um plano em sua cabeça, ele apagou sua expressão, então a deixou ir. — Você me conhece melhor que isso. — Ele deu as costas para ela e se moveu languidamente em direção ao seu quarto. — Estou indo para a cama. Não se esqueça de deixar o vestido.

Ela não respirou até que ele saiu da sala. Tremendo, ela tirou os saltos que ainda prendiam seus pés, em seguida, tirou o vestido completamente e colocou-o sobre o paletó de Nathan. Não era dela para levar para casa, apenas um aluguel que ele fez para passar a noite.

Engolindo em seco, ela abriu o zíper da pequena bolsa no balcão. Ela enfiou a cabeça na camiseta macia, seus braços ficando presos por um momento antes que ela pudesse se cobrir completamente. Ela não conseguia calçar as calças de moletom e os sapatos, rápido o suficiente. A ideia de estar nua e vulnerável com ele tão perto fez seu estômago revirar.

Deus, ela odiava este lugar. Odiava o homem que morava aqui.

E odiava seu pai por colocá-la nessa porra de confusão para começar.

Fechando a porta suavemente atrás dela, ela caminhou rapidamente pelo corredor até o elevador da cobertura de Nathan. Seus tênis rangeram no chão de mármore.

O porteiro assentiu educadamente e chamou o manobrista para chamar o carro dela. Se ele notou a umidade em seus olhos ou o escurecimento da pele em seus pulsos, ele deliberadamente ignorou.

Nathan só tinha tentado levá-la para a cama uma vez antes e, na época, ele aceitou sua recatada rejeição com uma profissão de valores antiquados. Combinava com sua imagem, mesmo que seu charme sulista não fosse nada mais do que falar lábio.

Seu próprio condomínio acenava a apenas alguns quilômetros de distância e, embora o tráfego em Atlanta fosse geralmente insuportável, seria um trajeto fácil tão tarde da noite.

Ela avistou uma estrela cadente ao sentar-se no banco do motorista e a miséria bateu com mais força em seu peito.

Sua vida nem sempre foi assim.

Houve um tempo em que ela sabia o que era ser amada.

Foi um erro pensar nisso. Saber o quão melhor poderia ser, saber que ela nunca mais teria isso, só piorou uma situação ruim.

---

13 anos atrás

Julho

— Negue o quanto quiser, Mandy, mas eu sei que você só está usando aquele vestidinho minúsculo para me deixar louco.

Os olhos escuros de Kane brilharam enquanto ele arrastava o olhar sobre o corpo dela. Caminhando em sua direção em longas passadas, ele se aproximou do estacionamento onde seu irmão o

havia deixado. Seus dedos flexionaram, como se ele quisesse tocá-la, mas ele se conteve.

O sangue dela esquentou com o olhar dele, e uma risada vertiginosa borbulhou com o apelido que ele deu a ela. — Eu não estou negando nada. — Inclinando a cabeça, ela agitou os cílios. — Que outra razão poderia haver?

Ela gesticulou para que ele se aproximasse da grama ao lado da fonte.

Ela havia chegado a Grant Park quinze minutos antes do encontro, então teria tempo de definir o cenário, embora a clareira exuberante e a água proporcionassem um romance quase pronto. Seu coração bateu duas vezes enquanto ele fechava a distância restante entre eles.

Olá linda.

Kane Hale não tinha nada em comum com os esnobes abotoados que seu pai sempre escolhia para ela, o que provavelmente era parte da atração. A bainha de sua calça jeans surrada e sua camiseta do Green Day abraçou seu corpo magro.

Ele passou os braços em volta da cintura dela e a ergueu do chão antes de encaixar sua boca na dela. Mesmo depois de três meses juntos, seus beijos esquentavam seu sangue.

Borboletas dançavam em seu estômago enquanto ela passava a mão sobre o cabelo castanho úmido cortado curto e, em seguida, agarrou seus ombros largos. Ele cheirava levemente a creme de

barbear, e as pontas dos dedos dela vibraram sobre a pele macia de sua bochecha.

Sua língua varreu a costura de sua boca, e ela a abriu ansiosamente com um pequeno suspiro.

Ela poderia ter esquecido que eles estavam no meio de um parque popular se um cachorrinho não tivesse começado a latir a seus pés. Seus olhos se abriram quando uma mulher de cabelos grisalhos puxou a coleira do animal e pigarreou, provavelmente em sua demonstração de afeto muito entusiástica e pública.

Kane riu e deu um passo para trás. — Viu o que você fez? Aquela velha senhora ficou praticamente escandalizada. — A risada dançou em seus olhos, e seu coração inchou mais forte do que nunca.

Ela passou os dedos pelo lábio inferior formigando. — Pelo menos eu sei que não serei a única a ficar acordada esta noite revivendo nosso beijo.

Ele acariciou seus cabelos e encostou a testa na dela. — Você nunca seria a única. Vou ficar pensando nisso a noite toda.

Seria tão fácil cair em seus braços novamente, mas muita distração iria torpedear todo seu cuidadoso planejamento. Fechando os olhos com força, ela quebrou o contato e se ajoelhou no cobertor com a cesta de piquenique.

As sombras cercavam as árvores próximas, sinalizando a transição do crepúsculo para o escuro.

O parque estaria fechando em breve, mas ela programou a refeição para evitar o máximo possível do calor do verão na

Geórgia. Mesmo às sete e meia, porém, o algodão fino de seu vestido grudava em sua pele, e ela sabia que sua testa provavelmente brilhava de suor.

Pelo menos ela não tinha maquiagem para derreter. Kane sempre fez questão de dizer que ela era bonita sem.

— Sente-se comigo. Coma um desses cachorros-quentes malditos. — Ela deu um tapinha no chão ao lado dela. — Você sabe que eu só os embalei para você.

Kane se acomodou no cobertor, mas eles não comeram imediatamente. Eles se deram as mãos e viram os vaga-lumes voar em volta das árvores e riram da mãe perseguindo uma criança fazendo uma linha de abelha na água.

Eventualmente, Kane pescou seu tesouro embrulhado em papel alumínio da cesta. — Um dia vou fazer você experimentar um. É positivamente anti-americano, você não vai comer um cachorro-quente.

Balançando a cabeça enfaticamente, ela engoliu a mordida que havia tirado de seu PB&J[1]. Toda a comida que ela empacotou era comida simples, cozinhar não era um de seus pontos fortes. — Posso ser louca por você, mas não sou louca. Você tem alguma ideia do que há nessas coisas? — Ela estremeceu.

— Você é louca por mim? — Ele balançou as sobrancelhas e terminou a segunda metade do cachorro-quente com uma só mordida.

---

1 *Um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia ou mais conhecido pela sigla PB&J é um sanduíche típico dos Estados Unidos em que se passa manteiga de amendoim e geleia em duas fatias de pão.*

Seu rosto aqueceu. Uma piada espertinha pairou em seus lábios, mas ela engoliu e foi com a simples verdade. — Sim.

O sorriso dele se alargou com a admissão silenciosa dela, e ele passou a mão pela lateral do braço dela. — De que loucura estamos falando? — ele brincou gentilmente.

— Em algum lugar entre a foto de Nick Nolte e Tom Cruise pulando no sofá com Oprah.

Ele franziu os lábios em falsa preocupação. — Muito louca, então. — Seus dedos serpentearam ao redor da coluna de seu pescoço e ele a puxou para mais perto, seu hálito quente em sua pele. — É bom que eu seja louco por você.

Ela se inclinou para frente e roçou seus lábios com os dele. O desejo disparado profundamente em seu núcleo parecia positivamente audacioso em público. Quando ela se afastou, seu olhar se fixou em seu rosto.

— Vamos sair daqui, — ele sussurrou. — Eu preciso ficar sozinho com você.

Mentes brilhantes pensam igual.

Uma sessão de amassos no banco de trás não só ajudaria na sua coceira, mas também proporcionaria a inspiração perfeita para alguns sonhos de arrepiar os dedos nas noites que viriam.

Assentindo, ela agarrou a cesta de piquenique enquanto Kane pegava o cobertor do chão. Juntos, eles caminharam rapidamente até o carro dela.

Ela parou quando ele agarrou seu ombro.

— Veja. Uma estrela cadente. Faça um pedido.

Olhando para cima, ela pegou o fim da luz brilhando no céu.

Gostaria que Kane Hale fosse o meu primeiro. Ela piscou. *E meu último.*

— O que você desejou, baby? — Ele colocou o cabelo dela atrás da orelha. — Eu gostaria que nada jamais se interpusesse entre nós.

Ela deu um tapa em seu ombro. — Não. Se você disser em voz alta, não se tornará realidade.

Tirando a cesta de piquenique de sua mão, Kane a colocou no porta-malas e entrelaçou os dedos com os dela. — Silêncio. Nós controlamos nosso destino. Não é sorte. Nem as estrelas. Então, é melhor você se acostumar com essa cara, porque isso nunca vai mudar, e não há nada neste mundo que vai me tirar do seu lado.

Ela hesitou. — E o clube?

Seu pai não parava de pressionar Kane para se juntar ao MC, de onde ele era um membro fundador. Não apenas seus pais estavam profundamente envolvidos na vida, mas seu irmão, Scott, também.

Por mais que ela adorasse Kane, ela não queria fazer parte de seu mundo. Esses caras tratavam as mulheres como lixo. Mesmo as — velhinhas— como a mãe de Kane eram cidadãs de segunda classe, consideradas apenas um passo acima de bonecas infláveis falantes.

Os caras que ela conheceu da equipe? Rudes, grosseiros e violentos. Provavelmente criminosos. E eles eram a família de Kane.

— Eu não vou entrar. Eu te disse. Eu nunca quis esse tipo de vida.

Ele beijou a mão dela. — Eu quero um relacionamento real. Quero uma casa, um emprego e filhos que não tenham vergonha do pai quando ele vier à escola buscá-los.

Ele disse todas as coisas que ela queria ouvir, mas com base em tudo o que ele disse a ela antes, ela sabia que rejeitar o clube poderia criar uma divisão entre ele e sua família que ele nunca poderia superar.

— Eu não quero que você perca seus pais ou seu irmão e se ressinta de mim um dia por isso.

— Isso nunca vai acontecer. Com você ou sem você, eu nunca vou entrar. — Sua voz endureceu com determinação. — Eu prometo Mandy. Enquanto eu viver, nunca farei parte do MC da minha família.

Kane

Nos Dias de Hoje

Sangue e sangue coagulado grudaram nas botas de Kane enquanto ele caminhava pelo que já foi o antro de drogas mais

notório da cidade. Agora trazia as marcas de um matadouro. Corpos espalhados pelo chão, todos os membros da tripulação antes dirigidos por Sucre de la Cruz.

Todos mortos nas mãos do MC Skulls.

Seu olhar encontrou o de seu irmão através da sala mal iluminada. A língua de Scott apareceu em seu sorriso dentuço. Sem dúvida, ele se deleitou com a carnificina.

Kane veio apenas por seu amigo, Brick. Bem, Brick e os dez mil dólares que o homem havia prometido ao MC para ajudá-lo a acabar com seu chefe traficante e a tripulação do bastardo. A violência não excitou Kane como fez com Scott. Ele considerou um mal necessário proteger seu clube.

Eles eram sua família.

Quando todos os outros começaram a matar, seu trabalho tinha sido segurar uma arma contra a cabeça do traficante, para que o pedaço de merda pudesse ver seu império desmoronar diante de seus olhos.

Ele achou isso imensamente satisfatório. De la Cruz e sua organização eram uma mancha em Atlanta por anos. O cara governou com violência, medo e morte. Agora seu reinado acabou. Não só Kane teve uma mão na queda, ele fez sua parte sem tirar uma única vida.

Seus irmãos eram outra história. Eles rasgaram os homens de Sucre como se fossem feitos de papel de seda, e eles adoraram cada segundo disso. Todos os sorrisos enlouquecidos e risadas teriam

denunciado antes mesmo de eles invadirem o bar e começarem a brindar com doses de tequila.

Em seus anos com o clube, Kane tinha visto muita violência de perto e pessoalmente, mas ele nunca teve que matar ninguém. Talvez fosse uma desculpa, mas ele não queria começar uma contagem de corpos agora.

Ele varreu uma das lonas empilhadas dentro da porta da frente e a deixou cair ao lado de um corpo. Ninguém poderia pular a limpeza.

Prendendo a respiração contra o fedor de vísceras e dejetos humanos, ele agarrou o braço do morto e o deslizou para a folha preta de plástico. Ele teve que plantar um pé na lona para mantê-la no lugar. Roubando um rápido gole de ar pela boca, ele se ajoelhou e enrolou o homem como um burrito. O sangue cobriu suas mãos e salpicou seus braços sobre as mangas de tatuagens.

Ele se levantou para repetir o processo com o próximo corpo. Havia cerca de quarenta para descartar e apenas quatorze irmãos para fazer o trabalho.

Cue Ball arrastou cada burrito traficante de drogas para a picape estacionada na frente.

Depois que todos estivessem carregados, os irmãos os levariam para o lixão de Sucre, aquele sobre o qual Brick havia falado, feito com barris de ácido sulfúrico. Não apenas era conveniente, mas ele podia apreciar a justiça poética nisso.

Um tapa brincalhão pousou em seu ombro quando ele terminou de envolver seu terceiro corpo. — Porra, cara. Você realmente conseguiu este trabalho esta noite. Precisávamos desse dinheiro pra caralho.

Scott não exagerou. Dez mil dólares era menos do que muitas equipes exigiriam para um trabalho como aquele, mas agora eles precisavam como água no deserto. O clube não estava ganhando o mesmo tipo de dinheiro de antes.

Claro, eles trouxeram o suficiente para sobreviver, mas os lucros com o uso de armas diminuíram mais a cada ano. A demanda ainda estava lá, mas as armas eram mais fáceis de encontrar atualmente. Os compradores não estavam mais dispostos a pagar tanto por um intermediário.

A maioria dos caras tinha um segundo emprego. Scott trabalhava em carros. Kane com construção.

Ele não se importava com seu trabalho diário. Na verdade, ele preferia. Ele nunca teve que lavar o sangue das mãos depois de um dia pregando gesso.

— Estou feliz em fazer isso. — A velha cicatriz na bochecha de Kane puxou quando ele sorriu. Mesmo aos trinta e dois anos, era bom ter a aprovação de Scott.

Ele amava seu irmão, embora eles nem sempre estivessem de acordo.

Ele agarrou a mochila que Brick havia deixado para trás após o massacre. Não havia como dizer o que Scott faria se suspeitasse que

havia outros quarenta mil dólares ao alcance do braço. — Você está saindo com o Cue Ball ou vai ficar aqui para limpar o lugar?

— Você está falando sério? — Scott soltou uma risada. — Você acha que eu perderia a chance de jogar corpos em tonéis de ácido para ficar aqui e brincar de empregada doméstica? Foda-se, cara. — Ele riu enquanto caminhava em direção à porta da frente.

Kane puxou o elástico do cabelo e juntou todas as mechas soltas em um rabo de cavalo na nuca, depois examinou o bar. Todos os corpos se foram, mas demoraria horas para limpar todo esse sangue. Meia dúzia de membros da equipe tinha saído com Scott para se livrar dos corpos, enquanto a outra metade da equipe ficou para trás para cuidar da bagunça.

Já passava da meia-noite quando apagaram as evidências do massacre. Por mais que quisesse ir para casa, ele teve que voltar para a sede do clube para se encontrar com a equipe de eliminação e dividir o dinheiro que ganharam esta noite.

Ele deu uma última lavagem nas mãos na pia atrás do bar antes de colocar o capacete e se sentar na moto. Uma Harley Davidson Dyna Super Glide Sport. Preto, tinha apenas alguns anos e um acabamento mate.

O motor ronronou para a vida, e os passeios ao redor dele fizeram o mesmo, criando um refrão vibrante. Kane entrou na rua escura e os outros seguiram em uma única fila antes de deslizar para uma formação de equitação escalonada.

Uma luz amarela anêmica brilhou através das janelas da sede do clube com estrutura de madeira quando eles chegaram. Sem o sol para iluminar o exterior, as sombras escondiam a pintura desbotada e as venezianas caídas, que traíam sua idade.

Com todas as curvas em um vestidinho preto quase indecente, Charlene o cumprimentou na porta no minuto em que ele entrou. Ela se enrolou nele como um terno barato, toda coceira e mal ajustada. O cheiro de nicotina exalava de sua pele.

Até superou o alvejante e o fedor da noite que ainda se apegavam a ele do trabalho.

— Eu estava começando a me preocupar com você, baby. — Ela esticou o lábio inferior pintado em um beicinho exagerado e enrolou uma mecha de cabelo loiro descolorido em torno do dedo. — Eu estive aqui a noite toda.

— Eu tinha um trabalho. — As palavras saíram rispidamente, mas ele não tinha coragem de fingir que se importava.

Imperturbável, ela segurou seu queixo com a mão. — É legal, você... — Seu nariz enrugou enquanto ela olhava para a barba dele. Usando o dedo médio e o polegar, ela puxou algo do cabelo rebelde do rosto dele.

Oh, meu Deus. Isso era um fragmento de osso?

Seu estômago embrulhou e ele a empurrou. — Vá para casa, Char.

— Mas...

— Vai. Para. Casa.

Ele não se preocupou em observá-la por tempo suficiente para ver se ela ouvia. Na verdade, ele não se importava para onde ela fosse, contanto que ele não tivesse que lidar com ela.

Esfregando a nuca, ele marchou para a sala dos fundos, onde eles realizavam todos os negócios do clube, a sala que chamavam de igreja. Ele foi o último a chegar.

Todas as quinze cadeiras, exceto duas, estavam ocupadas. Eles estavam situados ao longo de uma mesa oblonga, o assento na outra extremidade estava visivelmente vazio.

Os caras aplaudiram com sua chegada. Alguns aplaudiram, outros bateram na velha mesa de madeira.

Forçando seus olhos ardentes a reconhecer seus irmãos, ele caiu pesadamente em sua cadeira à esquerda da posição do presidente. — Vamos lá, vocês também fizeram o trabalho. Todos nós merecemos.

— Mas você trouxe o negócio. — A voz estrondosa da porta incitou todos os homens na sala a se levantarem, até mesmo Kane, que cambaleou um pouco quando o sangue correu de sua cabeça. — Estou orgulhoso de você, filho.

Apesar de seus sessenta anos e décadas de vida difícil, Malcolm Hale ainda era uma figura impressionante. Ele correspondia aos 1,80 metro de Kane e provavelmente chegava perto de seus cem quilos de músculos. Mesmo que ele não montasse frequentemente com o MC, ele começou o clube com seu irmão, Wes, e como presidente

exigiu o respeito que considerava seu devido. Ele também exigiu que seus filhos o chamassem de Malcolm, assim como todo mundo fazia.

Aproximando-se da cabeceira da mesa, o homem ergueu a pilha de notas de cem dólares que já esperava no centro. — Dez mil? — Não era realmente uma pergunta, então Kane ficou em silêncio.

Malcolm abriu um sorriso malicioso, muito parecido com o que Scott deu no meio do bar ensanguentado. — Para derrubar Sucre de la Cruz, quase valeria a pena fazer de graça. Nós ajudamos a tornar aquele filho da puta um rei. Aposto que ele nunca pensou que poderíamos quebrá-lo com a mesma facilidade. — Entre vaias e gritos, ele colocou o dinheiro de volta na mesa. — Quinhentos dólares por homem. Vinte e quinhentos para o clube. Agora, dê o fora daqui para que eu possa arranjar um boquete.

Reprimindo um suspiro, Kane roubou sua parte e saiu rapidamente.

Não havia como dizer se o pau de Malcolm seria chupado pela mãe de Kane ou algum pedaço de propriedade do clube esta noite. Nenhuma das possibilidades era em que ele queria pensar.

Ele só teve que se arrastar por alguns quarteirões até seu apartamento e mal podia esperar para entrar e fechar a porta neste dia longo e desagradável.

Pena que ele não conseguiu fechar a porta desta vida. Tão profundamente quanto amava seus irmãos, a maneira como eles viviam revirava seu estômago às vezes.

Fechando a distância para seu espaço privado em sua Harley, ele tirou as botas na varanda antes de entrar. Não há necessidade de rastrear evidências de DNA em sua casa. O sangue havia secado, mas ainda podia marcar seu tapete.

Ele parou no banheiro primeiro, escondendo a bolsa de dinheiro de Brick embaixo da pia. Então, deixando suas roupas sujas em uma pilha no chão, ele entrou no chuveiro e inclinou a cabeça para frente na água. A corrente quente escorria por seu cabelo, e a água a seus pés se misturava com os restos cor de ferrugem de sua noite violenta. Uma vez que ficou limpo, ele pegou o sabonete e fez um trabalho rápido com seu corpo.

Ele tomaria banho novamente pela manhã, logo depois de ensacar suas roupas para queimá-las, mas não conseguiria dormir coberto de morte. Satisfeito por estar limpo o suficiente, ele espremeu a água de seu cabelo e se enxugou, então caminhou nu para seu quarto.

Charlene estava nua em sua cama king-size. Quando ele disse a ela para ir para casa, ele queria que ela fosse para *a* casa *dela*, não a dele. Ele não convidou nenhuma mulher para seu espaço privado. Nunca.

Ela tinha coragem de merda.

Graças a Deus ela estava dormindo. Ele deitaria ao lado de Charles Manson se isso significasse descansar um pouco. Deslizando sob os lençóis, ele deu as costas à mulher.

Como diabos ela entrou aqui?

Ele com certeza nunca deu a ela uma chave. Charlene não era sua old lady e ele nunca fingiu o contrário. Ele não estava interessado em chamar nenhuma mulher de sua. Ele tentou uma vez e nunca se arrependeu de mais nada.

Um flash de cabelo ruivo escuro e olhos verde-mar arranhou a parte de trás de seu cérebro, mas como ele tinha feito centenas de vezes antes, ele empurrou as memórias para baixo, fechou os olhos com força e caiu em um sono sem sonhos.

CAPÍTULO DOIS

Kane

O burburinho feliz que Kane associava a um novo dia no canteiro de obras fez uma caminhada sem seu melhor amigo ali. Infelizmente, Brick ganhou um pouco de R&R[2] com o lado errado de uma arma após o confronto com Sucre, e ele não voltaria por pelo menos uma semana. Outro cara da equipe ficou ainda mais ferido, então era basicamente um esqueleto da equipe trabalhando para pôr em dia um projeto que já estava perdendo dinheiro para a empresa.

O homem que encomendou a construção decidiu que queria grandes modificações nos planos. Teria ficado bem, exceto que ele não se decidiu até que o trabalho já tivesse começado, e ele se recusou terminantemente a pagar o custo das mudanças. Significava uma luta louca para a equipe cumprir os prazos, enquanto o capataz resistia à grande pressão dos superiores para satisfazer o cliente. Se dependesse dele, ele teria dito ao comprador para ir se foder e colocar a maldita casa no mercado, mas ninguém pediu sua opinião.

Ele mal havia colocado o capacete quando um cara desengonçado segurando uma prancheta disparou entre ele e a porta da frente. — Você viu Brick? — o garoto perguntou sem fôlego.

---

2 ***R&R*** *(rest and recuperation / rest and relaxation / rest and recreation)* descanso, lazer, sossego, diversão, pausa, folga.

Robby era o assistente do capataz e tinha grudado em Brick como um patinho bebê. O jovem soprou a franja castanha dos olhos e piscou rapidamente.

— Desculpe garoto. Ainda não. — Ele suavizou sua voz com a decepção no rosto de Robby. — Ele me mandou uma mensagem, no entanto. Disse que saiu do hospital. Sua garota, Olivia, está cuidando bem dele. Não sei muito sobre Will, no entanto.

Will era irmão de Olivia e o outro membro da equipe de construção que havia sido baleado na noite de sábado. Um dos capangas de Sucre a agarrou antes que toda a matança começasse no bar. Brick colocou o punk no chão, mas não antes que o filho da puta colocasse balas em Brick e Will durante a operação de resgate.

As sobrancelhas de Robby franziram para baixo. — Não parece certo para nós ficarmos aqui nos preocupando com esta casa estúpida enquanto eles estão feridos.

— Eu te escuto. Mas temos que garantir que eles tenham empregos para os quais voltar. Não podemos ficar mais atrás nesta construção. — Ele firmou sua mandíbula. — Os outros caras estão aqui?

Inclinando a cabeça em direção à entrada, Robby suspirou. — Sim. Eles estão apenas começando. Você pode entrar. — Ele saiu do caminho, mas gritou antes que Kane chegasse à porta. — Eu sei que você é o melhor amigo dele. Você vai me avisar se receber alguma atualização, certo?

Um nó se formou em sua garganta. Ele não conseguia se lembrar da última vez que teve um amigo fora do MC, mas Robby estava certo, ele e Brick tinham ficado próximos. — Eu prometo. Eu irei vê-lo antes do final do dia. Agora vou começar a trabalhar. Esta casa não vai acabar sozinha.

Amanda

— Você está me zoando? — A voz de Perry aumentou de tom com cada palavra. Ela se sentou rígida e ereta em seu assento. — Quais?

Amanda parou na mesa da recepcionista. Ela nunca tinha ouvido a mulher xingar na linha de negócios antes.

— Bem, eles vão viver? — Sua mão cobriu a boca e a parte inferior do telefone. — Está bem, está bem. Eles estarão em nossas orações, Xander. Vou deixar a Srta. Griffin saber o que está acontecendo.

Ela disse Xander?

Seu coração gaguejou. Xander era o capataz da tripulação de Kane Hale. Kane.

Seu primeiro amor. Seu único amor. O homem fora dos limites para ela agora e para sempre.

Quem vai *viver*?

Cem perguntas enxamearam em sua cabeça, mas ela não conseguia fazer sua boca formar nenhuma das palavras. Ela ficou congelada, tentando se forçar a respirar.

Perry pousou o fone com uma expressão perplexa. — Dois caras da equipe de Xander foram baleados no fim de semana.

As palavras perfuraram seu coração como uma flecha com ponta de veneno.

Cambaleando para trás, ela tropeçou em seus saltos altos demais e pousou sem graça em uma das cadeiras que circundavam o perímetro da sala. O saguão da Cooper Construction tinha facilmente 152 metros quadrados, com elegantes pisos de madeira e suaves paredes verdes. Paredes agora se fechando sobre ela.

Seus olhos queimaram, sua boca ficou seca.

A porra da vida de motoqueiro finalmente o alcançou.

— ... Barlow e Will Turner. Ele disse que Brick saiu do hospital e está visitando Will hoje. — As palavras de Perry não foram registradas completamente.

Ela lambeu os lábios secos e resmungou: — O quê?

— Brick e Will, — a recepcionista repetiu lentamente. — Você está bem, Srta. Griffin? Você os conhece? Eu sei que seu irmão geralmente lida com Xander e sua equipe.

Ela assentiu distraidamente, o alívio causando tantos estragos em seu corpo quanto o medo. Agora as lágrimas ameaçavam.

Mas ela nunca os deixou cair.

Ela procurou em sua memória por rostos que combinassem com os nomes, mas Perry estava certa. Ela normalmente não lidava com as construções de Xander, mas desde o acidente de carro de seu irmão, ela era responsável por tudo. Francamente, ela já havia esquecido os nomes que a recepcionista havia fornecido. Só importava que nenhum deles fosse Kane.

Perry olhou para ela com expectativa. Oh sim, ela fez uma pergunta. — Não. Eu não os conheço, mas cada membro da nossa equipe é importante para mim. Nós sabemos se eles vão se recuperar?

— Não tenho certeza, senhora.

Ela agarrou os braços da cadeira e se forçou a se levantar. — Os membros do conselho já estão aqui?

— Sim. Eles chegaram alguns minutos mais cedo.

Claro, eles fizeram. Eles pensaram que poderiam intimidá-la, colocá-la na defensiva, forçando-a a entrar no quarto por último.

Amadores.

Se as pessoas pudessem enganá-la tão facilmente, ela não mereceria dirigir esta empresa. Sua irritação a ajudou a encontrar seu centro. Empurrando os ombros para trás e erguendo o queixo em desafio, ela entrou na sala de conferências como se fosse a dona.

O que ela era.

— Senhores, — ela sussurrou, e os seis homens sentados ao redor da mesa de mogno se levantaram como se suas cadeiras estivessem eletrificadas. — Por favor, fiquem em seus lugares. Todo nosso tempo é valioso. Vamos direto ao assunto. — Ela pegou o IPad que Perry tinha preparado para ela sobre a mesa e o limpou. A tela espelhada no monitor montada na parede. A imagem mostrava um gráfico de linha em declínio.

Ela saltou rapidamente. — Obviamente, vimos algum declínio no último trimestre, mas...

— *Algum* declínio?

Ela não precisou virar a cabeça para identificar a voz de Tom Poole. O pomposo idiota nunca perdeu a oportunidade de ser um espinho em seu lado.

— Vamos chamar uma pá de pá. Estamos sangrando dinheiro de nossas bundas, docinho.

Os homens à mesa deram uma risada coletiva, e ela mordeu o interior da bochecha com seu carinho insincero.

— Dificilmente. Tivemos alguns contratempos, mas nada do qual não possamos nos recuperar.

Ela passou para o próximo slide. — Na minha opinião, precisamos diversificar. Ir mais longe. Se vocês olharem para essas projeções...

— *Mais longe*? — Desta vez foi Samuel Levine. — Querida, o que precisamos fazer é reduzir. Cortar a gordura, por assim dizer.

— Eu discordo e agradeceria se você me ouvisse.

Samuel deu um sorriso apaziguador. — Agradeço que seu padrasto começou esta empresa, Amanda, mas acho que é hora de você deixar o conselho fazer o seu trabalho. Já fazemos isso há muito tempo.

Isso não o torna bom nisso. Rangendo os dentes, ela reprimiu a réplica. — O trabalho do conselho é me aconselhar. Em última análise, preciso decidir nosso melhor curso de ação.

Tom se levantou. — O que você quer dizer é que o presidente da empresa decide o melhor curso de ação. Talvez seja a hora de elegermos um novo presidente.

Ela deveria saber.

— Suponho que você esteja disposto a se oferecer para o cargo. — Por mais que tentasse, ela não conseguiu evitar a mordida em seu tom.

— De fato, eu estou. — Lançando lhe um sorriso oleoso, ele acariciou a gravata de seda encostada em seu estômago rotundo. — Todos aqueles a favor? — Todos os homens à mesa levantaram a mão.

Foi um golpe. Ou pelo menos uma tentativa.

Ela sorriu, mas não atingiu seus olhos. — Desculpe Tom. Você não tem os votos.

— Perdão? — ele gaguejou. — Eu tenho todos os votos nesta sala.

— Muito ruim para você, eles não são suficientes. Meu irmão e eu temos cinquenta e um por cento do controle acionário desta empresa.

Seu sorriso de satisfação voltou. — Mas Mike não está aqui.

Deixe esse bando de abutres do caralho tentar usar o acidente de carro de meu irmão para assumir o controle de sua empresa. Ela nunca deveria ter concordado em permitir que estranhos investissem na Cooper Construction em primeiro lugar. Graças a Deus, ela não era o tipo de mulher que deixava as coisas ao acaso.

Agora foi a vez dela de sorrir. — Não importa. Eu tenho sua procuração. — Ela navegou até a cópia do documento autenticado em seu tablet e deixou-o na tela. — Alguém precisa que eu dê um zoom na assinatura dele? Vocês precisam do nome do notário no selo? — Ela não esperou por uma resposta.

Sua voz endureceu. — Esta é minha empresa, senhores. Vocês não querem ouvir minhas ideias, tudo bem. Vocês conhecem o caminho para a saída.

O rosto redondo de Tom ficou vermelho, o rubor ainda apareceu através dos fios de seu ambicioso penteado. — Cadela arrogante. Presidente ou não, você não pode expandir sem dinheiro, e eu me recuso a desembolsar um centavo vermelho para financiar suas fantasias ridículas.

— Então é uma boa coisa eu ter meu próprio dinheiro. — Mesmo que ela se odiasse por como ela conseguiu isso. — Esta reunião está oficialmente encerrada. Não deixe a porta bater na sua bunda no caminho para fora.

Ela esperou até que o último membro do conselho estivesse fora da propriedade antes de entrar em seu carro e fazer o curto trajeto até o escritório de seu pai. Foi um tiro no escuro, já que ela não marcou uma hora, mas era uma conversa que ela não queria ter por telefone.

Onze andares de altura, Atlanta City Hall assomava em majestade familiar na frente dela. Seu pai tinha contado relatos de sua história tantas vezes, ela as sabia de cor. O arranha-céu foi construído em 1930 no local que o General Sherman tomou como quartel-general de sua ocupação antes de sua marcha para o mar. Estava no Registro Nacional de Locais Históricos e servia como sede do Governo da Cidade de Atlanta.

Incluindo o gabinete do prefeito.

Seus saltos estalaram pelo saguão ornamentado com seus pilares, cornijas e lambris de mármore. Ela não achava mais impressionante, se é que algum dia achou.

Só um idiota revelaria tal coisa para seu pai, no entanto. Ele viveu para o esplendor de tudo isso.

Ela ensaiou seu discurso no elevador. Tinha que atingir exatamente o equilíbrio certo entre força e vulnerabilidade, independência e deferência.

E mesmo assim, não havia garantia de que ele daria às palavras dela mais crédito do que daria ao constituinte médio. Talvez menos, já que ele não achava que precisava conquistar o voto dela.

A secretária de seu pai deu-lhe um aceno rígido quando ela passou pelas portas de vidro duplo, e ela foi direto para o pequeno sofá à direita.

Era o assento mais confortável da sala, e ela poderia ficar aqui esperando cinco minutos ou cinco horas, dependendo de sua programação e do humor em que ele estava.

Ela repassou os pontos em sua cabeça novamente. Um: ela estava terminando as coisas com Nathan. Ela prometeu ao pai seis meses com o cara para que ele pudesse usar uma conexão privada para cultivar ganhos políticos. Sua parte do acordo foi cumprida. Dois: ela iria passar o Dia de Ação de Graças com o irmão.

Férias na propriedade Griffin eram mais sobre pompa e circunstância do que laços familiares de qualquer maneira.

Talvez ela devesse começar com a coisa de Ação de Graças. Retirar o band-aid.

— Senhorita Griffin?

Ela ergueu a cabeça e olhou nos olhos da mulher de rosto azedo na recepção.

— O prefeito vai vê-la agora.

Ele se levantou atrás de sua mesa de carvalho grossa enquanto ela entrava na sala.

Beauregard Griffin exalava charme e classe sulistas. Seu terno de três peças de carvão era impecável, seu sorriso caloroso e experiente. Um artigo na revista *Atlanta* disse que ele era uma reminiscência de Gregory Peck em seus dias de *To Kill* a *Mockingbird*. Ele gostou tanto da comparação que mandou emoldurar o artigo e pendurar na parede de seu escritório em casa.

Sua aparência era como o elegante saguão do andar de baixo. Era cultivado para impressionar e intimidar, mas na verdade era só fachada.

— É uma surpresa ver você, querida.

Ela deu um passo em seu abraço e ofereceu sua bochecha antes de se sentar. — Obrigada por me receber. Eu sei o quanto você está ocupado. — Besteira educada, e os dois sabiam disso.

Seus olhos se estreitaram e ela avançou.

— Eu preciso apresentar minhas desculpas pelo Dia de Ação de Graças. É importante que eu passe com Mike e sua família.

— Absolutamente não. — Ele cruzou os braços na frente do peito.

Uma sugestão do que ela realmente estava sentindo transpareceu em suas palavras. Um erro tático, mas ela não conseguiu se conter. — Pai, ele está passando por um momento difícil agora. Você sabe o quão gravemente ele se feriu no acidente de carro.

— A última vez que verifiquei, ele tinha uma esposa dedicada para cortar suas cenouras. Ele não precisa de sua meia-irmã para fazer isso por ele.

Ela cerrou os dentes. Ela nunca chamou Mike de qualquer coisa, mas seu pai sempre fez a distinção. — Eu quero estar lá, pai.

— Claro que você quer. — Ele lançou para ela um olhar gelado. — Mesmo quando você era uma menina, você agia como se eles fossem sua família *real*. Você sempre os escolheu em vez de mim.

Ela não discutia sobre o que constituía uma família real. Seu pai achava que ninguém deveria vir antes do sangue. Ou talvez fosse mais correto dizer que ninguém deveria vir antes dele. — Não estou escolhendo um em vez do outro...

— Certo. Estou fazendo a escolha por você. Já convidei Nathan e não posso passar bem o feriado com ele, sem você.

Ela respirou fundo, sugando o veneno que queria vomitar com a menção do nome dele. As coisas eram delicadas com seu pai, ele ainda não havia cumprido inteiramente sua parte do acordo que haviam feito. Ela puxou para trás o verniz Rainha de gelo que usava como uma segunda pele. Deixar escapar em primeiro lugar foi um erro estúpido. — Nunca discutimos sobre Nathan se juntando a nós.

Seu pai acenou para que suas palavras cortadas fossem embora. — Eu preciso obter sua aprovação para as decisões que tomo? Esta é uma excelente oportunidade para solidificar o apoio de seu comitê de ação política.

A ideia de passar mais um minuto com Nathan fazia sua pele arrepiar, mas ele seria o cavalheiro perfeito na frente de seu pai. Ele sempre foi.

Seu pai continuou falando, alheio a sua frustração mascarada. — Além disso, terminaremos às nove. Muito tempo para visitar sua outra assim chamada família depois. — Olhando diretamente para os papéis em sua mesa, ele a dispensou. — Estou muito ocupado, Amanda. Talvez qualquer outra coisa que você deseje discutir possa esperar até um momento mais oportuno.

Bem. Mais um jantar. Ela acenava com a cabeça e sorria, dando a seu pai a última chance de garantir seu apoio político, mas nada mais. Então ele cumpriria suas promessas e o negócio estaria fechado.

Então, ela poderia colocar essa loucura para trás e voltar aos fragmentos de sua vida que ela ainda não tinha conseguido arruinar.

---

13 anos atrás

Setembro

AC/DC tocou pelos alto-falantes montados no quintal para o churrasco do Dia do Trabalho de seus pais. Embora tecnicamente falando, Charlie Cooper não era seu pai, ele nunca a tratou como nada menos do que sua filha. Assim que ela e Kane passaram pela porta do pátio, ele a envolveu em um abraço.

— Estou tão feliz em ver você, menina. Você sabe que não é uma festa até que a família esteja toda aqui. — Ele cheirava a tempero velho e molho de churrasco, casa e segurança.

A mãe dela acariciou a bochecha de Kane e aceitou as sacolas KFC em suas mãos.

— Espero que você não se importe que minha contribuição seja comprada em loja.

Mamãe olhou dentro da sacola e sorriu. — Por que eu me importaria? Milho é milho.

Kane soltou a respiração que parecia estar prendendo, então deslizou sua mão ao redor da de Amanda. O calor a aqueceu ainda mais do que o sol do fim do verão.

É assim que Charlie faz a mamãe se sentir?

Ela não conseguia imaginar seu pai inspirando calor.

O olhar conhecedor no rosto de sua mãe fez suas bochechas brilharem mais.

Mamãe pigarreou. — Seu irmão já está na piscina com os amigos, se vocês dois quiserem ir com ele.

Com certeza, Mike acenou como um idiota em cima de um pato amarelo gigante flutuante. — Entrem pessoal. Com vocês dois, teremos gente suficiente para jogar vôlei aquático.

A testa de Kane enrugou. — Eu realmente não pratico esportes, — disse ele em seu cabelo.

Ela colocou os braços ao redor de sua cintura fina. — Não é um esporte de verdade, eu prometo. É apenas uma desculpa para mergulhar na água e fazer as meninas pularem de biquíni. Ninguém se importa com o quão bem você joga.

— Se você diz. — Ou pelo menos foi o que ela pensou que ele disse. Sua atenção estava congelada em toda a pele que ele exibiu enquanto tirava a camisa. Impecável bronzeado se estendia por seus ombros largos até uma cintura estreita. Uma trilha de cabelo ia de seu umbigo até o tesouro escondido sob a braguilha de sua calça jeans. Sua respiração ficou presa.

Claro que sim.

Ela não conseguiu resistir à vontade de tocá-lo. — Talvez depois disso, possamos voltar para a casa do meu pai. Ele está fora da cidade. — Os dedos dela deslizaram pelo braço dele antes de se enroscar nos dele.

Ele estremeceu. — Seu pai me odeia.

— Meu pai odeia todos que ele não escolhe pessoalmente para fazer parte da minha vida. — Ela revirou os olhos. — Eu não me

importo com o que ele pensa, e nem você deveria. Esta é minha família real, e eles acham que você é incrível.

Kane abriu a boca, mas tudo o que ele ia dizer se perdeu na lufada de ar que seu irmão tirou dele quando jogou Kane na água. O bastardo furtivo conseguiu manobrar para fora da piscina e para o convés sem que ela percebesse.

Agora Mike e Kane estavam espirrando água enquanto as garotas ao redor protegiam seus rostos da água que voava.

Calor floresceu em seu peito vendo quão facilmente ele se encaixava em seu mundo aqui. Ela olhou por cima do ombro, localizando rapidamente o cabelo ruivo de sua mãe descansando contra o peito largo de Charlie.

Era assim que o amor parecia.

Ela esfregou o esterno.

E é assim que se parece o amor.

Ela poderia ficar com isso. O que eles tinham.

Ela não teve que suportar um casamento da sociedade simplesmente porque seu pai esperava um. Metade de seus amigos do colégio particular de luxo que ela frequentou já estavam noivos, seus noivos abotoados, cada um herdeiro da fortuna de seu pai. Seus casamentos eram virtualmente sem amor, sem vida e sem risos.

Amanda sabia que seu pai considerava isso uma diversão rebelde de seu futuro real, mas *não parecia ser*. Ela poderia ter isso para sempre. A percepção a fez balançar em seus pés.

Enquanto Kane e Mike lutavam e se afundavam na água, ela pôde ver dezenas de feriados, exatamente como este, compartilhando-os com Kane e sua família. Talvez um dia, *sua* família. Ela engoliu em seco contra a emoção que subia em sua garganta.

Como eu tive tanta sorte?

Uma mão em seu ombro a fez pular. — Você está mal, querida.

Ela nem tinha visto Charlie chegando.

Rindo de si mesma, ela nem tentou esconder a verdade. — Além de ruim.

Ela suspirou quando Kane soprou um beijo para ela. — Eu acho que ele poderia ser o único.

Charlie ergueu suas sobrancelhas grossas e escuras. — O Único, hein? Ele se sente da mesma maneira?

Ela nem precisava pensar. A resposta estava em uma centena de sorrisos secretos e toques gentis, palavras sussurradas e sonhos compartilhados. — Ele sente.

— Bem, nada mais importa.

— Você não está preocupado com a família dele? Meu pai...

Charlie ergueu uma de suas grandes mãos calejadas. — As coisas que seu pai acha importantes não são as mesmas que eu acho, e você sabe disso.

Eufemismo do ano.

— Os pais da sua mãe também não gostavam muito de mim. — Seu olhar procurou sua esposa através do quintal e suavizou quando ela soprou um beijo para ele. — É mais do que de onde ele vem. Ele não pode ajudar quem é o pai dele mais do que você pode ajudar quem é o seu. Só me preocupo se ele te ama e te trata com o cuidado e o respeito que você merece. Pelo que vejo, você está conseguindo tudo que eu quero para você.

— Eu queria que você fosse meu pai. — Ela havia pensado nisso cem vezes, mas esta foi a primeira vez que ela disse isso em voz alta.

Os olhos castanhos de Charlie ficaram suspeitosamente úmidos. — Aw, menina, no meu coração, eu sou. — Ele olhou para Kane e Mike, agora lutando pela soberania do pato flutuante gigante, e sorriu. — Se minha bênção é o que você está procurando com Kane Hale, você conseguiu. Você tem idade suficiente para conhecer sua própria mente e seu próprio coração. Qualquer homem digno do seu amor é bem-vindo nesta casa e nesta família. — Ele deu um tapa na bunda dela. — Agora, coloque sua bunda na piscina antes que o seu amor afogue meu único filho.

CAPÍTULO TRÊS

Kane

O clube não fez muito para comemorar os feriados. Os pais de Kane não eram o que alguém chamaria de doméstico. Ele só observou um punhado de festividades em toda a sua vida, todos eles tinham estado com a família de outra pessoa.

Este ano, porém, Cue Ball colocou um cabelo rebelde na bunda para fritar um peru de Ação de Graças.

Ele nunca tinha visto o grande bastardo careca cozinhar qualquer coisa nos quinze anos que o conhecia, mas não era como se ele tivesse um monte de opções melhores derrubando sua porta, então ele concordou em ajudar. Ele inclinou a cabeça para a fritadeira instalada na garagem.

Espere. Eles estavam fazendo isso sobre uma chama aberta?

A risada profunda do Cue Ball desviou sua atenção do tanque de óleo.

— Você está olhando para aquela coisa como se ela fosse pular e morder sua bunda, K.

Seus braços flexionaram em sua regata sem mangas enquanto ele usava a rede para levantar os dois perus em cachos com cada mão.

— Guarde toda a sua exibição para as meninas, irmão. Não há necessidade de flexionar para mim. — Kane sorriu e cobriu o coração com as mãos. — Já sou um fã.

— Vá se foder. — Cue Ball sorriu e deliberadamente levantou um dos perus, seu bíceps saliente. — Você sabe que gostaria de ter armas como essas. — Ele beijou o músculo com um forte tapa.

Um conjunto de braços femininos envolveu a cintura de seu amigo. — Espero que você esteja guardando alguns desses beijos para mim, baby.

Cue Ball voltou-se para a voz rouca. — Talvez eu tenha algumas ideias melhores sobre o que você pode fazer com a boca.

Ele se virou quando seu amigo fez um espetáculo de si mesmo com seu Sabor do Momento. Assistir à conquista de outro homem não fez nada para acender seu fogo.

Uma rápida pesquisa no Google em seu telefone sobre perus fritos levantou cerca de cem bandeiras vermelhas. — Ei, Cue, esses perus ainda não estão congelados, estão?

— Por que, você acha que sou um idiota? — Se o homem podia falar isso significava que a mulher havia acabado de engolir sua língua.

Ele arriscou um olhar para cima da tela e avistou seus jeans apertados enquanto ela voltava para o clube. — Você está fazendo uma pergunta capciosa?

Amaldiçoando baixinho, Cue Ball largou os perus na mesa dobrável ao lado do tanque de propano. Então, ele puxou uma faca

de aparência perversa da bainha em seu cinto. — Ajude-me a cortar a embalagem, seu idiota.

Eles mantiveram suas costelas bem-humoradas enquanto limpavam e secavam os perus. Ele estava tentando prender os ganchos dentro da cavidade torácica de seu peru quando seus sentidos reconheceram a combinação inconfundível de fumo passivo, spray de cabelo Aqua Net e uma versão falsificada do Chanel nº 5.

Mama.

— Bem, eu serei maldito. — Seu hábito de um maço por dia deu a sua voz um tom áspero que nunca foi embora. — Desiree disse que você estava aqui cozinhando, mas eu pensei que ela estava falando merda.

— Você veio nos ajudar, Mama V? — O Cue Ball não conseguiu conter uma risada.

Ela só tinha dois filhos naturais, mas quase todos os homens da tripulação a chamavam de mamãe, nunca Vivian. Até Malcolm fazia isso às vezes, embora Kane estremecesse se se permitisse pensar nisso. Infelizmente, não foi nem perto da coisa mais perturbadora sobre seu relacionamento disfuncional.

Ela deu uma risadinha. — Você sabe muito bem...

Ele terminou junto com ela, Cue ecoando também. — Mamãe não cozinha.

Nunca cozinhou. Nunca irá.

Ele e Scott cresceram com uma variedade de fast food e qualquer tipo de carne que eles pudessem jogar na grade a carvão enferrujada cimentada no chão perto da porta dos fundos.

Sua mãe sorriu. Seus meninos a conheciam bem.

A bola branca agachou-se na base da fritadeira e acendeu o gás propano. — Estamos mais do que felizes em cozinhar para você. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Certo, K?

— Supondo que não queimemos a garagem, com certeza.

Os perus estavam prontos para entrar, assim que o óleo esquentou o suficiente.

Infelizmente, não havia sinal de um termômetro, o que significava que eles teriam que improvisar.

Mama V tirou um Kool Mentol[3] de sua embalagem verde e branca e acendeu a ponta. Ela deu uma tragada profunda, e a fumaça escapou em uma expiração enquanto ela falava. — Charlene estava na sede do clube procurando por você, KC.

KC. Abreviação de Kane Charles. Sua mãe chamava os dois filhos pelas iniciais. O irmão de Kane era SP. Scott Paul. Ela achou que era fofo, mas não parecia genuíno. Isso nunca pegou com o resto dos homens.

— Você planeja torná-la sua old lady? — Sua mãe alisou a parte superior de seu cabelo descolorido, onde uma centena de pedaços quebrados se projetavam diante do prendedor de rabo de cavalo.

---

3 *Marca de cigarros*

Suas longas unhas laqueadas de vermelho contrastavam fortemente com a cor desbotada.

Ele balançou sua cabeça. — Nah. Acho que Charlene e eu concluímos nosso curso. Não havia muito lá, mesmo no início.

Sua mãe sorriu de satisfação. Ela era uma das duas únicas old lady no MC, um privilégio que ela não tinha pressa de compartilhar com ninguém. Mesmo que isso não significasse muito. — Bem, então direi a ela para seguir em frente, posso?

Um suspiro escapou dele. — Não. Ela deveria ouvir de mim. — Ele já havia adiado muito tempo. Por mais que ele alertasse as mulheres que era apenas sexo, elas sempre pensaram que seriam a exceção às suas regras.

Sem compromissos. Sem sentimentos. Apenas foda.

Ele não foi feito para mais nada. Mais especificamente, ele nunca se dedicou a amar alguém novamente. Doeu muito quando foi embora. Ele preferiu investir seu coração nos laços de amizade. Algo em que ele pudesse confiar. Seus irmãos nunca o abandonariam, e não importa o quão louco seu mundo fosse às vezes, ele nunca os deixaria também.

Fidelidade era o mínimo que ele podia dar a esses caras pela lealdade que eles demonstraram ao longo dos anos.

Deixando o Cue Ball para descobrir quando largar os perus na fritadeira, ele passou por sua mãe e entrou no clube. A porta dos fundos levava à cozinha e, além dela, uma sala comum com uma mesa de sinuca marcada no centro com feltro verde tão gasto que

era quase completamente liso. Um abajur da Budweiser que eles resgataram de um bar pendurado sobre ele, espalhando luz amarela sobre a mesa.

Scott jogou contra um prospecto, enquanto Charlene se encostou na parede, observando e cuidando de uma longneck.

Ele parou e a estudou. Como sua mãe, seu cabelo loiro estava fora de uma garrafa. Mesmo que a fragilidade não o denunciasse, ele sabia em primeira mão que o tapete não combinava com as cortinas.

Seu vestido vermelho era frágil, revelador e muito justo, exibindo os quadris ossudos e as linhas duras de seu corpo magro. Ela não devia ter mais de 25 anos, mas usava uma máscara espessa de maquiagem. Mesmo que ele tivesse examinado cada centímetro de sua pele, Kane nunca a tinha visto sem sua base e cílios postiços. Era simplesmente outra barreira entre eles, embora, para ser justo, foi a única que ela construiu. O resto era dele.

Ele tentou imaginá-la com um rosto limpo e fresco, cabelo castanho e uns cinco quilos extras em seu corpo. Ela provavelmente seria um nocaute.

Pena que ela nunca acreditaria. A beleza saudável não ia muito longe por aqui.

Ele acenou com a cabeça em direção ao quarto mais próximo, sem duvidar por um segundo que ela o seguiria. Com certeza, ela apareceu um passo atrás dele quando ele limpou a sala dez por

doze, e ela fechou a porta oca de madeira falsa assim que cruzou a soleira.

— Quer que eu lhe dê algo pelo que ser grato, baby? — Ela bateu em sua franja grossa de cílios, mas os dois sabiam que seu coração não estava nisso.

Ele não tinha paciência para rodeios. Além disso, era mais gentil colocar suas cartas na mesa. — Acho que é hora de fazermos uma pausa limpa.

Ela piscou, então se abaixou para se sentar nos lençóis amarrotados em cima da cama de casal. — Isso é porque eu entrei em sua casa.

Falando nisso. — Como você conseguiu entrar, para começar?

Seus dedos emaranhados nos lençóis, e ela olhou para eles como se eles guardassem os segredos do universo.

— Charlene. — Seu tom afiado emitiu um aviso, e seus olhos brilharam para encontrar os dele.

— Eu peguei a chave de Scottie. — Ela pigarreou. — Fora do chaveiro.

O calor subiu por seu pescoço. Ele lutou contra o desejo de perder a cabeça e simplesmente estendeu a mão. — Dê para mim, — disse ele calmamente.

Mordendo o lábio, Charlene alcançou o topo de seu corpete e puxou uma longa corrente de entre seus seios generosos e anormalmente redondos. A chave estava enfiada na parte inferior.

Ela franziu a testa enquanto levantava a corrente sobre a cabeça e a colocava, junto com a chave, na mão que esperava.

— Eu sabia que estava perdendo você, — ela sussurrou. — Eu pensei que se eu pudesse estar lá quando você precisasse de mim, você poderia ver o quão bom poderia ser entre nós.

Ele enfiou a chave no bolso da calça jeans. Qualquer simpatia que ele pudesse ter pela garota evaporou no momento em que ela admitiu o que tinha feito. — Nossa Char. Faz apenas algumas semanas. Você não pode perder algo que nunca teve.

Deliberadamente, ele deu as costas para ela e saiu pela porta.

Scott ergueu os olhos da mesa. — Trabalho rápido. — Ele deu uma risadinha. — Você sabe que eles fazem pílulas que podem ajudar se você estiver tendo problemas no quarto.

Sabiamente, o prospecto ocupou-se esfregando giz na ponta do taco.

Ficar entre dois irmãos era uma proposta perde-perde.

Ele ergueu o dedo médio. — Se você está preocupado com o quão bem meu pau funciona, sinta-se à vontade para chupá-lo, irmão.

Scott ergueu as sobrancelhas grossas e escuras. — Talvez se eu pudesse encontrar, aceitaria sua oferta.

Eles fingiram se encarar por alguns segundos antes de ambos relaxarem em sorrisos. A poucos metros de seu irmão, ele encostou

o quadril na mesa. — Era hora de soltá-la. Ela estava ficando muito apegada.

— Então? Contanto que seja a boca dela ligada ao seu lixo, quem se importa?

A política de portas do quarto de Scott era totalmente aberta, com um tapete de boas-vindas para qualquer mulher que quisesse entrar. Seu irmão não entenderia como o olhar de saudade de Charlene fazia sua boca secar. Mas o homem entendeu o conceito de respeito. Talvez muito bem.

— Eu a encontrei na minha cama outra noite. Sem convite.

Scott ergueu um ombro em um encolher de ombros, indiferente, em seguida, voltou sua atenção para a mesa, alinhando uma tacada.

— Ela roubou a chave do meu apartamento.

O tiro saiu selvagem, a bola branca quicando com força na mesa. — Que porra, você disse?

Ele enfiou a mão no bolso e jogou a chave e a corrente sobre a mesa. — As únicas mulheres que quero na minha cama são as que eu convido para lá.

— Você a jogou para fora do clube? — Scott apertou os lábios. Foi um jogo totalmente diferente quando ela cruzou uma de suas linhas.

— Nah. Eu apenas disse a ela que terminamos. — Parecia cruel excomungá-la do clube simplesmente porque ele não queria mais transar com ela.

Francamente, ele não tinha ideia de por que qualquer mulher queria ser propriedade do MC de qualquer maneira. Era uma vida sem respeito por parte de qualquer pessoa com quem você compartilhasse seu corpo, mas, inferno, era a escolha delas.

A expressão de Scott ficou maliciosa. — Talvez eu a deixe trabalhar suas transgressões de joelhos.

— Divirta-se. — O cheiro de carne frita soprou de fora.

Ele havia se esquecido dos perus. Virando-se para a porta, ele apertou o rabo de cavalo na base do pescoço. — Eu vou terminar de ajudar Cue. Cuide melhor da minha chave, idiota.

A gargalhada de Scott o seguiu enquanto ele voltava para seu posto na fritadeira.

Amanda

A casa dos Griffin era mais uma vitrine do que nunca. O pai de Amanda morava no andar de cima, mas o andar de baixo foi projetado para convidar, impressionar ou intimidar, dependendo do convidado.

Quando ela entrou pela porta, ela deu uma olhada no interior destacada.

As paredes eram de um branco gelado, com acabamento em marfim espesso. Eles contrastavam fortemente com os pisos de madeira escura. A entrada ostentava um teto alto até o segundo andar, onde uma escada curva chamava a atenção. Grande parte do andar térreo era um plano aberto, o que foi ótimo para o choque e a admiração que seu pai tanto amava. Ela podia ver todos os móveis pesados e caros, tapetes grossos e lustres de cristal em um único olhar.

Terrence a acompanhou até o interior da casa, embora ela conhecesse o caminho.

O mordomo mais velho e de fala mansa estava com a família desde que ela era criança.

Ela alisou as mãos sobre a saia lápis preta antes de se aproximar dos dois homens que estavam perto da lareira. Tanto Nathan quanto seu pai, estavam bebendo copos cheios de um líquido âmbar. Scotch de cinquenta anos, sem dúvida.

Seus saltos clicaram nos painéis de carvalho enquanto ela avançava em direção a eles. Ambos enfrentaram sua máscara de sociedade com sorrisos praticados e insinceros. Terrence desapareceu silenciosamente em segundo plano.

— Você está atrasada, querida. Espero que você não tenha encontrado muito tráfego no caminho para cá. — A mentira de seu pai escorria de sua língua como mel. Ele disse a ela para estar aqui às cinco horas e eram quatro e cinquenta e cinco. Ainda assim, ela sabia que era melhor não discutir.

— Eu sinto muito por deixá-lo esperando. Você sabe como nós, mulheres, gostamos de parecer perfeitas. O tempo deve ter fugido de mim. — Revirando os olhos por dentro, ela beijou a bochecha do pai e acenou com a cabeça para Nathan. — Feliz Dia de Ação de Graças.

Os olhos dele deslizaram avaliadores sobre o corpo dela, da torção solta em seu cabelo até a camisa de seda rosa claro, até o Louboutin falsificado. Eles eram falsos, bons falsos, mas ela não tinha dúvidas de que Nathan saberia a diferença. Os pés dela não estavam onde seus olhos permaneciam, no entanto. — Não se preocupe, querida. Você valeu a pena esperar.

Ela sorriu fortemente. — Devo verificar nossa refeição?

Os homens não falariam de negócios enquanto ela estivesse aqui, e ela sabia muito bem que seus negócios e negociações eram o verdadeiro motivo para este jantar. Sem esperar por uma resposta, ela saiu para conversar com o chef. O calor do olhar de Nathan quase chamuscou sua pele, e ela lutou contra o desejo de estremecer.

Graças a Deus, ela não teria que aguentá-lo por muito mais tempo.

As portas duplas não ofereceram nenhum som ou resistência quando ela entrou na cozinha. Quieto e dócil, como tudo o mais que seu pai cercava. O chef estava dando os toques finais na bandeja de peru entalhado. Sua cabeça disparou ao sentir sua abordagem.

— Estamos prontos para servir, Mademoiselle.

— Obrigada, Jacques. Estaremos na sala de jantar.

Ela esperava uma desculpa para se demorar, mas deveria saber que a equipe de seu pai seria pontual demais. Ele não aceitaria nada menos.

Forçando o queixo para cima, ela voltou para a lareira onde os homens ainda estavam de cabeça erguida. Ela manteve uma distância respeitosa até que seu pai acenou sutilmente para que ela voltasse. Mesmo que ele a tenha ignorado por cinco minutos, ela não tinha dúvidas de que ele percebeu no instante em que ela voltou para a sala.

Conduzindo os homens para a sala de jantar, ela se sentou à esquerda do lugar de seu pai na cabeceira da mesa enorme. Nathan se sentou à sua direita. Os garçons imediatamente saíram da cozinha. O vinho veio primeiro.

Nathan girou o líquido vermelho escuro em seu copo antes de tomar um pequeno gole.

Ele se orgulhava de ser um conhecedor de vinhos. Uma das centenas de maneiras pelas quais ele se destacava em pretensão e pompa.

— Mmm. Goldeneye. Pinot Noir. — Ele rolou o sabor em sua língua. — 2014?

Seu pai acenou com a cabeça sabiamente. — É sempre bom compartilhar uma refeição com alguém que aprecia as coisas boas.

Ela tomou um gole de seu copo recatadamente, o acessório perfeito da sociedade, assentindo enquanto falavam sobre fumaça

de lenha e cerejas. O zinfandel branco a satisfaria em qualquer dia da semana.

A refeição rivalizou com qualquer outra que ela provou em um restaurante cinco estrelas. Além do peru com ervas limão, Jacques preparou uma sopa de batata-doce e abóbora, molho para pão de milho e uma torta de chocolate com cranberry.

Os homens falavam em voz baixa enquanto Amanda movia a comida em seu prato. Seu pai realmente não precisava dela aqui. O único propósito que ela serviu foi ajudá-los a fingir que aquela refeição era algo diferente de uma reunião de negócios em um feriado. O tique-taque do relógio de pêndulo apenas acentuou a falta de calor ou risos à mesa.

Eventualmente, a equipe voltou para limpar seus pratos. Nathan se levantou e acenou para o pai dela. — Foi um prazer, Beau. Acho que você será capaz de fazer grandes coisas para a festa. Você tem todo o nosso apoio. Minha secretária entrará em contato com a sua no início da próxima semana. Amanda.

Ele disse o nome dela como uma reflexão tardia, mas havia calor em seu olhar quando ele acenou em despedida.

Ela esperou até que a porta da frente fechasse completamente atrás dele antes de falar. — Devemos voltar para a sala de estar?

Seu pai raramente sorria, mas agora ele claramente lutou contra o desejo. E perdido. Ele esfregou as mãos enquanto se moviam em direção ao sofá branco imaculado.

— Você parece satisfeito.

Ele educou suas feições. — Sim. Esta noite foi produtiva.

Permitindo que seus ombros relaxassem, ela se recostou no assento. — Estou feliz. — Finalmente, ela conseguiu respirar. — Estou tão pronta para acabar com essa farsa de relacionamento com Nathan. Eu não acho que poderia ter me forçado a mantê-lo por muito mais tempo.

Seu pai estreitou os olhos. — Você não vai terminar nada com Nathan Shaw.

Demorou um pouco para que suas palavras fossem absorvidas, mas, quando o fizeram, ela endireitou o corpo. — O que? — O pânico vibrou em seu peito. — Não. Nosso acordo era de seis meses. Você não tem ideia...

— *Você* não tem ideia. — Ele bateu com a mão no braço do sofá. — Nossa associação com Nathan tem sido muito produtiva e não vou permitir que você atrapalhe o carrinho de maçã.

— *Nossa* associação? Fácil para você dizer. Você não é aquele que tem que suportar sua companhia ou ser tratado como um pedaço de propriedade. — Aparentemente, as três taças de vinho que ela bebeu no jantar estavam soltando sua língua. — Afinal, qual é a vantagem de ter uma filha se você não pode vendê-la para fechar um negócio?

O rosto de seu pai endureceu com cada palavra. — Você não vai falar comigo assim em minha casa, Amanda Grace.

— Eu não farei mais isso, pai. — Ela balançou a cabeça, subindo cambaleante em seus pés, o desafio bombeando em suas veias.

— Você vai se quiser meu dinheiro.

Ela parou.

— Ah. Certo. Não vamos esquecer você não está namorando Nathan pela bondade do seu coração. Você quer meu dinheiro para salvar sua pequena empresa de construção.

Ela se virou. — Só pedi um empréstimo. Os pais fazem empréstimos aos filhos o tempo todo. Foi *você* quem colocou os cordões nele. Os termos diziam que eu namoraria Nathan por seis meses e você me concederia os cinquenta mil que tinha para mim em meu fundo fiduciário. Não é nem mesmo um empréstimo. É meu dinheiro. E esses seis meses acabaram. Eu cumpri minha parte do acordo.

Seu pai olhou para suas unhas. — É o seu dinheiro quando você fizer trinta e cinco anos. Não vamos esquecer.

— Um acordo ainda é um acordo. Você me deu vinte e cinco mil no início. Eu preciso dos outros vinte e cinco mil agora.

Ele revirou os olhos. — Para salvar a sua preciosa empresa de Charlie.

— É minha empresa agora, — ela rosnou. — Minha e do Mike. E você sabe disso.

— Seja como for, preciso que você fique no braço de Nathan um pouco mais.

Sua voz se elevou. — Esses não eram nossos termos.

— Nossos termos mudaram!— Seu grito ecoou na sala cavernosa. Ele respirou fundo e apertou a mandíbula. — Nathan acha você uma companheira agradável. Ele e seus contatos vão apoiar minha candidatura a governador. Eu não posso deixar você perturbar o equilíbrio das coisas agora.

— Mas ele me machucou, — ela sussurrou, cerrando os punhos. — A última vez que estivemos juntos, ele me bateu e me chutou quando eu estava no chão. — Ela empurrou um punho contra sua coxa. — Você não se importa?

— Claro, eu me importo. — Nada em sua voz indicava que ele estava surpreso com sua admissão. — Eu não estou pedindo a você para deixá-lo te machucar. Estou simplesmente pedindo que você estenda sua associação com o homem um pouco mais. Sério, o que ele pode fazer com você em público?

Quando ela soltou seus dedos tensos, pequenas marcas de meia-lua marcavam suas palmas. Ela engoliu o soluço alojado em sua garganta. Alcançando seu verniz Rainha de gelo, ela encontrou o olhar fixo de seu pai. Seus sentimentos não importavam para ele. Por que ela pensaria de outra forma? Este era um negócio. — Como vou saber se você não vai mudar os termos comigo de novo?

Ele ergueu as palmas das mãos. — Eu te dou minha palavra.

— Eu não acho mais que sua palavra tenha o peso que eu pensei que tivesse, — ela disse formalmente. — Suponho que herdei meu senso de honra do lado da família da mamãe.

— Honra, — ele cuspiu, e seu rosto se contorceu em uma careta. — Ela estava me honrando quando fugiu e nos deixou? Quando ela se casou com outro homem?

Ela reprimiu sua indignação. Por que ela ficou surpresa? Seu pai nunca tinha pensado em ninguém além de si mesmo. A felicidade dela nunca foi sua prioridade. Nem o da mamãe. Foi a razão pela qual ela saiu, e ela estava certa em fazer isso.

A máscara dela escorregou um pouco. — Mamãe não nos deixou. Ela deixou você. Eu deveria ter feito a mesma coisa anos atrás.

Por que ela não tinha? Ela ainda estava preocupada que ele traísse o acordo que eles fizeram tantos anos atrás? Ou era porque ela estava tão vazia, não havia nada sob as máscaras que ela criou para esconder seu verdadeiro eu?

— Você está sendo excessivamente dramática. Quer você reconheça ou não, eu não fiz nada além de cuidar de seus melhores interesses. — Ele caminhou até a lareira e se serviu de dois dedos de uísque da garrafa sobre a lareira.

— Certo. Contanto que eu fizesse as coisas do seu jeito. Namorei os homens que você queria. Minha felicidade nunca importou mais do que importa agora.

Ele bateu sua bebida no manto, derramando o licor sobre a borda.

Apenas a espessura do cristal de alta qualidade evitou que o vidro se quebrasse.

— Você não está falando sobre a paixão ridícula que você teve na faculdade. Nós sempre voltamos a isso. Aquele menino...

— Homem. — Sua voz tremeu, todos os sinais da Rainha do Gelo derreteram. — Aquele *homem* significava tudo para mim. Mas não. Eu não estou falando sobre Kane. Estou falando sobre Nathan. Eu não vou mais sair com ele. Eu não vou dormir com ele. E eu não vou deixar ele me bater nunca mais. Serei cordial com ele e serei um acompanhante em mais alguns eventos. Mas eu juro, pai, em mais duas semanas, terminarei de qualquer maneira. — Vazia como estava, ela atingiu seu limite.

— Quatro. E vou mandar um guarda-costas com você onde quer que vá.

Ela considerou sua oferta. O dinheiro era essencial para seu plano de expansão na Cooper e, embora ela provavelmente se qualificasse para um empréstimo bancário, a dívida faria a empresa parecer fraca. O homem com quem ela queria fazer negócios deve ter feito seu dever de casa e ela teve que abordá-lo em uma posição de força.

— Eu sei que o seu meio-irmão realmente precisa desse seu negócio para se manter à tona. Mesmo com seguro, suas contas médicas devem ser muito desgastantes.

Desgraçado. Mike, sua família e seus negócios eram as únicas coisas com que ela se importava. — Bem. Quatro semanas. E eu vou levá-lo com um guarda-costas.

O sorriso do pai dela era o mesmo experiente que ele deu a Nathan. — Pode realmente funcionar para você melhor no final. Mesmo que ele seja um ovo ruim por trás de tudo, Nathan Shaw só pode ajudar sua posição social nesta cidade. Nunca se sabe, talvez algum tempo em seu braço ajude você a conseguir um homem digno do nome Griffin.

CAPÍTULO QUATRO

Amanda

Caminhando pelo pequeno vestíbulo de seu irmão, o peso do dia estressante de Amanda finalmente foi tirado de seus ombros. A casa Cooper representava tudo o que ela queria que sua própria casa fosse um dia. Não importava o fato de que caberia quatro vezes no lugar de seu pai. Ela preferia ser calorosa e convidativa ao invés de fria e pretensiosa em qualquer dia da semana. Ela adorava afundar no sofá de camurça de pelúcia e sempre queria tirar os sapatos no segundo em que entrava, só para apertar os dedos dos pés dentro dos tapetes fofos.

É o que sua sobrinha, Aliyah, fazia agora, descalça sobre o tecido grosso. Seus dedos rechonchudos de dezoito meses seguraram a mesinha de centro para se equilibrar.

— Mana!

Ela pegou a menina nos braços para um abraço gentil e foi recompensada com um beijo molhado no rosto. Seu coração doeu. Ela resistiu por anos, não querendo criar um filho se não pudesse fazê-lo com um homem que amava. Nesse ponto, porém,

ela estava pronta para ser mãe, mesmo que tivesse que fazer tudo sozinha. Muitas mulheres fizeram isso.

Ela poderia ter feito isso com Joshua, mas quando ele nasceu, parecia mais fácil deixá-lo ir com seu irmão e sua esposa.

Um novo bebê não aconteceria enquanto Nathan estivesse na foto, no entanto. Ela preferia cortar a própria língua a se amarrar a um idiota como ele pelo resto de sua vida.

Ela respirou o cheiro de bebê persistente na pele marrom-clara de Aliyah. Logo, todas as suas características de criança desapareceriam, deixando uma criança em idade pré-escolar difícil em seu rastro. Ela tinha visto isso acontecer antes com Joshua, mesmo que tivesse sido à distância, mais de uma década antes.

— Sua tia-Manda está te cobrindo de beijos?

A menina se contorceu ao ouvir a voz do pai, e Amanda a soltou para caminhar em direção à cadeira de rodas do pai. Mike parecia mais frágil do que da última vez que o vira. Parecia um contra-senso, já que ele deveria estar se curando, mas não é como se ele pudesse segurar sua massa muscular com duas pernas quebradas, uma pélvis quebrada e um pulmão perfurado.

Seu coração aliviou um pouco quando ele lhe lançou um sorriso. Ele ainda estava aqui. Ainda Mike. Mesmo que ele não pudesse se inclinar para pegar sua filha.

Sua esposa saiu de trás da cadeira para levantar a filha nos braços. Cindy e Mike estavam juntos há tanto tempo que ela era mais irmã do que cunhada.

— Nós guardamos para você um pedaço de torta de nozes. Achei que seu pai não teria nenhum em sua casa.

Deixe para Cindy lembrar que era o seu favorito. — Obrigada. Eu gostaria de poder estar aqui para o jantar. — Ela esfregou a testa enquanto Cindy se sentava ao lado dela no sofá. — Você conhece meu pai. Não podia perder a chance de transformar um feriado em uma oportunidade política.

Aliyah torceu seu corpinho nos braços da mãe, determinada a voltar para o pai. Quando Cindy se recusou a decepcioná-la, ela começou a chorar.

— Está quase na hora de dormir, — Cindy murmurou. — Eu vou dar um banho nela.

O sorriso de Mike sumiu quando suas garotas deixaram a sala, e os gritos de Aliyah ecoaram pelo corredor. — Eu não sou forte o suficiente para segurá-la. Ela não entende.

— Como ela poderia? Ela é apenas um bebê. Mas não será para sempre. Você ficará mais forte e a abraçará novamente. Ela nem vai se lembrar de tudo isso.

Ela gostaria de poder esquecer também. A memória de Mike tão quieto e imóvel em sua cama de hospital depois do acidente ainda a deixava sem fôlego. Seu irmão sempre foi maior do que a vida, sua rocha depois que seus pais morreram, mais de dez anos atrás.

— Vamos conversar sobre outra coisa, — ela disse brilhantemente. Não faz sentido ficar remoendo o passado. — O que é essa barba? Você se parece com o Pé-grande.

Mike passou a mão pela bochecha desalinhada. — Você não gostou? Cindy diz que me faz parecer meio como Chris Pratt em *Guardiões das galáxias*.

Uma gargalhada escapou de sua boca antes que ela pudesse detê-la. — Dizem que o amor é cego. Tudo o que posso dizer é que sua esposa deve realmente amá-lo. — Mike pode ter a mesma cor e cabelos loiros sujos, mas ninguém o confundiria com um ator de sucesso. Suas feições eram muito amplas e contundentes. Ele não era um cara feio, mas, chegando aos quarenta, parecia, bem, o que era, um marido e pai trabalhador braçal.

Ele se juntou à risada dela, então esfregou o peito. — Você está tentando me matar? Não me faça rir. — Quando ele recuperou o fôlego, ele rolou para mais perto. — O que aconteceu na reunião com a diretoria?

Reviver o golpe fracassado matou qualquer vontade de rir. — Eles tentaram me forçar a sair. — Ela ergueu a mão quando ele começou a gaguejar. — Eles tentaram e falharam. Eu tinha provas de que era sua procuradora. Acho que todo o nosso planejamento valeu a pena.

— Foda-se eles por tentarem, — ele rosnou.

— Eles nem me deixaram apresentar o plano. — De repente, ela estava muito cansada. Tudo o que ela mais fazia era lutar perdendo batalhas.

— Você já trouxe para Xander?

— O que? Não. Você e eu não decidimos oficialmente seguir em frente ainda.

Mike apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e cruzou as mãos sob o queixo. Apesar de seu cabelo mais claro, ele parecia tanto com Charlie, era quase como se seu padrasto estivesse na sala. — Besteira. Você estava com medo de topar com Kane.

— Foda-se você. Eu vi Kane da última vez que fui a um dos locais de Xander. Ainda estou de pé. As coisas acabaram conosco há muito tempo.

Seu irmão sempre via diretamente através de suas besteiras. — As coisas nunca vão acabar para vocês dois. Ainda não entendo por que você terminou as coisas.

De jeito nenhum. Eles não estavam indo para lá. — Você quer que eu fale com Xander? Bem. Eu poderia ver Kane cem vezes, e isso não mudaria a história antiga.

— Você não está feliz, — disse ele solenemente. — Você não está muito tempo.

— Estar aqui me deixa feliz. Passar um tempo com Joshua nos últimos anos fez toda a diferença... e agora Aliyah. — Ela limpou a garganta contra a onda crescente de emoção. — Você sempre me fez sentir como uma parte real desta família.

— Porque você é. — Ele torceu as mãos, os olhos fixos em um ponto atrás do ombro dela. — Às vezes acho que você se arrepende de tê-lo dado para mim.

— Nunca. — Sua resposta foi imediata e inabalável. — Eu o amo, mas nunca poderia ter feito o trabalho que você e Cindy fizeram. Deus, Mike, eu estava um caco naquela época e estava sozinha. Vocês dois tinham muito a oferecer a ele. Você ainda faz.

Ele desviou os olhos para os dela, em seguida, de volta por cima do ombro. — Ele sabe que Cindy não é sua mãe. — Com sua pele escura próxima à tez pálida de Joshua, teria sido difícil de vender. — Dissemos a verdade a ele. Já passava da hora, realmente. Sempre planejei que você estivesse lá, mas quando ele pediu, não pude evitar. Tenho certeza que ele vai querer falar com você sobre isso.

Seu coração congelou. Ela deveria ter estado lá. Mas Mike estava certo, eles deveriam ter lidado com isso há muito tempo. Mas doeu muito. — Se você achou que era melhor, você sabe que eu te apoio. Não precisa mudar nada. Vocês são os pais dele em todos os aspectos que contam.

Com o coração pesado, ela se forçou a sair do sofá confortável e se levantou. Ela falou com cuidado, infundindo em sua voz uma leveza que ela não sentia. — Lamento não o ter apanhado antes de ir para a casa do seu amigo. Diga a ele que o amo e conversaremos em breve. — Ela beijou o irmão na bochecha desalinhada. — Eu vou encontrar Xander na segunda-feira, mas é melhor você se barbear antes que eu te veja novamente. Você sabe o quanto eu odeio beijar um homem com barba.

Kane

Por mais que isso o irritasse no verão, Kane estava grato por sua barba pesada nas temperaturas decrescentes do outono. Embora Atlanta não fosse conhecida pelo clima frio, ficava frio alguns meses do ano. E, ao andar de motocicleta, o vento pode ser um tapa forte na cara. Ele chegou bem cedo ao local de construção em Decatur e trocou o capacete de moto por um capacete de segurança.

Robby esperou com sua prancheta na parede da garagem dupla, pronto para começar a nova semana de trabalho. O garoto usava sua calça cáqui normal e uma camisa de botão, mas uma camiseta do Incrível Hulk aparecia por baixo.

Ele se entusiasmou com a criança apesar de si mesmo. Robby parecia mais jovem do que seus vinte e três anos, com seu cabelo escuro e desgrenhado e olhos inocentes de cachorrinho, e a camisa de super-herói fez Kane querer levá-lo para um jogo de beisebol ou... não, não isso, um *clube de strip* e carregá-lo com notas de dólar.

Merda. Talvez um clube de strip masculino. Robby estava rebatendo para o outro time.

Tanto faz. O garoto precisava de alguém cuidando dele. Ele tinha certeza de que Robby não tinha ninguém, exceto Brick, que se tornou seu irmão mais velho substituto.

— Adorei a camiseta, garoto.

Robby ficou boquiaberto quando olhou para seus Oxford branco. Obviamente de segunda mão, o tecido era fino por causa de tantas lavagens. Suas bochechas coraram. — Ah não. Você pode ver isso?

— O Hulk? Sim, mas não se preocupe. Quem não gosta da Marvel?

Franzindo a testa, Robby puxou sua camisa. — Você está perdendo o ponto. *Graphic-T's*[4] não são muito profissionais.

— Então, por que você o usou? — Ele nunca tinha visto Robby se vestir bem, mesmo a única vez que eles tinham saído no mesmo bar.

O garoto tentou ver o resíduo de serragem no concreto.

Ele tinha certeza de que uma resposta não viria quando Robby finalmente o olhou nos olhos.

— Para Brick. Eu, uh, eu penso nele como o Incrível Hulk às vezes. Estou preocupado com ele. Eu sinto falta dele, sabe? A camisa... — Ele deu de ombros. — Acho que é a minha maneira de torcer para que ele melhore. Acho que parece meio estúpido.

Se Brick estivesse aqui, ele teria levantado a sobrancelha do jeito que fazia quando estava tentando parecer durão, mas Kane

4 ***Graphic tee**, em bom português, significa* camiseta com estampa gráfica. *A expressão americana se refere às camisetas que vêm com frases e desenhos estampados na frente*

suspeitou que as palavras de Robby teriam lascado mais uma camada de gelo do exterior congelado do homem. Estava derretendo um pouco mais a cada dia desde que ele conheceu o amor de sua vida.

Amor.

Relacionamentos.

Sempre parecia voltar para a mesma merda.

— Não parece nada estúpido. Na verdade, acho que isso significaria muito se você estivesse torcendo por ele. Eu o vi no fim de semana, e acho que ele poderá voltar ao trabalho em breve. Talvez da próxima vez que eu for, você pode vir comigo.

A esperança brilhando nos olhos de Robby o lembrou de um personagem que ele viu em um desenho animado japonês. — Sério? Você não se importa? Você não acha que ele se importaria?

— Acho que pode ser exatamente o que ele precisa. — Ele deixou cair a palma da mão no ombro de Robby. — Nesse ínterim, temos trabalho a fazer. Com quem estou hoje?

— É só você e Cyrus. — Robby franziu a testa. — Brick e Will ainda estão fora, e Matt teve algum tipo de emergência familiar.

A maneira como Robby se apressou na última parte... mesmo se ele já não soubesse sobre a paixão gigantesca do cara por Matt York, ele sentiria que algo estava acontecendo. Mas Robby claramente queria manter esses sentimentos em segredo, então ele resistiu ao desejo de provocá-lo. Em vez disso, ele se concentrou no impacto do que estava sendo dito.

— Como diabos vamos fazer o trabalho só com nós dois? Já estamos atrasados nesta casa. Cyrus é bom, mas vai demorar mais do que dois caras para fazer todo esse gesso.

— Só nós dois? — Cy se moveu tão silenciosamente que não o ouviu se aproximar.

— Não estamos no campo de batalha, irmão. Faça um pouco de barulho quando você vier atrás de alguém.

O leve movimento no canto da boca de Cy foi o mais perto que ele chegou de vê-lo sorrir. — Vou levar sua sugestão em consideração.

Robby ergueu a mão em saudação antes de olhar para sua prancheta. — Eu sei que não é justo colocar tudo isso em você, mas não temos muitas opções. Se ajudar, Xander está aqui hoje para ser um par extra. Ele já está treinando.

Cyrus acenou com a cabeça, seu comportamento plácido já de volta ao lugar. — Provavelmente deveríamos começar.

Várias placas de gesso já estavam empilhadas na garagem, dando-lhes uma vantagem. Eles montaram o pequeno andaime e ele segurou a primeira placa contra as vigas do teto enquanto Cy as aparafusava com a furadeira. A mão-de-obra fez com que seus braços queimassem, mas a tensão era boa. Ele e Cyrus trabalharam em um silêncio amigável, revezando-se para se desligar ao longo da manhã, um segurando o gesso, enquanto o outro o prendia.

Com dores nas costas, ele pediu uma pausa por volta das onze horas, e Cy se ofereceu para pegar algumas garrafas de água da

caixa de gelo. Ele tirou o capacete e puxou o elástico do cabelo. O ar fresco foi um alívio bem-vindo depois de suar.

Ele a sentiu antes que ela dissesse uma palavra.

— Kane.

Seu nome em seus lábios ainda fazia seu peito apertar e expandir ao mesmo tempo. Foi uma carícia sedosa e vidro quebrado rasgando sua alma. Ele fechou os olhos e deixou sua proximidade afundar por um segundo antes de se virar.

— Duas vezes em um mês. Antes que você perceba, você vai me enviar bolo de frutas no Natal.

As pequenas linhas ao redor de seus olhos se estreitaram. — Estou aqui para ver Xander.

— Eu imaginei. Ele está lá fora.

A indecisão passou por suas feições.

Ele sorriu.

Está certo. Ou você tem que passar por mim ou pisar na lama com seus saltos altos elegantes. O que vai ser?

Ela franziu os lábios como se pudesse ler seus pensamentos. Erguendo o queixo, ela se moveu em direção a ele. Para um observador casual, ela pareceria completamente afetada, mas ele reconheceu seus movimentos quando ela estava vacilando por dentro. O tempo não havia apagado suas memórias de Mandy Griffin. Eles estavam mais nítidos do que nunca, o que

fazia sentido, considerando quantas vezes ele os tirou da prateleira de seu coração e os examinou ao longo dos anos.

Não ajudou que o nome dela estivesse gravado em sua pele. E ele fez questão de que ela nunca soubesse disso.

— Como está Mike? — As palavras vieram espontaneamente.

Ela parou com apenas alguns metros entre eles. Seu perfume era novo. Sutil, lembrou-lhe de linho fresco. Não o perfume de lavanda que ele associou a ela por tanto tempo.

— Ele parece... pequeno. — Sua resposta suave o lembrou de uma época em que ela não tinha medo de mostrar a ele sua vulnerabilidade. Fazia mais de uma década desde que ele viu qualquer coisa, mas a casca dura de uma mulher de negócios que ela usava como uma segunda pele.

— Os destroços. O que aconteceu?

Ela franziu a testa e começou a sacudir a cabeça, mas ele falou antes que ela pudesse afastá-lo. — Não se preocupe. Podemos voltar a odiar um ao outro depois.

— Algum idiota estava mandando mensagens de texto e dirigindo. Ele não parou em um sinal de pare e bateu direto na porta do motorista do carro de Mike. Isso o virou. Quebrou suas pernas, esmagou sua pélvis. Isso o bagunçou muito. — A voz dela tremeu no final. — E o idiota do outro carro está andando por aí sem nenhum arranhão.

Ele lutou contra o desejo de confortá-la, de puxá-la em seus braços e acariciar seus lindos cabelos ruivos. Mas ela não gostaria

disso. Isso só iria perturbá-la mais se ela percebesse que ele viu sua dura casca rachando. — Algum dos danos é permanente?

Ela ergueu um ombro sem entusiasmo. — Ele diz que não, mas não tenho certeza se ele me diria se fosse. Você conhece Mike, ele leva a sério toda essa coisa de irmão mais velho.

Ele sempre respeitou a maneira como o homem tratava sua irmã. — Talvez eu vá visitá-lo, ver se consigo descobrir como ele realmente está.

Desta vez foi Mandy quem ergueu a mão como se pudesse estender a mão, mas ela a largou rapidamente e alisou a saia.

Outra pista.

— Eu realmente apreciaria isto. — Ela mordeu o lábio inferior. — Ele sempre gostou de você.

— Sempre gostei *dele*. Achei que ele seria meu irmão também, um dia. — Ele se arrependeu das palavras assim que as disse. Certamente, o lembrete de quão perto eles chegaram de um final feliz faria a versão afiada de seu ex-retorno.

Apenas, isso não aconteceu. Seus olhos estavam distantes quando ela assentiu. — Todos nós acreditamos.

O que está acontecendo aqui?

Ela mal falava com ele há anos, e certamente nunca reconheceu sua história compartilhada.

Seu olhar voltou ao foco. — Eu acho que uma visita sua seria bom para ele. Talvez você pudesse levá-lo a um jogo do Braves. —

Ela alisou a saia novamente. — Eu realmente preciso falar com Xander.

Seu queixo caiu quando ela passou por ele para o interior da casa.

Levá-lo para um jogo do Braves.

Ela estava fodendo com ele? Tirando o capacete, ele o jogou no chão e esfregou as têmporas.

Ele não ia a um jogo de beisebol há anos. Até mesmo pensar em Turner Field mantinha seu coração como refém, embora talvez fosse melhor agora, já que o time jogava em outro lugar.

Quem ele estava enganando? Não importava onde jogassem ou quanto tempo havia passado. O beisebol Braves sempre seria um elo com seu passado. Um soco no estômago.

Associado para sempre com a primeira vez que conheceu a mulher que quebraria seu coração.

---

13 anos atrás

Abril

O estacionamento em Turner Field estava lotado de carros. Teria sido impossível encontrar um lugar se eles não tivessem vindo na velha Harley de Scott. O irmão de Kane sempre conseguia encontrar

um lugar para estacionar, mesmo que nem sempre fosse estritamente legal.

— Obrigado novamente por me dar seu ingresso extra. — Scott os venceu em uma competição de beber cerveja Last Man Standing organizada pela estação de rádio de hard rock. — Nunca vi um jogo pessoalmente.

Scott inchou. — É seu aniversário, K. É para isso que servem os irmãos mais velhos.

A multidão se separou ao se aproximar da entrada. Scott era uma figura imponente com suas velhas botas Army Surplus e o colete de couro que o proclamava irmão do MC Skulls. Seu cabelo longo e escuro estava solto e ele tinha uma bandana vermelha enrolada no topo da cabeça.

Não atraia o tipo de atenção que Kane queria, embora ele estivesse acostumado a isso. Seu pai tinha começado o clube de motoqueiros idiota, então a família teve olhares cautelosos durante toda a sua vida. Scott achou que era respeito o que via nos olhos das pessoas. Kane reconhecia que era medo.

Se ele estivesse andando sozinho, ele poderia ter desaparecido na multidão. Ele poderia ser um cara normal com jeans e uma camiseta vintage do Guns N Roses. Mas mesmo que mantivesse sua promessa de ficar de fora do MC, ele nunca seria um rosto genérico na multidão ao caminhar com seu irmão.

Quando eles chegaram à frente da fila, Scott apresentou os ingressos vencedores e deu de ombros, desconfortável. — Desculpe, estamos na seção de sangramento nasal.

— Você está de brincadeira? Estar aqui é uma viagem. — A energia de tantas pessoas era como um fio elétrico. Seus sentidos estavam acelerados, desde o cheiro de pipoca e hambúrgueres grelhados até o barulho da multidão. Ele nunca tinha experimentado nada parecido.

— Eu tenho alguns dólares comigo. Você quer uma Coca? — Scott ganhava dinheiro trabalhando em um serviço paralelo de carregamento de caixas em um depósito. Seu irmão tinha o tipo de massa muscular que ele nunca esperou alcançar.

Isso não o incomodou, no entanto. Se conseguisse terminar seus cursos de contabilidade na escola noturna, não precisaria de massa, apenas cérebro. Ele seria o primeiro da família a terminar a faculdade. Inferno, ele já foi o primeiro a obter o diploma do ensino médio.

Ele fez um sinal de positivo com o polegar para Scott, ainda absorvendo as imagens e sons do estádio.

— Achei que você fosse se divertir, mas tudo o que estou vendo agora é uma vadia presunçosa. — A voz de um homem se elevou acima da cacofonia de som.

Ele procurou o dono da voz desencarnada.

— A única razão pela qual concordei em vir a este poço esquecido por Deus foi para os camarotes de seu pai. O mínimo que

você pode fazer é fazer valer a pena. — Lá estava ele. O esnobe merda não podia ter mais do que um metro e meio. Ele tinha cabelo loiro com gel para trás e um colete de suéter branco sobre uma camisa de botão de mangas curtas. O cara era apenas alguns centímetros mais alto que a bela ruiva que ele estava repreendendo, mas ele estava no espaço dela. Seu rosto a centímetros do dela.

As bochechas da garota ficaram rosadas, mas ela ergueu o queixo uma fração mais alta com cada palavra venenosa que o homem cuspia em sua direção.

Sem hesitar um segundo, ele abriu caminho entre eles. Ele era mais alto e largo que o outro homem, mas o mais importante, ele era mais duro, acostumado ao tipo de vida difícil que o Sr. Country Club provavelmente só tinha visto na TV. — Você tem um problema, amigo?

Os olhos do idiota se arregalaram, e ele soube imediatamente que ninguém nunca havia chamado o cara por causa de suas besteiras em sua vida.

Um olhar altivo substituiu o choque. — Eu conheço você? — Como se ele fosse a sujeira na sola do sapato do homem.

Ha. Se bastasse um olhar para abalá-lo, ele nunca sairia de casa. — Se você não ajustar a maneira como está falando com a senhora, você está prestes a me conhecer melhor do que você jamais quis.

Ele tinha muito pouca paciência com caras que se recusavam a considerar as mulheres com respeito. Seu pai sempre tratou sua mãe

como o lixo de ontem e, embora ele tenha aprendido da maneira mais difícil que não havia nada que pudesse fazer sobre o relacionamento deles, isso não o impediu de falar agora. Uma onda inesperada de proteção cresceu em direção à mulher atrás dele.

O cara falou por cima do ombro com ela. — Oh, isso é maravilhoso. Você está recebendo um urbano degradado, Amanda? Não queria se oferecer a mim porque você está muito ocupada recebendo do Sr. Brechó Rejeitado aqui. — Ele voltou seu olhar cruel para Kane. — Diga-me, Rejeitado, ela cuspiu ou engoliu?

Ele não hesitou. Ele cerrou o punho e o acertou na mandíbula ainda balançando. Isso derrubou o cara de bunda.

A mulher deu um passo à frente e enrolou o braço ao redor dele, assustando-o com seu toque, e então o fazendo inchar de orgulho. — Nunca mais me ligue, Chip. E se eu descobrir que você está espalhando boatos, tentando arruinar minha reputação, vou esmagá-lo. Você acha que tem influência nesta cidade? Você acha que pode enfrentar um Griffin? Aprendi com os melhores. Meu pai come sapos como você no café da manhã.

Contornando habilmente o Chip ainda barulhento, ela conduziu Kane pelo corredor. Ela não parou de se mover até que chegaram ao assento reservado. — Você não precisava fazer isso... intervir, quero dizer.

Ele esfregou a mão dela, que ainda estava travada em torno de seu bíceps. Sua pele era macia e lisa. Delicada. Seus instintos protetores aumentaram. — Sim eu fiz. Esse cara não tinha o direito de falar com você como ele fez. Você merece o melhor.

Ela balançou a cabeça, seu cabelo ruivo balançando sobre os ombros. — Você nem me conhece.

— *Toda* mulher merece coisa melhor do que a maneira como ele te tratou. — Saiu com um pouco mais de força do que ele pretendia. — Mesmo assim, sinto muito por ter perdido o controle. Eu provavelmente poderia ter encontrado uma maneira melhor de lidar com a situação. — Ele pigarreou. — Meu nome é Kane, a propósito.

Seu sorriso era como o sol em sua pele. — Eu sou Amanda, e parece que vou assistir a este jogo sozinha. A menos que... você gostaria de se juntar a mim?

O rosto de Scott brilhou por um momento na cabeça de Kane, mas se alguém o encorajasse a aceitar um convite de uma linda mulher, seu irmão o faria. Ele disparou uma rápida mensagem de desculpas, então deu a ela seu sorriso mais encantador. — Não consigo pensar em uma maneira melhor de passar meu aniversário.

— É seu aniversário? — Ela levantou uma sobrancelha perfeitamente arqueada. — Bem, Kane, vamos torná-lo um que você nunca esqueça.

CAPÍTULO CINCO

Amanda

Ao voltar para o canteiro de obras, Amanda se perguntou o que seu padrasto pensaria da maneira como ela dirigia as coisas. O amor pela construção levou Charlie a abrir sua empresa, e sua esperança por um legado o inspirou a dar seu nome. Ele disse a Amanda dezenas de vezes ao longo dos anos como era satisfatório ver uma equipe construindo algo do nada. Ele passou a mesma alegria para seu filho. Mike gostava de visitar construções apenas para ver as partes se unirem em um todo.

Ela era uma mulher de negócios. E embora ela gostasse de construção, bem como de qualquer outra coisa, criar a estratégia por trás do sucesso da empresa realmente fez seu sangue bombear. Embora Charlie tivesse rolado em seu túmulo se soubesse a casa primorosa aglutinando ao redor dela mal chamou sua atenção enquanto ela procurava o capataz no quintal.

Claro, sua indiferença pode ter algo a ver com sua primeira conversa real com Kane em mais de uma dúzia de anos.

Oh, ela teve um vislumbre dele algumas vezes de vez em quando. Com ele trabalhando para a empresa, era inevitável. Ela ainda não conseguia superar as mudanças nele, no entanto. O cabelo comprido, a barba e a cicatriz cortando sua bochecha. Ele também

ficou maior, mais corpulento, o que fazia sentido quando ela considerava o trabalho manual que ele fazia todos os dias. Do lado de fora, ele se tornou a mesma coisa que jurou que nunca seria: um motoqueiro no clube de seu pai.

Mas sua voz.

Sua voz tornava difícil para ela respirar.

Ele parecia exatamente o mesmo de sempre. O tempo não fez nada para mudar seu tom de barítono rouco. Pior ainda, porém, era a maneira como ele olhava para ela quando falava. Como se ele a considerasse preciosa.

O homem tinha todos os motivos para odiá-la, e talvez odiasse, mas não havia como negar que ele ainda se importava. Era uma bênção e uma maldição. Uma pequena chama, uma vela acesa na janela de uma casa para a qual ela nunca poderia voltar. Talvez fosse mais fácil viver sem ele se a vela se apagasse. Ou talvez extinguiria qualquer parte de sua alma que ainda ardia por ele.

Não é provável. Ela provavelmente levaria isso para o túmulo.

Sacudindo a melancolia, ela entrou no quintal onde Xander Karras estava cortando gesso. O capataz era pelo menos uma década mais velho do que ela, mas o vestia bem. O branco enredava seu cabelo quase preto, e sua pele azeitonada brilhava com um brilho de suor. Ele não tinha o corpo de Kane, mas seus músculos eram claramente definidos, mesmo através de sua camisa de flanela fina.

Ela esperou que o gemido agudo da serra parasse antes de gritar o nome dele.

Ele se encolheu visivelmente quando ouviu a voz dela, mas depois da última conversa, ela não poderia culpá-lo. Os atrasos nessa construção estavam custando dinheiro à empresa e, embora nada disso fosse culpa dele, ele suportou o peso de sua frustração.

Ela ergueu as mãos em sinal de rendição. — Não estou aqui para lhe causar problemas. Eu juro.

Seus ombros tensos relaxaram, mas apenas uma fração. — O que posso fazer por você, Srta. Griffin?

— Em primeiro lugar, quero me desculpar pela maneira como me comportei da última vez que conversamos. Nenhum dos atrasos e complicações neste trabalho foi culpa sua.

Ele finalmente a olhou nos olhos.

— Não é desculpa, mas a verdade é que meu comportamento foi mais por causa do acidente do meu irmão do que pelo dinheiro que estamos perdendo. — Ela se encostou em um dos pilares que sustentavam a saliência do pátio. — O dinheiro é importante, mas Mike significa tudo para mim.

— Eu sei. — Ele puxou um lenço do bolso de trás e enxugou a testa enrugada. — Estamos todos preocupados com Mike. Ele é um bom homem. Se houver algo que eu possa fazer para ajudar enquanto ele está melhorando, tudo o que você precisa fazer é pedir. — Seus olhos firmes falavam a verdade de suas palavras.

Ela respirou fundo e soltou o ar. — Mike e eu queremos expandir.

— Expandir, — ele repetiu.

— Há um novo empreendimento subindo cerca de 8 quilômetros daqui. Sandpiper Run.

Xander acenou com a cabeça. — Sim. Um projeto da Berringer Homes. Já ouvi falar.

— Eles estão procurando outro subcontratado. O antigo deles afundou.

— Novo empreendimento como o Sandpiper, muitas das casas estarão dentro das especificações, e você sabe que leva no mínimo cinco meses antes que possamos transformar uma propriedade de um lote vazio em uma casa.

Ela se endireitou e fechou a distância entre eles. — Sim, mas Berringer está assumindo a maior parte do risco. A beleza de trabalhar com um incorporador é que recebemos o mesmo, quer eles vendam as casas ou não. Contanto que façamos um trabalho de qualidade e terminemos dentro do prazo, temos uma fonte constante de renda.

Xander pegou uma garrafa de água pela metade do chão a seus pés e desatarraxou a tampa. — Qual é a desvantagem? — Ele tomou um gole saudável antes de recolocar a tampa.

— Precisamos contratar mais homens. Eu sei que é um desafio particular para você, já que você está com apenas dois caras. Obviamente, precisaremos pagá-los enquanto trabalham, o que significa que vou precisar de algum dinheiro adiantado para a folha de pagamento e para os materiais, mas eu cuido disso. É...

Mike e eu respeitamos você. Acreditamos que este é o caminho certo para a empresa, mas nós, queremos saber o que você pensa.

Ela entrelaçou os dedos para manter as mãos firmes enquanto ele considerava sua resposta.

Xander não era o único capataz da empresa. Havia quatro outros, dois juniores e dois veteranos, mas Xander nunca prometeu mais do que poderia cumprir, e sua equipe sempre fez um trabalho de primeira qualidade. O homem conhecia esse negócio como a palma da mão. Não havia um único funcionário em quem ela ou Mike confiassem mais.

— É isso ou reduções. Estou certo?

Ela assentiu.

— Eu teria que contratar pelo menos mais um cara para puxar meu peso. Não tenho certeza de quando Will e Brick estarão de volta com capacidade total. — Ele fez uma pausa. — Eu imagino que você ouviu o que aconteceu com eles.

Sua sobrancelha se franziu. — Perry me contou sobre o tiroteio. Aconteceu fora do local, certo? Preciso me preocupar com qualquer reação negativa em um dos locais de trabalho?

— Não. — Nem o rosto de Xander nem seu tom desmentiram sequer uma sugestão de dúvida. — Esses homens nunca fizeram nada além de trabalhar duro para mim. Sempre há um lugar para eles na minha equipe. — Seus olhos brilharam, quase como se ele a estivesse desafiando a discutir.

Ela não disse. — Sua tripulação, sua decisão. Se precisar contratar outro par de mãos, você tem minha bênção. Envie-me todas as suas informações quando tiver, e nós o colocaremos na folha de pagamento.

Seu rosto relaxou. — Obrigado. — Ele esfregou a nuca. — Pelo que vale a pena, acho que você está fazendo uma boa aposta. Berringer é um desenvolvedor respeitável, e casas semi-customizadas são muito mais fáceis do que tarefas totalmente customizadas, uma vez que você se acostume com as opções do plano. Você tem meu apoio.

Ela soltou um suspiro que nem percebeu que estava segurando. Xander não diria a ela que era uma boa ideia, a menos que realmente acreditasse. — Excelente. Vou fazer a bola rolar. — Ela começou a voltar na direção de onde ela veio.

— Amanda. — Ele falou baixinho, mas a forte tendência em seu nome a deteve. — Por que você não dá a volta pelo lado? Não posso imaginar que faria muito bem a Kane topar com você duas vezes.

Sua advertência inconfundível apertou seu peito.

A história deles era tão óbvia? Todos a viam como a vilã de seu romance condenado?

Ela empurrou suas perguntas e dúvidas para um lugar impenetrável dentro dela, então alisou a saia e ergueu o queixo antes de escapar pela casa, através da lama, de volta ao carro.

Kane

O cheiro de linho fresco ainda incomodava o nariz de Kane horas depois que ele encontrou Mandy no trabalho. De volta ao clube, ele imaginou que sentiu o cheiro mesmo em meio ao cheiro forte de fumaça de segunda mão agarrada às roupas de seus irmãos.

Ele deu um gole profundo em sua longneck. Se ao menos ele pudesse beber seus pensamentos sobre ela. Deus sabia que ele havia tentado por anos, mas nunca chegou perto.

Quantas noites ele se sentou na mesma poltrona e tentou descobrir o que deu errado? Quantas vezes ele sufocou as ondas de tristeza que ameaçavam afogá-lo?

Não essa noite.

Ele bateu com as costas da mão na garrafa de água vazia da mesa frágil ao lado dele, e ela ricocheteou na parede com um baque satisfatório.

Por que diabos ela achava que estava tudo bem aparecer onde ele trabalhava? Isso significava tão pouco para ela? Ela tinha superado agora?

Ele esvaziou sua Budweiser e pegou outra no refrigerador a seus pés.

Quem ele estava enganando? Ela o havia superado há doze anos.

Ele bebeu a segunda cerveja ainda mais rápido que a primeira.

Antes que ele pudesse abrir uma terceira, um maço de papel amassado voou e ricocheteou na lateral de sua cabeça. Ele rosnou quando a gargalhada de seu irmão atravessou a sala do outro lado da mesa de sinuca.

— Que porra é essa, cara?

Scott ignorou o ácido em sua voz. — Pare de ficar de mau humor. A vida é muito curta para todas as suas merdas taciturnas. — Ele jogou sua bengala para Frank, o residente do clube Casanova. Com sua barba por fazer e cabelo loiro ondulado perfeitamente cuidado, o cara parecia mais um ator do que alguém que levaria a vida de MC a sério. Ele trouxe mais bundas do que Hugh Hefner[5] provavelmente conseguiu em seu apogeu. Mas quando as fichas caíram, ele nunca decepcionou seus irmãos. Nem uma vez.

Scott caminhou em direção à poltrona reclinável, então bateu o pé com uma bota pesada. — Seriamente. Que porra você tem que lamentar? — Ele se agachou para que ficassem ao nível dos olhos. — Você tem seus irmãos. Dinheiro no bolso. Mais buceta do que você poderia foder em uma noite. — Ele deu um tapa no braço da velha cadeira de vinil. — A vida é boa.

Kane sabia que não devia falar de Mandy. Seu irmão não gostava dela, não desde o dia em que os apresentou depois do primeiro jogo do Braves, até o dia em que ela o deixou com o corpo e o coração

5 Fundador e editor-chefe da mais famosa revista erótica do mundo, a Playboy,

partido em uma cama de hospital. — Eu não estou deprimido. — Nem parecia convincente para seus próprios ouvidos.

Estacionando em toda sua altura, Scott zombou. — Porra, você não está. Volte para a igreja. Eu tenho algo para tirar sua mente de seus problemas.

Conhecendo Scott, isso poderia significar qualquer coisa, desde duas mulheres fodendo na mesa, até uma stripper anã ou um palhaço pronto para dar um tapa na cara dele. Exceto pelo fato de que estavam indo para a sala de reuniões privada do clube, era o mais próximo do espaço sagrado que qualquer um deles.

A igreja estava vazia quando Scott o levou até a grande mesa. Intrigado, ele se sentou em seu assento habitual, cruzou as mãos e esperou enquanto seu irmão caminhava pela sala revestida de painéis. As cortinas frágeis e empoeiradas estavam fechadas, como sempre, e a lâmpada halógena no canto pouco fazia para aliviar as sombras sempre presentes da sala.

— Temos uma oportunidade, Kane. *O clube* tem uma oportunidade. Precisamos começar agora.

Ele inclinou a cabeça para o lado, em um convite silencioso para Scott continuar.

— Sucre está morto há - quanto - pouco mais de uma semana? A merda na rua já está desmoronando. — Ele saltou de uma ponta a outra da sala, em seguida, girou nos calcanhares e caminhou para o outro lado. — Diga o que quiser sobre aquele filho da puta doente, ele mantinha as coisas em ordem.

— Sim, porque as pessoas não podiam nem mesmo peidar com medo de que ele enfiasse algo em suas bundas. — Sucre havia percorrido as ruas de Atlanta com mão de ferro e com consequências inflexíveis para o fracasso. Seus métodos e sua brutalidade eram lendários.

Scott balançou a mão como se estivesse espantando uma mosca. — O medo é a única coisa garantida para motivar criminosos e viciados em drogas, irmão, e tem que ser mais assustador do que um tapa na mão. Caso contrário, o que vai funcionar? Estamos falando de pessoas que já lidam com uma merda terrível. Eles têm baratas no chão e crianças que eles não podem alimentar ou cafetões que os esbofeteiam. Tem que ficar pior do que estão acostumados, se você quiser fazê-los pagar o que devem.

Seu irmão finalmente parou de se mover e o encarou. — Não importa agora de qualquer maneira. Resumindo, o homem se foi. Onde todos esses drogados estão conseguindo sua dose? Você sabe o quão desesperados eles devem estar agora? Eles provavelmente pagariam qualquer coisa, fariam qualquer coisa para colocar as mãos em um estoque.

Seu estômago embrulhou enquanto ele seguia a linha de pensamento. — Você quer que tomemos o lugar dele.

Mordendo o lábio inferior em torno de um largo sorriso, Scott abriu os braços, palmas para cima, então se virou. — É perfeito. Quem mais vai fazer isso? Nós temos os homens, nós temos a reputação.

— Não temos dinheiro. Ou um fornecedor. — Ele podia dizer pelo olhar distante nos olhos de seu irmão que nenhum argumento seria registrado. Assim que ele tinha uma ideia na cabeça, ela tocava sem parar como uma música repetida.

— Colocaremos uma segunda hipoteca na sede do clube.

— Não. — Ele saltou da cadeira. — Só pagamos no ano passado. Não estamos puxando dinheiro suficiente para começar a fazer pagamentos novamente.

Scott apoiou as duas mãos em seus ombros e trouxe seus rostos tão próximos que ele podia sentir o cheiro do bourbon no hálito do irmão. — É exatamente por isso que temos que fazer isso.

Ele balançou sua cabeça. — Mas não temos nenhuma conexão que nos dê um alto volume de produtos. As drogas não caem simplesmente do céu.

— Malcolm já está trabalhando nisso. — O sorriso de Scott era puro orgulho.

— Malcolm, então isso já está decidido? — A inquietação em seu estômago se solidificou em uma massa pulsante de raiva. As armas já eram ruins o suficiente.

As drogas levariam o clube por um caminho sem volta. Todos acabariam sendo o mesmo tipo de escória que o homem que mataram, se não terminassem na prisão primeiro. — Eu perdi algum tipo de votação, irmão? Porque eu sei que você e Malcolm não começariam a tomar decisões por este clube sem dar a todos uma palavra a dizer sobre o que fazemos.

Scott fez uma careta. — Acalme seus peitos, K. Estamos apenas colocando algumas coisas preliminares em movimento. O clube votará em algumas horas.

Depois que Scott teve a chance de preparar todos os pinos para um ataque.

— Eu não gosto disso.

O rosto normalmente sorridente e agradável de seu irmão azedou. — Eu não me importo. Apresente seu caso na votação desta tarde, mas não pense que você vai parar com isso.

Kane bateu com o punho na mesa. — Isso vai explodir na nossa cara. — Ele estava longe de terminar, mas Scott já estava saindo pela porta. Sua única chance de impedir isso era convencer o resto do clube.

O ar crepitava positivamente com energia não gasta enquanto os irmãos se sentavam ao redor da pesada mesa de madeira. Até mesmo a perspectiva compareceu à reunião, encostada na parede oposta. Ele não teria um assento a menos que o tornassem membro.

Kane não tinha dúvidas de que seu irmão havia plantado as sementes para apoio com a maioria, senão com todos os caras, mas ainda assim, ele tinha que tentar dissuadi-los desse plano. Eles

falaram entre si em um zumbido baixo, mas toda a conversa cessou no momento em que seu pai entrou na sala. Claro, Scott foi para as armas grandes.

Malcolm caminhou até sua cadeira, mas em vez de se sentar, ele ficou atrás dela. — Quando fundei este clube há 35 anos, éramos apenas eu e três outros caras que amavam a estrada aberta e um grande foda-se para quem quisesse nos dizer o que fazer.

Os homens bateram na mesa em uma demonstração de apoio. Malcolm piscou e esperou até que o barulho parasse para continuar. — Case e Bender se foram agora. Todos nós sabemos o que aconteceu com Wes. — Ele franziu o cenho, então se esquivou. — Mas como perdi irmãos, ganhei filhos. Filhos que ainda abraçam uma vida que vive sobre duas rodas e levantam o dedo do meio para qualquer um que queira desafiar nossa autoridade para conquistar nosso próprio lugar nesta cidade.

Desta vez, as batidas foram mais altas e pontuadas por vivas. Malcolm levou isso como seu devido. — Temos uma oportunidade única de levar este clube a um nível que nunca esteve antes. Chega de raspar e arranhar para sobreviver. Já fizemos a parte difícil. Eliminamos Sucre de la Cruz. Agora podemos entrar no vazio que ele deixou para trás.

A mente de Kane correu enquanto seus olhos percorriam os rostos de seus irmãos, todos iluminados de excitação. Seu pai os tinha na palma da mão.

— Estou tão orgulhoso de meus dois filhos. Kane, que abriu a porta para essa oportunidade ao definir o sucesso, e Scott por

mapear um plano para transformar essa promessa em realidade. — Mais vivas. — Levantem-se, meninos.

Magistral. Agora parecia que toda a família estava a bordo.

Scott pigarreou. — Quando Kane e eu discutimos os detalhes hoje cedo, ele trouxe alguns pontos positivos e eu quero abordar qualquer preocupação que você possa ter. Obviamente, isso vai exigir dinheiro inicial. Temos que comprar os produtos antes de podermos vendê-los, e não temos exatamente ganhado dinheiro ultimamente.

Os homens ao redor da mesa concordaram com a cabeça.

— Nosso primeiro impulso foi tirar outra hipoteca da sede do clube, mas o banco não está facilitando... o que nos fez pensar. Podemos não ter dinheiro, mas temos algo valioso.

Não. Não diga as armas, Scottie. Não diga as armas.

— Armas.

Seu idiota de merda.

— Fiz algumas investigações discretas e descobri o nome da ligação de Sucre com a heroína. Eles estão dispostos a discutir o fornecimento de nossa primeira remessa de produto em troca de uma carga de pistolas semiautomáticas.

— Scott. — Ele disse o nome do irmão como um aviso. — Se trocarmos as armas por drogas, não poderemos pagar aos russos. — Seus fornecedores de armas esperariam dinheiro. Sem desculpas. Sem exceções.

Scott acenou com a cabeça e sorriu como se estivessem lendo um roteiro. — É o que todos vocês estão pensando, certo? Mas a beleza é que pagamos aos russos com parte dos lucros que obtemos com as drogas e usamos o resto para comprar mais. Nesse ínterim, tenho um cara que pode nos mostrar como fazer nossa própria metanfetamina. É barato pra caralho, como você não vai acreditar. Você pode fazer isso com pílulas para resfriado, soda cáustica, fertilizante e alguma merda que temos aqui na sede do clube. Se seus idiotas puderem seguir as instruções que encontrei na internet sem nos explodir, podemos estar no negócio amanhã. — Ele enfiou a ponta da língua em seu sorriso dentuço. — Jogue um pouco mais de Advogado do Diabo, K.

— Os russos vão ficar putos, Scott. Mesmo se pudermos pagar de volta...

— Você quer dizer *quando* podemos pagá-los de volta.

O tom arrogante de Scott estava cavando sob sua pele como a agulha de uma arma de tatuagem. — Se, quando, não importa. É o dinheiro deles, não nosso, para jogar.

— Kane está certo, — Malcolm explodiu. — É por isso que qualquer movimento que fizermos deve ser feito com total discrição. Eu sei que a maioria de nós não socializa fora do MC, mas se você o faz, é mais importante do que nunca manter os negócios do clube dentro do clube.

— Isso não é...

— Todos a favor de assumir o fluxo de caixa que lutamos daquele desgraçado do fundo do poço?

Um coro de "sim" sacudiu as vigas. Kane estava prestes a votar não, mas seu pai não lhe deu a chance.

— Os sim o tem. — Malcolm assentiu. — Reunião encerrada.

Rindo e dando tapinhas nas costas uns dos outros, os homens saíram da sala. Todos, exceto Malcolm e Scott, estavam completamente alheios a suas objeções.

— Você realmente achou que poderia empurrá-los contra minha vontade? — Ele lutou contra a vontade de pular com as palavras de seu pai atrás dele. — Este é meu clube, Kane. Ou você esqueceu?

Ele enfrentou seu pai, que usava o corte do clube, o distintivo de — Presidente— totalmente exposto sobre seu coração. O homem vivia e respirava o MC, e os irmãos o tratavam como um deus.

— Eu não esqueci de nada. Mas parece que sim. Como o que aconteceu com o clube de Kip em Raleigh quando ele irritou Sergei. Eles o fizeram comer a porra dos próprios olhos.

— Kip era um idiota. Ele mereceu o que recebeu.

— Sim, porque ele foi burro o suficiente para contrariar os malditos russos.

— Não! — Malcolm rugiu. — Porque ele era burro o suficiente para ser pego.

Ele cerrou os punhos ao lado do corpo. — Não estou disposto a apostar a vida dos meus irmãos na esperança de que você esteja certo.

Os olhos de seu pai brilharam com malícia. — Então é uma coisa boa não depender de você, não é?

Sem outra palavra, ele foi procurar Scott. Ele teve que tentar mais uma vez para fazê-lo entender.

Ele não teve que procurar muito.

Scott estava no corredor do lado de fora da porta da igreja, encostado na parede. Jeans amontoados em torno de suas coxas, ele bombeou vagarosamente seus quadris em direção à boca aberta da mulher de joelhos a seus pés.

— Você precisa de algo, K? — ele perguntou, seu ritmo nunca perdendo uma batida.

Charlene olhou para cima, seu olhar desafiador, enquanto suas bochechas se afundavam em torno do pênis de seu irmão.

— Nah. — Ele ignorou o espetáculo que ambos planejaram em um esforço para se vingar de seus desprezos percebidos. Eles estavam perdendo tempo. Era apenas mais uma noite de segunda-feira na sede do clube. — Divirta-se.

Rangendo os dentes, ele saiu pela porta da frente e quase tropeçou no prospecto que acendeu uma fumaça na varanda. O garoto lutou para ficar de pé, um pedido de desculpas escapando de seus lábios.

Ele acenou para o cara e continuou indo para seu passeio. — Não é sua culpa, cara. Esqueça isso. — Ele parou quando o prospecto colocou a mão em seu ombro.

— Kane? — O homem se encolheu quando se virou para encará-lo, mas encontrou coragem após uma pausa momentânea. — Na igreja, Malcolm disse algo que eu não entendo.

Tentando não descontar suas frustrações no novo cara, ele simplesmente ergueu as sobrancelhas.

— Ele disse, hum, todo mundo sabe o que aconteceu com Wes. Mas eu não, saiba o que aconteceu, quero dizer. Posso perguntar?

Ah. Seu tio. Todos sabiam o que ele fazia, mas ninguém falava sobre isso.

— Ele saiu do clube.

O prospecto engasgou.

— Ele foi preso, não sei, talvez vinte anos atrás. Seu oficial de condicional o levou a sério pelo clube, ameaçou colocá-lo de volta na prisão se ele não cortasse os laços. Então, ele fez uma escolha. Ele escolheu sua liberdade.

O prospecto não disse mais nada; ele balançou a cabeça enquanto se afastava.

Essa era a coisa sobressair. Um irmão não acabou de sair do clube, o clube o deixou. Fugir deixou Wes morto para todos eles. Ele não via seu tio desde que era criança. Ele não sabia se o homem ainda estava vivo.

É por isso que ele nunca pensou em sair, mesmo quando sabia que o clube estava no caminho errado. Esses homens eram sua família. Eles estavam lá para ele quando ele mais precisava. Eles riram juntos, festejaram juntos e se levantaram do chão.

Sair era a traição final. Se ele não gostasse do que estava acontecendo no clube, ele precisaria consertar por dentro, ou então ficaria sem família, sem amigos e sem esperança de tê-los de volta.

CAPÍTULO SEIS

Kane

A parte de trás da jaqueta de couro de Kane puxou os dedos cerrados de Robby, enquanto o homem lutava para subir na parte traseira de sua moto. Nenhuma chance no inferno de o cara cair, não com o aperto mortal que ele tinha. Se era assim que ele aguentava firme agora, Deus sabia como seria quando o motor ligasse.

— Nervoso? — Kane virou a cabeça para o lado, pegando um vislumbre das feições contraídas no rosto normalmente alegre de Robby. — É a moto ou sou eu?

— Medo de você? — Robby zombou, a tensão derretendo de seu rosto. Ele relaxou um pouco o aperto. — Ok, talvez um pouco. Quando te conheci. Além de Brick, você é provavelmente o maior cara que já vi na vida real. Quando você mistura as tatuagens e a cicatriz...

Sim, a cicatriz era meio difícil de ignorar. Mas era uma parte dele agora, assim como a tinta cobrindo ambos os braços, do ombro ao pulso.

Robby encolheu os ombros. — Então eu percebi, você não pode ser tão ruim.

Ele grunhiu, seu dedo pairando sobre o botão de ignição. — Puxa. Obrigado.

— Não, eu falo sério. Brick não teria escolhido você como amigo se você fosse um cara mau. Ele não anda mais com gente assim, sabe?

Se Robby soubesse como suas palavras eram verdadeiras. Não apenas Brick manteve os *bandidos* fora de sua vida, mas o homem também liderou a execução de cada um deles que representava uma ameaça para ele ou para a mulher que amava. Ele e Robby eram provavelmente as únicas pessoas que Brick tinha dado uma espiada por trás da cortina de sua casca de cara durão. Bem, eles e sua namorada, Olivia.

— Se Brick pensa que você é uma boa pessoa, confio em seu julgamento. — Robby tinha a voz de um verdadeiro crente. — Então, não, eu não estou com medo de você. Eu só... não sou ótimo em duas rodas.

— Vou mantê-lo seguro, garoto. Estaremos lá antes que você perceba.

Fiel à sua palavra, ele levou Robby inteiro ao seu destino. Brick agora morava no apartamento de Olivia, desde que ele deixou seu antigo lugar, e sua antiga vida, para trás.

Ele desceu da moto, o estrondo sob suas coxas ainda ecoando em seus músculos.

Tão inseguro quanto seu passageiro parecia antes de partirem, agora Robby saltou da moto como se ele estivesse andando por anos. — Tem certeza que ele quer ter companhia?

Tirando o capacete, tirou-o e pendurou-o no guidão. Robby seguiu o exemplo.

— Tenho certeza. Ele está ansioso para vê-lo. Vamos lá. — Ele levou Robby à porta mais próxima e bateu na madeira pesada, as mãos ainda embainhadas em suas luvas pretas sem dedos.

Com sorte, a recuperação de Brick estava indo tão bem quanto ele havia prometido. Sua pele parecia um pouco cinza quando Kane apareceu para devolver o dinheiro neste outro dia. Mas Robby estava preocupado com seu herói e, bem, ver para acreditar. Pelo menos, foi o que Brick disse da última vez que conversaram.

Sua mão estava enrolada para bater novamente quando Brick finalmente abriu a porta. Seu amigo estava descalço, vestindo uma camiseta preta e calça de moletom cinza. Em vez de doente ou frágil, Brick parecia melhor do que nunca. Suas bochechas estavam rosadas, seus olhos brilhavam e ele estava... sorrindo.

Em vez de esperar que qualquer um deles desse um passo à frente, Brick saiu do apartamento e colocou a mão grande no ombro de Robby. — Ouvi dizer que você está preocupado comigo. — O estrondo profundo e a cadência de sua voz tornavam suas raízes na Geórgia inconfundíveis.

Claramente engolindo as lágrimas, Robby acenou com a cabeça bruscamente. Era como se o garoto estivesse tão preparado para o

pior que não sabia como lidar com as boas notícias que o encaravam.

Mantendo o controle sobre o ombro de Robby, Brick o levou para o apartamento, Kane dois passos atrás. A casa de Olivia não era exatamente feminina, mas não parecia que um homem já havia morado lá. O sofá azul estofado estava coberto com uma montanha de travesseiros e um cobertor fofo onde Brick deveria estar relaxado em frente à TV.

Brick pegou tudo e levou para o que provavelmente era um quarto, depois voltou de mãos vazias. — Sentem-se. É bom ter companhia. — Robby passou uma almofada enfiada sob a mesa de café e a abraçou contra o peito enquanto se acomodava nas almofadas.

Kane olhou duvidosamente para o sofá onde o garoto se acomodou, então agarrou uma das cadeiras da mesa da cozinha e carregou-a com uma mão de volta para a sala de estar. Sentando-se de costas, ele piscou para Brick. — Eu sei o que você acha de aninhar-se ao meu lado.

Rindo, Brick revirou os olhos e se sentou ao lado de Robby. — É mais como se você soubesse que a mobília não suportaria a nós dois ao mesmo tempo.

Ele tentou parecer inocente, mas quem ele estava enganando? — Você está parecendo bem, irmão.

— Eu estou me sentindo bem. Eu fiz uma oferta pela casa que finalizamos na Burgundy Street. Fechamos em duas semanas.

— Eu serei amaldiçoado. Você seguiu meu conselhoar

Quando Brick ergueu a sobrancelha, ele não pôde deixar de se preocup\.

— Não dê tapinhas nas costas. Você pode puxar um músculo. — Com um sorriso ainda no rosto, Brick se virou para Robby. — Tenho certeza que você já sabia. Tudo parece passar por você primeiro.

O rosa inundou as bochechas de Robby. — Eu sabia. Assim que soube, percebi que você deveria estar melhor. — Os nós dos dedos ficaram brancos quando ele apertou o travesseiro creme. Um momento depois, ele o soltou, equilibrando-se sobre os joelhos. — Eu quero que você saiba que eu... eu orei por você. Todo dia. Eu sei que provavelmente parece idiota...

— Não.

— ... Mas eu costumava ir à igreja o tempo todo quando... antes de me mudar para Atlanta. Sempre me senti muito próximo de Deus, mesmo quando, bem, mesmo quando minha igreja não tinha mais um lugar para mim. Então sim. Eu orei por você e realmente queria vir mais cedo, mas não queria me intrometer. — Seus olhos caíram para os dedos que ele amarrou em cima do travesseiro. — Eu não tinha certeza se você me queria aqui.

— Olhe para mim, Robby.

Seus olhos dispararam ao comando de Brick.

— Não sei o que fiz para merecer sua amizade ou lealdade, mas quero que me ouça. Você é sempre bem-vindo. — O olhar de Brick era inabalável. — Você não tem família, certo?

Robby abriu a boca, então fechou. Ele ficou em silêncio por um momento antes de responder suavemente: — No papel em algum lugar, mas não, não do jeito que você quer dizer.

Kane travou as pernas contra o desejo de se contorcer na cadeira. Não importa o quão fodida sua família fosse, ele nunca duvidou que eles lutariam por ele. Ele se sentiu como um intruso, testemunhando o olhar severo no rosto de Robby e a gentileza de seu melhor amigo normalmente estourando a bola.

— Nenhuma família para mim também. — Brick esfregou a nuca em seu queixo e um sorriso irrompeu em seu rosto. — Agora estou *fazendo* uma. Uma família. Olivia vai ser minha esposa. E vocês dois curingas..., — disse ele, gesticulando entre Robby e Kane, — ... vocês são meus irmãos. — Ele encolheu os ombros largos. — Se vocês me aceitarem.

Robby enxugou os olhos com a base das mãos. — Eu gostaria muito disso.

Por favor, Deus, não deixe a criança chorar.

O clima estava pesado. Alguém teve que quebrar a tensão. Ele bufou. — Vamos abraçá-lo, senhoras?

— Foda-se. — Rindo, Brick pegou o travesseiro do colo de Robby e o iluminou diretamente em seu rosto.

Ha. Muito devagar. Ele se esquivou no último segundo, e ela caiu no chão atrás dele.

— Nunca foi assim com minha família real, — Robby murmurou.

— Goste ou não, nós *somos* sua família real. — Ele ficou surpreso ao descobrir que ele quis dizer isso. — Acostume-se. Você está preso com a gente agora.

Robby vibrou com energia enquanto se despediam. O maldito garoto quase brilhou após a promessa de Brick de família.

Kane não tinha sido objeto de adoração ao herói do jovem que Brick era, mas ele seria condenado se voltasse atrás na palavra de seu amigo. Sua família o ajudou em alguns dos piores momentos de sua vida. Ele não sabia o que teria feito se tivesse que enfrentar tudo sozinho.

Há quanto tempo Robby estava sozinho?

Ele afastou a pergunta enquanto sua Harley rugia para a vida. Não importa. Ele não estava sozinho agora, e ele não estaria novamente.

Família. Porra. Ele ainda estava chateado como o inferno com a merda que seu pai e irmão fizeram na noite anterior, mas não era como se a raiva fosse ajudar em alguma coisa agora. Ele havia sido derrotado e o clube votou. Mesmo se ele tivesse a chance de votar, ele teria sido anulado. Ele teria que viver com isso. Pelo menos por enquanto.

Limpando sua mente, ele se permitiu a alegria simples da estrada. Ele teve muitos problemas com o MC ao longo dos anos, mas pilotar nunca foi nada além de um prazer.

Cedo demais, eles voltaram a Decatur, a hora do almoço já havia passado da marca dos noventa minutos. Foi tão bom. Ninguém mais parecia estar por perto também.

Seus olhos percorreram a casa e o meio-fio onde a equipe costumava estacionar. — Todo mundo fez uma pausa para isso?

— Nah. Acho que o cara novo está começando hoje. Ele é amigo de Cy. Eles serviram juntos no Afeganistão. Tenho certeza de que Cyrus e Xander estão pegando ele no escritório principal, onde ele está terminando sua papelada e levando-o para o teste de drogas. Todas as coisas de RH.

— Um cara novo? Eles não estão substituindo Brick e Will. — Ele não formulou isso como uma pergunta.

— Ah não. — Robby pegou sua prancheta da pilha de gesso ainda na garagem. Ele carregou a coisa pelo local como um cobertor de segurança. — Ele é um complemento. E acho que podemos agradecer a Brick por ele estar aqui. É uma grande coisa que ele está comprando a casa na Burgundy. A empresa realmente precisava de dinheiro.

A informação não o surpreendeu. Ele tinha ouvido Amanda falar de Xander como um novo idiota algumas semanas atrás sobre atrasos e o quanto isso estava afetando os resultados financeiros.

— Entre você e eu, — Robby disse baixinho, — ... houve uma conversa que poderíamos nem mesmo fazer a folha de pagamento na próxima semana. Mas há algo em andamento. Não estou por dentro ainda, mas tenho a impressão de que é algo grande.

Para levar a empresa de não pagar seus funcionários a contratar um homem extra. Sim, teria que ser algo grande. Talvez ele devesse visitar Mike que havia prometido e ficar sabendo disso. Ele realmente precisava ver seu velho amigo.

Ele chamou sua atenção de volta para Robby. — Isso explica Xander e Cy. Onde está Matt?

Robby se encolheu.

— Escute, eu sei que você tem uma queda pelo cara, mas você tem que ser capaz de se controlar quando alguém menciona o nome dele.

O rosto do garoto ficou vermelho. — Uau. Eu sou tão óbvio?

— Sim, — ele suspirou. — Você é, mas você não é o único que se sente assim.

Os olhos de Robby ficaram redondos como pires. — Você também tem uma queda por Matt?

Ele enterrou o rosto nas mãos e esperou um momento. Dois.

Ah, foda-se.

Seus ombros tremeram, incapaz de suprimir a risada que borbulhava dentro dele. Saiu do fundo de sua barriga e ecoou na garagem inacabada.

Ele arriscou um olhar para Robby, mas a expressão confusa do cara só o fez rir ainda mais até que, eventualmente, as lágrimas escorreram por seu rosto. Tirando a bandana que havia enrolado no

cabelo, ele enxugou o rosto com uma última risada. — Obrigado, irmão. Não consigo me lembrar da última vez que ri tanto.

Robby fez uma careta. Como um filhote de tigre, ele era todo rosnado, mas sem um osso ameaçador em seu corpo. — Acho que você não tem uma queda por Matt.

— Não. Eu não tenho. — Ele correu os dedos pelos cabelos, tentando desfazer os nós da estrada. — O que eu quis dizer é que todos nós temos alguém que nos deixa envergonhados. Para você, é Matt. Para Brick, é Olivia. Para mim... —

— Para você, é a Sra. Griffin, — Robby terminou.

Agora era a sua vez de ficar carrancudo, embora duvidasse que houvesse algo parecido com um filhote nisso. A maioria das pessoas teria dado um passo para trás, mas Robby permaneceu frio como um pepino.

— Isso não vai funcionar comigo agora. — O garoto teve a coragem de sorrir. — Somos uma família.

— Não é a proteção que você pensa que é. Meu irmão Scott chutou minha bunda crescendo mais do que qualquer pessoa que eu já conheci.

Robby ignorou o aviso. — Todo mundo ouviu vocês dois no dia em que ela veio e gritou com Xander. E você estava apto a ficar amarrado o resto do dia. Então, qual é a história? Você quebrou o coração dela? Ela quebrou o seu? — Suas palavras aceleraram com cada pergunta. — Quanto tempo vocês ficaram juntos? Você a amou?

— O suficiente!— ele rugiu, e desta vez Robby deu um pequeno passo para trás. — Pare. Por favor. — Ele esfregou círculos em suas têmporas.

— Eu sinto muito. — A voz de Robby era baixa e ele se odiava um pouco por fazer isso acontecer.

Ele respirou fundo. — Não. Eu sinto muito. Obviamente, ainda estou meio fodido com isso. Mas eu não deveria descontar em você. Eu sinto muito.

Robby acenou com a cabeça, mas ele manteve distância.

Ele se encostou na parede e deslizou para descansar na laje de concreto. A criança precisava se sentir segura. Talvez ele fosse menos ameaçador em sua bunda. — Sim, eu a amava. — Ele bateu gentilmente com a nuca duas vezes na parede de gesso atrás dele. — Provavelmente sempre a amarei.

Cautelosamente, Robby abaixou-se no chão e sentou-se de pernas cruzadas a alguns metros de distância.

— Nós namoramos na faculdade.

O queixo do garoto caiu, mas ele fechou a boca rapidamente.

— Sim, Robby, fui para a faculdade. Mas desisti depois que terminamos. Não por causa dela, ou pelo menos, não inteiramente. — Ele suspirou. — Ficamos juntos por cerca de seis meses e pensei que passaria o resto da minha vida com ela, me casar, ter filhos, tudo isso.

Robby semicerrou os olhos, mas não disse nada. O pobre rapaz provavelmente estava com medo de falar.

— Se você tem uma pergunta, está tudo bem. Não vou arrancar sua cabeça desta vez.

— Eu pensei que os motoqueiros não se casassem.

Ele riu, mas não havia alegria nisso dessa vez. — Eles não querem. Eu não estava no clube naquela época. Eu não ia entrar. Eu nunca quis a vida do meu pai.

Robby se aproximou. — Por que não?

Para realmente responder à sua pergunta levaria horas... e várias cervejas. Sua mão flexionou, tentando conjurar um pescoço comprido. — Cem razões. — Nenhum que ele deveria discutir com um estranho, mas ele devia a Robby algum tipo de resposta. — É muito isolado. Ele tem seu próprio código, que nem sempre é muito evoluído. Além disso, como você disse, não é uma grande vida para mulheres e famílias.

— Mas você cresceu lá, — Robby pressionou.

— Exatamente, garoto. — Ele fechou os olhos. — Exatamente.

15 anos atrás

Dezembro

As prateleiras do Wal-Mart foram estocadas ao acaso enquanto os clientes vasculhavam os itens da Promoção pós-natal. Fios de luzes saíram de caixas de papelão rasgadas ao lado de pijamas e latas de bolo de frutas, que aparentemente não tinham data de validade. A mãe de Kane vasculhou as pilhas instáveis de quase lixo, em busca de pedaços de tesouro embaixo.

Essa viagem era um evento anual criado para encontrar o presente perfeito para seu pai com preço promocional. Aniversário de Malcolm era 26 de dezembro, e Mama V orgulhava-se de estragar seu homem, mantendo a um orçamento afiado. Eles não tinham dinheiro para a família trocar presentes, mas ela puxava cinco dólares de seu orçamento todos os meses para colocar no fundo de aniversário de seu marido. Ela não fez isso por seus filhos, mas eles nunca souberam de nada diferente.

Ela inspecionou um kit de higiene e o colocou de volta na prateleira. O mesmo tratamento seguido para um pacote de três DVDs e um pacote de suprimentos para churrasco que teria realmente tornado as tentativas de Kane de cozinhar para si mesmo muito mais fáceis. Ele sabia melhor do que discutir, no entanto. Não é como se seu pai já tivesse feito uma refeição em sua vida.

Malcolm era um homem simples. Ele gostava de cerveja, cigarros, sexo e sua moto. O problema era que não havia nada em uma prateleira pós-natal que pudesse apoiar seus hobbies. Ele teria ficado mais feliz com uma caixa de Marlboros e uma caixa de Bud, mas essas coisas não eram *especiais* o suficiente para sua old lady.

No final, ela se contentou com uma bandeira americana com embalagem um pouco amassada e um copo isolado com um rótulo que prometia manter quentes as coisas quentes e as frias em frias. Ela usou os três dólares restantes para comprar um cupcake chique na padaria da loja, porque Deus proibisse que houvesse guloseima suficiente para todos compartilharem.

Ela pretendia esta celebração apenas para Malcolm e Malcolm.

Quando eles voltaram para a sede do clube, que também era sua casa, ela embrulhou cuidadosamente os presentes no papel vermelho brilhante de noventa e nove centavos com sinos de prata. Então, ela se sentou à mesa da cozinha e esperou. E esperou.

Ele fez dois sanduíches de queijo grelhado e colocou um na frente dela. Enquanto ele devorava seu jantar, o dela esfriou em seu prato. Ela estava de vigília por seu homem. Claro, ela não comeria.

Pouco depois das oito horas, o ronco dos motores soou do lado de fora. Um punhado de irmãos entrou. Case, Bender, Scott... mas nenhum sinal de Malcolm.

— Você vai comer isso, mamãe? — Scott não esperou por uma resposta, ele pegou o sanduíche frio do prato dela e o enfiou na boca.

Quinze minutos depois, um estrondo soou na garagem dos fundos. Mama V ficou de pé para investigar, Kane seguindo seus calcanhares. Ele quase a atropelou quando ela parou a poucos metros da porta.

Ele esticou o pescoço para ver o que causou seu grito estrangulado.

O corpo de Malcolm caiu sobre as costas de uma mulher que Kane nunca tinha visto antes. Ou talvez a *garota* fosse mais precisa. Ela não podia ser muito mais velha do que ele. Seus braços finos agarraram a coluna de metal que sustentava a estrutura, seus seios expostos saltando por cima de sua blusa justa.

Seu primeiro pensamento foi que ela devia estar com frio, tão perto de estar nua em uma noite de inverno. Então, o grunhido alto de seu pai o sacudiu de volta para a imagem maior. A mão de Malcolm em suas costas a forçou a se inclinar ainda mais enquanto ele a penetrava por trás. A batida úmida de seu corpo contra o dela ecoou no terrível silêncio.

Mama ficou paralisada, observando-o foder a garota, seus olhos fechados e seu rosto relaxado.

Kane não conseguia pensar em nada mais terrível até que seu pai abriu os olhos e encontrou o olhar dela. Ele nem mesmo quebrou o ritmo. — Volte para dentro de casa, Viv. Você pode participar mais tarde esta noite.

Sua mãe não hesitou. Ela girou nos calcanhares e voltou para a casa conforme as instruções.

Na manhã seguinte, ele avistou a garota de cabelos escuros saindo do quarto de seus pais. A maquiagem dos olhos borrada, ela parecia um guaxinim ou um viciado em heroína. Ela caminhou

lentamente para fora da casa, o olhar fixo no chão, carregando seus saltos grossos na mão.

Mamãe saiu do quarto momentos depois, o longo robe vermelho de seda amarrado na cintura e um cigarro apagado entre os dedos. Rosto desenhado. Olhos vazios. Ela também se movia lentamente.

Ele presumiu que ela não o viu, mas ela falou antes de pisar no quintal. — Comece o café, baby, sim? — Ela não esperou pela resposta dele e, em segundos, ele ouviu o estalo de seu isqueiro bem do lado de fora da porta.

Em uma pequena bênção, Malcolm não mostrou o rosto. Ele não estava pronto para enfrentar seu pai depois do espetáculo que fizera na noite anterior. Infelizmente, não era nada novo. O homem fazia o que queria, quando queria. Sempre fez. Os vinte e poucos anos que sua mãe devotou a ele significavam pouco ou nada. Era esperado que *ela* fosse ser fiel, é claro, mas Malcolm poderia enfiar o pau em qualquer lugar úmido e quente.

Com um suspiro, ele puxou os filtros para fora do armário e deixou a panela pronta para infundir. Apesar de sua idade, o modelo Sr. Café dos anos 1970 funcionou rápido. A cozinha se encheu com o aroma de café assim que o ding da torradeira anunciou que seu Pop Tart estava pronto para queimar as pontas dos dedos.

Ele tinha sua xícara de cafeína em uma mão e seu café da manhã na outra quando algo vermelho e brilhante chamou sua atenção. Os presentes de aniversário de seu pai ainda estavam intocados na

mesa da cozinha. Ele fez uma pausa, pensando sobre o esforço que sua mãe havia feito para selecionar os presentes certos, e dólares para donuts, Malcolm não daria a mínima de uma forma ou de outra.

Esta era a vida do clube. E ele não queria fazer parte disso.

CAPÍTULO SETE

Amanda

Os nervos se agitaram no estômago de Amanda enquanto ela passava as mãos nos dardos de seu vestido de negócios Dior. Era o melhor que ela possuía, e ainda assim, ela tinha que se lembrar que não era uma garotinha brincando de se fantasiar.

Seu olhar varreu o prédio à sua frente. O exterior do escritório principal do Berringer Group parecia uma versão reduzida de uma mansão antiga. Tinha dois andares de altura, com grossas colunas brancas de cada lado da porta da frente de carvalho escuro. A entrada foi decorada com uma grinalda festiva de bom gosto perene. Fitas vermelhas largas envolviam os cilindros até o topo. Elegância de bom gosto do Natal do sul.

Ela tinha um encontro com Jared Berringer, o maior nome do desenvolvimento de Atlanta, um dos maiores da região sudeste, mas ele ainda era apenas uma pessoa. Ela sabia como lidar com as pessoas e como lidar com seus negócios.

Ela se recusou a ser derrubada por suas próprias inseguranças.

Erguendo o queixo, ela abriu a porta e caminhou com confiança para a recepção. — Amanda Griffin para o Sr. Berringer, por favor.

O homem franzino atrás do balcão ergueu os olhos do computador e bateu na lateral do fone de ouvido. — Sim, senhora. Ele está esperando por você. Por favor, venha por aqui.

O interior do edifício parecia ainda mais impressionante do que a fachada. Seus saltos clicaram no piso de mármore de alta qualidade, polido até um brilho quase ofuscante, enquanto se dirigiam para uma escada dupla de ferro forjado que se enrolava em cada lado da mesa da recepção, uma mesa que, se ela não estava enganada, apresentava sua mancha favorita de salsaparrilha e uma bancada de Silestone branca com veios pretos.

Ela seguiu o rapaz escada acima, por um corredor deserto até o escritório do canto. Ele abriu a porta e gesticulou para ela antes de acenar em despedida.

As fotos que ela viu de Berringer não fizeram justiça a ele. Mesmo um observador casual não perderia a boa aparência de George Clooney. Mas quem prestasse muita atenção perceberia, nele, que haviam encontrado o pacote completo. Ele transmitiu sutilmente. Na qualidade de seu terno, no brilho de seus sapatos. Na maneira como ele se manteve, equilibrado, sereno e sem nada para provar. Este era um homem no topo de seu jogo.

Ele a cumprimentou com um sorriso simpático e um aperto de mão firme o suficiente para dizer que não a julgaria pelo fato de ela ser uma mulher.

— Srta. Griffin. — Ele gesticulou para que ela se sentasse em uma das duas cadeiras na frente de sua mesa. Surpreendentemente,

ele se sentou ao lado dela, em vez da posição de poder atrás da mobília pesada.

Ela já gostava dele. — Amanda, por favor.

— E você vai me chamar de Jared. Eu entendo que você está aqui com uma proposta da Cooper Construction. Estou intrigado.

— Ouvi dizer que você perdeu seu construtor no desenvolvimento de Decatur.

Suas sobrancelhas se ergueram. A falência da Georgia South foi muito secreta. Ela só sabia disso porque Mike era um bom amigo do proprietário.

— Gostaríamos de intervir e assumir o lugar deles. Cooper não é a maior empresa da cidade, mas temos uma boa reputação e fazemos um trabalho de qualidade.

Jared cruzou a perna na altura do joelho e relaxou na poltrona de couro macio. — Eu encontrei Charlie algumas vezes ao longo dos anos. Ele me pareceu um bom homem.

Ela engoliu em seco. — O melhor, — ela murmurou.

— Você era dele...

— Filha. — Ela balançou a cabeça tristemente. — Na verdade, enteada, mas ele nunca fez a distinção.

— E você dirige a empresa com o filho dele, correto?

Jared sabia a resposta para cada uma dessas perguntas antes mesmo de aceitar esta reunião. O homem era conhecido por suas pesquisas. Ela jogou junto, dando a ele um sorriso paciente. —

Sim. Mike e eu somos muito próximos. Ele estaria aqui comigo se não estivesse se recuperando de um acidente de carro. — Ela fez uma pausa, arriscando-se a abandonar o fingimento. — Diga-me, Jared, o que você realmente quer saber? Pergunte-me e eu lhe darei uma resposta direta.

Ele não perdeu o ritmo. — Se eu fizer negócios com você, irei trabalhar com a filha de Charlie Cooper ou com a de Beau Griffin?

Não admira que ele estivesse trabalhando nisso. Ela considerou suas palavras. — Meu pai, o prefeito, me ensinou muito sobre negócios. Sobre como fazer conexões, administrar dinheiro, persistência e perseverança. Essas lições me tornaram mais bem-sucedida e as uso todos os dias. Mas tudo o mais sobre a maneira como faço negócios, aprendi com Charlie. Honestidade, honra, integridade. Esses são meus valores fundamentais e eles moldam todas as decisões que tomo pela empresa que ele construiu.

— O prefeito Griffin não é alguém que valoriza a honestidade e a integridade.

Não era uma pergunta, então ela deixou o comentário ficar no espaço entre eles. Ou Jared conseguia ver além dos laços familiares dela ou não. Discutir sobre os méritos de sua decisão não a levaria a lugar nenhum.

— E quanto a Nathan Shaw?

Ela tentou manter o desafio fora de seu olhar. — E quanto a Alexa Bell?

Seus olhos se arregalaram quando ela mencionou o nome de sua amante. Berringer era em grande parte um homem privado, mas até mesmo um caso discreto viajava pelo boato. — Touché, — ele murmurou.

— Não quero ser grosseira, Jared, mas as pessoas que nos escoltam às festas ou aquecem nossas camas não têm nada a ver com o negócio em questão. Eu me pergunto se você teria me feito a mesma pergunta se eu fosse um homem.

Droga .

Ela não quis dizer exatamente o que estava pensando.

O temperamento não tinha lugar em uma reunião de negócios. Era uma marca registrada de imaturidade. Quantas vezes seu pai havia perfurado sua cabeça? A lição dele foi o catalisador para sua personagem de rainha do gelo.

Ela se encolheu, esperando que Jared mostrasse a porta. Haveria meia dúzia de outras empresas que ele poderia conseguir para fazer o trabalho com um estalar de dedos.

Em vez disso, ele riu. — Oh, você é a garota de Charlie, sim. Beau Griffin nunca me deixaria saber que eu o irritei. E para que fique registrado, sim, eu teria feito a mesma pergunta a um homem, embora fosse igualmente rude. Só quero ter certeza de que não haverá uma agenda oculta quando alguém quiser fazer negócios comigo.

Ela ergueu as palmas das mãos. — Sem agenda oculta.

— Está bem então. As finanças de Cooper são boas. Sem dívidas pendentes para a empresa ou para você. — Ele se levantou quando ela assentiu e ofereceu sua mão. — Você tem um acordo.

De pé, ela tremia com seu novo parceiro.

— Agora vamos conversar sobre os termos.

Kane

Kane hesitou com a mão pronta para bater na porta de Mike Cooper. Ele tinha visto o homem um punhado de vezes ao longo dos anos, mas sempre com o buffer de trabalho entre eles. Mesmo quando estava tão desesperado por um cheque de pagamento que procurou seu velho amigo em busca de trabalho, ele o abordou por meio da empresa.

Não havia como dizer como Mike se sentiria por ele aparecer em sua varanda na hora do jantar.

Controlando os nervos palpitantes em seu estômago, ele cerrou a mandíbula e bateu na porta.

Houve um tempo em sua vida em que ele considerava Mike como uma família, tanto seu irmão quanto Scott sempre foram. Depois que as coisas deram errado com Mandy, no entanto,

foi muito difícil manter a amizade. Mike e sua irmã estavam inexoravelmente ligados, e Kane precisava de distância para se curar.

Ele ergueu a mão, pronto para bater de novo, mas pensou melhor. Talvez Mike não estivesse em casa ou talvez não estivesse interessado em uma explosão de seu passado. Empurrando o punho no bolso de sua jaqueta jeans desbotada, ele se virou em direção a sua moto no meio-fio.

A porta se abriu atrás dele.

— Kane?

Ele congelou ao som da voz familiar. Droga, isso o trouxe de volta. Para churrascos e jogos de beisebol. Para conversas tarde da noite tomando cervejas no quintal de Cooper.

Quantas noites ele ficou acordado até o amanhecer, conversando e rindo com Mandy, Mike e Cindy? Essas memórias eram tão claras como se tivessem acontecido ontem. Era como se nada tivesse mudado.

Até que ele se virou e deu a primeira olhada em seu velho amigo. O cabelo loiro encaracolado escureceu com a idade, os olhos castanhos de que ele se lembrava sempre brilhando de tanto rir estavam agora cansados e opacos. Mas essas não foram as maiores mudanças.

Mike sempre foi um homem grande com um sorriso fácil. Agora seus ombros largos estavam curvados na cadeira de rodas. Sua pele cedeu sobre os ossos e, embora ele sorrisse, parecia forçado.

Doeu olhar para ele. Ele tentou não recuar.

E Mike tinha que saber disso porque o sorriso em seu rosto desapareceu quando seus olhos se encontraram. — Sim. Eu pareço uma merda. — Ele suspirou e apoiou a cadeira de rodas no foyer. — Você só vai me olhar com esses olhos de cachorrinho, ou vai entrar?

Kane o seguiu até uma sala de estar aconchegante, depois afundou no grande sofá marrom para o qual Mike apontou. Não se parecia em nada com a casa de Charlie, mas ele sentia os ecos de todas as maneiras importantes. Cores quentes banhavam o espaço aconchegante, todas as texturas, suaves e convidativas. Um balanço de bebê estava no canto.

Ninguém duvidaria que uma família morasse aqui.

Uma pontada de ciúme passou por ele até que seu olhar voltou para o rosto abatido de Mike. — Você está horrível, irmão, — ele disse sombriamente.

Mike soltou uma risada. Não era como sua velha risada de barriga cheia, tinha mordida. — Pelo menos alguém está disposto a dizer isso. As garotas meio que fingem que está tudo bem na minha frente. Em seguida, elas sussurram sobre mim na outra sala, mas eu posso ouvir tudo. — Ele fez uma careta. — Temos babás eletrônicas por toda a casa, cara.

Ele sorriu apesar de si mesmo. — Arranjou outra criança, hein? — Ele tinha ouvido boatos de que Mike e Cindy tiveram um filho não muito depois que as coisas terminaram com Mandy. Ele deveria

ter vindo visitar então, mas ainda estava muito cru. — Menino ou menina?

Desta vez, quando Mike sorriu, atingiu seus olhos. — Uma menina. — Ele esfregou a mão em pequenos círculos sobre o peito. — Ela se parece muito com Cindy, mas de vez em quando, ela fica com essa expressão no rosto, e eu estou olhando no espelho. É a coisa mais terrível. Quando começo a sentir pena de mim mesmo por causa do acidente, olho para ela e me lembro de como sou sortudo.

— Ela está aqui?

— Não.

A rápida decepção com as palavras de Mike o pegou de surpresa.

— Mas ela estará de volta em breve. Cindy a levou para pegar um pouco de sorvete para a sobremesa. — Mike esticou o lábio inferior em uma paródia de beicinho. — Estou me sentindo mal por qualquer coisa, exceto Baskin Robbins[6].

Outra coisa que não mudou. Mike sempre foi um escravo de seu gosto por doces. Kane testemunhou pessoalmente o homem comer um galão inteiro de nozes-pecã de uma vez. — Não me diga que Cindy não pode ver através de sua merda de lamentar-me.

Mike encolheu os ombros com um leve movimento no canto da boca. — Alguns meses atrás, ela teria. Hoje em dia, ela está tão

6 *Traduzido de inglês-Baskin-Robbins é uma cadeia americana de restaurantes especializados em sorvetes e bolos. Sua empresa controladora é a Dunkin 'Brands. Sediada em Canton, Massachusetts, a Baskin-Robbins foi fundada em 1945 por Burt Baskin e Irv Robbins em Glendale, Califórnia.*

determinada a cuidar de mim, acho que ela se esquece de quem eu sou sob todo esse gesso. — Ele bateu em um dos dois modelos de perna impressionantes, o que terminou abaixo de seu joelho direito. A outra se estendia até a coxa, sob a perna de sua calça de moletom. Ambos foram decorados com artes de habilidades variadas, desde uma bela aproximação de uma borboleta a uma caveira com ossos cruzados, e alguns rabiscos vermelhos, claramente feitos por uma criança pequena.

Ele também viu um pequeno coração, marcado com a letra A.

Mandy.

Ele estremeceu, mas Mike não pareceu notar.

— Por pior que pareça agora, era pior quando todo o metal estava segurando minha pélvis no lugar. Pelo menos agora, estou fora da cama. — Os olhos de Mike desviaram-se para a porta da frente quando ela se abriu para revelar sua esposa, uma criança no colo, uma bolsa de fraldas em seu ombro e uma bolsa Baskin Robbins na mão.

Pulando de pé, Kane estendeu a mão para aliviar sua carga.

Suas sobrancelhas delicadas se franziram por um momento, e ela apertou sua filha com mais força. Sem dúvida, ela estava se perguntando o que um motoqueiro de aparência grisalha estava fazendo em sua sala de estar, possivelmente alcançando sua filha.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição. — Desculpe CeeCee, eu tendo a esquecer minhas maneiras quando vejo uma linda mulher carregando sorvete.

A tensão de Cindy se transformou em choque, suas sobrancelhas agora subindo em sua testa. — K-Kane?

Ele acenou. — Há quanto tempo.

Ela deixou a bolsa de fraldas deslizar para baixo em seu braço enquanto colocava a criança que se contorcia no chão.

Apoiada nas mãos e nos joelhos, a criança foi direto para a cadeira do pai.

Cindy ficou boquiaberta quando seu olhar varreu seu longo cabelo escuro, jaqueta desgastada e jeans, todo o caminho até suas botas pretas do Exército. Então ela sorriu. A expressão o levou de volta mais de uma década. — Eu não te reconheci em sua fantasia de Hells Angels. O Halloween foi semanas atrás.

— Ainda uma espertinha hein? — Ele agarrou seu braço e puxou-a para um abraço. — É bom saber que a maternidade não amoleceu você.

Ela retribuiu o abraço. — Você está de brincadeira? A maternidade torna você mais resistente. *Você* tenta cuidar de um menino de doze anos de idade, e vê como o coração mole que *você* pode ser. — Afastando-se, ela torceu o nariz. — Você não tem nada vivendo em sua barba desgrenhada, tem

— Cadela.

— Cretino. — Mike e Cindy falaram como um só.

A troca familiar iluminou seu coração. Ele soltou seu aperto e voltou para seu assento no sofá. — Senti saudades de vocês.

Cindy se sentou ao lado dele, a luz escurecendo um pouco em seu rosto. — Sentimos sua falta também. — Ela suspirou, pela primeira vez parecendo um pouco mais velha do que os vinte e dois anos de que ele se lembrava de sua juventude. — Você não precisava nos esquecer, Kane. Só porque você e...

— Eu sei. — Ele tinha falado de forma mais áspera do que pretendia, então tentou suavizar seu tom. — As coisas estavam... ruins para mim. Eu estava me afogando.

A mão dela descansou em seu antebraço. — Em tempos como esses, você mais precisa dos seus amigos.

— Mas vocês eram a família dela antes de serem meus amigos. — Ele apertou a mão dela. — Se houve uma ruptura, tinha que ser limpa. — Mesmo agora, as memórias de sua amizade ainda tinham o gosto de Mandy. — Eu deveria ter vindo antes disso, no entanto. Não deveria ter sido necessário uma experiência de quase morte para me trazer de volta.

A filhinha de Mike começou a chorar e se contorcer no colo do pai.

— Eu acho que ela precisa de uma mudança, Cin.

Ela deu uma última palmadinha no braço dele, depois ficou de pé antes de pegar na filha. — Ela também precisa de um banho. Vou colocar o sorvete no freezer enquanto vocês dois terminam de colocar a conversa em dia. — Ela lançou lhe um olhar caloroso. — Não espere tanto antes de voltar da próxima vez.

O choro ficou mais fraco enquanto Cindy se movia com seu bebê mais para dentro da casa.

Mike pigarreou. — Você não vai voltar, vai?

— É complicado, irmão.

Zombando, Mike recostou-se na cadeira. — Besteira. Você tem que perdoá-la. Já se passaram treze anos, cara. Você tem que deixar pra lá.

— Quem disse que não? — Sua voz era enganosamente suave.

Mike riu sombriamente. — Olhe para você. Você se juntou à gangue de motociclistas do seu pai. Você se tornou a coisa que mais odiava no mundo inteiro. Você é a definição ambulante de alguém que não larga a merda.

— Não é tão simples.

— O inferno que não é. Ela o deixou, e você deu as costas para quem era quando estavam juntos. Você largou seus amigos, seus sonhos. Mas você poderia ter tudo de volta. Corte o cabelo, raspe a barba, tire seu diploma. E pelo amor de Deus, afaste-se da gangue de motoqueiros. Nunca foi a vida que você queria.

As memórias de seus sonhos para um futuro eram um peso esmagador em seu coração. Era por isso que ele geralmente os engolia com cerveja, bourbon e buceta. Nenhum dos quais estava disponível no momento. — O clube é tudo o que tenho. — Embora fossem defeituosos, aqueles homens eram seus irmãos.

— Você tem a mim, — Mike disse calmamente. — Você tem o trabalho de construção. Ouvi dizer que você é muito próximo de um cara da equipe. É um começo.

— Os caras do clube estavam lá quando eu precisava deles, irmão.

— E eu não estava. Certo? — A mandíbula de Mike apertou. Uma veia pulsou em sua têmpora. — Eu teria sido se você me deixasse. Porra, Kane, nem sei o que aconteceu. Minha irmã nunca me diria. Tudo o que sei é que um dia você estava lá e, no próximo, desapareceu como a porra de uma nuvem de fumaça.

Seus dedos cavaram no tecido macio e felpudo da almofada do sofá. — Você quer saber o que aconteceu? Sua irmã arrancou meu coração. Quando eu mais precisei dela, ela me jogou fora e nunca olhou para trás.

---

13 anos atrás

Outubro

Scott não era um mentiroso tão bom quanto pensava.

Kane teria ficado mais do que feliz em pegar o ônibus para o shopping, mas seu irmão insistiu em lhe dar uma carona. De jeito nenhum Scott poderia saber que ele estava planejando olhar os anéis de noivado para Mandy, e de jeito nenhum ele iria descobrir. O

homem não conseguia falar o nome dela sem um sorriso de escárnio no rosto.

Ainda assim, aceitar o passeio na garupa de sua moto significava que ele poderia evitar a espera de vinte minutos no ponto de ônibus, e ele estava ansioso para começar a procurar o anel perfeito. Teria que ser pequeno, obviamente. Seu trabalho no banco mal cobria sua mensalidade, mas ele separou o suficiente para um pagamento inicial. Agora ele precisava de um joalheiro disposto a deixá-lo financiar.

Ele estava pensando sobre essas coisas quando aceitou a oferta de seu irmão, e eles haviam partido dez minutos atrás. Agora eles estavam parados em frente a um prédio de apartamentos de aparência sombria em Vine City, longe do shopping.

Scott disse que só precisava entregar algo. Ele estava mentindo descaradamente. Como sempre, seu olho esquerdo estremeceu quando a linha de touro saiu de sua boca. Pior ainda, um leve brilho de umidade pontilhou a testa de Scott. Os meses de outubro em Atlanta não eram exatamente frios, mas geralmente não aqueciam o suficiente para fazer alguém suar.

Exceto por qualquer motivo que Scott estivesse se escondendo.

— Por que você não entra comigo, K? Eu poderia usar um pequeno reforço.

Ele cruzou os braços. Seu irmão não conseguia nem olhar para ele. — Você sabe que eu não quero ter nada a ver com os negócios do clube. Por que você precisaria de reforços para uma entrega? —

Ele nem mesmo mencionou o óbvio. Scott não estava carregando nada para deixar.

Seu irmão fez um gesto impaciente em direção ao prédio. Era uma de pelo menos cinco grandes estruturas de tijolos aparecendo na frente deles. Um único gol de basquete sem rede estava em meio ao asfalto rachado. Um saco de Cheetos vazio deslizou lentamente pela calçada, mas nada mais se moveu à vista.

— Estou entregando uma *mensagem*, ok? — A voz de Scott era aguda. — Não estou pedindo muito a você. Apenas fique aí. Você não precisa pensar nisso como uma ajuda para o clube, você está ajudando seu irmão.

Um nó de mal-estar se apertou em seu estômago. — O que exatamente você precisa da minha ajuda?

Scott não respondeu. Ele avançou para o prédio de apartamentos, os ombros tensos, as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo.

Kane desceu da moto para alcançá-lo. — Scott...

A mão de seu irmão voou, silenciando a pergunta. Então ele bateu com os nós dos dedos contra a terceira porta à esquerda.

Ela se abriu instantaneamente para revelar um homem negro alto e corpulento com duas correntes grossas de ouro encostadas no V de uma camisa preta de mangas curtas. Ele tinha um charuto preso entre os dentes. Com um aceno curto para Scott, ele abriu a porta o suficiente para ele entrar.

Kane não teve escolha a não ser seguir.

Uma espessa névoa de fumaça de maconha embaçou a sala, dando a ilusão de bordas suaves em um espaço onde nenhuma realmente existia. Três homens estavam sentados em volta de uma mesa de cozinha cheia de sacos plásticos cheios de pó branco, tijolos, presumivelmente de maconha, embrulhados em papel pardo, pilhas de dinheiro e um par de pistolas.

Se ele sobrevivesse a essa "entrega," ele chutaria a bunda de Scott.

O grandalhão que atendeu a porta ficou atrás do homem sentado na cabeceira da mesa e cruzou os braços sobre o peito. O cara sentado, aparentemente seu chefe, parecia elegante em uma camisa preta de mangas compridas que conseguia parecer macia e elegante ao mesmo tempo. Negro, talvez quarenta, ele usava um diamante redondo e grosso na orelha esquerda.

O homem à sua esquerda parecia mais jovem. Careca e hispânico, ele usava uma camisa de seda dourada e um paletó da cor de um pavão. O terceiro cara, o mais próximo de Scott e Kane, era claramente um grunhido, um magricela de vinte e poucos anos com um boné de beisebol virado para trás.

O chefe falou sem tirar os olhos do dinheiro que contava. — Hale. — Sua voz não tinha inflexão. — Este não é o seu pescoço normal do bosque.

Scott pigarreou. — Não.

Colocando a última nota na pilha à sua frente, o homem olhou para cima. — Então o que você está fazendo aqui? — ele perguntou

suavemente. A pergunta era ainda mais ameaçadora com sua entrega gentil.

Scott olhou para a porta, então mudou seu olhar para Kane antes de voltar para o chefe.

Ah Merda. Seu coração se alojou na garganta.

— Apenas entregando uma mensagem. — Um segundo depois, Scott tinha uma arma na mão e estava descarregando balas no homem de preto e no guarda-costas atrás dele.

Kane ficou paralisado, com os ouvidos zumbindo, despreparado enquanto o cara magricela com o boné de beisebol se levantava. Tudo aconteceu em câmera lenta enquanto o homem puxava uma lâmina perversa de seu cinto e avançava em direção a Scott.

Não houve pensamento, apenas instinto, enquanto ele se colocava entre a faca e a garganta de seu irmão. A lâmina serrilhada cortou sua bochecha esquerda.

Ele desferiu um soco e seu agressor se dobrou, então o golpeou novamente com sua lâmina. Desta vez, o metal lançou fogo em seu estômago.

Mais tiros voaram ao redor dele, e o golpe de uma bala penetrou em seu ombro. Ele caiu como uma tonelada de tijolos, seu agressor caiu a alguns metros de distância, seus olhos mortos olhando para o teto.

A sala estava em silêncio agora. Sua visão nadou, a escuridão ameaçando dominá-lo.

Calça azul pavão e uma mochila passaram por sua linha de visão. — Seu dinheiro, Señor Hale. Você verá que o dinheiro está todo lá, conforme prometido. — Um sotaque espanhol. — Agora eu sugiro que você cuide de seu jovem amigo. Ele não parece muito bem.

Foi a última coisa que ele ouviu antes que o mundo desaparecesse.

Ele acordou no hospital. Tudo doía.

Seu quarto estava silencioso, exceto pelo bipe constante do monitor cardíaco. Nenhum sinal de seu irmão ou de seus pais. Ele piscou e os últimos vestígios de luz do dia desapareceram. Uma luz fraca brilhou de um painel acima de sua cama. Uma pressão suave apertou sua mão.

Ele se virou em direção ao pequeno soluço de sua direita.

— Mandy, — ele murmurou. A pele de seu rosto puxou contra a fita e a bandagem enquanto ele formava a palavra.

Lágrimas escorreram de seu rosto. Seu lindo cabelo emaranhado em uma desordem selvagem. Ele tentou se inclinar em direção a ela, para confortá-la, mas a dor de se mover o nivelou de volta na cama. Ele tentou engolir, mas sua língua estava tão seca que grudou no céu da boca. Uma tosse sacudiu seu corpo e, meu Deus, doeu. Ainda assim, ele não conseguia parar.

Finalmente, um canudo escorregou entre seus lábios e a água fria o ajudou a se acomodar. Mandy segurou o copo perto dele até que ele bebesse o suficiente, então o colocou na bandeja ao lado dela.

— Estou tão feliz por você estar aqui, — ele sussurrou, apertando a mão dela fracamente. Ele cometeu um grande erro ao seguir seu irmão em um estúpido antro de drogas. Nunca mais. Ele cortou o cordão. O negócio de sua família era passado. Mandy era seu futuro.

Ela afastou a mão da dele. — Eu não posso mais te ver.

Suas palavras não faziam sentido.

O medicamento deve estar mexendo comigo.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu não posso estar envolvida neste mundo, Kane. — Ela enxugou as lágrimas de seu rosto e endureceu sua expressão. — Você sabe quantas pessoas morreram hoje?

— Mas... — Sua voz falhou. Deus, ele se machucou muito.

Ela ficou. — Não me ligue. Eu não vou responder. Não tente me ver, você não faz mais parte da minha vida. — Ela deu as costas para ele e foi até a porta.

Lágrimas brotam de seus olhos.

O que está acontecendo?

Nada fazia sentido. A única coisa que ele sabia era que tinha que impedi-la de sair pela porta. Ele se forçou a ficar de pé, a dor em seu estômago queimando de novo. O sangue vazou por seus lençóis. Ele estendeu a mão.

— Mandy.

— Adeus, Kane.

Ele se sentia como se estivesse morrendo. E quando seu último vislumbre de seu cabelo ruivo desapareceu da sala, ele não teve mais vontade de lutar contra isso.

CAPÍTULO OITO

Kane

Kane não conseguia olhar para Mike enquanto ele contava a noite em que se recusou a pensar em anos. Nas semanas e meses depois que Mandy o deixou, ele dissecou a memória de todas as maneiras que pôde. Ele tentou entender, mas todas as vezes não conseguiu. Eventualmente, ele simplesmente parou de tentar.

— Você nunca tentou vê-la de novo? — As palavras de Mike finalmente o fizeram erguer os olhos. — Nunca tentou ligar para ela?

Ele soltou um suspiro profundo. — Claro que sim. Mas ela não atendia minhas ligações. Você não a viu. Ela até teve um guarda-costas por um tempo para me manter longe.

— Ela não veio aqui por semanas. — Mike parecia estar falando sozinho. — Não atendia minhas ligações também. Achei que ela precisava de tempo. — Seus olhos se estreitaram quando ele voltou a se concentrar em Kane. — Eu sempre pensei que você devia tê-la traído ou algo assim. Nada mais fazia sentido. Ela te amava.

O calor subiu por seu pescoço. — Foda-se você. Eu teria cortado meu braço por sua irmã. Eu nunca olhei para outra mulher. — Ele se levantou, sua voz aumentando com sua indignação.

— Então, você está dizendo que ela o deixou porque seu irmão bandido arrastou você para um tiroteio? — Mike balançou a cabeça como se suas próprias palavras não fizessem sentido.

Ele suspirou profundamente, o peso familiar da memória se acomodando em seu peito. — Algo, ou *alguém*, ateou fogo ao prédio depois que eu desmaiei. — Ele esfregou os dedos sobre o vinco da testa.

Mike encolheu os ombros. — OK. Ainda não... — Ele engasgou quando a compreensão o atingiu. — Oh meu Deus. O grande incêndio no apartamento em Bluff?

— Sim, — ele murmurou.

O horror no rosto de Mike deu um soco no estômago.

— Cerca de vinte pessoas morreram. Puta merda, Kane. Foi você?

Rosnando, ele se levantou e se aproximou de seu ex-amigo. — Não, não fui *eu*. Você estava mesmo ouvindo? Eu estava inconsciente, porra.

— Afaste-se do meu irmão. Agora mesmo. — Gelo e aço reforçaram a voz de Mandy atrás dele.

Ele se virou para encará-la, observando seu cabelo flamejante e sua expressão feroz. Sua pulsante raiva silenciou o efeito que sua proximidade geralmente causava. — Recue. Isso não tem nada a ver com você.

Uma mentira.

Seus olhos verdes brilharam perigosamente. — Meu irmão tem tudo a ver comigo. Ameace-o de novo e usarei seus intestinos como um chapéu.

— Eu não o estava ameaçando. — Graças a Deus havia móveis entre eles. O desejo de sacudi-la o oprimiu, embora ele nunca tivesse realmente colocado as mãos em uma mulher com raiva.

Ela balançou a cabeça. — Besteira. Você está na cara dele...

— Eu não estou... — Suas vozes escalando tentaram abafar uma à outra.

— Já é suficiente. — A voz afiada de Cindy cortou o ar, silenciando os dois. O bebê em seu quadril estava chorando. — Leve isso para fora. — Mike ficou boquiaberto em um silêncio atordoado ao lado dela.

Mandy girou nos calcanhares e saiu pela porta da frente. Ele seguiu em seus calcanhares.

A porta mal se fechou atrás deles quando ela o cutucou no peito. — Não foi *isso* que eu quis dizer quando disse que você deveria vir visitá-lo.

— E é tudo sobre o que você quer, certo, Vossa Alteza? — Ele escolheu propositalmente uma variação do antigo apelido de Scott para ela, e ela se encolheu.

— Mike está se recuperando de um grave acidente. A última coisa que ele precisa é você intimidá-lo por algo que aconteceu há cem anos.

Cem anos atrás? Reviver o que aconteceu no hospital fez com que parecesse mais com ontem. Ele olhou incisivamente para o lugar onde o dedo dela ainda estava apoiado em seu peito, então ergueu a sobrancelha.

Ela largou a mão e a sacudiu como se estivesse queimando, então fez um barulho frustrado no fundo da garganta.

— Está tudo bem aqui?

Ele olhou por cima do ombro de Mandy para a pergunta silenciosa. A primeira coisa que registrei foi o cabelo. O cabelo do menino era do mesmo belo ruivo de Mandy.

— Tudo bem, Joshua— murmurou ela. — Vá para dentro com seus pais. Estarei aí em um minuto.

Pais? De jeito nenhum esse garoto era Mike e Cindy. Não com a pele escura de Cindy e os cachos loiros sujos de Mike.

Esse garoto tinha cabelos de fogo e olhos verdes que ele só poderia obter de um lugar.

Mandy.

Ela se afastou dele tão rapidamente? Ele cambaleou para trás. — Quantos anos você tem?

O garoto, Joshua, ela o chamava, franziu a testa. — Tenho doze anos. Por quê? Quem é você?

Ele procurou as feições do menino. Este poderia ser…?

De repente, o ar ficou mais rarefeito. Seu peito ficou tenso.

Joshua disse algo a Mandy que ele não conseguiu entender, então entrou na casa.

— É por *isso* que você me deixou? — O emaranhado de emoções crescendo em seu peito fez sua cabeça girar. Ele se encostou no revestimento ao lado da porta da frente.

Todo esse tempo. Ele tinha um filho e não sabia disso.

Ele tinha um filho.

— Como você pôde esconder isso de mim? — ele rugiu.

Mandy empalideceu. — Ele não é seu.

Ele encontrou o equilíbrio novamente, e a raiva borbulhou. — Porra, que ele não é.

Ela estendeu a mão, colocando a mão em seu braço, mas ele a afastou. — Ele nem é meu.

A mentira queimava como fogo. Pela primeira vez, as coisas começaram a fazer sentido. Por que ela o deixou. Por que ela nem mesmo o viu todos aqueles anos.

Ele a amou por tanto tempo. Mesmo depois que ela esmagou seu coração. Mesmo depois que ela o arruinou para qualquer outra mulher. Mas agora? Pela primeira vez, ele soube o que era odiá-la. — Eu quero um teste de DNA. — Ele passou por ela, indo em direção a sua moto. Ele precisava estar em qualquer lugar, menos aqui.

Ela correu atrás dele. — Joshua não é nosso filho.

— Você acha que eu sou cego? — ele gritou enquanto se virava para encará-la. — Você e Mike não compartilham uma única fita de DNA. O filho dele se parece com você.

— Ele é meu irmão, — ela disse fracamente.

— Seu *meio-irmão*. — A fúria ameaçou fazê-lo explodir. Ele se voltou para sua Harley antes de dizer ou fazer algo que não poderia retirar.

— Não. — Ela se colocou entre ele e a moto, bloqueando seu caminho. — Joshua é meu irmão.

Ele balançou a cabeça, seu cérebro tentando entender o que ela disse.

Ela seguiu em frente. — Nós dois parecemos com minha mãe. Joshua é filho dela com Charlie.

— Mas... eles morreram. — Apenas alguns meses depois que Mandy o deixou. Ele não tinha ouvido nada sobre um bebê.

Mandy fechou os olhos com força. — Mamãe não contou a ninguém que estava grávida até depois do primeiro trimestre. Ela estava na casa dos quarenta, ela estava preocupada com um aborto espontâneo. Ela estava com cerca de sete meses quando o acidente de carro deles aconteceu. O bebê sobreviveu, ela não. Eu te dou minha palavra.

Sua mente se embaralhou, procurando um buraco em sua história. Seus joelhos enfraqueceram, a raiva dando lugar a uma tristeza esmagadora. Houve um tempo em que ele teria aceitado a

palavra de Mandy sem questionar, quando pensava que a conhecia. Ela era uma estranha agora.

Ele caminhou ao redor dela e subiu em sua moto do outro lado. — Sua palavra não é boa o suficiente. Não quando é tão importante. Eu preciso de provas. — Ele apertou o botão de ignição e o motor roncou entre suas pernas. — Você tem até segunda-feira.

Ignorando sua expressão aflita, ele acelerou o motor e saiu para a rua.

Amanda

Os olhos de Amanda ardiam enquanto Kane se afastava, seus longos cabelos escuros esvoaçando atrás dele. Até que ponto ela havia caído aos olhos dele para que ele acreditasse que ela teria mantido um filho longe dele?

Cansada e com o coração partido, ela voltou para a casa do irmão.

Mike não estava à vista, mas Joshua estava sentado no sofá, os braços finos cruzados sobre o peito. Ele se levantou quando ela entrou. — Eu finalmente consegui ver o infame Kane. — Ele franziu a testa. — Ele pensava que eu era filho dele, não é?

Ela ficou boquiaberta. — Onde você ouviu o nome dele?

Joshua revirou os olhos. — Você está brincando comigo? Eu ouvi seu nome minha vida inteira. Ser criança não me deixa surdo e, apesar do que todos vocês pensam, não me deixa burro. Claro, o cara pensou que você fosse minha mãe. Eu costumava me perguntar a mesma coisa.

Ah não. Ela esfregou o peito enquanto se jogava no sofá. — Oh querido. Por que você não disse nada?

— Acabei conseguindo, mas por muito tempo antes de falar com papai, costumava inventar histórias na minha cabeça. Sobre por que você desistiu de mim... sobre como você pode me querer de volta algum dia. Sobre o cara Kane que mamãe e papai cochichavam às vezes. — Seus olhos perderam um pouco de seu fogo. — Estou feliz por saber a verdade agora. Isso torna as coisas mais fáceis.

— Devíamos ter contado a você antes. — Há quanto tempo ele pensou que ela o rejeitou?

Mike saiu da cozinha. — Está ficando tarde, Josh. Vá terminar seu dever de matemática.

Joshua acenou com a cabeça e saiu da sala sem dizer mais nada.

Mike esperou até que a porta do quarto se fechasse antes de falar novamente. — É hora de parar de guardar tantos segredos.

Ela guardou tantos por tanto tempo que não conseguia imaginar como seria sua vida sem eles. Seus segredos a definiram por mais tempo do que ela queria admitir.

— Ele me contou o que aconteceu na noite em que você terminou com ele. — Havia uma sugestão de acusação ali. — Você deveria saber que ele não teve nada a ver com o incêndio, Amanda. O cara que ele era não teria machucado uma mosca.

— Eu não posso fazer isso, Mike. — Ela precisava de uma bebida. Felizmente, ela sabia onde seu irmão guardava o bourbon. Uma dúzia de passos para a cozinha, então ela tinha um copo alto na mão. A queimadura familiar acalmou os cacos de gelo em seu peito.

Mas Mike estava bem atrás dela. Ele estava claramente indisposto a deixar isso passar. — Ele ia comprar um anel para você, pelo amor de Deus.

Ela não queria saber disso. Mais Bourbon, mais queima. — Deixe isso em paz, — ela murmurou.

— Eu não vou! — ele gritou. — Eu nunca deveria ter deixado isso sozinho por tanto tempo. O que diabos aconteceu, Amanda? Eu sei que você o amava, e o pobre bastardo obviamente amava você também.

— Pare. — Com as lágrimas ameaçando, ela as empurrou de volta e bebeu da garrafa.

— Foi o seu pai. — Ele disse baixinho, sem sombra de dúvida. — Nada mais faz sentido. Ele nunca quis você com Kane. O que não entendo é como ele fez você concordar com isso.

— Que diferença isso fez agora? Ele o teria colocado na prisão pelo resto da vida, — disse ela em tom sombrio. — Ele ainda podia. Não há estatuto de limitações para assassinato.

13 anos atrás

Outubro

Um bebê.

Amanda não pôde deixar de sorrir enquanto erguia o macacão minúsculo com a insígnia do Atlanta Braves. Não importava se ela tinha um irmão ou uma irmã, essa criança seria fã dos Braves. Ela pagou pela roupa e cantarolou baixinho ao sair da loja.

O sol em seu rosto era a cereja no topo da deliciosa tarde de outono. Uma brisa fresca levantou seu cabelo de seu pescoço. Ela parou a apenas alguns metros do meio-fio quando o BMW prata de seu pai parou na frente dela.

A janela do lado do passageiro baixou. — Entre.

Ignorando sua inquietação crescente, ela entrou. — Como você sabia que eu estava aqui? — Ela estava com a mãe antes de começar a fazer compras, ela nem mesmo via o pai há semanas.

Ele não respondeu a sua pergunta enquanto entrava no trânsito. Era apenas alguns quarteirões até sua casa. Ele saiu do

carro sem dizer uma palavra, presumindo que ela o seguiria, o que ela fez, mas apenas após um suspiro profundo.

Surpreendentemente, ele a conduziu até seu escritório, onde ligou a TV montada na parede. A notícia tocou, um incêndio gigante ardeu no que parecia ser um prédio de apartamentos. As palavras na parte inferior da tela eram:

VINTE E DOIS DESAPARECIDOS,

POSSIVELMENTE MORTOS NO INCÊNDIO DO APARTAMENTO.

— Que terrível— ela murmurou.

— Isso vai mandar seu namorado para a cadeia pelo resto da vida.

Ela se virou a tempo de ver a sugestão de um sorriso no rosto de seu pai antes de desaparecer. — Do que você está falando?

Ele juntou os dedos sob o queixo. — O moleque que você tem visto. Ele é o responsável por isso.

Ela não acreditou nele por um segundo. — Kane nunca provocaria um incêndio, pai. Não seja ridículo.

Ele entrelaçou seus dedos perfeitamente manicurados e os deixou cair na frente de sua cintura. — O que é ridículo é minha filha, envolvida com um membro da família Hale. Essas... pessoas...

vivem à margem de nossa sociedade. Gangues de motociclistas, drogas e armas. Está tudo abaixo de você, Amanda.

Havia uma razão para ela manter sua vida privada longe de seu pai. — Kane não está envolvido nas negociações de sua família.

— Sério? — ele meditou, e o pavor percorreu sua espinha. Alcançando sua mesa, ele girou seu laptop aberto para encará-la. Congelado na tela, havia uma imagem estática de Kane e seu irmão na motocicleta de Scott. Ele apertou a barra de espaço, e ela observou os dois trocarem palavras antes que Scott se afastasse. Kane o seguiu até o prédio de apartamentos que ela viu em chamas na TV.

Ela engoliu em seco. — Ok, ele estava lá. É um salto muito grande passar de pisar na propriedade para ele colocar o fogo.

— Não quando eu tenho alguém ameaçando testemunhar se eu não pagar. — Seu pai quase sibilou. — Não gosto de ser ameaçado, Amanda. E eu não aprecio você dar a alguém os meios para fazer isso.

— Não tenho nada a ver com você sendo chantageado. — O calor subiu por seu rosto. — E eu não me importo com o que algum canalha diga, Kane não fez isso.

— Aquele canalha... é um policial disfarçado. — Ele fechou o laptop. — Se você acha que a palavra dele não tem peso, você é uma tola.

Nada disso fazia sentido. Kane não queria nada com o clube de motociclismo de seu pai, ela apostaria sua vida nisso. — Eu sei que ele tinha uma boa razão para estar lá.

— Não importa, Amanda. Se ele fez isso ou não, este policial tem o poder de prendê-lo. A menos que eu pague a ele para não fazer isso.

— Quanto ele quer? — Ela tinha algum dinheiro economizado. Talvez ela pudesse cuidar disso sozinha.

— Cinquenta mil dólares. — As palavras caíram como um balão de chumbo. — Seu namorado teve o motivo, os meios e a oportunidade de colocar este fogo. Há uma testemunha ocular e um vídeo colocando-o no local.

Motivo? — Ele não tinha motivo, pai. O que ele poderia ter a ganhar?

Ele passou a mão pelo cabelo em um gesto nada típico de Beauregard. — Para beneficiar a organização de seu pai. Os verdadeiros alvos estavam no comércio de drogas. Eles eram os homens com quem o policial estava metido. Não tenho certeza de como essa mudança na liderança está ligada ao '*clube de motociclistas*' de sua família , — disse ele, curvando os dedos em aspas, — ... mas esse é o ponto crucial. Se o garoto Hale faz parte do clube ou não, isso é irrelevante. Algumas pessoas realmente valorizam a aprovação do pai.

Sua pequena escavação acertou em cheio. Ela sabia que seu pai a amava, mas era um tipo de amor egoísta. Era da mesma forma

quando ele estava com a mãe dela. Se ela não o colocasse em primeiro lugar, se ela não visse as coisas do seu jeito, ele tomava isso como uma afronta pessoal. Você estava com ele ou contra ele. Ela suspirou. — O que nós vamos fazer?

— Nós? — Ele estreitou os olhos e se aproximou dela. — *Não* vamos fazer nada. *Vou* pagar a este bastardo por seu silêncio.

Ela soltou a respiração que estava prendendo. — Obrigada...

— *Você*, — ele continuou como se ela não tivesse falado, — vai cortar todos os laços com Kane Hale. Agora e sempre.

— Não, — ela respirou.

O pai dela colocou o rosto a centímetros do dela, tão perto que ela podia sentir o cheiro da fumaça do charuto em seu hálito. — Aí sim. Não vou me deixar aberto assim de novo. Você quer salvar este jovem, dê-me o que eu quero.

Lágrimas escorreram por seu rosto, mas seu pai parecia indiferente. — Decida agora. — Isto. Esse era o tipo de coisa de que sua mãe fugia, mas agora Amanda estava presa.

Que escolha ela teve? Ela assentiu.

— Ele está no Hospital Northside. Vá agora. Faça uma termino limpo.

Ela se virou com o coração na garganta. Seu estômago embrulhou, ameaçando esvaziar seu conteúdo no tapete Aubusson.

— E Amanda, não tenha ideias sobre mudar de ideia mais tarde. Se você voltar atrás em nosso acordo, irei pessoalmente à

polícia. Isso fica entre nós. Lembre-se, não há estatuto de limitações para assassinato.

CAPÍTULO NOVE

Amanda

Mike ouviu a confissão de Amanda sem sequer uma contração no rosto. Mas no momento em que ela terminou sua história, suas feições se contorceram. — Seu pai é um bastardo rançoso.

Não era a resposta que ela esperava, mas era verdade, no entanto. Beau Griffin também era controlador e narcisista. Seus modos educados e sorriso encantador, as ferramentas simples que ele usava para aumentar sua popularidade entre as pessoas. A consideração deles alimentou seu poço sem fundo de necessidade de respeito e adoração. Não importa o quanto eles tentassem, o amor simples que ela e sua mãe tinham para dar nunca poderia ter sido suficiente. Elas estavam condenadas a desapontá-lo.

O bourbon não queimou mais quando ela o engoliu, geralmente um sinal de que ela precisava parar de beber. Ela colocou a tampa de volta na garrafa e a colocou de volta em seu lugar acima da geladeira lado a lado. — Seja como for, ele é a única razão pela qual Kane está andando livre.

Mike revirou os olhos. — Ele é a razão pela qual Kane foi ameaçado em primeiro lugar.

— Ah, mas você está se esquecendo de uma coisa, irmão mais velho. Meu pai não teve nada a ver com a ida de Kane para o prédio ou com o que quer que tenha desabado lá dentro. — Ela arrastou uma das cadeiras da cozinha de debaixo da mesa redonda de carvalho e se sentou. — Você não acha que me ocorreu que ele estava por trás de tudo? Mas não faz sentido. Havia muitos fatores fora de seu controle.

Mike foi até a geladeira e tirou um prato coberto com filme plástico. Ele se ergueu sobre um calcanhar para colocá-lo no micro-ondas e apertou o botão iniciar, então sentou-se para observar o prato girar na bandeja giratória.

— Acho que você está certa, mas isso não muda o fato de que ele manipulou as circunstâncias a seu favor. Ele nunca quis você e Kane juntos. Achava que ele estava abaixo de você, como pensava que meu pai estava abaixo da sua mãe.

O cronômetro disparou e ele ergueu-se novamente para retirar o prato. Ele o colocou no colo, então pegou um garfo da gaveta e entregou a ela.

Sob o celofane, ela avistou duas pernas de frango, um pouco de purê de batata e milho. Seu estômago gorgolejou.

— Coma, — ele repreendeu.

Ela tirou a cobertura e moveu a comida com o garfo. O cheiro era incrível. — Você está certo. Meu pai não faz nada pela bondade de seu coração. — Veja o preço que ela teve que pagar por sua ajuda na

empresa. Embora ela não tivesse intenção de compartilhar esses detalhes com seu irmão.

Ela soprou uma garfada de batatas fumegantes. — Não importa de qualquer maneira. Kane e eu somos pessoas diferentes agora. — Com cuidado, ela deslizou a mordida cremosa em sua boca.

— Para uma mulher inteligente, com certeza você é estúpida às vezes. — Mike lhe lançou um olhar condescendente. — Ainda é Kane. Ele ainda é o mesmo cara.

Mike não poderia ser tão ingênuo. Ela grunhiu enquanto engolia a comida. — O Kane com quem eu estava nunca teria entrado para uma gangue de motoqueiros. Ele odiava tudo sobre isso. Ele queria ser um banqueiro de investimentos, pelo amor de Deus. Agora ele está bem ali, vivendo a vida com seu irmão idiota e pai misógino. Ele vive fora da sociedade. Se essas coisas não o tornassem um homem diferente, não sei o que faria.

Seu rosto se suavizou. — Fale com ele. Deus, irmã, você deve isso a ele.

— Sim. — Ela deu mais algumas mordidas, mas mal saboreava sua refeição. — Eu preciso de uma cópia da certidão de nascimento de Josh. Kane o viu esta noite, ele pensa que é nosso.

— Droga, — ele murmurou. — A reação dele não pode ter sido bonita.

A comida não tinha mais nenhum apelo. — Não foi. — A exaustão era um peso esmagador em seus ombros. — Você se

importa se eu dormir aqui esta noite? — Amanhã é sábado, não era como se ela tivesse que trabalhar.

Ela não esperou por uma resposta. Depositando seu prato na pia, ela tropeçou para o quarto de hóspedes e caiu de cara na cama.

Ela sonhava em beijar as cicatrizes de Kane em sua cama de hospital, uma vida livre de seu pai e um bebê com cabelo castanho escuro e olhos verdes que ela poderia chamar de seu.

Kane

Kane semicerrou os olhos contra os raios do sol da tarde queimando suas retinas. Embora ele usasse um par de óculos de sol duráveis, uma noite com pouco ou nenhum sono o deixou sensível à luz.

Ele não conseguia encontrar nenhuma lacuna na história de Mandy sobre o garoto que vira na varanda de Mike, mas também não conseguia descartar a possibilidade de que fosse tudo mentira. Talvez uma parte dele *quisesse* que fosse uma mentira.

A ideia de ter um filho seu, um filho, fez algo em seu interior que ele não conseguiu examinar de uma vez. Havia esperança ali, mas também raiva e um profundo sentimento de traição. Surpreendente,

já que ele pensava que Mandy já o havia derrotado tanto quanto uma pessoa poderia.

A buzina estridente de um carro atrás dele o tirou de seus pensamentos. O sinal ficou verde. Com um suspiro, ele ergueu a mão em reconhecimento antes de retomar seu curso para a parte mais decadente da cidade.

As ruas repletas de Wal-Marts e Applebee's se foram. Agora ele passou por pequenas casas há muito tempo adaptadas como vários negócios. Um era rosa desbotado com um aparelho de ar condicionado enferrujado na janela da frente e uma placa de madeira anunciando um médium dentro. O próximo a ele era azul com um quintal feito principalmente de ervas daninhas curtas e sujeira que dizia ser uma creche. Um — KinderKare[7], — de acordo com as letras estampadas ao lado da porta.

Algumas das casas pareciam estar abandonadas há anos. Duas tinham evidências de fogo, um não tinha telhado algum. Depois, um antigo posto de gasolina... um terreno coberto de mato com um sofá surrado na lateral e dois pneus carecas... e, finalmente, seu destino.

Ele estremeceu ao chegar ao enorme complexo de apartamentos. Era o mesmo lugar para onde Scott o arrastou anos atrás. O lugar onde um aspirante a gangue esculpiu a porra de uma ravina em um lado do rosto. O lugar onde a vida como ele a conhecia parou bruscamente.

Ele estacionou ao lado do Dyna Low Rider de seu irmão e tentou ignorar a carcaça queimada do Edifício D enquanto passava. Depois

---

7 Escola infantil americana desde do berçário até 12 anos

de todos esses anos, ninguém tocou em nada, foi deixado como um monumento macabro às famílias que morreram lá dentro. Ou talvez ninguém tivesse dinheiro ou motivação para consertar.

Esfregando a cicatriz em sua bochecha, ele caminhou até o Edifício E, projetando uma indiferença tão real quanto uma nota de três dólares. A última coisa que ele precisava era que alguém sentisse o cheiro de sangue na água.

A porta se abriu antes que ele tivesse a chance de bater. Ele não reconheceu o cara que acenou para ele entrar, mas ele parecia jovem o suficiente para estar no colégio, pele escura, cabelo cortado rente ao couro cabeludo, jeans e uma camiseta. Mas seus olhos eram mais velhos e o cabo de uma arma aparecia em sua cintura.

Ele afastou suas dúvidas e seguiu o som da voz de seu irmão.

— ... Não será nenhum problema. Temos os homens para manter o negócio funcionando e uma reputação garantida para fazer qualquer um pensar duas vezes antes de tentar tirar o nosso dinheiro. — Scott exibia seu sorriso mais arrogante enquanto falava sobre o clube com um cara negro em seus cinquenta e poucos anos vestindo um impecável terno cinza de três peças sobre uma camisa social preta de colarinho aberto.

O homem traçou a barba rala ao longo de sua mandíbula com as costas dos dedos. — Muito bem, Sr. Hale, porque se abrirmos negócios juntos, o seu dinheiro é o nosso dinheiro. — Ele se virou para uma pequena comitiva de três homens atrás dele. — Jay, o que você acha?

O cara que fez uma careta estava com jeans preto e uma camisa branca com uma jaqueta de couro que devia estar sufocando no apartamento quente. — Você sabe o que eu penso, Ace. Nosso foco deve ser o que aconteceu com Sucre.

Os caras ao redor dele concordaram com a cabeça.

Ace, obviamente o chefe, balançou a cabeça. — Nós conversamos sobre isso.

— Você me perguntou minha opinião e é isso. — Jay se separou do grupo e caminhou pela sala. Não havia muito espaço, mas parecia muito melhor do que Kane jamais teria esperado do lado de fora. Um sofá de couro preto e uma cadeira na sala de estar à esquerda. Uma grande tela plana na parede. E uma longa mesa de vidro na extremidade direita da sala. Provavelmente foi movido para criar o espaço vazio onde eles estavam. Na maioria dos apartamentos, seria a cozinha americana.

Algo disse a ele que ninguém cozinhava aqui, ninguém dividia este espaço para uma refeição em família.

Não. Este lugar era para negócios, e suas visitas não podiam acontecer com frequência. Sem pratos em qualquer lugar. Sem latas de lixo. E um leve brilho de poeira refletido na tela da televisão.

Os lábios de Jay se contraíram. — Sucre não se afastou de nós simplesmente.

O estômago de Kane revirou. Eles não podiam saber que o clube eliminou Sucre. Ele e Scott estavam em desvantagem. Se isso desse errado, nenhum deles sairia daqui vivo.

Felizmente, Jay parecia alheio a seu desconforto. — O cara era assustador pra caralho, mas ele nunca nos deu motivos para duvidar de sua lealdade. Ele pagava na hora certa. Ele cumpria suas obrigações. — Jay ficou mais animado à medida que prosseguia. — Ele era nosso *associado,* e tudo o que aconteceu com ele é um reflexo de nós.

Ace balançou a cabeça com o sofrimento de um pai explicando algo para seu filho rebelde. — Não temos razão para acreditar que ele não pegou seu dinheiro e se mudou para as Bahamas. — É o eco de um argumento feito muitas vezes antes.

— Besteira, cara, e você sabe disso. — Os homens que estavam com Jay assentiram com suas palavras. — Alguém o derrubou, e quem quer que tenha feito isso tirou toda a sua tripulação. A menos que você pense que *todos* eles foram para as Bahamas.

— É o suficiente. — A mão de Ace cortou o ar. — Eu já te disse isso. Se descobrirmos que alguém matou De la Cruz, cuidaremos disso. Nesse ínterim, temos um negócio para administrar. Para ganhar dinheiro, precisamos de um distribuidor. Minha única pergunta para você agora é quem vai ser. — Ele se voltou para Scott. — Obviamente, temos muito interesse no que se passou há pouco tempo. Na minha opinião, no entanto, o seu clube parece ser um dos mais adequados para o possível sucesso.

Scott sorriu. — Não pediríamos o trabalho se não estivéssemos prontos para ele.

O homem dispensou a garantia de Scott. — Obviamente, seu clube fez um nome para si mesmo em armas. Eu entendo que você

trabalha muito e sabe como ser discreto. Minha única preocupação é o impacto do seu plano de diversificação.

Havia uma razão para esse cara estar no comando. Ele fez a pergunta certa, e foi a que Scott parecia determinado a ignorar.

Seu irmão inclinou a cabeça para o lado como se não entendesse o que Ace estava dizendo. Talvez ele não tenha.

Kane pigarreou. — Ainda estamos comprometidos com nossos parceiros de negócios originais. A lealdade também é importante para nós. — Ele deu o que deveria ser um aceno tranquilizador para Jay, que ainda estava andando na frente da tela plana. — Trabalhamos com esses parceiros há mais de uma década. Nosso clube cresceu ao longo dos anos e temos homens suficientes para dirigir as duas operações.

Um dos caras que estava ao lado de Jay falou pela primeira vez. Seus braços estavam cruzados com força na frente dele. — Sucre tinha mais do que o dobro de homens.

Ninguém estava mais olhando para Scott. Kane gostava mais quando ele estava invisível. — Como nós, Sucre tinha interesses diversos. Mas, ao contrário de nós, ele não tinha outros parceiros. Ele precisava de mais executores para cobrar os empréstimos que ele patrocinou. — Ele deu de ombros e ergueu as palmas das mãos vazias. — Não temos interesse em nos tornar agiotas. Os custos iniciais são muito altos, e o policiamento dos retornos requer mão de obra adicional e produz resultados não confiáveis.

Ace ergueu uma sobrancelha. — De fato. — Ele enxotou Jay para fora da sala e seu tenente voltou um momento depois com duas grandes malas pretas, que deixou cair aos pés de Kane.

— H em uma sacola, produtos de coca na outra. — Ace se aproximou dele, Scott quase esquecido. — Você quer metanfetamina, faça a sua própria. Maconha e pílulas, você terá que ir para outro lugar. Mas eu serei seu único fornecedor dos produtos que carrego.

Não era uma pergunta, mas ele concordou mesmo assim. — Meu irmão está com suas armas.

Dois dos homens sentaram-se com Scott à mesa para separar as armas.

Ace estava a meio metro de Kane. Ele falou suavemente. — Uma última coisa. Não importa o quão desagradável seja tudo isso, é um negócio. E eu sou um empresário.

Não havia dúvida em sua mente.

— Seu irmão não é.

Sem dúvida também.

— Antes de você falar, eu estava preparado para me afastar de sua proposta. No entanto, você me parece alguém com quem eu poderia trabalhar. Esta... associação entre o meu povo e o seu depende do seu envolvimento contínuo. Suponho que minha advertência seja passível de você.

Ele olhou para seu irmão, cuja mandíbula estava cerrada. Ace tinha falado suavemente, mas Scott claramente ouviu tudo.

Mas não importava. Esse era o acordo. É pegar ou largar.

— Está tudo bem, — ele concordou rispidamente.

— Verifiquei as armas. — Jay colocou a mochila pesada de Scott em seu ombro.

Ace sorriu e ofereceu sua mão a Kane. — Então parece que temos um acordo.

Scott não disse uma palavra enquanto eles voltavam para suas motos, cada um com uma mochila na mão. Seu rosto estava ilegível, pelo menos para qualquer um que não o conhecesse, mas Kane sabia que havia emoção fervendo sob sua pele.

Demorou apenas alguns minutos para voltar para a sede do clube, e mesmo assim, Scott não disse nada enquanto pisava na porta, indo diretamente para a igreja.

Não foi até que Kane entrou atrás dele e fechou a porta, seu irmão largou a bolsa e se virou com uma expressão no rosto carregada de mágoa e traição. — Como você pode fazer aquilo? Você sabia que esse era o meu negócio.

Suspirando, ele colocou seu fardo na mesa. — Eu nem queria ir, Scott. Mas você e Malcolm garantiram que isso acontecesse de qualquer maneira.

— É assim que você se vingou de mim? — Scott passou os dedos pelos cabelos. — Você tentou me prejudicar? Fazer deste o *seu* negócio? Somos irmãos. Devemos ter as costas um do outro.

Kane cerrou os punhos. — A *última* coisa que eu queria era que esse fosse o meu negócio. Acho que é uma ideia terrível, que você conhece muito bem. Deveria ter sido mais óbvio do que nunca quando aqueles caras começaram a fazer barulho sobre vingar Sucre. Se eles descobrirem que fomos nós, eles estão vindo para todos os irmãos usando um colete.

Scott revirou os olhos. — Se eles estivessem realmente preocupados com o que aconteceu, estariam nos procurando de qualquer maneira.

— Mas, ao nos aproximarmos deles, desenhamos um grande alvo do caralho em nossas costas. — Scott não poderia ser tão idiota.

— Ninguém forçou você a vir. — Scott agarrou o maço de Camels sobre a mesa e enfiou um cigarro entre os lábios. Ele marchou para fora da porta dos fundos e Kane o seguiu. — Eu poderia ter trazido Cue Ball comigo.

Engraçado. Scott nunca mencionou o Cue Ball quando lhe contou sobre o encontro. — Você acha que eu teria escolhido voltar para lá?

Scott acendeu o cigarro e deu uma longa tragada. Ele soprou a fumaça desafiadoramente.

Levou tudo o que tinha para não diminuir a distância entre eles e tirar o cigarro da porra da boca. — A última vez que você me arrastou até lá, quase morri. Vinte outras pessoas realmente morreram.

Os olhos de Scott escureceram, sua mágoa dando lugar a algo mais difícil. — Quem cuidou de você quando saiu do hospital, hein? Este clube cuidou. *Eu* cuidei. Sua preciosa old lady chutou você para o meio-fio e sua família ficou com você para juntar os cacos.

Ele se aproximou do rosto de Scott. — Não haveria peças para juntar se você não tivesse me manipulado para ir em primeiro lugar. — Ele cutucou seu irmão no peito. — Quer que eu *agradeça* ? Por quase me matar? Por arruinar a porra da minha vida? *Foda-se, irmão* . Você irá para o seu túmulo esperando por qualquer agradecimento meu.

A dor floresceu em sua bochecha antes mesmo de perceber que seu irmão tinha dado um soco. Mas tudo bem. Isso lhe deu permissão para finalmente se soltar.

Ele respondeu com um soco forte no estômago de Scott. Então, quando seu irmão se dobrou, ele agarrou seus ombros e o puxou para baixo até que a cabeça de Scott acertou seu joelho. Mas em vez de acalmar a brasa de raiva dentro dele, a violência apenas alimentou a chama.

Foi quase um alívio quando Scott deu outro soco.

Ele a derrubou com o antebraço e, com um uivo, usou o ombro como aríete para derrubar o irmão na grama morta a seus pés. Seria tão fácil chutá-lo enquanto ele estava caído. Ou subir em cima dele e bater em seu rosto até que se transformasse em nada menos que um hambúrguer cru.

Mas Malcolm o agarrou pelo ombro e o puxou de volta.

Ele nem mesmo o ouviu sair.

— O que diabos está acontecendo aqui?

Por um momento, ele ficou tentado a acertar o próximo soco no rosto envelhecido de seu pai, mas forçou sua raiva sob controle. Era uma habilidade que ele quase aperfeiçoou ao longo dos anos. — Scott está puto porque o fornecedor quer que eu assuma a liderança como elemento de ligação do clube.

— *Ele está* chateado, hein? — Malcolm olhou significativamente para Scott enquanto se colocava de pé.

Ele encolheu os ombros. — Ele deu o primeiro soco. Eu joguei o último.

A explicação pareceu satisfazer seu pai. Ele se afastou de Scott para dar a Kane toda a sua atenção. — Nós temos um acordo?

— O produto está ali. — Ele usou o polegar para gesticular em direção à porta atrás dele, a mochila na mesa lá dentro. — Nós temos que ter cuidado, entretanto. Eles são muito esquisitos em relação a Sucre. — Ele e Scott seguiram o pai de volta para casa.

Malcolm riu enquanto abria o zíper da bolsa e vasculhava os pequenos saquinhos dentro. — Heh. Deixe-os imaginar. — Ele ergueu um pequeno saquinho e o sacudiu. — Ninguém nunca percebeu que colocamos o idiota ingrato no poder. Eles nunca saberão que o matamos. Mas vamos colher os benefícios, rapazes.

Ele se recusou a deixar o nojo transparecer em seu rosto. A lembrança de um jovem Sucre à mesa na noite do incêndio estava tão fresca em sua mente como se tivesse acontecido ontem.

— Chame todo mundo, Scott, — disse o pai ao devolver a heroína à mochila preta. — É hora de falar sobre distribuição.

CAPÍTULO DEZ

Amanda

Amanda ansiava por alisar o tecido da calça preta com as mãos, mas seus dedos estavam agarrados à cópia da certidão de nascimento de Joshua que Mike lhe dera no dia anterior. Suas palmas estavam úmidas; Deus, ela odiava como seu corpo traía sua ansiedade. Talvez Kane não fosse capaz de dizer.

Okay, certo. O homem sempre foi capaz de ver através dela. Bem, quase sempre.

Ela respirou fundo, tentando acalmar o coração acelerado enquanto caminhava pela porta da frente do local de trabalho.

Prancheta na mão, o assistente de Xander, Robby, foi direto para ela. — Senhorita Griffin, eu não sabia que você estaria aqui hoje. Xander não está no local. — Sua voz quase não vacilou.

Ela endureceu sua expressão, tentando mascarar seus próprios nervos. — Não é uma visita programada. Tenho alguns papéis para Kane Hale. Onde posso encontrá-lo?

As marteladas ao redor dela cessaram e, de repente, os olhos de todos os homens na sala se voltaram para ela. O grandalhão, o amigo de Kane, Brick, um dos homens que levou o tiro, caminhou

em sua direção. Seus olhos varreram sobre ela com o tipo de julgamento que ela via das freiras em sua escola católica.

Ela devolveu seu olhar franco com um olhar feito para transformar água em gelo.

Ele não pareceu impressionado. — Me siga.

Brick a conduziu de volta para onde Kane estava cortando um pedaço de madeira com uma serra elétrica. Ele se virou e a deixou ali sem dizer uma palavra.

Kane ergueu os olhos como se sentisse sua presença. Ele desligou a máquina e tirou os óculos que usava para proteger os olhos. — Eu não tinha certeza de que você viria.

— Você não me deu muita escolha. — Seus olhos percorreram a varanda dos fundos enquanto ela tentava alcançar uma calma que ela não conseguia alcançar. — Eu não quero fazer isso aqui. Você pode sair para almoçar?

Ele grunhiu. — Você é a chefe. — Ele tirou o capacete e passou a mão pela barba, arrancando os pedacinhos de madeira ali acomodados.

Deixe que Kane faça isso soar como um insulto. — Presumo que você não queira compartilhar nossa história pessoal com a tripulação mais do que eu. — Embora, a julgar pela maneira como Brick olhou para ela, ele já tinha alguma ideia. — Passei por uma Panera no caminho para cá.

Ele revirou os olhos.

— Você prefere a Waffle House? — ela bufou. — Não importa para onde vamos, Kane.

— Panera está bem, — ele rosnou. Dando-lhe as costas, ele deu a volta pela lateral da casa. Quando ela voltou para a frente, ele e sua moto haviam partido.

Acho que vou encontrá-lo lá.

Provavelmente era melhor que não estivessem pilotando juntos de qualquer maneira. Kane sem dúvida pegaria todo o ar dentro do carro, e ela absolutamente não estava andando na traseira de sua motocicleta.

Era um ponto discutível de qualquer maneira. O Panera estava a apenas alguns quilômetros de distância e a moto dele estava do lado de fora quando ela chegou. O estacionamento lotado e a luta por uma vaga apenas aumentaram sua tensão crescente. Ela tentou se livrar disso enquanto entrava.

A máscara de rainha do gelo não funcionaria para isso, mas talvez algo parecido. Algo rápido, mas honesto. Ele merecia qualquer honestidade que ela pudesse dar. Ela simplesmente precisava controlar suas emoções tumultuadas.

Kane esperava em uma mesa de canto, a mandíbula cerrada e os dedos tamborilando na mesa. Havia dois drinques na frente dele.

Ela sentou-se no assento oposto e deslizou a certidão de nascimento de Joshua para sua mão.

Ele o pegou e leu rapidamente, segurando o papel com força o suficiente para enrugar as laterais antes de colocá-lo de volta na mesa. — Isso pode ser adulterado.

Ela enfiou a mão na bolsa e retirou um pacote de fotos de família. Fotos de Natal mostrando Mike e Charlie sorrindo ao lado de mamãe com sua barriga crescendo. Em seguida, mamãe sozinha no último trimestre. Um de Charlie de joelhos, beijando sua barriga. Havia cerca de uma dúzia ao todo.

Kane os folheou, desapaixonadamente no início, seu rosto lentamente se transformando em uma aceitação triste. — Você não está em nenhuma dessas fotos.

— Não. Eu estava muito ocupada sentindo pena de mim mesma para visitá-la. — Ela esfregou a tensão em sua testa. — Muito envolvida em minha própria miséria para me permitir estar perto de alguém feliz. — Ela fechou os olhos com força para bloquear sua expressão atordoada. — Eu perdi muito tempo.

Sua mão tocou a dela na mesa e seus olhos se abriram. Com a mesma rapidez, seu toque desapareceu, mas a pele dela formigou onde as pontas ásperas de seus dedos estiveram.

Ela engoliu em seco. — Havia gelo na calçada. Louco por fevereiro por aqui, mas lá estava. Charlie e mamãe saíram da estrada e bateram em uma árvore. — Ela alcançou o entorpecimento, o vazio morto que a fazia continuar quando a dor ameaçava consumi-la. — Eles tiveram que retirar Josh fora de seu corpo. Ele foi o único que sobreviveu.

Desta vez, quando Kane pegou a mão dela, ele a segurou com as suas. Isso roubou seu fôlego.

Ela forçou um gole de ar e continuou falando. — Fazia sentido que Mike e Cindy o levassem. Eles iam se casar de qualquer maneira, e eu era um desastre do caralho, mal conseguia me vestir sozinha, muito menos cuidar de um bebê. — Seu peito se atou com as mãos dele. Tanto para ficar entorpecido.

Uma coisa tão pequena, seu toque, mas a sacudiu até a base.

Com a outra mão, ela avançou com sua prova final. Um recorte laminado do obituário de sua mãe. Ela não conseguia se lembrar quem deu a ela, mas ela nunca teve coragem de se livrar dele. — Diz bem ali, *deixou seus três filhos, Michael, Amanda e Joshua*. Tenho certeza de que você poderia encontrar outra cópia em algum lugar, se ainda não acreditar em mim.

Seu piscar lento e mal lá acenou com paciência projetada. Conforto. Quase doeu mais do que o ódio que ele irradiou quando ela entrou pela porta. O ódio era mais fácil. No ódio, não havia esperança, e a esperança era a mentira mais cruel que já existiu.

— Eu acredito em você. — Com sua voz rouca e palavras simples, todos os outros no restaurante se afastaram. Kane era o centro do universo. Suas mãos quentes e o olhar em seu rosto que ela não via há anos. O olhar que dizia *eu vejo você*.

Você importa.

Isso é real.

Não fazia diferença quantos anos se passaram ou se sua aparência havia mudado. Por trás do cabelo comprido, sob a barba e as pequenas rugas em seu rosto que ele não tinha antes, ela reconheceu o homem que estabeleceu a barreira para cada pobre coitado que entrava em sua vida ou em sua cama depois que ele a deixava. Ninguém mais chegou perto.

Ninguém mais faria.

— Sinto muito ter acusado você. — Ele apertou a mão dela.

Sua pequena risada soou vazia quando ela se afastou. Ela não conseguia pensar direito enquanto ele a tocava, e precisava manter o juízo. Desembrulhando o canudo ao lado da bebida à sua frente, ela o usou para mexer o gelo no líquido marrom claro.

Um Arnold Palmer. Ela não tinha um há anos. A mistura de chá gelado com limonada costumava ser sua favorita.

— Você não me deve desculpas, Kane. Nós dois sabemos disso. — Ela tomou um gole da bebida doce e azeda, então forçou seu olhar de volta para o rosto dele. — Sou eu que sinto muito. Lamento ter sido tão horrível que você acreditou que sou capaz de manter uma criança longe de você. Me desculpe eu machuquei você. E sinto muito por não ter podido te contar a verdade naquela época, e ainda não posso te contar agora.

Seus olhos se arregalaram, e ela soube imediatamente que tinha falado demais.

Ela ficou de pé. — Você merecia coisa melhor há treze anos, e merece coisa melhor do que está vivendo agora. Não é tarde demais

para ter a vida que você queria. — Forçando-se a desviar o olhar daqueles olhos castanhos comoventes, ela se virou e se aproximou da porta.

Ela estava quase no meio da multidão quando a voz estrangulada dele chegou a seus ouvidos. — A única vida que eu sempre quis foi uma que eu pudesse viver com você.

Rangendo os dentes, ela lutou contra o desejo irresistível de olhar para trás e continuou saindo do restaurante para o frio sol de dezembro. Nada mudou. A ameaça de seu pai ainda pairava sobre ela como uma foice. Só agora, a pequena chama de esperança que ela estava alimentando dentro dela era um fogo que ela não tinha certeza se poderia apagar.

Kane

Horas depois de sua conversa com Mandy, a cabeça de Kane ainda girava. Era loucamente estúpido deixar sua atenção se desviar do trabalho na frente dele, mas seu corpo ainda zumbia com o toque de sua pele e a sinceridade de suas palavras. Foi a primeira troca real que eles tiveram em mais de uma década.

O Cue Ball cravou o calcanhar no pé de Kane.

As botas com ponta de aço o protegiam da maioria dos perigos, mas Cue era um homem grande e seu peso era difícil de ignorar... o que provavelmente era o ponto.

Ele se forçou a se concentrar na troca em questão. O Cue Ball estava segurando a quadra com dois meninos adolescentes, um com pele morena clara, o outro um pouco mais escuro. Ambos usavam camisetas e jeans caindo na metade do corpo. Eles eram recrutas para ajudar a promover os novos produtos do clube.

— Vinte dólares por uma pedra, meninos. Estou lhe dando uma dúzia para começar. — Cue deixou cair uma lancheira marrom na mão do adolescente mais alto. Ele rolou para baixo, criando uma alça improvisada. — Eu sei onde você mora. — Ele se inclinou para o rosto do menino. — Este é um teste. Nem pense em tentar me foder, entendeu?

Kane tinha que dar crédito ao garoto. Ele nem mesmo vacilou com a ameaça da Cue Ball. — Sim. Entendi. — Com a bolsa agarrada em sua mão, o adolescente conduziu o amigo de volta às duas bicicletas encostadas no banco do parque.

O tom rosado do crepúsculo fazia com que o campo quase vazio parecesse um pouco menos do que o terreno abandonado que era. De dia, era mais fácil localizar a montanha de bitucas de cigarro ao lado da lata de lixo que transbordava ou a ferrugem rastejando sobre a gangorra frágil. Mas entre as cores quentes da luz decrescente, o parque parecia quase convidativo.

Se fosse o suficiente para deixá-lo esquecer o motivo pelo qual eles estavam aqui. Levou tudo o que ele tinha para não arrastar seu

amigo para fora daqui, para implorar novamente para o clube reconsiderar. Mas o MC funcionava de uma certa maneira. Depois de uma votação, você estava com eles ou contra eles. Na melhor das hipóteses, lutar contra a maré significaria uma surra, na pior das hipóteses, excomunhão para o resto da vida.

— Bem, olhe aqui, Cole. Parece que temos alguns traidores raciais em nossas mãos.

Merda.

Ele se encolheu ante a fala arrastada inconfundível de David Bennett, vice-presidente do Christian Soldiers MC. O grupo não era formado por nenhum cristão ou soldado de verdade que ele conhecia. Eles eram basicamente um bando de valentões da supremacia branca que gostavam de se animar derrubando todos os outros.

Ele não estava com disposição para esse tipo particular de besteira. — Que porra você está fazendo aqui, Benny? Por que você não vai ao shopping? Ouvi dizer que JC Penney tem alguns lençóis brancos à venda.

O rosto do homem se contraiu com o apelido que Kane insistia em usar. Com seus traços marcantes, cabelos loiros e olhos azuis, Bennett quase seria bonito se não tivesse um rosnado perpétuo no rosto. Ele era a prova viva de que alguém poderia ter o rosto de um anjo e ainda assim ser uma fossa de podridão por dentro.

— Um dia você e eu vamos ter um acerto de contas sobre sua boca inteligente, Hale. — Outro idiota de cabelos loiros e olhos azuis deu um passo atrás dele.

Kane revirou os olhos quando a Cue Ball assumiu uma posição em seus um metro e oitenta e dois. — Eu não tenho tempo para isso. Seriamente. O que você está fazendo aqui?

Bennett flexionou o queixo. — Ouvi dizer que os Skulls estavam assumindo a operação de drogas do wetback aqui.

Kane encolheu os ombros. Mesmo que odiasse o que estava fazendo, não poderia desrespeitar o clube tornando-o público.

O outro homem ergueu o próprio ombro em troca. — Não importa para mim se esses bandidos se matam com produtos farmacêuticos.

— Mas?

— Mas você está trabalhando com um fornecedor negro, empregando traficantes negros. Meus homens estavam prontos para trabalhar neste bairro com um fornecedor ariano, colocando dinheiro nas mãos de nossa própria espécie. — A voz de Bennett se elevou como um pregador em um púlpito.

Ele acenou. — Você sabe que não me importo com todas as suas merdas racistas. As únicas mãos que me interessam em colocar dinheiro são as minhas. Isso é negócio, Benny, puro e simples.

— Não seja ingênuo. Sem Sucre, essa era finalmente nossa chance de...

— Eu não dou a mínima para a sua merda de guerra racial. Poupe seu fôlego. Trata-se de financiar meu clube. Nem mais nem menos.

Bennett deu um passo à frente e Cue rosnou. O VP dos Soldados congelou, então propositalmente afrouxou sua postura. Ele pode ter tentado parecer imperturbável, mas estava falhando espetacularmente. — Temos um homem muito importante ao nosso lado. Você não quer ficar no lado ruim dele.

Desta vez, Kane deu um passo à frente. Ele estava tão perto do rosto de Bennett que podia sentir o cheiro de cigarro velho em seu hálito. — Você não quer ficar do *meu* lado ruim, Benny. Por que você não pega sua besteira de Orgulho Branco e dá o fora do meu negócio? Existem muitos outros lugares onde você pode vender seu produto. — Ele sorriu. — Agora saia do meu gramado.

Bennett estreitou os olhos, mas deu um passo para trás. Então ele se virou e caminhou com seu amigo de volta para as motos que eles haviam deixado no meio-fio.

Cue Ball passou a mão na cabeça careca. — Você tem certeza que foi uma boa ideia, irmão? Nenhuma razão real para causar problemas com os soldados.

O que? — Eles vieram aqui para nos causar problemas. Você acha que eu deveria deixar David Bennett nos dizer como fazer negócios?

— Acho que não, — murmurou Cue. Ele respirou fundo, depois afastou o que quer que o estivesse incomodando. — É melhor irmos. Scott tem uma surpresa para nós cozinharmos na casa do clube.

Ele assentiu. Estava escurecendo de qualquer maneira. Mas algo disse a ele que a surpresa de seu irmão seria tão divertida quanto o encontro com Benny tinha sido.

O prospecto cumprimentou Kane na porta da frente, entregando-lhe uma máscara cirúrgica.

— O que diabos é isso? — Ele o segurou entre os dedos.

— Basta colocar, KC. — Sua mãe acenou para ele entrar. — Não quero que você respire nenhum dos vapores. — Mama V tinha sua própria máscara presa firmemente na parte de trás de sua cabeça loira provocante.

Com um levantar suspeito de sua sobrancelha, ele fez como sua mãe instruiu. — O que está acontecendo?

A pele ao redor de seus olhos enrugou-se e ela agarrou o braço dele, puxando-o de volta para a cozinha. — SP tem todo mundo trabalhando duro.

A mesa da cozinha e os balcões estavam lotados de garrafas vazias de Coca, filtros de café, fita adesiva e um monte de outras merdas. Nada disso foi registrado até que ele avistou a alta pilha de remédios na frente de um de seus irmãos. Owen estava socando os

comprimidos vermelhos do papel alumínio em uma grande tigela de plástico.

— Você está brincando comigo agora?

A máscara não conseguiu esconder o sorriso largo de Scott. — O que você acha, irmão? Estamos realmente no negócio agora.

— O que eu acho? — Uma pulsação bateu em sua têmpora. — Você montou uma porra de *laboratório de metanfetamina* em nosso clube? O que diabos há de errado com você, cara?

Scott fez uma careta. — Ei, qual é o seu problema?

Ele mordeu a língua com tanta força que sentiu o gosto de sangue. — Na igreja.

Seu irmão o seguiu, baixando sua máscara quando eles entraram no espaço privado. — Você precisa tirar o pau da bunda agora, K. Você não pode me deixar ganhar aqui?

Ele se virou para encarar Scott, puxando sua própria máscara para baixo. — Ganhar? Não se trata de obter crédito por algo. Você montou um laboratório de metanfetamina em nosso clube!

— Isso não vai acontecer, — seu irmão bufou. — Por que você tem que cagar em cada ideia que tenho ultimamente? Nós somos ases juntos há anos, cara. *Melhores irmãos*. Agora, é como se tivéssemos voltado no tempo. Como antes de você fazer o patch. Você pensava que era tão especial, bom demais para fazer o que o resto de nós estava fazendo. Garota chique, trabalho chique, faculdade chique. Onde isso te levou? Exatamente o mesmo lugar que eu. Então, talvez você deva se superar.

Seu queixo caiu com o veneno na voz de seu irmão. Scott nunca foi um fã de seu plano de ir para o colarinho branco, mas ele nunca atacou assim antes. Exceto quando se tratava de Mandy, ele sempre foi muito feliz e afável. E sim, eles eram os melhores manos. Ele amava seu irmão, e Scott provou várias vezes ao longo dos anos que não havia nada que ele não fizesse por Kane.

Ele tentou ser razoável. — Isso não tem nada a ver comigo. É bom senso, Scott. Um laboratório de metanfetamina na sede do clube nos coloca em perigo. Em primeiro lugar, esses produtos químicos penetram nas paredes. Não sei sobre você, mas não quero usar uma máscara aqui para sempre. E presumimos que ninguém explodiu o lugar acidentalmente primeiro. — Ele se deixou cair em uma das cadeiras. Cotovelos na mesa, ele esfregou as têmporas. — Mesmo que não fiquemos todos doentes ou morramos, tudo o que precisamos é uma porra de um ataque, e não há como explicar essa merda. Todos nós vamos para a cadeia.

— Pare de ser um maricas. Corremos riscos o tempo todo. Eu não vejo você tendo uma vaca por causa das armas que vendemos. A polícia nos detém em uma dessas entregas, estamos olhando para a cadeia também. Nenhum de nossos negócios é legítimo. Somos um clube de motos, não uma tropa de escoteiras. — Scott encostou as costas na parede, um polegar no bolso da calça jeans. — Estamos no negócio das drogas, irmão, quer você goste ou não. Metanfetamina significa dinheiro. A merda é barata e fácil de fazer e, assim que começarmos a vendê-la, estaremos ganhando dinheiro na mão.

— Isso é um erro, Scott. — Por que ele não conseguia ver?

— Você já fez esse argumento e perdeu. — Scott enfiou um cigarro na boca, mas não o acendeu. — Estamos fazendo isso do meu jeito, irmãozinho. É melhor você embarcar, porque este trem está saindo com ou sem você.

Scott colocou a mão em seu ombro e apertou. A dureza sumiu de seu rosto, deixando-o com uma expressão esperançosa. — Eu prefiro ter você comigo, cara. — Soltando-o, Scott saiu da sala.

Ele esfregou a mesma dor em sua têmpora novamente. Seu irmão queria sua aprovação. Isso era óbvio. Quantas vezes ele se sentiu da mesma maneira? Mas isso foi um erro, não importa como ele olhasse para isso.

O que Mandy pensaria se pudesse vê-lo agora? Não apenas parte do MC. Não apenas usando armas, mas também vendendo drogas. Inferno, *cozinhando* merda.

Por mais que o tivesse matado vê-la se afastar dele no restaurante, talvez fosse melhor assim. Pelo menos agora, ele não saberia a vergonha, o olhar em seus olhos, quando ela visse o quão longe ele caiu.

CAPÍTULO ONZE

Amanda

Amanda levou alguns minutos para se recompor antes de sair do carro e caminhar pela calçada até a porta da frente de seu pai. Ela não queria vê-lo. A simples ideia de olhar para o rosto dele fez seu estômago revirar.

Não posso permitir que você altere o equilíbrio agora, ele disse.

Ela não o tinha visto desde que ele ordenou que ela se mantivesse disponível para Nathan quase duas semanas atrás. Ela também não tinha visto Nathan, o que foi uma bênção, já que o guarda-costas que seu pai havia prometido nunca se materializou. Tecnicamente, ela não recusou nenhum encontro com o bastardo porque não atendeu nenhuma de suas ligações. Talvez ele perdesse o interesse.

E talvez a terra se abra e engula meu carro inteiro.

Não é provável.

Nathan Shaw gostava de ganhar, e agora ela era o prêmio.

Ela amaldiçoou o pai pelo que parecia ser a milésima vez, embora a dura verdade fosse que não era apenas culpa dele. Ninguém a forçou a aceitar seu acordo. Ninguém a forçou a

aceitar a atenção de Nathan. Ou deixar Kane em sua cama de hospital anos atrás.

Não. Esses eram os pecados dela. Aquelas em que ela ficava acordada à noite pensando. Por que era tão difícil se olhar no espelho. Por que ela se sentia tão fodidamente inútil às vezes, a próxima coisa horrível que alguém perguntou a ela não parecia inferior a ela.

Chega de sentir pena de mim mesma.

Ela precisava dos outros vinte e cinco mil que seu pai havia prometido, e ela precisava agora. Jared Berringer não era homem para descansar sobre os louros. Ela estaria pronta para começar a trabalhar no minuto em que ele fizesse a ligação.

O que significava que os custos iniciais tinham que estar em vigor.

Preparando-se para o que quer que seu pai jogasse nela em seguida, ela se aproximou da varanda da frente apenas para dar de cara com o zelador, Raul, que estava lavando a calçada com pressão.

Ele parou o spray e tirou o chapéu. — Você pode querer entrar pelos fundos, senhora. Não quero estragar seus sapatos bonitos.

Embora o conselho tenha chegado tarde demais para manter seus sapatos completamente secos, ela se virou e contornou a casa para entrar pelas portas francesas no solário. Lá, ela tirou os sapatos dos pés e os levou para dentro de casa, em busca de uma toalha de mão para limpar o couro envernizado.

O armário de linho ficava a apenas alguns passos do corredor.

O que são mais alguns minutos? Não é como se papai estivesse me esperando de qualquer maneira.

Francamente, ela ficou bastante surpresa quando foi ao escritório dele, e sua assistente disse a ela que ele estava trabalhando em casa pelo dia. Seu pai nunca estava em casa durante o horário comercial em uma quinta-feira, ou em qualquer outro dia da semana, pensando bem.

Ela caminhou descalça em direção às toalhas, tentando se lembrar se seu pai já havia trabalhado em casa em sua vida.

— ... Não posso suportar isso.

Ela congelou alguns passos longe do escritório de seu pai. A voz do homem não era familiar, mas era uma ocasião rara ouvir alguém falar com seu pai naquele tom. Geralmente, ele se cercava de políticos de fala mansa como ele, servos ou bajuladores. Este homem parecia... com raiva.

— Eu sei como você se sente sobre os Skulls. É um conto de advertência maldito sobre entrar no seu lado ruim. Imagine nossa surpresa por você permitir que isso acontecesse.

Os Skulls? Por que alguém estava falando com seu pai sobre a gangue de motoqueiros de Kane?

— Para ser franco, Sr. Bennett, eu não tinha ideia de que isso estava acontecendo, — disse seu pai. — Tenho orgulho de ter meu dedo no pulso do que está acontecendo nesta comunidade. Embora eu estivesse ciente da inexplicável ausência do Sr. de la Cruz, não

percebi que alguém havia intervindo para preencher o vazio tão cedo.

De la Cruz? O traficante?

— Os negros sempre vão precisar de sua correção. É um fato da vida. Mas *nós* devemos ser os únicos responsáveis pela distribuição, que devem ser os únicos que lucram com a sua fraqueza.

Ela cerrou os dentes ante o discurso racista do homem.

— Por que veio a mim? O que eu ganho com o seu sucesso? — Seu pai deu palavras às perguntas tumultuadas em sua cabeça.

— Porque nada acontece nesta cidade sem a sua bênção. Se você não quer que os Skulls assumam a linha de drogas, você tem as conexões para derrubá-los. E é o seguinte, Sr. Prefeito. Derrubá-los é uma vitória para você. Você não apenas consegue cumprir os Hales, mas também garante uma participação em nosso negócio. Um por cento de nossos lucros irá diretamente para o fundo de sua campanha. Um centavo de cada dólar que ganharemos. Você ganha *dinheiro* com isso... e satisfação.

O silêncio saudou a oferta do homem. Ela soltou um suspiro vacilante. O homem havia subestimado seu pai. Ele não iria...

— Cinco por cento. Depósito direto no fundo de campanha.

— Feito.

Ela apoiou a mão na parede, sua cabeça girando enquanto seu pai girava e lidava com a sala ao lado.

— Dê-me alguns dias para colocar tudo no lugar, e Sr. Bennett, não me ligue. Eu vou te ligar. Tenho certeza de que você entende por que a discrição neste assunto é vital.

Ela deu dois passos para trás, então se virou e correu de volta pelo corredor para a cozinha. Seus pensamentos ficaram fora de controle. O clube de Kane estava traficando drogas? Ele? Se o pai dela queria isso, realmente não importava. Ele iria cair de uma forma ou de outra. A menos que ela o avisasse.

Mesmo quando seu pai manteve Kane fora da prisão anos atrás, à sua maneira, ele roubou o futuro de Kane. O futuro deles. Ela estaria condenada se o deixasse causar mais danos.

Colocando os sapatos de volta, ela correu de volta ao redor da casa, mas congelou quando viu Raul arrastando a lavadora de alta pressão de volta para sua pick-up.

Ela não podia sair sem ver seu pai. Alguém mencionaria o fato de que ela esteve aqui, ela não tinha sido exatamente furtiva.

Sua mão tremia quando ela puxou o telefone da bolsa e puxou o contato de seu pai. Ele atendeu no primeiro toque.

— Agora não é um bom momento, Amanda. — Ele nem se preocupou em dizer olá.

— Estou aqui em casa, pai. Eddie disse que você foi para casa. Você está doente? — Sua voz não tremeu nenhuma vez. — O Raul está trabalhando na varanda. Estou voltando, ok? — Lentamente, ela começou a refazer seus passos.

— Não. Não há necessidade. Você e eu podemos conversar mais tarde. Talvez almoçar amanhã.

Ela fez uma pausa. — Realmente não posso esperar. Pai, preciso falar com você sobre o dinheiro...

— Vou transferi-lo para sua conta antes do fechamento do negócio, — disse ele bruscamente. — Agora, se me dá licença, realmente não estou me sentindo bem.

Ele desligou antes que ela pudesse dizer outra palavra.

Se ele estava enviando o dinheiro, era uma coisa a menos com que se preocupar, mas ela ainda precisava contar a Kane o que tinha ouvido. E ela precisava fazer isso rápido.

Kane

Brick ergueu a porta do armário com dobradiças pairando sobre os orifícios na moldura enquanto Kane se ajoelhava e os aparafusava no lugar. O trabalho na casa estava indo muito mais rápido com uma equipe de cinco homens. A força e o conhecimento de construção de Brick o ajudaram a fazer o trabalho de dois caras, e o amigo de Cy no Exército estava lentamente ganhando velocidade.

Ele estava feliz por ter a distração do trabalho. Ele foi atormentado por memórias de segurar a mão de Mandy no restaurante, a necessidade em seus olhos. Ele afastaria seus pensamentos apenas para substituí-los por perguntas sobre como ele poderia consertar o clube e salvar seus irmãos do desastre. Nenhuma resposta se apresentou.

Ele grunhiu enquanto se inclinava para a furadeira. — Alguma notícia de quando Will voltará ao trabalho? — Se alguém tivesse a informação, seria Brick. Afinal, sua noiva era irmã de Will.

A voz profunda de Brick ultrapassou o zumbido eletrônico em seus ouvidos. — Provavelmente o primeiro dia do ano novo. Os médicos dizem que ele está no caminho certo, mas a bala colapsou seu pulmão. Ele estava muito pior do que eu. — Brick parecia não estar muito desgastado depois do tiro que levou no ombro. Enquanto isso, o cara que puxou o gatilho, um dos capangas de Sucre, estava descansando permanentemente, quase dois metros abaixo.

Não foi uma perda. Pelo que ele entendeu, Tre Lowry tinha sido a mancha na humanidade que seu chefe tinha sido. Com a dobradiça inferior segura, ele se levantou para aparafusar a superior. — Você já passou algum tempo com o novo cara?

— Evan? — Brick balançou a cabeça. — Pobre cara é realmente fodido. Cy diz que um IED[8] causou todas essas queimaduras. Fodidamente brutal.

---

8 *O Dispositivo Explosivo Improvisado (Improvised Explosive Device - IED) é um tipo de explosivo.*

Brutal mal arranhou a superfície. O amigo de Cy tinha cicatrizes grossas e pegajosas ao longo do lado esquerdo do corpo. Eles cobriam sua mandíbula e pescoço, bem como a parte superior de sua mão esquerda. Era difícil dizer onde mais as queimaduras se estendiam sob suas roupas.

Ele nunca tinha ouvido Evan falar. Não ficou claro se o cara *não* conseguia falar ou se ele simplesmente escolheu não falar. Nem o surpreenderia. Embora, para ser justo, ele não havia trabalhado muito com o homem. Cy e Matt estavam mostrando a ele as cordas, o que devia ser interessante, já que nenhum dos homens era o que alguém chamaria de falante.

— Como está indo, pessoal?

Falando em falantes.

Robby sorriu enquanto abraçava sua prancheta sempre presente contra o peito.

Brick deu um tapinha suave no braço sobre a Oxford de mangas compridas. — Quase terminado com as portas. Só nos resta um. Armário principal. — Ele apontou para a porta restante, encostada na parede.

Robby inclinou a cabeça, sua franja castanha caindo em seus olhos. — Xander diz que precisamos terminar aqui antes do final do mês para que possamos começar o novo desenvolvimento. Você acha que vamos conseguir?

— Sem problemas. — Brick ergueu um ombro. — Todos os ossos estão no lugar. O pessoal do gabinete vem amanhã. Eletricistas e

encanadores estão instalando suas instalações no início da próxima semana. Terminaremos no Natal.

Robby saltou na ponta dos pés. — Você estará em sua nova casa então, certo?

— Sim. Fechamos na próxima semana. O que me lembra, Olivia queria que eu convidasse todos vocês para o novo lugar para o jantar de Natal conosco. Ela... nós... queremos...

Ele fechou os olhos com força por um momento, depois balançou a cabeça pesarosamente. — Queremos comemorar com nossa família.

Kane se animou com a admissão relutante de Brick. Celebrar o Natal com a família também seria uma novidade para ele.

Robby estava radiante. — Claro, estaremos lá, certo Kane?

— Claro, garoto. — Ele deu uma risadinha.

Brick lançou a Robby um olhar malicioso. — Por que você não vai estender o convite para Matt e os outros caras?

As bochechas de Robby ficaram rosadas, mas ele não perdeu tempo saindo pela porta em busca do objeto de sua afeição.

— Você sabe que Matt vai descobrir isso algum dia, e quando ele rejeitar seu filho, vai partir o coração dele. — Robby estava realmente crescendo nele, e ele achou a ideia de seu coração partido... inquietante.

Brick encolheu os ombros. — Não podemos evitar por quem nos apaixonamos, cara. Você sabe tão bem quanto eu.

— Você pode enfiar sua sabedoria do biscoito da sorte na sua bunda. — Ele fez uma careta ao ver a expressão de conhecimento no rosto de Brick.

— O que? — seu amigo perguntou inocentemente. — Não posso evitar se você se identifica com a ideia de carregar uma tocha por alguém. Mesmo quando é uma má ideia. — Brick esfregou o queixo pensativamente. — Em uma nota totalmente não relacionada, você tem visto Amanda Griffin por aí ultimamente?

— Foda-se, irmão. — Não houve calor em sua maldição, apenas uma aceitação sombria. Brick percebeu seus protestos sobre Mandy, mas parecia que todo mundo também. — Todo mundo sabe?

Tomando um gole do Gatorade que tirou da arca de gelo perto da parede, Brick olhou para o teto, claramente pesando suas palavras. Ele engoliu em seco e suspirou. — Sim. Mas ninguém está julgando você sobre isso. Todos nós temos pontos fracos que doem quando você os cutuca. Ela é sua. Sem vergonha aí.

O telefone de Kane vibrou, salvando-o de ter que encontrar uma resposta.

— Por falar no diabo, — ele murmurou.

Um texto iluminou sua tela.

Eu preciso falar com você. É importante. Encontre-me no meu apartamento.

-A

Sem endereço, mas ele sabia exatamente onde ela morava. Ele sabia que tipo de carro ela dirigia. Os homens com quem ela participava de eventos espirraram nas páginas da sociedade online. Não que ele a tenha pesquisado no Google.

Ele enfiou o telefone de volta no bolso. — Eu tenho que ir. Você está bem para terminar aqui?

— Sim. Sem problemas. — Brick agarrou seu braço e o soltou. — Você me liga se precisar de alguma coisa.

Ele estava fora da porta e em sua moto antes de perceber que ainda não tinha respondido ao amigo. Mandy ligou, ele veio correndo. Ela era seu ponto fraco, sem dúvida.

Seu primeiro amor. Seu *único* amor.

A única mulher que fez seu coração disparar, seu sangue ferver.

Mesmo depois de todos esses anos, ele ainda guardava as memórias de cada beijo, cada toque e a promessa de um futuro que eles nunca acabaram tendo.

13 anos atrás

Julho

Kane lançou um olhar nervoso ao redor do quarto que havia alugado no Hampton Inn. Era melhor do que qualquer outro lugar que ele já tinha dormido antes, e ele pulou o almoço todos os dias durante um mês para economizar dinheiro para pagar por isso.

Sem dúvida, Mandy dormiu em lugares melhores. Inferno, seu quarto na casa de seu pai provavelmente era mais elegante do que isso, mas no fundo ele sabia que ela não se importaria. Ela nunca o julgou por quanto dinheiro ele tinha ou pelo que ele poderia gastar com ela. Ainda assim, ele queria dar a ela o melhor de tudo. Ela merecia todas as coisas boas e, um dia, quando ele fosse um banqueiro de investimentos de sucesso, ele daria tudo a ela.

Hoje à noite, ele teria que se contentar com a cama king-size que ele tinha coberto com pétalas de rosa, música suave de uma lista de reprodução em seu iPod e uma garrafa de zinfandel branco. Ele não sabia nada sobre vinho, mas a dona da loja disse que era bom.

— Posso abrir meus olhos agora? — Mandy apertou a mão dele, puxando-o de volta para o momento.

Ele se inclinou e roçou os lábios nos dela, respirando o cheiro sutil de lavanda. Ela cantarolou baixinho contra ele.

Dando um passo para trás, ele saiu de sua linha de visão. — Sim.

Seus olhos se abriram e ela percebeu a cena. Ela piscou rapidamente.

O medo se acumulou em seu estômago.

Ele a leu errado? Foi muito cedo?

Obviamente, ela tinha que ter alguma ideia de onde eles estavam quando ele a conduziu pelo saguão e para o elevador, mesmo com os olhos fechados, mas ainda assim, talvez suas tentativas de um arranjo romântico tenham sido um fracasso. — Nós não temos que fazer nada que você não queira fazer, querida. Eu ficaria feliz em apenas passar a noite com você em meus braços. — O triste é que ele quis dizer cada palavra.

— Você está de brincadeira? Isto é perfeito. Eu amo isso. — Ela mordeu o lábio inferior. — Você trouxe...

— Preservativos? — Ele sorriu. — Duas caixas.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Nossa, não somos ambiciosos? O que aconteceu com apenas passar a noite comigo em seus braços?

Seu sorriso esmaeceu. — Claro. Quero dizer...

A risada de Mandy era rouca quando ela diminuiu a distância entre eles. — Estou te provocando. — Ela beijou sua garganta, logo acima do decote de sua camiseta, e ele estremeceu sob a pressão suave de seus lábios. — Eu quero fazer amor com você. — Suas mãos viajaram para fora de seus braços. — Tenho pensado nisso há semanas.

Com um beijo e um toque leve como uma pena, ela já tinha seu pau em pé em plena atenção. — Semanas? — ele resmungou.

— Mm-hmm. — Suas mãos delicadas deslizaram sobre seus ombros, então seus dedos se moveram para baixo para traçar sua

clavícula. — Eu quero te ver. — Ela pegou a camisa dele. — Retire isso.

Como um estudante excitado, ele não conseguia se mover rápido o suficiente. Ele lutou para puxar a camiseta pela cabeça. Seus mamilos endureceram no qaurto frio com ar-condicionado.

Os dedos de Mandy se moveram direto para eles, deslizando sobre seus picos em pequenos movimentos circulares. Seus olhos brilharam enquanto observava suas mãos deslizarem por seu torso, pela trilha de cabelo abaixo de seu umbigo, até a fivela de seu cinto.

— Eu quero ver tudo, — ela sussurrou. Seu olhar cintilou até o dele.

Ela estava pedindo permissão?

Ele deu a ela com um movimento rápido de sua cabeça.

Sua Mandy não perdeu um segundo. Ela tinha seu cinto desafivelado e sua braguilha aberta em um piscar de olhos. Puxando as calças dele até as coxas, ela libertou sua ereção, que se esforçou para ficar mais perto dela.

Ela inclinou a cabeça enquanto examinava seu pênis ansioso. — Não tenho certeza se vai caber.

Mandy sempre foi tão autoconfiante, tão equilibrada e perfeita que era fácil esquecer que era virgem. Não, não para esquecer sua virgindade, mas para esquecer que ela pode estar nervosa ou insegura. Deus sabe, se ela alguma vez foi, ela nunca demonstrou.

Ela deu um passo em direção a ele, pegando seu eixo nas mãos. — Eu sonhei com isso. Como seria sentir você dentro de mim. — Ela colocou os lábios contra a orelha dele. — Encomendei um vibrador online.

Seu pau saltou, e de repente sua mente foi preenchida com as imagens mais sujas imagináveis dela se dando prazer com o nome dele em seus lábios.

— Deve ser parecido com a coisa real. — A língua dela roçou seu lóbulo, seu hálito estava quente e úmido. — Mas não é como o seu. Você se parece diferente em minhas mãos. — Ela o apertou. — Mostre-me como você se parece diferente entre as minhas pernas.

— Você joga sujo, — ele rosnou, em seguida, tirou os sapatos e jogou o resto de suas roupas no chão. Ele espalmou-a entre as pernas e apertou sobre o grosso jeans de sua calça jeans.

Ela fechou os olhos o tempo suficiente para gemer baixinho.

— Você gostou, hein? — Ele esfregou rudemente sobre sua vagina, e sua respiração estremeceu. Ela parecia uma porra de uma deusa com os olhos vidrados e a boca ligeiramente aberta de prazer.

Se ele não entrasse nela logo, ele gozaria bem aqui na frente da mini geladeira e do micro-ondas.

Ele rasgou o botão de sua calça jeans, e ela se mexeu para ajudá-lo a despi-la. Ele precisava muito dela para ter alguma delicadeza.

Graças a Deus, ela parecia tão faminta por ele.

Ela se lançou em direção a ele, suas bocas se chocando, as línguas deslizando uma sobre a outra em um movimento frenético. Eles se beijaram dezenas de vezes nos três meses que estiveram juntos, mas agora era diferente. Este beijo o consumiu.

Os braços dele em volta da cintura dela a puxaram para mais perto, a sensação de sua pele contra a dele o eletrizou. Era tudo, mas ainda não o suficiente. Alimentado pela adrenalina e necessidade, ele a ergueu e ela envolveu as pernas ao redor dele. Suas bocas ainda travadas, ele a carregou a curta distância até a cama e baixou seu corpo para as pétalas macias que ele espalhou com cuidado.

A última coisa que ele queria fazer era recuar, mas ele ainda não a tinha visto. Na verdade não. E porra, ela era uma revelação.

Sua pele de porcelana... seus apertados mamilos cor de pêssego... e a superfície lisa e perfeita de pele nua entre as pernas. Sua boca encheu de água.

— Kane, — ela sussurrou. — Por favor.

Ele queria fazer tudo. Tocá-la em todos os lugares. Ele nem sabia por onde começar.

Ela esfregou as coxas inquietamente.

Deixa pra lá. Ele sabia exatamente por onde começar.

— Você é linda, — disse ele com voz rouca. Subindo na cama, ele puxou aquelas coxas perfeitas e claras e se concentrou no lugar onde ele mais queria estar.

Ela tentou juntar os joelhos, mas ele não negou. Ele os separou novamente e levou sua boca ao coração de seu sexo. O cheiro de sua excitação o intoxicou. Ele achatou a língua e varreu-a entre os lábios rosados brilhantes.

Ela se contorceu embaixo dele, mas ele deslizou os braços sob suas coxas e colocou as mãos nos quadris para mantê-la quieta. E aberta para ele.

Ele tinha que provar mais dela. Ele lambeu sua fenda novamente. E de novo. Cada vez, ele dirigia sua língua mais profundamente. Seu sabor o consumiu enquanto ela ficava mais úmida contra sua boca. Uma de suas mãos soltou seu quadril para provocar sua abertura.

Mandy ergueu os quadris em um apelo sem palavras, e ele deu a ela o que ela queria. Ele mergulhou o dedo médio dentro dela enquanto sua língua girava em seu clitóris.

Ela gemeu, e isso apenas o empurrou com mais força. Um segundo dedo juntou-se ao primeiro, e quando ele a fodeu com a mão, ela encontrou cada impulso com um giro de seus quadris. Ele substituiu sua língua com a palma de seu polegar e a deixou cavalgar seu próprio prazer até que sentiu suas paredes pulsando sob sua mão.

Com o coração acelerado, ele pegou um dos pacotes de preservativos que tinha estocado na mesa de cabeceira e o abriu. Ele rolou a camisinha e estava dentro dela tão rápido que sua boceta ainda estava se contraindo em torno dele. — Foda-se, — ele rangeu para fora. Nada nunca foi tão bom.

Ele tentou se mover devagar. Ele realmente queria, mas ela estava tão molhada e quente, e suas mãos agarraram sua bunda, incitando-o a entrar nela mais rápido. Mais duros.

Quando o orgasmo finalmente caiu sobre ele, uma corrente elétrica de prazer percorreu seu corpo. Ele ficou rígido. Seus dedos do pé se enrolaram, e foi o momento mais singularmente perfeito de toda sua vida.

Mandy liberou o aperto que tinha em suas bochechas, e ele rolou de costas, mantendo-a na jaula de seus braços.

Só então suas ações o alcançaram. Ele pretendia levar as coisas devagar. Para tirar sua virgindade com cuidado. Ele era o pior tipo de idiota.

Ele passou a mão em seu lindo cabelo ruivo. — Você está bem? Fui muito duro?

Ela fungou.

Merda. Ela estava chorando?

Ela fungou novamente, e isso se transformou em uma risadinha.

Espere. Ela estava... — Você está rindo?

Suas risadas deram lugar a uma gargalhada total.

Ele se sentou. — Você está realmente rindo de mim agora?

— Não. — Ela parou de rir, mas um largo sorriso ainda iluminou seu rosto quando ela o encarou. — Estou rindo porque estou feliz. — Sua mão macia e suave acariciou sua bochecha. — Estou rindo porque isso foi perfeito. *Você é* perfeito.

Ela se inclinou em direção a ele, tocando sua testa na dele. — Estou feliz, Kane. E eu te amo.

CAPÍTULO DOZE

Kane

O condomínio de Mandy fazia parte de um prédio de cinco andares bem no centro da cidade. O exterior era cor de ferrugem no piso inferior, mas a cor cedeu a um tom mais parecido com areia acima do segundo nível. No entanto, pelo menos metade da fachada era de vidro.

Mandy sempre gostou de um dia ensolarado. Ela provavelmente manteve as cortinas abertas o tempo todo.

Quantas vezes ele olhou para ela para encontrar seus olhos fechados, cabeça inclinada para trás, absorvendo a luz do sol? Mas essas imagens eram de outra vida. Outra versão dela, que provavelmente já estava morta há anos, se é que realmente existiu.

Ele fechou as memórias de uma tarde de outono no labirinto de milho onde eles se perderam intencionalmente por horas. A Mandy de olhos brilhantes e coração aberto não foi aquela que o chamou aqui.

O porteiro lhe lançou um olhar avaliador e Kane se preparou para uma discussão. Até uma criança podia ver que ele não pertencia a um lugar como este.

— Sr. Hale? — o homem perguntou suavemente, então abriu a porta sem esperar por uma resposta.

Ele piscou, parando congelado por um momento antes de pisar na soleira. O homem mais velho abotoado o acompanhou até o elevador e acenou com um cartão eletrônico sobre um sensor no elevador. As portas se abriram imediatamente.

— Quarto andar, — disse o porteiro solenemente. — Segunda porta à sua direita, senhor.

Que diabos? Ele deveria dar uma gorjeta a esse cara? Sua experiência com porteiros era reconhecidamente limitada.

Quando o homem gesticulou para que entrasse no elevador com uma expressão vazia no rosto, ele interpretou isso como uma resposta e entrou. Quando as portas se fecharam na frente dele, o metal brilhante refletiu sua imagem de volta para ele. Fios de seu cabelo escuro escaparam de seu rabo de cavalo baixo e caíram em seu rosto. Sua barba estava ficando longa, caindo pelo menos 2,5 ou 5 centímetros abaixo do queixo, era desgrenhado, de nenhuma forma, e não ajudava em nada para mascarar a cicatriz brilhante que dividia sua bochecha esquerda.

Ele desviou os olhos, sabendo exatamente o que os outros veriam. Shitkickers em seus pés, jeans e camiseta coberta por uma flanela pesada desabotoada, as mangas enroladas até o cotovelo para revelar uma parte das tatuagens subindo pelos dois braços.

Mandy obviamente avisou o porteiro, ou o pobre velho bastardo provavelmente teria um ataque cardíaco ao se aproximar do

prédio. Era uma reação a que ele estava acostumado, pelo menos entre os civilizados.

Um toque delicado soou quando ele alcançou o andar de Mandy. As portas se abriram silenciosamente para revelar um corredor relativamente curto com piso de madeira. Havia apenas três portas de cada lado. Paredes na cor bege lisas preenchiam o espaço entre eles.

A batida de seu pulso aumentou enquanto ele cobria a curta distância até o espaço de Mandy. Ignorando a pequena aldrava de ouro, ele bateu os nós dos dedos contra a madeira.

Cem vezes ele fantasiou sobre estar aqui, sua imaginação preenchendo as lacunas de sua vida. Depois de hoje, ele nunca teria que se perguntar como era seu espaço privado. Quando ele fechasse os olhos e sua mente traidora a conjurasse adormecendo no sofá ou o sorriso satisfeito que ela fazia com o primeiro gole de seu café da manhã, ele a imaginava neste lugar, em sua verdadeira casa. Não a construção nebulosa que sua mente havia remendado.

A respiração dele parou quando ela abriu a porta. Não havia sinal das roupas elegantes de negócios que ela normalmente usava. Sem salto alto ou expressão fechada. Em vez disso, ela era a Mandy de seu passado. Camiseta macia e jeans. Cara limpa. Descalça.

Ela estendeu a mão, agarrou a mão dele e puxou-o para dentro.

Do canto do olho, ele notou um espaço de estar imaculado em tons de creme com muito vidro, mas sua curiosidade sobre a casa dela empalideceu com Mandy bem na frente dele.

A porta se fechou atrás dele com um leve estalo, e antes que ele percebesse, ele estava sentado no sofá, Mandy a apenas alguns centímetros de distância. Sua mão ainda estava na dela.

Ele estava no Bizzaro World. — O que estou fazendo aqui? — Cem cenários embaralhados em sua cabeça. O Mike tinha dado uma volta? Algo estava acontecendo com a empresa? Ela... sentia falta dele?

Seus olhos desviaram de seu rosto para encarar suas mãos unidas. Ela não o soltou. — Você precisa cuidar de suas costas. O que quer que seu clube esteja fazendo agora, isso fez de você um alvo.

O clube? Os Skulls não tinham nada a ver com ela, ela deixou claro há muito tempo que era como ela queria. Ele puxou a mão e imediatamente desejou não ter feito isso. — O que você sabe sobre o meu clube?

Seu olhar demorou um momento em sua mão vazia, então cerrou os dedos em um punho. Seus olhos verdes se aguçaram quando se fixaram nos dele. — Eu sei que você está se transformando em traficante de drogas. — Seu nariz enrugou.

A vergonha fez cócegas em seu estômago, como ele sabia que faria, mas ele se endureceu contra ela. Que assunto era dela? Ela tinha todo o dinheiro de que precisava. *Ela* nunca teve que se

preocupar em pagar o aluguel. Seu pai era o prefeito, pelo amor de Deus.

A onda de raiva justificada foi quase suficiente para ele ignorar que não queria ter nada a ver com o plano de se mudar para o território de Sucre. — Seu ponto? — ele gritou.

Se ela notou sua ira, não deixou transparecer. — Você conhece um cara chamado Bennett?

Ele se acalmou. — *David* Bennett?

Ela encolheu os ombros. — Eu não sei. Só ouvi o sobrenome dele.

— Cara loiro? Sempre tem um corte de soldado cristão?

Mandy acenou com a mão com desdém. — Eu não o vi. Mas ouça, quem quer que seja esse cara, ele está mirando em você.

Não havia nenhum cenário que ele pudesse imaginar onde David Bennett deveria estar na órbita de Mandy.

— Ele está trabalhando com meu pai. — Ela estremeceu e pegou uma taça de vinho pela metade na mesa de centro de vidro na frente deles. O líquido cor de vinho desapareceu em dois goles. — Eu os ouvi conversando em casa hoje.

Os nós dos dedos ficaram brancos quando ela apertou a haste do copo. Gentilmente, ele o arrancou de sua mão e o colocou sobre a mesa.

Ela respirou fundo. — Ele disse um monte de merda racista, mas o resultado final é que Bennett quer que seu clube substitua o Sucre de la Cruz.

Nenhuma surpresa nisso, mas... — O que as ambições de vida miserável dele têm a ver com seu pai?

Pegando o copo da mesa, ela se levantou e o levou para a área de cozinha conceito aberta adjacente, onde uma garrafa de vinho estava em uma bancada escura e brilhante. Ela derramou quase até a borda, então imediatamente drenou metade em sua boca. — Bennett ofereceu ao meu pai uma porcentagem para ajudar a limpar o caminho para ele.

Seu estômago se apertou. — Seu pai disse que sim.

Mandy apertou os lábios. — Não sei por que estou surpresa, mas sim. Ele não disse o que estava planejando, mas seja o que for, vai acontecer nos próximos dias. — Esvaziando o resto do copo, ela o deixou no balcão e voltou ao seu lugar no sofá. — Acho que não estou ajudando muito.

Ele odiava a tensão em torno de seus olhos, a tensão em sua voz. Com seus instintos protetores agora no assento do motorista, ele empurrou suas preocupações sobre a ameaça de seu pai para o fundo de sua mente. — Você está. Pelo menos eu sei que precisamos estar em guarda.

— Sinto muito, — ela murmurou, esfregando a têmpora direita. — Minha família só trouxe tristeza para você.

Mesmo que suas palavras estivessem muito perto da verdade, ele não podia deixá-las permanecer sem contestação. — Não foi de todo ruim. — As memórias aumentaram, inundando-o com imagens de suas bochechas coradas enquanto ela o cavalgava e seus lábios

inchados de seus beijos. A risada dela ainda ecoava em seus ouvidos, a suavidade sedosa de sua pele nua formigou nas pontas dos dedos. Não importa quantos anos se passaram, tudo ainda estava lá, logo abaixo da superfície.

Sua língua disparou, umedecendo o lábio inferior. Não havia nada duro em sua expressão, apenas uma suavidade que ele não via há anos. Era o mesmo olhar que ela lhe dirigira quando ele costumava contar como havia crescido. Nenhuma das coisas de estilhaçar a terra. Apenas os aniversários não comemorados ou os jantares na TV que ele mesmo tinha que preparar. Coisas assim. Ele tentou dizer a ela que não era tão ruim. Ele gostava de nuggets congelados. Mas nunca foi bom para ela. Ela diria a ele como o amava e como ele merecia algo melhor e, de alguma forma, era ela quem ficava magoada com as coisas que ele atribuía à realidade.

Sempre terminava com ele a beijando, tentando substituir sua tristeza por outra coisa. Mostrando a ela que ele estava feliz e inteiro em seus braços. Assistir a tristeza em seus olhos dar lugar a nós de prazer desenredados dentro dele que ele nunca percebeu que existiam.

Ele queria fazer isso agora. Ele precisava.

Honestamente, ele nunca parou. Ela tinha sido a única força no mundo capaz de mantê-los separados. Qualquer outra coisa era mentira, ele disse a si mesmo para que pudesse viver com a decisão dela.

Sem nem mesmo pensar, ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo vermelho atrás da orelha. Seus olhos se arregalaram, mas ela não se afastou.

Ele espalmou a parte de trás de sua cabeça bem onde encontrava seu pescoço e puxou-a em sua direção ao mesmo tempo em que se inclinou em sua direção. Fazendo seus movimentos lentos e deliberados, ele deu a ela todas as oportunidades para detê-lo. Sua quietude absoluta disse a ele tudo o que ele precisava saber. Ele manteve os olhos fixos nos dela até o momento em que seus lábios se tocaram, então suas pálpebras se fecharam e seus outros sentidos assumiram o controle.

Traços de vinho o provocaram enquanto sua boca se movia sobre a dela, e ele respirou seu aroma familiar, a lavanda de seu sabonete favorito. O de Antes. Foi como voltar para casa.

A mão esquerda dele deslizou pelo braço dela e ela estremeceu embaixo dele. Então ela tirou o controle do beijo, levando-o mais fundo. A mordida afiada do zinfandel floresceu mais forte quando ele deslizou sua língua contra a dela.

Esmagando Mandy contra ele, seu coração cantou com a certeza de tê-la em seus braços novamente. Foi como se os últimos treze anos nunca tivessem acontecido. Todas aquelas vezes que ele tentou se convencer de que não tinha sido tão bom quanto ele se lembrava, havia uma *razão* pela *qual* ele não ter sido capaz de desistir.

Nada mudou em todos esses anos.

Ela era tudo. O sol no céu. O ar que ele respirava.

Os braços dela estavam em volta do pescoço dele e ela gemia baixinho contra ele. Cada célula de seu corpo gritou para sentir sua pele com pele, para deixá-la nua e mergulhar sua ereção dolorida em seu calor úmido.

Pode ser que sim. Ela poderia ser minha novamente. Poderíamos voltar e acertar desta vez.

Só que ele não tinha ideia de onde tinha dado errado antes.

Cavando fundo para cada gota de autocontrole que tinha, ele interrompeu o beijo e descansou sua testa contra a dela. — Você está me matando, Mandy.

Ela sufocou um pequeno soluço, enviando-o em alerta instantâneo. Ele se afastou para ver seu rosto, que ela imediatamente enterrou em suas mãos.

— O que está errado? — Seu coração disparou. — Será que eu...

Suas mãos caíram para o colo, revelando olhos verdes brilhando um pouco demais. — Você não fez nada de errado. Eu... ninguém me chama assim há muito tempo.

Ele duvidava que fosse o nome tanto quanto a possibilidade de ela estar se afogando tanto quanto ele agora, embora ele pudesse estar errado. Ela nunca tinha deixado de ser Mandy em sua mente, mas ele não conseguia se lembrar da última vez que disse isso na cara dela.

Uma mecha de cabelo caiu sobre seu olho esquerdo, e ele se coçou para estender a mão e alisá-lo novamente. Ele sufocou o desejo, esfregando a barba. O culpado por trás da pele macia agora

arranhada ao redor de sua boca, uma vermelhidão reveladora deixada em seu rastro. Ela sempre odiou barbas. Ele teve uma necessidade repentina e irresistível de se barbear.

O que diabos havia de errado com ele? Nada mudou. Ela ainda era a mulher que partiu seu coração, e ele ainda não tinha ideia do porquê. Ele respirou fundo. — Eu ia comprar um anel para você. O dia em que aconteceu. O dia em que você partiu.

Ela engoliu em seco e envolveu-se com os braços.

— Scott me ofereceu uma carona para o shopping, mas ele me levou para o prédio em vez disso. Foi uma armação, meu irmão e Sucre mudando o equilíbrio de poder. — Ele zombou. — Eu vejo isso agora, mas naquela época, eu não tinha ideia. Eu me coloquei na frente de uma faca para salvar Scott. Eu quase morri. Então você quase terminou o trabalho quando me deixou quebrado na minha cama de hospital.

— Eu sinto muito. — Ela se enrolou em si mesma, ficando menor diante de seus olhos.

Ele não gostou. Sua Mandy era dura como pregos. Ela poderia olhar um tigre nos olhos sem piscar. — Não se desculpe, — ele disse rispidamente. — Diga-me o que aconteceu. Eu mereço a verdade.

— Você merece. — Ela se endireitou.

Finalmente. Ele estava obtendo uma resposta para a pergunta que o perseguia por mais de uma década.

Uma batida de silêncio. — Eu fiz isso para te salvar.

Ele parou de respirar.

Para salvá-lo? De todas as explicações possíveis que ele considerou ao longo dos anos, aquela nunca foi uma delas.

— Alguém ameaçou mandar prendê-lo por matar aquelas pessoas no incêndio. Era um policial sujo, ele chantageou meu pai, sabendo sobre a conexão entre você e eu.

Ele ouviu as palavras que ela dizia, mas não faziam sentido. — Eu não matei ninguém. Eu nem sabia sobre o incêndio até depois que você me deixou.

Liberando seu aperto mortal em seus braços, ela cedeu contra as costas do sofá. — Eu nunca pensei que você fizesse isso. Mas ver você lá foi uma vitória para o policial. Ou ele teve a glória de fazer uma grande prisão ou poderia se aposentar mais cedo com o dinheiro do meu pai.

— Que motivo eu poderia ter para atear fogo? É preciso mais do que a palavra de um policial para prender alguém. — Ele se levantou do assento e começou a andar de um lado para o outro. Nada disso fazia sentido.

Seu olhar o rastreou enquanto ele caminhava de um lado a outro da sala. — Meu pai disse que beneficiou sua família. Algo sobre o comércio de drogas. Na época eu não sabia, mas depois descobri que era a noite em que Sucre de la Cruz assumiu o poder. O que não entendo é o que isso tem a ver com os Skulls.

Ele colocou um pé na frente do outro. O movimento o ajudou a pensar. — Também nunca fez sentido para mim. — Por que

ajudaram Sucre a assumir o controle. Ele perguntou a seu irmão, até mesmo a seu pai uma vez, mas eles apenas diriam que era melhor deixá-lo sozinho. Era uma informação que precisava saber, e ele não precisava saber. Quem se importa se isso arruinou a porra da vida dele? Claro, agora estava tão claro quanto o nariz em seu rosto.

Dinheiro.

Não havia nível que eles não descessem por dinheiro. Pelo amor de Deus, olhe o que eles estavam fazendo agora.

Se o incêndio foi intencional ou não, ele provavelmente nunca saberia.

— Nunca pensei que você fizesse parte disso, — ela disse baixinho. — Duvidar de que você nunca entrou na equação. — Ela ficou de pé e se moveu em direção a ele, bloqueando seu caminho. As pontas dos dedos dela percorreram sua bochecha, tocando-o, mas não. — Eu não poderia correr o risco de que sua vida acabasse.

Ele agarrou a mão dela, segurando-a firmemente contra o rosto. — Mas foi exatamente isso que aconteceu. Minha vida... acabou.

Seus olhos procuraram os dele, e ele a deixou ver a verdade em suas palavras.

— Eu teria desejado lidar com acusações falsas cem vezes antes de enfrentar um futuro sem você. — Ele soltou a mão dela. — Você não me deu escolha.

— Porque eu sabia. — Sua voz falhou. — Eu sabia que se eu te contasse, você teria dito para ignorar. Você teria se colocado na frente de um trem em movimento para nos manter juntos. Eu te amei demais para deixar você fazer isso. Não importa o que me custou. — Ela sussurrou: — Eles poderiam ter prendido você pelo resto da sua vida.

Ele tentou dar sentido ao olhar distante em seus olhos. Havia tristeza ali, do tipo que ele conhecia intimamente. Pode ter escurecido com o tempo, mas nunca realmente foi embora.

Bom Deus.

Ela nunca quis deixá-lo.

Seu coração gaguejou. Seu peito doía literalmente. Havia mil coisas que ele queria dizer, mas sua boca não conseguia formar as palavras. Inferno, seu cérebro nem conseguia alinhá-los em pensamentos coerentes.

Só havia *desejo. Necessidade*. *Minha* .

Quem precisava de palavras? Era apenas uma perda de tempo quando ele poderia estar beijando-a.

Talvez algo denunciasse sua intenção em seus olhos porque ela se moveu ao mesmo tempo que ele. Eles se encontraram em um choque de dentes e língua. A suavidade de seu beijo no sofá se foi, substituída por uma ganância desesperada impossível de satisfazer.

Ele queria consumi-la ou queimá-la viva com o mesmo tipo de fogo queimando sua alma. Rosnando, ele enrolou a mão em seu cabelo, segurando-a contra ele.

Mas Mandy não fez menção de fugir. Em vez disso, ela agarrou a camisa dele com tanta força que os nós dos dedos cravaram em suas costas.

Seu corpo estava tenso como uma corda de arco pronta para estourar. Com dois passos, ele a pressionou contra a parede. Ele soltou seu cabelo para levantá-la, e ela envolveu as pernas ao redor dele, empurrando seu núcleo contra o cume quase doloroso de sua ereção.

Apenas alguns jeans e provavelmente um pequeno pedaço de renda o separavam de sua boceta. Ele gemeu, agora obcecado com a ideia de ver que tipo de calcinha ela usava. Seria um fio dental? Preto? Rosa? Estaria encharcado com seu desejo?

Ela precisava disso tanto quanto ele?

Ele se afastou. A resposta estaria em seus olhos.

Com certeza, seu olhar espelhava a fome conduzindo cada movimento seu. Sua boca estava ligeiramente aberta e seu peito subia e descia rapidamente enquanto ela ofegava para respirar. A pele ao redor de seus lábios escureceu ainda mais com o arranhar de sua barba.

Sim, seu corpo queria o dele. Mas ela queria mais? Foi-se o homem que tinha sido quando sonhou em torná-la sua esposa. Ela poderia querer este Kane? Ou ambos estavam perseguindo um sonho que era melhor deixar morto no passado?

O toque padrão de um telefone celular soou próximo, mas ela não fez nenhum movimento para atender.

Quando ele soltou suas coxas, ela deslizou pela frente de seu corpo até que seus pés tocassem o chão. A necessidade de tocar cada parte dela o consumiu. Começando com seu cabelo. Ele sempre amou seu lindo cabelo. Ele passou as mãos sobre ele suavemente, deslizando sobre os grossos cachos até os ombros. Ele passou os polegares sobre a clavícula dela antes de continuar seu caminho pelos braços.

O telefone tocou novamente e ele lutou contra a vontade de agarrá-lo da mesa e jogá-lo contra a parede. Ele manteve seu foco no prêmio à sua frente.

Onde ele estava? Ai sim. Agora, para seus quadris. Sua cintura fina.

O telefone tocou novamente. E de novo. E isso sufocou o fogo em seus olhos.

— Ignore isso, — ele rangeu.

Ela balançou a cabeça e puxou as mãos dele para longe de seu corpo. — Eu não posso. Eu sei quem é. E isso é algo que eu preciso consertar. — Ela beijou seus dedos antes de deixá-lo ir e se afastou para silenciar o telefone.

Ele queria discutir ou exigir uma explicação, mas não fez nada. Seu estômago estava em nós, muito chacoalhou em sua cabeça.

Mandy calçou os tênis imaculados no chão ao lado da porta e pegou um cardigã marinho grosso da mesa onde estava sua bolsa e as chaves. — Voltaremos a conversar em breve, ok? — Os olhos dela

procuraram os dele e ele assentiu sem pensar. Seu sorriso não estava certo quando ela recuou para fora da porta, deixando-o sozinho em seu apartamento, mas o que ele sabia?

Nada poderia tê-lo feito desistir de uma chance de fazer amor com ela novamente.

O que diabos poderia ser mais importante do que o que estava acontecendo aqui?

CAPÍTULO TREZE

Amanda

A pulsação de Amanda batia forte em seus ouvidos enquanto ela deslizava para trás do volante de seu Prius vermelho. Kane Hale tinha acabado de beijá-la até o esquecimento.

Nos anos desde que eles se separaram, ela tentou tanto se convencer de que sua boca não era tão incrível quanto ela se lembrava. Ele tinha sido seu primeiro amor. Claro, ela o construiu em sua mente.

Mas depois dessa noite, ela nunca mais seria capaz de mentir para si mesma. Se qualquer coisa, o tempo e a distância embotaram a memória de como isso era fenomenal pra caralho. Ele a beijou como se ela fosse o sol e a lua. Suas mãos eram como tições em seu corpo. Nenhum homem a excitou tanto, e nenhum a fez sentir, bem, nada. Certamente não a avassaladora onda de esperança e medo, necessidade e abandono inspirado por Kane.

Ela teria feito amor com ele esta noite sem um momento de hesitação. Inferno, ela estava tentada a se virar, mesmo agora, e terminar o que eles começaram, mas se ela não lidasse com Nathan, isso só voltaria para mordê-la na bunda mais tarde.

O toque insistente em seu telefone disse a ela que era ele antes mesmo que ela precisasse verificar o visor. Ninguém mais agiria como se tivesse direito a uma resposta imediata.

Ela olhou para o telefone enquanto puxava para a saída de sua garagem. A tela estava cheia de textos.

Nathan: Atenda.

Nathan: Onde você está?

Nathan: Por que você não atende o telefone?

Nathan: Você me pressiona demais.

Passando por vários outros sem nem mesmo lê-los, ela limpou suas mensagens e enviou uma em troca.

Amanda: Estou indo para sua casa.

Apenas um segundo se passou antes de sua resposta.

Nathan: Ótimo.

Tremendo, ela aumentou o aquecedor. O fogo em suas veias que os braços de Kane acenderam se transformou em gelo com a

perspectiva de enfrentar Nathan esta noite, mas pelo menos depois disso, tudo estaria acabado. As quatro semanas que ela prometeu a seu pai não estavam quase terminadas, mas ele mudou os termos do acordo uma vez. Agora era a vez dela. Não é como se ele pudesse pegar o dinheiro de volta agora. Ele completou a transferência bancária menos de uma hora atrás.

Ela pairou à beira de recomeçar com Kane. Ele merecia honestidade. Deus sabia que guardar segredos dele só tinha resultado em desgosto. Ela não permitiria que a sombra de seus laços com Nathan prejudicasse sua chance de felicidade.

Se ela queria uma lousa limpa, ela precisava terminar com ele agora e para sempre.

Parada na frente do prédio de Nathan, tentáculos de dúvida surgiram. Talvez ela devesse tê-lo visto em um lugar público. Ele nunca encostaria um dedo nela na frente de um publico. Era tarde demais para mudar o plano agora, mas ela não seria um alvo fácil. Inclinando-se para o lado, ela destrancou o porta-luvas e colocou o conteúdo em sua bolsa.

Respirando fundo, ela entregou o carro ao manobrista e entrou no elegante saguão. Cada passo em direção ao elevador parecia caminhar através de melado, mas ela forçou um pé na frente do outro. Os dedos de sua mão esquerda agarraram sua bolsa, enquanto ela levantava a direita para bater.

Nathan abriu a porta antes que seus nós dos dedos encontrassem a madeira. Seu cabelo loiro normalmente perfeito estava ligeiramente torto, uma mecha com gel caindo sobre sua testa. Sua

boca se torceu, e a luz fraca da única lâmpada no canto projetou sombras em seu rosto. Enquanto ele a puxava para dentro da sala, o cheiro inconfundível de uísque de Chivas Regal saiu dele em ondas.

— Você tem ideia de quantas vezes eu liguei para você nos últimos dias? — ele rosnou.

Pelo menos cinquenta. — Sinto muito, Nathan. — Ela desejou soar arrependida, mas o aperto em seu braço não diminuiu. — Tenho trabalhado em um acordo para Cooper, e isso me manteve muito ocupada.

— Eu não dou a mínima para sua pequena companhia boba. Você tem uma obrigação comigo, Amanda. Ignorar-me é muito desrespeitoso. — Mesmo com pouca luz, seus olhos brilhavam com malícia.

Rasgue o Band-Aid. — Você está certo. Você merece alguém que possa lhe dar o tempo e a atenção que você merece. — Ela pigarreou. — No momento, acho que não posso.

Nathan soltou seu braço com uma risada sombria e deu-lhe as costas. Ele foi até a cozinha e acendeu a luz para reabastecer seu copo alto. — Você não acha que pode, — ele repetiu, tomando sua bebida e servindo outra. Ele murmurou algo ininteligível enquanto enchia o copo.

Ela se aproximou. — Agradeço o tempo que passamos juntos, mas acho que seríamos melhores como amigos.

Ele estava sorrindo quando se virou para responder, mas em segundos, seus olhos se arregalaram e suas bochechas

manchadas. O vidro de cristal grosso estalou quando ele o bateu na bancada e um líquido âmbar formou uma poça ao redor dele. — Amigos? — ele trovejou. — Como se eu fosse me rebaixar para ser amigo de uma prostituta biruta como você.

Ela deu um passo involuntário para trás, esperando que ele avançasse.

Em vez disso, ele berrou: — Luzes. Cheio. — Suas características de casa inteligente seguiram seu comando, acendendo as lâmpadas de lata no teto. Ele baixou a voz. — Quem é ele?

Ela balançou a cabeça. Não havia como ele saber sobre Kane.

Nathan bateu com a mão no balcão ao lado de seu copo abandonado. — Você mal me deixa tocar em você. Todas as suas belas palavras sobre esperar a hora certa e você estava transando com um cara esta noite. Não se atreva a negar. A evidência está em toda a sua maldita cara.

Seus dedos voaram para os lábios.

— Eu deveria ter percebido que você gostaria que fosse duro, bebê. Talvez eu deva deixar crescer a barba e ver o que posso fazer com sua pele delicada. Ou talvez eu tire na sua bunda. Veja o quanto sua cara metade quer você depois que eu terminar com você esta noite. — Com um movimento de seu braço, ele jogou o vidro no chão. Ele desafivelou o cinto enquanto se movia em direção a ela.

Ele parou quando ela tirou o Colt da bolsa e apontou para o peito dele.

— Não. — A firmeza de sua própria voz a chocou. — Você não vai tocar minha bunda ou qualquer outra parte de mim. Não essa noite. Nunca mais.

Nathan estreitou os olhos. — Você espera que eu acredite que você atiraria em mim?

— Você espera que eu deixe você abusar de mim? — Ela zombou. — Fui uma idiota por aguentar tanto tempo. Eu prometo a você, acabou. Não me ligue. Não me mande mensagens. E com certeza, não me toque. Ou farei o que for necessário para me proteger.

— Você vai se arrepender disso, — ele sibilou.

— Não tanto quanto eu me arrependo de ter pegado sua merda para começar. — Ela recuou em direção à saída e manteve a arma apontada para Nathan enquanto usava a outra mão para abrir a porta.

Então ela estava livre.

Amanda olhou para o irmão.

Mike Cooper se destacava em celebrar boas notícias. Geralmente, porque adorava qualquer desculpa para uma festa e previsivelmente festejava com cerveja, comida frita ou ambos.

Seus medicamentos haviam descartado o consumo de álcool por semanas, mas ele ainda conseguia comer as batatas fritas como ninguém. Um após o outro, ele enfiou as batatas carregadas de ketchup na boca, mal demorando um momento para mastigar.

— Pare de me encarar e coma sua própria comida, — ele resmungou, mas não parecia terrivelmente incomodado. Ele teve que escolher o restaurante, e Zaxby's liderou a lista de seus favoritos.

As conversas se sobrepuseram pela sala. Uma variedade de pessoas desfrutando de seus intervalos para o almoço ocupou os assentos, desde o cara do tipo corporativo ao lado deles em um terno e gravata, até a mesa cheia de trabalhadores de serviços públicos em seus uniformes da Georgia Power Company. Frango frito, ao que parecia, era o grande equalizador.

Ela ergueu as mãos em sinal de rendição. — Perdoe-me, Oh Grande. Eu não pude deixar de assistir você engolir aquelas batatas fritas. Alguém tinha que estar pronto caso você precisasse do Heimlich[9].

Ele bufou e continuou comendo. O retorno de seu apetite deveria significar algo bom para sua recuperação, assim como sua disposição de sair e comemorar o lançamento oficial da pedra no novo local.

— Então, — Mike falou lentamente, espalhando seu frango na montanha de ketchup que ele misturou com o molho Zaxby, — Eu

9 *A Manobra de Heimlich é o melhor método pré-hospitalar de desobstrução das vias aéreas superiores por corpo estranho.*

não acho que você sabe se Kane vai estar no novo empreendimento hoje.

Ela balançou a cabeça. Mesmo sabendo que era rebuscada, parte dela esperava encontrá-lo esperando quando ela voltasse para seu apartamento na noite anterior. A primeira coisa que ela fez ao acordar foi ligar para Robby Jordan, o assistente do capataz, para descobrir quem estava na lista da tripulação. Kane havia sido designado para o projeto quase concluído a alguns quilômetros de distância.

— Eu, uh, o vi ontem à noite. Kane, quero dizer. Ele veio até minha casa. — Suas bochechas queimaram enquanto ela bebia seu Arnold Palmer. Pela vida dela, ela não conseguia se lembrar por que havia parado de beber isso.

Maravilha das maravilhas, Mike ergueu os olhos da comida. Sua mandíbula estava frouxa. — Você disse que Kane estava em *seu apartamento*?

Ela cantarolou contra o canudo. — Segui seu conselho. Eu disse a ele a verdade.

Ele girou a mão na frente dele, incitando-a a dizer mais.

— É complicado. — Ela suspirou. — Ou talvez eu tenha tornado isso complicado. Eu queria protegê-lo. Eu ainda quero. Sua estúpida gangue de motoqueiros está prestes a arruinar sua vida de novo. Você sabe que eles estão se envolvendo com drogas agora?

Mike piscou lentamente. — Muita informação e não o suficiente. — Balançando a cabeça, ele tomou um gole de seu refrigerante.

— Nós beijamos.

Seu irmão engasgou com sua bebida, e Dr. Pepper borrifou de seu nariz nos restos de sua refeição.

Com um estremecimento, ela empurrou os guardanapos na direção dele, mas ele já estava enxugando o rosto com as costas do braço.

— Esqueça os guardanapos. Conte-me tudo e não pule um único detalhe, ou Cindy nunca vai me perdoar.

Ela não duvidou disso. Cindy sempre foi uma romântica. — Um cara se aproximou do meu pai, praticamente oferecendo-lhe dinheiro se ele ajudasse a tirar os Skulls da corrida para traficar drogas em algum bairro onde ele quer fazer isso.

Mike concordou. — E seu pai aceitou o acordo.

— Ninguém parece surpreso. — Ela era a única? — De qualquer forma, eles têm algo planejado para derrubar a tripulação de Kane. Claro, eu tive que avisá-lo. —

— Claro. — Mike piscou os cílios para ela.

Ela não mordeu a isca. — Ele veio e começamos a conversar. Eu disse a ele por que fui embora, e acho que ele entendeu porque então ele estava me beijando. Deus, Mike, era como se eu estivesse vivo pela primeira vez em anos. Ele...

— Não. — Mike cobriu os ouvidos com as mãos. — Eu ainda sou seu irmão. Não preciso desses tipos de detalhes. Guarde os pedaços

sujos para minha esposa. Você pode esperar a inquisição completa hoje à noite.

— Nada muito sujo, — ela disse afetadamente. — Nathan ligou e nos interrompeu. Saí para terminar as coisas com ele. Ele não aceitou bem.

Assentindo, Mike remexeu na comida ainda à sua frente antes de fazer uma careta e afastá-la. — E agora?

— A pergunta de um milhão de dólares, não é? — Ela juntou o lixo da mesa e jogou na lata.

Eles fizeram a viagem para o novo empreendimento rapidamente e sem muita conversa, o que deu a ela tempo para reviver os beijos de Kane uma e outra vez. Quando saíram do carro, ela ficou atrás da cadeira de rodas de Mike, pronta para empurrar.

Ele estendeu a mão e tocou as costas da mão dela. — Você vai descobrir isso. Não sei se o homem que Kane é agora ainda é o certo para você, mas sei que vocês têm negócios pendentes juntos. Estou feliz que você finalmente parou de fugir disso. Eu te amo, irmã, e estarei lá para você de qualquer maneira que eu puder.

Ela fez um barulho reconhecendo suas palavras enquanto acariciava as mechas de cabelo que a brisa fria ameaçava puxar de sua simples torção. É hora de ser profissional. Com a máscara da rainha do gelo no lugar, ela empurrou o irmão em direção à tripulação reunida no lote 258. Não muitos caras ainda, já que o trabalho não havia começado. Apenas Xander, o capataz, seu assistente Robby e três outros caras. O cara afro-americano limpo

com uma pólo que ela reconheceu como Matt York. O cara com as queimaduras no pescoço era o último recruta, Evan alguma coisa. E ao lado dele estava seu amigo Ranger, Cyrus Amir. O homem era descendente do Oriente Médio, e mais do que um pouco bonito, com maçãs do rosto salientes e cabelo escuro ondulado mais comprido do que ela já tinha visto, o que significava que não estava mais no corte que ele costumava usar.

Robby, Matt e Cyrus a olharam com... não hostilidade, mas talvez suspeita ou cautela. Obviamente, os caras estavam cientes de algumas das dinâmicas entre ela e Kane. Mas ela ainda era a chefe, e alguns limites eles não podiam cruzar, mesmo por seu amigo.

Os cantos dos olhos de Xander enrugaram quando ele viu Mike. — Michael Cooper. Que surpresa inesperada. — Ele cruzou a curta distância do trailer na lateral da propriedade para apertar a mão de Mike.

— Eu não perderia a chance de estar aqui para o pontapé inicial do novo projeto, ou de ver você, velho amigo. — Mike trabalhava com Xander desde antes de Charlie morrer. Foi uma das razões pelas quais Kane foi designado para a tripulação de Xander: interação mínima com Amanda. Fazia todo o sentido para todos aqui considerá-lo seu chefe. Ela era apenas a cadela que largou seu amigo cem anos atrás.

Ela deu um passo para trás para que todos alcançassem Mike e para que ele conhecesse Evan. Eles ainda tinham mais cinco minutos antes da chegada programada de Jared Berringer para dar sua aprovação oficial no início do projeto.

— Eu sei que você é o chefe. — Ela se assustou com a voz de Robby atrás dela, então ela se virou para encará-lo. Seus grandes olhos castanhos pareciam preocupados.

Ela inclinou a cabeça, esperando que ele continuasse.

Ele franziu a testa. — Eu amo meu trabalho e sei que estou me arriscando ao dizer isso, mas Kane é meu amigo. — Ele pigarreou. — Eu marquei ele na outra casa hoje porque eu sabia que você estaria aqui. Isso, hum, o perturba ver você.

Esse cara teve uma coragem inesperada. Foi preciso muita coragem para ter uma conversa como essa com ela. Ela ergueu a sobrancelha.

Suas bochechas ficaram rosadas. — O que estou tentando dizer... o que eu estava me perguntando... você é, você poderia me avisar quando vier? Então, eu poderia atribuí-lo a outra coisa. — Robby não poderia ter mais de vinte e dois ou vinte e três anos. Com seus pés se arrastando e sua franja caindo nos olhos, ele poderia se passar por um adolescente.

Ela deveria ter ficado ressentida com a coragem dele, mas não pôde evitar ficar um pouco impressionada. O cara estava obviamente apreensivo como o inferno, mas Charlie sempre dizia : *Não é coragem se você não tem medo* . — O que você acha que Kane diria se soubesse que você estava falando comigo assim?

Robby soprou o cabelo de seus olhos, dando-lhe uma visão desobstruída de seu brilho desafiador. Sem medo agora. — Eu não me importo. Ele precisa de alguém para cuidar dele.

Ela sorriu apesar de si mesma. — Sim ele precisa.

Robby piscou rapidamente quando ela deu um tapinha no ombro dele. Não ficou claro se ele percebeu que ela nunca lhe fez a promessa que ele pediu. Não havia chance de ele se opor de qualquer maneira.

Jared havia chegado. Ele apertou a mão de Mike e seguiu o exemplo de Xander e todos os caras da equipe. Quando ela se aproximou, ele a cumprimentou com um sorriso caloroso. — Srta. Griffin, que bom ver você. — Ele apertou a mão dela com firmeza. — Tenho um fotógrafo aqui para tirar algumas fotos de relações públicas para o nosso site.

A mulher tirou alguns fotos. Todos trocaram amabilidades sobre a parceria, então Jared saiu tão rápido quanto chegou. O trabalho aqui hoje foi feito.

Enquanto esperava que Mike terminasse sua despedida com Xander, ela sentiu uma pontada de desconforto na nuca. Alguém estava olhando para ela do bosque de árvores do outro lado da rua?

Ela se virou, tentando pegar quem quer que fosse, mas não viu nada. Mesmo depois de se repreender por sua óbvia paranoia, ela não pôde evitar olhar por cima do ombro mais uma vez enquanto entrava no carro.

Nada.

Tremendo, apesar do calor de seu casaco de lã, ela ligou o motor e colocou o carro em marcha no momento em que Mike se sentou ao lado dela. Paranóica ou não, ela estava pronta para sair dali, mesmo

que uma inquisição de sua cunhada esperasse em sua próxima parada.

CAPÍTULO QUATORZE

Kane

A operação de metanfetamina no clube tinha progredido ainda mais desde a última vez que Kane esteve aqui. A mesa de sinuca agora servia como superfície de trabalho para dois de seus irmãos. Com sua cabeça careca e altura imensa, ninguém poderia confundir Cue Ball com outra pessoa, apesar da máscara cirúrgica cobrindo seu rosto. Um liquidificador zumbia na frente dele, o pó balançando dentro. Uma lata de lixo transbordou de caixas de comprimidos para resfriado no chão ao lado dele.

Frank parecia estar misturando um pouco do pó de uma tigela de plástico com... aquilo era fertilizante? Três garrafas de refrigerante parcialmente cheias estavam alinhadas na mesa ao lado dele.

Ele se moveu mais para dentro da casa, onde sua mãe estava curvada sobre o balcão da cozinha, fazendo algum tipo de cirurgia com baterias Duplo A. Mais algumas garrafas de dois litros borbulharam na mesa onde Scott presidia com vários recipientes de soda cáustica.

A sala cheirava a urina de gato.

— Precisamos tirar toda essa merda daqui.

Scott olhou para cima, mas não se moveu de sua posição.

— Estou falando sério. Onde está Malcolm?

Sua mãe atendeu. — Lá fora no quintal, eu acho. Não pensei que seria seguro fumar aqui.

Com um rolar de olhos, ele se aventurou no frio. Com certeza, seu pai estava na garagem, fumando ao lado de um aquecedor portátil. As bobinas ficaram laranja na pequena caixa.

— Temos que limpar a bagunça dentro da casa.

— Oh? — seu pai zombou. — Nós?

— Estou falando sério. — Ele se aproximou, para que pudesse falar suavemente. — Alguém está tentando nos armar. Aposto qualquer coisa que vamos fazer uma invasão aqui. A ideia é nos tirar do mercado, para que os soldados possam se firmar.

Malcolm se endireitou. Havia poucas pessoas no mundo de quem ele gostava menos do que David Bennett ou o presidente do clube, Billy Meers. — Onde você ouviu isso?

Ele estava temendo a pergunta. Seu pai não fazia segredo de sua desaprovação quando Mandy fazia parte de sua vida. Ele só a conheceu uma vez, mas como Scott, ele adorava chamá-la de Princesa Vadia e disse que Kane estaria melhor quando eles se separassem. Qualquer informação dela seria descartada imediatamente. Mas seu pai precisaria de alguma fonte para levar a sério seu aviso.

Então ele mentiu. — Meu amigo Brick. O cara que nos contratou para o golpe em Sucre. Ele, uh, disse que ouviu de uma fonte confiável. Eu confio nele. Se ele disser que vai cair, vai cair.

Seu pai coçou a barba, considerando suas palavras. — Meers está por trás disso?

— Bennett. Não sei se Cue contou para você, mas ele nos deu uma merda no parque outro dia também. Acha que tem o direito de negociar, como parte de sua cruzada branca ou algo assim.

Malcolm deu uma longa tragada no cigarro e soltou uma nuvem de fumaça. — Quando é que isso vai acontecer?

— Dentro da semana. — Ele enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta, as luvas sem dedos fazendo pouco para fornecer calor. — Precisamos limpar agora. Encontre um lugar para armazenar nosso produto e nosso dinheiro. As armas também. Os policiais sabem quem somos, então nossos lugares regulares estão fora.

Rangendo os dentes, o pai jogou a bituca do cigarro no chão e a esmagou com a bota. — O que você sugere?

Para sair do negócio das drogas.

Eles nunca deveriam ter entrado nisso em primeiro lugar. A verdade não faria nada para ajudar sua causa, no entanto. Isso só iria começar a mesma discussão novamente. — Um local de armazenamento próprio pode funcionar. Peça a um dos clientes em potencial ou às garotas que alugue um em seu nome. Algo que ninguém pode rastrear até nós. E precisamos fazer isso rápido, ou vamos acabar na prisão.

Construir uma discussão em torno de manter sua liberdade era uma linguagem que seu pai entendia. Malcolm cumpriu pena de seis meses sob acusação de arma de fogo uma vez. Ele disse uma dúzia de vezes desde então, ele nunca voltaria. — Bem. Vamos fazer isso.

Ele seguiu seu pai de volta para a cozinha, onde Malcolm gritou ordens para todos começarem a limpar. Scott fez uma careta, então lançou a Kane um olhar que poderia derreter asfalto. — Você é responsável por isso? — Ele pisou forte ao redor da mesa, a vingança queimando em seus olhos. — Você não pode admitir que eu estava certo sobre isso. Você tem ideia de quanto dinheiro isso pode significar para nós? E você quer jogar tudo fora em alguma noção de escoteiro sobre as drogas serem ruins?

Seu irmão se lançou para frente, mas Malcolm o agarrou pelas costas da camisa. — Pare com isso, Scott.

Scott congelou nas mãos de seu pai.

— Recebemos uma dica de que seremos alvo de um ataque. Precisamos nos mover e sair agora.

— Mas...

Malcolm deu um tapa na nuca. — Mas nada. Logo descobriremos se a dica era legítima. Ou os policiais aparecem aqui e provam que ele está certo, ou não. — A parte sobre o que significaria se os policiais não viessem permaneceu sem ser dita.

Mama V baixou a máscara. — Levará duas ou três horas para terminar com os lotes que estamos trabalhando agora.

— Use tudo o que não podemos transportar como está. — Malcolm olhou ao redor. — Onde estão os outros meninos?

— Nós temos os últimos degraus indo na igreja. Pete, Scratch, Randy e Joe estão lá. Cue está trabalhando com Frank e um dos clientes em potencial. Todo mundo está em seu trabalho diário. — O mau-olhado de Scott ainda estava focado em Kane. — Você não deveria estar na seu?

Em qualquer outro dia ele estaria, mas ele saiu cedo para avisar a família.

Seu pai o salvou de qualquer conversa com Scott. — Na verdade, é uma coisa boa você estar aqui. Recebi um telefonema de Ace McClinton. Ele quer uma reunião.

Scott tentou passar os dedos pelo cabelo emaranhado, mas os nós eram muito fortes. Uma escova de vez em quando ajudaria muito. Ele soltou um suspiro de frustração, então plantou um sorriso sereno. — Eu irei. Já que Kane quer tanto limpar a casa, ele pode ficar aqui e fazer as malas.

Malcolm sacudiu a cabeça com força. — Ele quer se encontrar com seu irmão. O homem foi muito claro sobre isso. Além disso, Kane é quem tem cabeça para os negócios. Ele pode finalmente usar a merda que aprendeu na escola noturna para ajudar o clube, em vez de apenas andar por aí pensando que é mais inteligente do que todos.

Pode ter havido um traço de elogio em algum lugar ali, no fundo. Bem no fundo.

As mãos de Scott se fecharam em punhos, os nós dos dedos ficando brancos. Ele não discutiu com Malcolm, no entanto. Ele engoliu todas as palavras que queria dizer e saiu em direção à igreja.

Mama V correu atrás dele. — SP, baby, você está bem?

Seu cacarejo só tornaria tudo pior.

O olhar de Malcolm os seguiu para fora da sala antes de voltar para Kane. — Por que diabos você ainda está parado por aí, garoto? Vá ganhar algum dinheiro para nós.

Pelo menos ele não precisava voltar para o maldito complexo de apartamentos. Kane não tinha ideias erradas de que não teria que voltar lá em algum momento, mas a qualquer momento que pudesse evitar a lembrança apagada de seu passado, ele considerou uma pequena vitória.

Ele chegou ao café cinco minutos antes da hora do encontro com Ace. Isso lhe deu a chance de enfrentar a linha que se curvava quase até a porta de vidro. Quem diria que tantas pessoas passaram a noite de sexta-feira em um café?

A mãe de meia-idade na frente dele deu a Kane um amplo espaço. Ela franziu um pouco a testa enquanto empurrava os dois filhos à sua frente, quase no traseiro generoso da mulher à frente. Os

meninos se contorceram para conseguir um pouco mais de espaço, mas a mãe os prendeu com o corpo.

Ele não a culpava, ele provavelmente parecia um pesadelo. Seu rabo de cavalo chegava ao meio das costas ultimamente e ele enrolava uma bandana preta no topo da cabeça. Sem dúvida seus olhos estavam injetados desde que seu cérebro agitado se recusou a lhe dar qualquer paz na noite passada. Sua barba havia crescido longa e irregular. Para completar, com a cicatriz em seu rosto, a Sra. Classe Média provavelmente viu um demônio encarnado ao lado dela e de seus filhos. Pelo menos suas mangas compridas cobriam suas tatuagens.

Ele estava acostumado a reações como a dela. Pela primeira vez em muito tempo, porém, isso o incomodou.

A fila se moveu rapidamente, apesar de seu comprimento, e uma das crianças foi corajosa o suficiente para acenar para ele enquanto sua mãe o conduzia para fora da porta. Ele tinha acabado de se sentar com dois lattes quando Ace se sentou do outro lado da pequena mesa.

O cara tinha se vestido um pouco mais casualmente para esta reunião do que na última, mas suas calças e suéter de cashmere escuro ainda contrastavam fortemente com a camisa de flanela e jeans de Kane. Ace inclinou a cabeça em direção às duas xícaras de café. — Com sede?

Ele empurrou uma das canecas grandes para o fornecedor do clube. — Eu tenho um para você, mas se você não gosta de café com leite, — ele ergueu o ombro, — Eu não vou desperdiçá-lo. — Ele

tirou dois pacotes de açúcar do quadrado de plástico preto no centro da mesa, rasgou-os e despejou o conteúdo em sua xícara. Enquanto ele mexia, a rica fragrância do expresso fez-lhe crescer água na boca.

Ace riu e ergueu um pacote azul para si mesmo. — Eu gosto de café com leite. — Ele adoçou sua bebida, então suspirou em apreciação com seu primeiro gole. Com o rosto relaxado e um sorriso brincando em seus lábios, ele parecia um cara comum relaxando com uma xícara de café. Ele pode ser vizinho de alguém, banqueiro ou corretor de imóveis. Não o cara despejando uma tonelada de heroína na comunidade.

Mas Kane era o cara de quem as mães protegiam seus filhos. Ele engoliu sua indignação com um gole de café.

Colocando sua bebida na mesa, Ace deu a ele um olhar avaliador. — Você é uma surpresa após a outra, Sr. Hale. Ninguém nunca pediu para me encontrar em um café antes. — Ele olhou ao redor da sala lotada, seus olhos pegando brevemente no quadro branco declarando:

TUDO FICA MELHOR COM CHOCOLATE.

EXPERIMENTE UM MOCHA HOJE.

— É uma boa mudança de ritmo.

De jeito nenhum ele queria voltar para o último local de encontro. Com certeza ele não convidaria esse cara para nenhum

lugar perto de sua própria vida, o que o deixaria em algum lugar público. Alguém pode tê-los reconhecido em um bar ou em algum lugar próximo à vizinhança onde eles vendiam seus produtos. Ele costumava visitar este pequeno café quando estava na faculdade. Nenhum vestígio da vida do clube em qualquer lugar por milhas.

Mas Ace não queria se encontrar para falar sobre nenhuma dessas coisas, então ele bebeu seu café e esperou.

Quando ele não ofereceu conversa fiada, o olhar suave no rosto de Ace se aguçou. — Todos os negócios, hein? Eu queria entrar em contato com você sobre como estão as coisas para as, uh, vendas de doces para a... igreja.

Kane soltou um pequeno bufo. — As vendas de doces, — ele repetiu. — Eles estão indo bem. As coisas do tipo H... Halloween não estão indo tão rápido quanto as caixas de crack erjack. — Essa merda levou o ridículo a um novo nível. — Eu diria que provavelmente vendemos metade do que você nos deu.

— Metade? — Ace piscou. — Bem impressionante. Você se move mais rápido do que eu esperava.

— Oferta e demanda bastante básicas. Ninguém preencheu o vazio e as pessoas estão *com fome* . Mudamos o sistema de preços e expandimos a distribuição da operação anterior... dobrado em alguns dos bares universitários. Os universitários também adoram doces. — O garoto bonito do clube, Frank, agora exibia um rosto bem barbeado e tinha uma fantasia da American Eagle para usar

quando chegasse aos bares da faculdade. Ele estava trazendo dinheiro, mão sobre o punho.

Os olhos de Ace brilharam. — Sim, eles adoraam, Sr. Hale. Parabéns a você por considerar isso. Gosto da maneira como você pensa fora da caixa.

Tanto faz. Tornar-se um traficante de drogas de sucesso nunca esteve no topo de sua lista de afazeres. — Também estamos fazendo nossas próprias coisas, e está indo muito bem. Os ingredientes são baratos. Não passa muito tempo na cozinha, mas mantém todos ocupados o suficiente.

— Você não gosta disso.

Ele não se preocupou em mentir. — Não. É lucrativo, mas é confuso. A coisa toda é complicada, mas cozinhar leva a um nível totalmente diferente. Eu posso ver porque você não brinca com isso. — Ele bebeu o resto de seu café com leite. — Mas não depende de mim.

Ace ficou em silêncio por um momento, então falou baixinho. — E se fosse?

O próprio homem havia dito que era um empresário. A variedade da velha escola, ao que parecia, com seu próprio tipo de código de honra. E ele viu claramente algo em Kane que achou intrigante.

Por mais perigoso que fosse, algo sobre Ace o fazia sentir que podia falar livremente. Talvez isso fosse parte de seu conjunto de habilidades.

Entre na minha sala, disse a aranha para a mosca.

— Se dependesse de *mim*, não estaríamos fazendo nada disso. Estamos tentando o destino, e ele vai voltar e nos morder na bunda. Parece que você deixa seus caras falarem o que pensam. Minha família não é como sua tripulação. A dissidência não é uma opção. E mesmo se fosse, meu pai seria o chefe, não eu.

Ace falou devagar. — Você poderia vir trabalhar para mim.

Ele soltou uma risada. — Sem ofensa, cara, mas a última coisa que quero é cair mais fundo nesta toca do coelho.

Felizmente, Ace não parecia irritado com sua honestidade. Ele ergueu a mão com a palma para cima. — Saia, então. Eu mal te conheço, e posso ver que você prefere seguir em frente, então faça. Sempre posso encontrar um novo distribuidor. — Ele encolheu os ombros como se não fosse grande coisa. — Acredite em alguém que sabe em primeira mão. Sua vida é o que você faz. Se você não gosta disso, transforme-o em outra coisa.

— Não é tão simples. — Claro, ele queria sair. Inferno, ele nunca quis realmente entrar, mas depois que tudo deu errado com Mandy, o clube parecia o único lugar seguro. Estúpido, mas sua cabeça e seu coração nem sempre concordaram. O clube nunca foi e nunca seria seguro, mas ele tinha família lá, e eles o mantiveram unido quando ele pensou que iria se quebrar em mil pedaços minúsculos.

— Ele é simples. Você é que está tornando tudo complicado. — Talvez o homem pudesse ter sido um palestrante motivacional em outra vida. Ace franziu os lábios e se inclinou para frente. — Eu não

estou tentando te dizer como viver sua vida, porque, ei, eu não estou exatamente no PTA[10], cara. Mas eu sou um pouco mais velho e talvez um pouco mais sábio, então deixe-me dizer isso. Não vai melhorar. A situação em que você está? Não vai mudar a menos que você mude. Resumindo, você modifica sua organização ou modifica suas circunstâncias. Você não pode ser um participante passivo de sua própria vida, Sr. Hale, não se quiser que seja de uma determinada maneira. Se você simplesmente seguir a correnteza, não ficará surpreso se ela não o levar aonde deseja.

Ele estava certo. Claro, ele estava certo. Ainda assim, o que Ace sugeriu não era pouca coisa. Ou você está no clube ou está fora, e se ele decidisse sair, isso significava deixar toda a família para trás. Não seria bem-vindo para ele como um estranho, nem mesmo de sua mãe. Ele estaria recomeçando, completamente sozinho, e a ideia o apavorava.

Eu não teria que ficar completamente sozinho.

O rosto de Mandy passou por sua mente, depois o de Brick e Robby. Ele tinha pessoas em sua vida que se preocupavam com ele.

O conselho de Ace deu a ele muito o que processar, e ele não iria dar uma resposta em uma cafeteria, a um metro de distância de um dos maiores distribuidores de drogas do estado.

Felizmente, Ace não esperou por uma resposta. Ele se levantou e parou com a mão nas costas da cadeira de Kane. — Pense no que eu disse. Nesse ínterim, parece que seus meninos têm um sistema sólido em funcionamento. Você sabe como entrar em contato

10 *Parent-Teacher Association no português — Associação de pais e mestres—*

quando estiver pronto para sua próxima caixa de chocolate. — Ele ergueu a mão em uma breve saudação. — Obrigado pelo café, filho.

Filho.

Ele quase riu da palavra, mas na verdade, ele não achou engraçado, e sim um pouco triste. Claro, Ace dirigia um sindicato criminoso ou algo assim, mas o cara realmente parecia estar cuidando dele. Em uma conversa, o homem lhe deu conselhos melhores do que seu próprio pai provavelmente deu em toda a sua vida. Malcolm não era o tipo de cara que ganharia o título de pai do ano, mas parecia mais óbvio agora do que há muito tempo que o homem só estava interessado em cuidar do número um. Sua esposa, seus filhos... inferno, até mesmo seu clube... ele considerava todos eles ferramentas para promover seus próprios interesses.

Ele sabia disso muito bem quando era mais jovem. Como ele pôde se permitir esquecer?

Mas saber das falhas de seu pai não o preparou para se afastar do clube. Ele não estaria apenas deixando seu pai. Ele estaria cortando sua conexão com o Cue Ball, Scott e sua mãe. Assim como o tio Wes fez.

Para quê?

Espontaneamente, uma imagem de Joshua Cooper dançou em sua cabeça e com ela, o frágil fio de esperança de que ele poderia ter uma família própria. Josh não era dele, mas o sonho de uma família não precisava morrer. Ele não precisava ficar sozinho, ele poderia fazer um novo futuro.

Seu telefone tocou.

Ele não precisava decidir agora. Mas ele não estava ficando mais jovem. Se ele fosse começar uma nova vida, teria que fazer isso logo.

CAPÍTULO QUINZE

Amanda

A convocação de seu pai veio mais rápido do que Amanda esperava. Nem mesmo 48 horas haviam se passado desde o rompimento com Nathan. Aparentemente, seu desejo por um adiamento mais longo era irreal.

Os cabelos na parte de trás de seus braços se arrepiaram quando ela deixou seu apartamento no final da manhã de sábado. Pela segunda vez em alguns dias, ela sentiu como se alguém a estivesse observando, mas ela se concentrou no medo que se formava em seu estômago com a ideia de enfrentar seu pai.

Ele nunca lidou bem com decepções. Quando ela decidiu se juntar à empresa de Charlie, por exemplo, ele fez um discurso que durou mais de uma hora, cobrindo tudo, desde sua falta de lealdade a ele até o desprezo por seu futuro e o desperdício de sua educação. Honestamente, ele ainda não tinha superado. O homem exibia uma fachada sulista elegante, mas tinha um temperamento mais quente do que o molho Tabasco.

A viagem prolongou-se interminavelmente, mas terminou instantaneamente. Ela queria acabar com tudo, mas enfrentar a música seria uma merda além da imaginação. Parte dela tinha

lutado contra a convocação, mas o homem era seu pai, e anos de condicionamento a ensinaram a não ignorá-lo.

Ela até vestiu uma espécie de armadura: jeans azul escuro, com botas marrons que apertavam a panturrilha e um suéter verde escuro. Parecia veludo amassado, quente, macio e casual, e seu pai provavelmente odiaria por todos os motivos pelos quais ela adorava.

Preparando-se, ela o procurou no escritório. Ele se sentou rigidamente em sua mesa, caneta vermelha pairando sobre uma pilha de papéis. Seu rosto se contraiu quando ela parou no lado oposto da pesada superfície de madeira, mas ele não olhou para cima. — Você renegou nosso acordo. — Sua voz cortou como gelo puro.

Ela também sabia fazer gelo. Na verdade, aquela máscara em particular deu a ela uma dose extra de coragem. — Depende de como você encara as coisas. — Cruzando os braços, ela passou as mãos na reconfortante maciez de suas mangas. — Eu mantive minha parte do acordo original perfeitamente.

Seu olhar disparou para ela. Esqueça o gelo, agora ele era todo calor. — Então, você nunca teve a intenção de me dar essas quatro semanas?

O fogo de resposta dentro dela veio como uma surpresa. — Eu pretendia dar a você seis meses, que é exatamente o que eu fiz. Seis meses rindo de suas piadas de merda. Seis meses tolerando seu abuso e me fazendo pequena. — O calor ficou mais quente. —

Agora estou feita. Ele nunca vai me menosprezar novamente. Nunca me bater. Nunca me chutar. E nunca me machucar.

Seu pai jogou a caneta sobre a mesa com um bufo exasperado. — Não precisa ser grosseira, Amanda, ou tão dramática.

— Dramática? Você gostaria de saber sobre a vez em que ele me pressionou por discordar dele? Ou quando ele me ameaçou sodomizar para me ensinar o meu lugar? Aconteceu apenas algumas semanas atrás, pai, e alguns dias depois você tentou me extorquir para mantê-lo em minha vida. — Ela juntou as mãos para parar o tremor. Mas o medo não a alimentava mais, a raiva sim.

Seu pai nem mesmo vacilou com suas palavras. Sua expressão permaneceu irritantemente neutra. — O suficiente.

— Sério? Porque você me chamou aqui para falar sobre isso. Quer falar sobre a vez em que ele me chutou nas costelas? Ou, ei, posso mostrar as marcas que ele deixou no meu braço há dois dias.

Ele se levantou. — Terminamos aqui. — Ele olhou para ela como um chiclete preso ao sapato. — Imagino que você não devolverá o dinheiro.

O dinheiro? Depois de tudo que ela acabou de dizer a ele? Foda-se ele. — Você espera certo. — Não se tratava de dinheiro, era sobre ele. Sobre ela se curvando e ralando com ele, tentando novamente preencher seu poço sem fundo de necessidade, por atenção, adulação, obediência. Uma missão tola, e ela estava cansada de ser

uma tola. Ela descobriria alguma outra maneira de manter Kane seguro de suas ameaças.

— Você tem alguma ideia de quanto isso vai me custar? — ele assobiou.

Ela girou nos calcanhares e parou na porta do escritório, olhando para ele por cima do ombro. — Eu sei exatamente o que isso custou a você. Custou-lhe a sua filha.

Ele não disse outra palavra enquanto ela retomou seu caminho para fora da sala e de sua vida.



A rota da I-95 para Jacksonville demorou um pouco mais graças ao desvio pela Highway 17, mas a vista compensou o atraso. Cue Ball disse que todas as viagens rodoviárias eram iguais, mas algo sobre estar perto da água em sua moto fazia horas na estrada passarem na metade do tempo.

Embora ele nunca tivesse se importado em fazer disparos para o clube, ficar longe de todo o lixo de drogas, mesmo que por apenas um dia, foi um alívio absoluto. Ele e Frank partiram logo depois do amanhecer para ir ao almoço com Sergei. Frank dirigia o SUV e Kane o acompanhou em sua Harley. Eles poderiam ter pilotado

juntos, mas Kane não estava com humor para ouvir sobre quem o homem fodeu na noite passada. Ele lutava cada vez mais para fingir qualquer entusiasmo sobre as conquistas sexuais de seus amigos ou até mesmo para começar a louvar o clube. Parecia que essas eram as únicas coisas sobre as quais alguém ainda queria falar.

Alguma vez tinha sido diferente?

Ele deixou sua memória esticar enquanto seu corpo relaxava no ritmo da estrada aberta. Quando ele tentou exorcizar Mandy de sua vida, seus irmãos forneceram uma seqüência interminável de distrações para impedi-lo de enlouquecer. Se ele ficasse muito triste, alguém, geralmente Scott, o levaria para o clube de strip na rua da sede do clube e colocaria um broto em sua mão.

Na época, o clube fornecia segurança para Bottoms Up, então eles nunca tiveram que pagar uma cobertura. A maioria dos caras teria dito que a entrada gratuita era um pagamento suficiente, mas o trabalho também rendeu alguns dólares extras.

Aqueles primeiros anos após o rompimento se transformaram em uma série de lap dances, benders, boquetes e até mesmo algumas formas triplas. Foram anos amargos e quebrados, onde ele intencionalmente raspou o fundo do barril da sociedade como um grande foda-se para a mulher que teria ficado arrasada ao vê-lo afundar tão baixo. Depois de um tempo, simplesmente se tornou a realidade de sua vida.

Ele parou de fazer a barba ou cortar o cabelo. Ele usou o dinheiro que economizou para comprar o anel de Mandy como pagamento

de sua moto. E visitou o estúdio de tatuagem mais vezes do que qualquer outra pessoa em seu clube.

Apenas sua primeira tatuagem tinha algum significado real, o nome de Mandy grande e orgulhosa nas costas, estendendo-se ombro a ombro. Ele mentiu e disse aos outros que entendeu antes do término, mas ela o odiaria marcar sua pele com o nome dela ou qualquer outra coisa. Não, ele fez a tatuagem logo depois que ela o deixou. Ele disse a si mesmo que era para nunca esquecer o quão completamente ela o fodeu, um lembrete para nunca se apaixonar por outra mulher novamente. Outra mentira. Ela se marcou em sua porra de alma, a tatuagem apenas a tornou visível para o mundo.

O próximo veio um ano depois. Ele recebia outra a cada poucos meses, todos com os mesmos temas: caveiras em homenagem ao clube e uma série de demônios e anjos femininos. Afinal, ele considerava as mulheres tanto o céu quanto o inferno, então fazia sentido.

Agora, ele tinha pouca semelhança com o cara bem-apessoado que ia para a escola noturna e fazia piquenique com a namorada sob as estrelas. A vontade de Mandy de deixá-lo beijá-la na outra noite foi um milagre do caralho. E não apenas por causa da aparência dele. Ele desistiu do sonho de reconquistá-la anos atrás, mas se convenceu de que ela nunca o amou... ela o deixou porque não se importava.

Ele poderia acreditar em sua explicação agora?

Sim. Talvez isso o tornasse um idiota, mas ele não duvidou dela por um segundo. Sua mudança abrupta de opinião sobre o

relacionamento deles nunca fez sentido. Ele teria apostado sua vida que ela o amava tanto quanto ele a amava, e sua versão dos eventos lhe deu uma tábua de salvação. Dizia que ele não a julgou mal, ela o amava, tanto que o desistiu para protegê-lo.

As ondas cinzentas se agitaram no canto de seus olhos ardentes enquanto ele considerava a estúpida história de extorsão de seu pai. Tinha mil orifícios, mas o importante era que ele acreditava que *ela acreditava*. Ela não apenas partiu o coração dele, ela quebrou o seu próprio.

Como ele deveria se sentir sobre isso? Seu intestino se enroscou em nós. Ele queria sacudi-la por sua ingenuidade e por carregar o peso de tudo em seus ombros. Ele nunca teria permitido que uma ameaça os separasse, mas, novamente, ela provavelmente sabia disso desde o início. Ela não deu a ele escolha.

Ela pensou que o estava salvando, mas mesmo que toda a merda de Beau sobre o policial fosse real, inferno, sim, ele teria ficado feliz em algum tempo, sabendo que ela estava esperando do outro lado. Teria sido melhor do que o vazio infinito que ele obteve.

Ele poderia examiná-la milhares de vezes, perguntando a si mesmo e se. Ele poderia se enfurecer, lamentar, questionar. Sinceramente, porém, no momento em que pôde dizer a si mesmo que não era culpa dela, ele agarrou-o com as duas mãos. Ele agarrou-se a *ela*.

Mandy era a única coisa que ele realmente queria em sua vida, e se ele pudesse encontrar uma maneira de tê-la agora, sua alma

esfarrapada ainda ansiava por isso. A questão era se ela algum dia poderia querer o homem que ele se tornou. Sujo, usado e cansado.

Chegar ao seu destino deu-lhe uma pausa muito necessária de seus pensamentos. Sergei estava do lado de fora do armazém, com os braços grossos cruzados sobre o casaco de lã preta, o cabelo louro-claro penteado para trás.

Kane desceu da moto, suas pernas pareciam gelatina após a longa viagem. Ignorando o sinal de fraqueza, ele abordou seu contato e apertou sua mão. Ele queria apenas uma troca fácil e agradável. — Espero que você não tenha esperado muito. — Ele não conseguia ler o rosto impassível do russo.

— Não. Você chegou bem na hora.

Mesmo depois de cinco anos trabalhando com o homem, ele ainda gostava de ouvir a cadência incomum de seu sotaque. Infelizmente, Sergei era um homem de poucas palavras. Ele levou Kane e Frank, que havia parado bem atrás dele, até o armazém onde 25 AR-15 esperavam dentro de uma van preta estacionada. Frank foi direto para as armas para examiná-las.

Sergei firmou a mandíbula e se virou para Kane. — Circulam boatos sobre o seu clube mergulhar no comércio de drogas.

Merda.

— Não vou perder meu tempo ou o seu perguntando se é verdade. Mas vou dizer o seguinte, meu pessoal espera que nosso negócio seja o foco do seu negócio. O tráfico de drogas é perigoso. Quando você se coloca em risco, você nos coloca em

risco. Não temos interesse em correr riscos. Deixe-me ser claro. Se os rumores forem verdadeiros, se você estiver colocando nossa operação em perigo, pare agora. — Sua voz ecoou no armazém, fria e vagamente ameaçadora. — Podemos ignorar um mal-entendido, mas nossa posição é conhecida agora e esperamos que você se comporte de acordo. Existe alguma parte disso que você não entendeu?

Sergei nunca disse tantas palavras para ele em todas as conversas que eles tiveram, juntos. E Kane não podia perder a mensagem. Ele não podia culpar os ventos gelados por colocar um frio em seus ossos. — Compreendo.

Sergei acenou com a cabeça. — Bom. Leve de volta para seu pai.

Frank voltou. — Está tudo em ordem. Vamos carregar. — Juntos, eles encaixotaram as armas nos fundos falsos de caixas cheias de sacos de café e depois as colocaram na traseira do SUV.

Ele tirou um envelope cheio de dinheiro do bolso de trás e o entregou ao contato russo.

Sergei enfiou-o no bolso interno do paletó e foi embora sem dizer uma palavra.

Frank deu uma risadinha. — Um homem de poucas palavras. Se ao menos eles fizessem mulheres que pudessem ser tão quietas.

Ele forçou um sorriso. — Vamos voltar para a estrada, irmão. Precisamos devolver a mercadoria à ATL.

Alheio ao estômago embrulhado, Frank sentou-se ao volante e ligou o motor do velho Bronco. Eles caminharam lado a lado, voltando para a interestadual.

Os Skulls estiveram em parceria com o consórcio de Sergei nos últimos cinco anos. Eles nunca tiveram problemas, mas também nunca criaram problemas. Os russos sempre exigiram duas coisas: discrição e fidelidade. Sergei era claro. Trabalhar com Ace violou os termos.

Mas Malcolm levaria o aviso a sério? Provavelmente não. Infelizmente, seu pai era um narcisista e teimoso para arrancar. Ele acabaria morto ou na prisão antes de se curvar aos desejos de outro homem, se é que ele acreditasse no aviso.

Você poderia sair do clube e acabar com a coisa toda.

A voz traidora na parte de trás de sua cabeça definitivamente tinha razão. Também seria um longo caminho para colocar sua vida de volta nos trilhos, mas no caminho certo para onde? De volta à escola? Ele nunca se formou. Voltar para Mandy? Que tipo de homem ele seria se virasse as costas aos irmãos por uma mulher que o largou há uma década? Mas ela não era apenas uma mulher, era? Ela era tudo.

Ele girou e girou, discutindo consigo mesmo. Cinco horas depois, ele não tinha se aproximado de uma resposta, pelo menos sobre seu futuro com o clube.

Ele pensou em como Scott se recusou a deixá-lo chafurdar em sua miséria no primeiro ano depois que Mandy o empurrou. Seu

irmão o levava a qualquer lugar que fosse, então ele nunca se sentiria sozinho. Eles iam a shows de hard rock juntos, pistas de boliche, bares. Scott lhe ensinou os fundamentos da mecânica de motos ao longo de dezenas de cervejas. Ficava acordado com ele a noite toda quando precisava, assistindo *American Pie* e contando piadas ruins.

Ele pensou no Cue Ball e nas dezenas de lap dances que pagou. Frank e seu sábio conselho sobre como apressar universitários em uma mesa de sinuca.

Então ele pensou no tio Wes, cujo rosto ele apenas meio que se lembrava. Ele não conseguia mais se lembrar do som de sua voz, de que tipo de comida gostava ou o que fazia para ganhar a vida.

Inferno, ele poderia ter um bando de primos de primeiro grau lá fora, pelo que sabia. Ele provavelmente *nunca* saberia, porque isso é o que significava sair. Wes foi cortado, agora e para sempre.

Uma coisa ele sabia: ele precisava contar aos irmãos sobre o aviso de Sergei.

Frank o seguiu dentro do clube, deixando as armas no Bronco por enquanto. Eles os moveriam para o local de armazenamento mais tarde onde guardaram a metanfetamina.

O interior da casa ainda cheirava mal, o aroma químico era tão forte que fazia seus olhos lacrimejarem. Ele encontrou seu pai e Cue Ball nos fundos, fumando na garagem, o pequeno aquecedor laranja brilhando ao lado das cadeiras dobráveis onde estavam sentados.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. Seus dedos estavam dormentes por causa das horas na estrada. — Tenho uma mensagem do Sergei. Você não vai gostar. — Ele contou a seu pai a conversa no armazém.

— Foda-se aquele comunista bastardo. — Classico de Malcolm. — Ele não pode me dizer como administrar meu clube.

Tecnicamente, não deveria ser o clube de Malcolm. Sim, ele era presidente, mas eles decidiam tudo por maioria de votos. Ainda assim, seu pai fundou o clube, e sua veia proprietária corria fundo.

— Acho que precisamos colocá-lo na frente da mesa, — advertiu Kane. — Os russos são nossos parceiros há muito tempo. É um erro descartar o que ele disse sem nem mesmo falar sobre isso.

Seu pai jogou a ponta do cigarro no chão. — Nós conversamos sobre isso. Agora mesmo. — Ele se levantou, e o Cue Ball o seguiu. — Agora, vamos levar a mercadoria para o local de armazenamento. Não quero ter um monte de armas por perto, se um ataque acontecer.

A dispensa não poderia ter sido mais clara, o que fez seu sangue ferver. Malcolm passou por seu filho com o ombro, desistindo do atalho pela casa para dar uma volta pelo lado de fora.

Cue Ball parou ao lado dele. — Você vem conosco? Scott e eu vamos sair para uma bebida esta noite. Podemos sair após o descarregamento.

Seu telefone zumbiu em seu bolso. Ele balançou sua cabeça. — Nah, cara. Talvez eu pego você mais tarde. — Ele esperou até que seu amigo contornasse a casa antes de verificar seu visor.

Amanda: Posso te ver esta noite?

Mandy.

Por toda a sua introspecção, por toda a sua busca da alma, ele não precisava pensar nada antes de digitar uma resposta.

Kane: Uma hora. Seu lugar.

Ele precisava de tempo para ficar apresentável. Seu apartamento era um passeio rápido, ele chegou em casa em minutos. Demorou um pouco mais no chuveiro para limpar as evidências da estrada.

Uma vez que ele estava limpo, ele enrolou uma toalha em volta da cintura e parou na pia para escovar os dentes. Depois, ele se forçou a se olhar no espelho. Ele o evitou por tanto tempo que mal conseguia se lembrar da última vez que estudou seu reflexo.

Droga, ele parecia uma merda. Por que qualquer mulher iria querer chegar perto dele era um mistério que ele não conseguia começar a desvendar. Ele costumava ser um cara bonito, mas a cicatriz deu a ele um aspecto áspero que ele nunca poderia apagar. O cabelo e a barba, por outro lado, aquelas coisas sobre as quais ele poderia fazer algo.

Mas quanto? Ela saberia que era por ela. Ela teria que saber.

Ele não podia apagar tudo que ele se tornou nos últimos treze anos. Mas ele poderia fazer algo. Ele puxou a gaveta embaixo da pia e vasculhou antes de sua mão pousar na tesoura de cabo grosso.

Com uma respiração profunda, ele os ergueu e começou a cortar.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Amanda

O sol poente lançava um brilho laranja através da porta de vidro deslizante enquanto os minutos se aproximavam da chegada de Kane. Amanda queria ligar para ele no momento em que saiu da casa de seu pai, mas se obrigou a pensar muito sobre isso primeiro.

O que ela estava fazendo com ele? Ela estava tentando recuperar o que eles perderam? Claro, aqueles momentos roubados em seus braços moveram a terra sob seus pés, mas eles tinham alguma chance de algo mais? Ele estava em uma gangue de motoqueiros, pelo amor de Deus.

Seu cabelo era mais longo que o dela, tatuagens cobriam seus braços e quem sabe o que mais, mas era muito mais do que físico. Kane era diferente e de maneiras que ela provavelmente ainda não conhecia. Ele jurou que nunca faria parte da vida do clube. As drogas, o sexo livre, a misoginia e o completo desrespeito às regras da lei ou da sociedade.

Ela não era puritana, mas nunca poderia compartilhar seu homem com outra mulher, certamente não com várias outras mulheres. Ela não podia viver com medo constante por sua segurança ou liberdade. Com um homem que ela realmente amava,

ela queria tudo que ele pudesse dar: cada aniversário, cada Natal, cada beijo, cada sonho, cada fodida fantasia.

Por tudo que ela sabia, Kane poderia ter uma dúzia de filhos lá fora com tantas mulheres diferentes. Ele poderia estar recebendo um boquete de alguma estranha aleatório agora, sem ao menos pensar duas vezes, porque o clube considerava isso normal. Ela tinha visto em primeira mão quando eles estavam namorando. Kane não tinha vivido assim, mas seu pai sim... seu irmão também.

Scott era um idiota. Ele costumava chamá-la de Sua Alteza ou Princesa Vadia, embora ela nunca tivesse feito nada além de tentar ser legal com ele. Ela esperava que ele pegasse uma DST desagradável de uma de suas garotas do clube. Pensar em uma dúzia de maneiras pelas quais o pau de Scott poderia cair evitou que sua mente circulasse em torno das perguntas difíceis sobre ela e Kane.

Então uma batida soou em sua porta. Ela disse a Mickey, seu porteiro, Kane tinha um passe permanente para subir ao seu andar. Deus sabia o que ele pensava desde a aparência de alta classe de Nathan ao visual de motoqueiro desalinhado de Kane. Ele não teria ideia de que o terno de três peças de Nathan realmente escondia um monstro por baixo, enquanto o exterior foda-se de Kane abrigava um coração de ouro.

Ela alisou o cabelo com as mãos antes de girar a maçaneta para abrir a porta. Sua saudação morreu em sua garganta quando o viu.

Aparar a barba não deveria ter feito tanta diferença, mas ele a deixou sem fôlego. Sim, seu cabelo ainda era comprido, mas estava

preso em um rabo de cavalo baixo e manso. As mangas compridas de sua camiseta preta cobriam suas tatuagens. Ele parecia mais com o Kane de que ela se lembrava do que ela teria pensado ser possível. Diferente, mas igual.

— Uau, — ela respirou, e seus olhos castanhos brilharam.

— Eu aceito *uau*, olá qualquer dia. — Ele inclinou a cabeça. — Você vai me convidar para entrar?

Suas bochechas inflamaram quando ela deu um passo para o lado. — Arrogância não combina com você, — ela disse afetadamente.

— Eu diria que serve bem. — Ele piscou.

Ele piscou pra ela.

Ela fechou a porta, incapaz de conter o sorriso. Quando ela se voltou para ele, porém, ficou paralisada com o quão estranho era tudo isso. O que ela realmente queria fazer era se jogar em seus braços, respirar seu cheiro, senti-lo ao seu redor... dentro dela. Sexo não era a resposta, pelo menos não ainda. — Gostaria de uma bebida?

Ele caminhou até a estante onde ela tinha uma foto emoldurada dela e de Mike da época em que ela e Kane estavam juntos. Ele o pegou para olhar mais de perto. — Sim. Uma bebida soa bem.

— Eu, uh, não tenho mais certeza do que você gosta. — Por que doía tanto admitir?

Kane ergueu os olhos da foto. — Eu ainda sou eu, Mandy.

Por alguma razão, suas palavras calmas a socaram no estômago. Tudo mudou, mas ele afirmou que ainda era o mesmo. Era o que ela queria, mas só parecia levar para casa todos os anos que ela perdeu. Ela poderia ter tido tempo com ele, mas negociou com seu pai.

Lágrimas nublaram sua visão. Ela se virou, mas elas se espalharam por suas bochechas antes que ela pudesse escondê-las. O que diabos havia de errado com ela? Ela não conseguia nem se lembrar da última vez que ela chorou.

Ele deu um passo atrás dela e pousou as mãos em seus ombros. — Você não tem que se esconder.

— Eu nem sei por que estou chorando. — Uma mentira. Ela chorou porque tudo nela precisava que o que ele dizia fosse verdade, ao mesmo tempo em que ela temia que não pudesse ser.

Ele estalou a língua enquanto a virava em seu peito. Seu corpo era maior do que costumava ser, mas ela teria reconhecido a sensação de seu abraço em qualquer lugar. — Acho que temos muito que descobrir um sobre o outro. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — Vou tomar uma cerveja. Bud se você tiver.

Ela respirou fundo mais uma vez de seu cheiro limpo antes de sair para pegar as bebidas. Quando ela voltou da cozinha, Kane estava na estante novamente, olhando para a mesma foto.

— É assim que me lembro de você. — Ele aceitou a cerveja e usou a frente da camisa para proteger a mão enquanto tirava a tampa. Deu-lhe um breve vislumbre do abdômen duro como uma

rocha, salpicado de cabelo escuro, ele tinha mais agora do que antes. Se ele percebeu como a afetou, ele não demonstrou. Seu olhar voltou para a foto e seu rosto se suavizou. — Esta foi a melhor época da minha vida.

Ela bebeu seu zinfandel, apesar da tentação de engoli-lo. — Foi a melhor época na minha também. — Outro gole. Ah, foda-se. Ela terminou o copo e voltou para a cozinha para pegar a garrafa.

Agora ele relaxou na poltrona e ela se sentou ao lado dele, o coração disparado como se tivesse acabado de correr uma maratona. — Você está saindo com alguém agora?

Ele balançou a cabeça lentamente, enviando uma emoção por seu coração. — Você?

— Eu estava. — A vergonha a impediu de compartilhar toda a história. — Eu terminei.

— Por minha causa? — Ele procurou seus olhos.

— Em parte, mas principalmente por minha causa. Eu não o amo. Não foi um relacionamento baseado em sentimentos. Eu era sua acompanhante. Ele era... um meio para um fim. Já tinha demorado muito. — Nathan era a última coisa em que ela queria pensar.

Ele tomou um gole de sua cerveja enquanto considerava suas palavras. — Havia alguém para mim, não muito tempo atrás, mas ela, não era nada real. Nenhum delas foi nada real, mas eu tenho que dizer a você, eu não sou exatamente um santo desde que estávamos juntos.

Oh, olhe, algo em que ela queria pensar ainda menos do que em Nathan. — Já se passaram treze anos. — Ela tornou a encher o copo. — Eu nunca esperei que você vivesse como um monge.

— Mandy...

Ela ergueu a mão. — Pare. Sei que você está tentando ser honesto e agradeço isso, mas não quero ouvir o que você está prestes a dizer. — A vaga ideia de todas as mulheres que compartilharam sua cama ao longo dos anos doía bastante. Ela não tinha certeza se conseguiria ouvir os detalhes. — Nós dois estivemos com outras pessoas. Mas aqui está o resultado final para mim, sem besteira. Nunca amei nenhum homem em minha vida, exceto você. Não havia ninguém antes e desde então que chegou perto. Ninguém com quem eu queria um futuro. Ninguém com quem eu queria uma família. Era só você. Só você sempre. — A confissão a deixou nua. Ela pegou a garrafa de vinho, mas ele a segurou.

— E para mim, sempre foi você, Mandy. — A verdade girou nas profundezas cor de chocolate de seus olhos.

Ela engoliu em seco. — Você continua me chamando de Mandy. Eu não sou mais ela. Nem tenho certeza se me lembro de como ser aquela garota. O tipo de garota que acredita em desejos e finais de contos de fadas. Não posso voltar atrás e desaprender as lições que esses anos me ensinaram. Não tenho certeza se eu faria se pudesse. Eu sinto falta dela, no entanto. Sua Mandy. Eu era mais feliz quando era ela.

Kane chegou mais perto, sua coxa roçando a dela, e emoldurou seu rosto com suas mãos ásperas. — Você poderia ser feliz de novo.

Seus olhos se fecharam quando ela se inclinou para seu toque. Seria tão fácil bloquear o mundo, simplesmente estar aqui neste momento... com ele. Mas todas as perguntas e dúvidas ainda estariam aqui depois. Se isso fosse acontecer, eles teriam que aprender um ao outro de novo, não apenas os fantasmas que viviam em suas memórias, mas as pessoas reais que eram agora.

Ela forçou suas pálpebras abertas e focou em seu olhar suave. Ela poderia se afogar naqueles olhos.

O que ela vai dizer?

Sua resolução desapareceu quando ele se inclinou para frente e roçou os lábios nos dela. A cerveja permaneceu em seu hálito e sua língua procurou em sua boca para um contato mais profundo. O sabor crocante vibrou sobre suas papilas gustativas, mas quando ele aprofundou o beijo, ela apenas sentiu o gosto do desejo.

Ela não conseguia respirar. Ela não conseguia pensar. Ela precisava se aproximar.

Kane não a fez esperar. Deslizando o braço em volta da cintura dela, ele a puxou em direção a ele, e ela foi de boa vontade para seu colo, as pernas montadas em cada lado dele.

Agora o beijo foi uma experiência de corpo inteiro. A barba ainda arranhava um pouco, mas em sua fome, mal registrou. Suas mãos agarraram seus ombros largos enquanto ela se moldava contra ele. Tudo nele era maior do que antes. Seu peito, suas coxas poderosas, até...

Ele gemeu quando ela se apertou contra a dureza entre as pernas. Os braços que ele tinha ao redor da cintura dela caíram abruptamente, e suas mãos agarraram seus quadris. Agora, ele a encorajou. Definindo o ritmo.

Passaram-se anos desde que ela esteve com ele desta forma, mas seu corpo não tinha esquecido nada, e aparentemente nem o dele, porque eles se contorciam e arqueavam um contra o outro em uma harmonia ofegante.

Kane interrompeu o beijo e arrastou os lábios pela coluna de seu pescoço, e ela inclinou a cabeça para trás para dar-lhe melhor acesso. O aperto em seus quadris diminuiu quando ele deslizou a mão por baixo de sua camisa, subindo por sua caixa torácica em um caminho para seus seios doloridos.

Com uma maldição, ela puxou o decote em V simples sobre a cabeça e jogou-o no chão.

Seus olhos se arregalaram, mas ele não perdeu o ritmo, desabotoando o sutiã e puxando-o para longe do corpo dela. — Ofereça-os para mim, — ele rosnou, e ela estava muito feliz em obedecer. Mal ela segurou seus seios, ele tinha um mamilo em sua boca.

O puxão afiado foi direto para sua boceta. Ela gemeu e girou os quadris com mais força. Mais rápido. A necessidade por ele subia, o cume fora de alcance.

Enquanto seus dentes brincavam sobre sua carne sensível, seus dedos puxaram suavemente seu outro mamilo. Ele beliscou e

puxou, chupou e lambeu. Um gemido subiu do fundo de sua garganta enquanto o mundo inteiro se concentrava em sua boca, suas mãos e o pênis esticado contra seu jeans.

— Goze para mim, — ele exigiu, sua respiração quente contra sua pele molhada.

Ela apertou mais forte contra ele, a pressão exatamente em seu clitóris dolorido, enquanto ele beliscava ambos os mamilos com força suficiente para que uma pontada de dor aumentasse o prazer. Então ela estava voando, seu nome um grito em seus lábios.

O orgasmo a sacudiu em seus alicerces. Seu movimento parou quando as ondas passaram por ela. Mas não foi apenas seu corpo alcançando seu platô, era como cada emoção que ela já teve, construída em um grande pico explodindo dentro dela. Ela queria rir, chorar e gritar. Mas mais do que qualquer coisa que ela queria, ela precisava, chegar ainda mais perto.

Pressionando o peito contra o dele, ela enterrou o rosto em seu pescoço, lutando contra a nova onda de lágrimas que ameaçava envergonhá-la novamente. Chorar uma vez esta noite já tinha sido demais. Seus braços a seguraram com a quantidade exata de força, e embora sua ereção ainda estivesse aninhada entre suas pernas, ele não fez nada para empurrar por mais.

Ela se permitiu o luxo da paz em seus braços até que ela pudesse se recompor. Então ela se afastou e o beijou suavemente. — Deixe-me cuidar de você, — ela sussurrou. Era uma prova de que o fogo entre eles Kane poderia fazê-la gozar sem nem mesmo tirar as calças.

Ele passou a mão pelo cabelo dela, como sempre fazia. — Você fica tão linda assim. Seus olhos são como a merda de esmeraldas agora. — Seu polegar roçou seu lábio inferior. — Sua boca parece completamente beijada. — Seu olhar suave tornou-se proprietário. — Eu fiz isso. Eu quero continuar fazendo isso.

Sua boca se curvou em um sorriso. — Me beijando?

— Fazendo você minha. — A maneira como ele disse soou com verdade. — Não sei como vamos fazer isso funcionar. Não sei o que temos que mudar ou como vamos ter que nos dobrar, mas não vou deixar você ir desta vez. Você entende? — Um olhar feroz apareceu em seu rosto. — Nós vamos descobrir isso, Mandy, e você vai ser minha para sempre.

Seu cérebro emitiu uma centena de negações. E se eles fossem muito diferentes agora? E se ele não pudesse amar a mulher que ela se tornou? E se ele se transformasse em seu irmão... ou em seu pai?

A dúvida deve ter aparecido porque ele a sacudiu suavemente. — Não faça isso. Não se convença do contrário antes mesmo de tentarmos.

Ela tinha esquecido como era estar com um homem que sabia como lê-la. Ela estava se convencendo do contrário? — Eu não estou.

— Mas? — ele perguntou.

— Mas por onde começamos? Já sabemos que isso..., — ela gesticulou no pequeno espaço entre eles, — ... não é um problema. Você pode apenas olhar para mim e me molhar.

Seus olhos escureceram e ela empurrou contra seu ombro.

— Pare. Este é o meu ponto. Ainda nos queremos, mas muitas outras coisas mudaram. Tipo o quanto eu te machuquei. — Ela hesitou. — Como o fato de você se juntar ao MC.

O calor deixou seus olhos. — Eu sei.

— Então por onde começamos?

Ele ficou quieto por um momento. Então um sorriso apareceu em seu rosto, transformando-o de bonito em deslumbrante. — O mesmo lugar onde qualquer pessoa começa. No início.

CAPÍTULO DEZESSETE

Kane

A empolgação dos fãs de futebol universitário se traduziu em um rugido maçante nos ouvidos de Kane. O Turner Field estava quase irreconhecível em alguns aspectos desde que o estado da Geórgia o converteu em seu estádio, mas a vibração dos torcedores carregados de esportes era universal.

Mandy ficou encantada enquanto eles olhavam para o campo, que agora era território do Panthers de ponta a ponta. — Eu não venho aqui há anos, — ela respirou.

Ela parecia tão jovem em seus jeans e suéter, ela não usava maquiagem e suas bochechas estavam vermelhas de frio. Sua respiração saiu em nuvens nebulosas de fumaça.

Ele agarrou seus dedos gelados. — Você quer um chocolate quente? — Sem esperar por uma resposta, ele a puxou para a fila para fazer pedidos.

Ela não se afastou, mas seus olhos se estreitaram. — Você nunca gostou de futebol americano universitário. — A mulher tinha uma memória de elefante.

— Não é como se eu odiasse, — ele se esquivou. — Nunca tive tempo para entrar nisso.

— Um sabor recém-adquirido, não é? — Sua voz soava inocente, mas seu sorriso era malicioso.

Ele colocou o cabelo dela atrás da orelha. — Acho que poderia aprender a amá-lo.

Agora ele apostaria que o vermelho em suas bochechas não tinha nada a ver com o frio. Ele sorriu para o desconforto dela enquanto eles se moviam para a frente da fila, e ele comprou suas bebidas.

Ela soprou em sua xícara antes de dar um gole hesitante. — Onde estão nossos assentos?

Verificando os ingressos, ele a conduziu ao lugar deles na vigésima quinta fileira. Não exatamente perto do campo, mas também não na seção de sangramento nasal.

— Eles ainda estão azuis, — ela meditou com um pequeno sorriso quando eles encontraram seus lugares.

Eles não tiveram muito tempo para conversar quando as equipes entraram em campo. O estado da Geórgia enfrentou o Tennessee, e o barulho da multidão tornou a conversa impossível. A energia se espalhou como eletricidade por um fio elétrico.

Mandy disse a ele mais de uma vez que amava futebol. Ela até chegou perto de persuadi-lo a um jogo dos Falcons antes de eles terminarem. Ver o prazer iluminar seus olhos o fez desejar ter cedido antes.

Minutos de jogo, ela estava de pé. O quarterback havia lançado um passe longo com sucesso, e o wide receiver estava correndo na linha de trinta jardas. — Vai! Vai! Vai! — ela gritou.

Um jogador do Tennessee o abordou aos vinte e cinco.

Ela praguejou enquanto se jogava de volta em sua cadeira, e ele sorriu até que ela deu uma cotovelada em seu braço. — Tire sua cabeça da bunda, Hale. A participação não é opcional.

A próxima vez que ela se levantou, ele a seguiu e, no intervalo, gritou com a voz quase crua. No final do jogo, ele se sentia tão carregado que nem percebeu a picada.

Ela enlaçou o braço no dele enquanto eles avançavam pela multidão para chegar ao carro dela. Ela o deixou dirigir até seu destino surpresa, mas agora ela deslizou para o banco do motorista. — Estou faminta. Quer comer alguma coisa?

Ele assentiu. Ele não queria que o dia acabasse, mas tinha menos de duas horas antes de sua reunião na sede do clube. Apesar da decisão do pai, ele se recusou a permitir que o aviso de Sergei passasse despercebido pelo resto de seus irmãos.

Mas agora não era hora de pensar sobre seus problemas. Ele iria aproveitar cada segundo que pudesse com Mandy. A noite anterior tinha sido uma revelação do caralho. Vê-la desmoronar em seus braços foi ainda melhor do que ele se lembrava. Talvez porque ele tenha gostado mais dessa vez.

Ela parecia uma porra de deusa com toda sua pele pálida e perfeita e mamilos cor de pêssego. Eles praticamente imploraram por sua boca. E foda-se se ele não estava ficando duro de novo, mesmo pensando nisso.

Ele não tinha dúvidas de que ela o queria tanto quanto ele a queria, mas ela ainda não estava pronta para confiar nele. Inferno, ele não podia culpá-la. Ela tinha visto a vida do clube naquela época, e suas impressões estavam corretas. Pela maneira de pensar de seus irmãos, ele poderia foder qualquer coisa que se movesse, e ela não teria o direito de reclamar. Nenhum deles acreditava em monogamia, e ele não havia tentado nenhuma vez nos últimos treze anos.

Isso não significava que ele não poderia voltar. Ele cortou sua noz esquerda para voltar. A única maneira de provar isso, porém, era mostrar a ela, para que ele o fizesse. Ele iria mostrar a ela que ela era seu sol, e seu mundo giraria em torno dela mais uma vez.

— Hambúrgueres pode ser? — A pergunta dela interrompeu seus pensamentos.

Ele olhou em volta, surpreso por ela ter entrado no estacionamento do Applebee's enquanto seu cérebro estava em licença sabática.

Um pequeno grupo já esperava por uma mesa perto da área de recepcionistas, então eles ocuparam os dois últimos lugares no bar.

— Deixe-me adivinhar. — Ele levou os dedos às têmporas. — Você quer um Cowboy Burger com o molho de churrasco ao lado. — Foi a única coisa que ela pediu quando eles vieram aqui juntos.

Ela mostrou a língua. — Mostre.

O barman trouxe seus refrigerantes e devolveu o pedido.

Mandy arrancou o papel do canudo. — Hoje foi incrível. — Ela tinha um sorriso cauteloso, mas parecia sincero. Ela apoiou a mão direita ao lado da dele na barra, a lateral do dedo mínimo roçando na dele. — Foi como antes, mas diferente.

Ele ligou seu dedo mínimo ao dela. — Mais ou menos como nós.

Ela mordeu o lábio. — Devemos lidar com as coisas grandes primeiro ou construir para isso?

O clube. Ela devia estar falando sobre o clube. Ele ergueu o ombro. — Pergunte-me o que quiser.

Sua boca se abriu, depois fechou novamente. O único som veio das outras pessoas no bar. Quando ele se convenceu de que ela não diria nada, ela falou. — Você sempre disse que odiava. — Seu olhar pousou em suas mãos. — Eu apostaria minha vida que seus sentimentos nunca mudariam. Eu... eu fiz isso, não foi? Eu empurrei você para esta vida quando me afastei.

Ele queria negar. Que tipo de maricas isso o tornava se ele não conseguia nem seguir seus próprios princípios porque sua namorada terminou com ele? Isso não mudou a verdade, no entanto. — Você não me fez sair, Mandy, mas sim. Obviamente, foi minha maneira de lidar com o que aconteceu entre nós. Os caras do clube estavam lá para mim quando eu estava deprimido, e acho que parte de mim sentia como se estivesse dando uma grande *merda* em você por ir embora. Mas eles me amam. Eles ainda fazem. E eu os amo. Eles são minha família.

Ela puxou a mão e ele sentiu a perda imediatamente. — Algo mudou? No que eles fazem? Como eles tratam as mulheres?

Na verdade, as coisas pioraram. Não com a coisa das mulheres, que já tinha sido muito ruim. A merda ilegal, entretanto, estava em um ponto mais alto.

A comida chegou, tirando a atenção deles da conversa. Ele mordeu as costelas e observou Mandy pegar suas batatas fritas. — Eu pensei que você estava morrendo de fome.

Ela franziu o cenho. — Você não me respondeu.

Por que ele pensaria que poderia ignorar o elefante na sala? — Não, — ele disse suavemente. Ela estava falando apenas sobre uma parte de qualquer maneira. — Não mudou.

Ela arrastou uma batata frita na piscina de ketchup. — Como você ainda pode ser você e ser um deles?

Ele odiava como ela parecia insegura. Com um suspiro, ele limpou as mãos no guardanapo e se virou para encará-la totalmente. — Eu fiz merdas das quais não me orgulho. Para ser honesto, ainda estou fazendo merdas das quais não me orgulho. Acho que esqueci quem eu era por um tempo, ou talvez pensei que não poderia ser um cara bom sem você. Que é fraco, e não tenho orgulho disso.

Ela não tirou os olhos da comida.

— Estou tentando descobrir como tudo se encaixa para mim agora. Não posso simplesmente me afastar deles porque encontrei você de novo.

Sem fingir mais comer, ela cruzou as mãos no colo. — Claro que não, — ela murmurou.

— Mas não há outras mulheres. Eu juro pela minha vida.

Agora ela olhou para cima.

Ele não sabia se ela estava com raiva ou chateada. — Eu nem mesmo olhei para outra mulher desde que você e eu começamos a conversar novamente. Eu prometo que não te trairia.

Ela assentiu com a cabeça, mas o brilho em seus olhos havia diminuído. Chamando o barman, ela pediu uma caixa para viagem. Enquanto colocava sua comida dentro, ela falou baixinho: — Está ficando tarde. Estou cansada. Você se importa se sairmos?

— Certo. — Ele havia perdido o apetite também. Colocando duas notas de vinte na mesa, ele a seguiu de volta para o carro, e ela dirigiu a curta distância até seu apartamento, onde ele havia deixado sua moto.

Ela estacionou ao lado da Harley. Assim que saíram, ela deu-lhe um beijo suave na bochecha. — Obrigada pelo jogo. Eu me diverti.

Ele deslizou a mão sobre o braço dela. — Não desista de nós. Podemos resolver tudo isso.

Ela não revelou alegria em seu sorriso, mas disse as palavras que ele precisava ouvir. — Eu não vou. — Ela deu um passo para trás. — Falo com você em breve, ok? — Sem esperar por uma resposta, ela se virou e foi embora.

Dois carros da polícia estavam se afastando da sede do clube quando Kane parou. A grande careca de Cue Ball brilhava como um farol no banco de trás de uma viatura, mas ele não sabia quem estava atrás da outra.

Desligando seu motor, ele cobriu a distância até a porta da frente em alguns passos longos. Ele cambaleou um passo para trás assim que deu uma boa olhada dentro.

Alguém destruiu o clube. As latas de lixo estavam de lado, o conteúdo espalhado pelo chão. Todas as prateleiras pendiam tortas do frágil centro de entretenimento, a TV estava rachada, DVDs quebrados ao redor. As almofadas do sofá estavam espalhadas pela sala, o enchimento saindo por causa de cortes recém-adquiridos no meio.

Mama V estava sentada à mesa da cozinha, a cabeça em uma das mãos e um cigarro na outra. Foi a primeira vez que ele viu alguém fumar no clube desde que era criança. Ela o reconheceu sem erguer os olhos. — Acho que você estava certo sobre a invasão.

Ele procurou por um móvel para sentar ao lado de sua mãe, mas ela parecia ter a única cadeira intacta. Ele se encostou no balcão à direita dela. — O que aconteceu?

Ela deu uma tragada no cigarro e bateu as cinzas diretamente no chão. — Eles chegaram aqui algumas horas atrás. SP, Cue e o

prospecto estavam jogando sinuca. Seu irmão começou a gritar quando eles mostraram o mandado. Eles o arrastaram para fora daqui mais rápido do que você consegue dizer seu nome. — Outra baforada. — Então, os policiais começaram a rasgar a merda.

O Cue Ball era muito inteligente para causar problemas se já tivesse visto Scott algemado, o que significava... — Eles encontraram algo.

Ela fungou e deu um aceno relutante. — Seu irmão tinha um pouco de metanfetamina escondida na igreja.

Kane ficou boquiaberto. — Eu não entendo. Nós sabíamos que eles estavam vindo. Nós concordamos em tirar tudo daqui.

— Não era muito. Eles serão acusados de porte, provavelmente não o suficiente para uma intenção de distribuição, mas talvez. Ele disse que iria entregá-lo a alguém depois da sua reunião esta noite. — Ela se levantou e foi até a porta dos fundos, então jogou a ponta do cigarro no quintal.

Droga, Scott. Por que seu irmão não conseguia ouvir a razão? Agora alguém tinha que pagar a fiança para tirar os caras da prisão, pelo amor de Deus. Mas pelo menos eles não foram pegos com um laboratório de metanfetamina completo funcionando na casa. O clube ficou seguro, pelo menos por enquanto. — Onde está Malcolm?

Mama V encolheu os ombros fracamente. — Eu não sei. Tentei ligar para ele uma dúzia de vezes, mas você conhece seu pai.

Ele com certeza sabia. Malcolm fazia o que queria, quando queria, e as necessidades de sua velha nunca estavam no topo de sua lista. — Vou tentar o bar bem rápido. — Viajar os dois quarteirões até o Watering Hole não perderia muito tempo, mesmo que seu pai não estivesse lá.

Sua mãe pegou uma garrafa de vodka do freezer e desatarraxou a tampa sem reconhecer suas palavras. Ela não era permitida no Watering Hole. Malcolm encontrava seu entretenimento extra lá.

Ele se sentiu um idiota por sequer mencionar o lugar, mas o estrago já estava feito. Ele saltou em sua Harley e foi direto para seu destino.

Cerca de uma dúzia de motos brilhavam em uma linha do lado de fora da fachada degradada, quase o mesmo para uma noite de domingo. Ele viu seu pai imediatamente e parou ao lado dele. Os acordes de uma velha canção do Metallica chegaram através da porta de madeira vermelha na entrada.

Ele pisou forte através do cascalho solto subindo os três degraus de madeira e forjou para dentro. Seus olhos ardiam enquanto tentava se concentrar através da névoa de fumaça do cigarro, mas ele lutou contra o desejo de fechá-los enquanto executava uma varredura lenta na sala.

Uma luz suspensa da Coors iluminava a mesa de sinuca com um brilho nebuloso. Ele reconheceu os dois velhos jogando como pilotos da geração de seu pai. Ele deu um aceno respeitoso ao passar por eles.

Um alvo de dardos dava para duas mesas quebradas à direita. Duas mulheres em jeans apertados conversaram com alguns caras que estavam "ensinando-as" a jogar. Era uma dança antiga onde todos sabiam muito bem e muito bem as aulas eram apenas uma desculpa para colocar as mãos uns nos outros. Dólares para donuts, todos os quatro iriam embora e ficariam estranhos antes que a hora acabasse.

O barman carinhosamente apelidado de "Carrasco" acenou para ele antes que ele terminasse seu circuito no quarto escuro. — Posso pegar um Bud para você, garoto? — O carrasco devia estar chegando aos sessenta e cinco anos, então o apelido não era um insulto.

Ele balançou sua cabeça. — Procurando meu pai. É urgente.

Carrasco ergueu uma sobrancelha e coçou a cabeça com o dedo indicador. O movimento desalojou uma mecha cinza ou duas de seu rabo de cavalo e a jogou em seu rosto. Ele explodiu enquanto se inclinava para frente no bar. — Ele está no depósito. — Sua voz aumentou enquanto Kane se afastava. — Mas eu não iria lá agora.

Tanto faz. Todo mundo sabia para que o depósito era usado aqui, e não era para armazenar bebidas. Além disso, não é como se seu pai escondesse suas atividades extracurriculares.

Não, Malcolm ficar ocupado atrás não o surpreendeu. A surpresa veio de com quem ele estava se ocupando. — Há alguém na minha família que você não fodeu?

Charlene ergueu os olhos da caixa onde Malcolm a tinha inclinado. Seus cotovelos estavam apoiados sob ela, e seus seios saltaram perigosamente perto da madeira áspera. — Por quê? — ela ronronou. — Você está com ciúmes?

Malcolm nem mesmo teve a decência de parar de fode-la. — Cai fora, filho. Estou ocupado aqui.

Seria bom para todos se ele fizesse exatamente o que seu pai exigia. Deixar Scott pagar o preço por sua própria arrogância com uma noite na prisão. Que seu pai voltasse para uma casa destruída e o que provavelmente era vigilância policial. Mas ir embora também deixaria o Cue Ball e o prospecto do lado de fora, para não falar do péssimo estado de sua mãe.

Não, ir embora não era uma opção. Ele fixou o olhar em algum lugar por cima do ombro direito do pai. — É uma emergência familiar. — As palavras eram um código para emergência do clube, como em *largue tudo o que estiver fazendo e lide com isso primeiro.*

Seu pai murmurou uma maldição maldosa e, um momento depois, Kane o ouviu fechar o zíper.

— Não vamos terminar, baby? — Charlene choramingou.

— Outra hora, — Malcolm rosnou.

Claro que seu pai estava de calcanhar, ele se afastou de sua ex e saiu da porra do esquema.

CAPÍTULO DEZOITO

Amanda

Pela enésima vez, Amanda olhou para o espelho retrovisor, procurando a causa de sua inquietação. Ela viu nada além do tráfego normal na interestadual, mas realmente, o que ela esperava? Uma vaga paranoia a seguiu por dias, e não era preciso ser um cientista espacial para descobrir o porquê.

Ela irritou dois homens muito poderosos em um curto período de tempo. Nenhum deles era do tipo que simplesmente deixava as coisas passarem, então sim, o outro sapato provavelmente cairia logo.

Mas não havia nada que ela pudesse fazer para mitigar quaisquer planos desconhecidos que Nathan ou seu pai estivessem fazendo. Ela precisava manter os olhos no prêmio. Foco no novo desenvolvimento.

E Kane.

Ela rapidamente rejeitou a voz queixosa em sua cabeça implorando por uma solução para sua vida amorosa. Dessa forma estavam os dragões.

Passaram-se apenas trinta minutos desde sua reunião muito produtiva com Jared Berringer, e ele essencialmente deu carta

branca para organizar o cronograma de construção. Ele também prometeu a sua opinião sobre a campanha de marketing começando após as férias. Ela tinha um pen drive no bolso do casaco com cerca de uma dúzia de propostas que ele deu para ela revisar.

A Cooper Construction estava parada no precipício de um grande salto à frente. Ela só tinha que jogar suas cartas direito. Começar com o pé direito. Consultar sua equipe e contar com sua expertise. Ela ligou para Xander e dois de seus outros capatazes para uma reunião imediatamente. Eles sabiam melhor do que ninguém quais eram as expectativas razoáveis e o que seus homens poderiam realizar.

Uma hora depois de seus telefonemas, ela parou ao lado da caminhonete de Xander do lado de fora de seu trailer no novo local. Os saltos que ela selecionou para sua reunião com Jared ficavam ótimos com seu terninho, mas eram claramente uma escolha terrível para a sujeira recém-transformada. Ela teve que andar na ponta dos pés enquanto se aproximava do pequeno lance de escadas.

Três membros da equipe de Kane trabalharam nas proximidades da estrutura para a laje de concreto que as equipes iriam colocar em alguns dias.

Xander esperou dentro do trailer, junto com seus outros dois capatazes sêniores, Carl e Gene. Os homens pularam de suas cadeiras quando ela entrou no calor do trailer.

— É bom ver todos vocês. Por favor sentem-se. — Esses caras poderiam dar algumas lições para seus acionistas. Era bom ser recebido com boas maneiras, para variar.

Carl desistiu da cadeira em frente a Xander na mesa e mudou-se para se sentar ao lado de Gene na namoradeira puída ao longo da parede oposta.

Ela lhe lançou um sorriso agradecido e ocupou o lugar vago. — Eu sei que todos vocês estão muito ocupados, então vou direto ao ponto. Berringer está nos dando luz verde para escrever nosso próprio tíquete.

Xander passou a mão pelo cabelo preto ondulado com mechas grisalhas. — O que exatamente ele quer dizer?

Ela daria os dentes para tirar os sapatos agora. — Ele quer dizer que nosso cronograma de construção depende de nós. Ou realmente, até vocês três.

Xander não sorriu, mas suas feições tensas relaxaram um pouco. — Você quer que formulemos um cronograma de implantação.

— Exatamente. — Seu dedinho esquerdo latejava, mas ela se recusou a deixar que isso enfraquecesse seu foco. — Sei que o inverno é uma estação lenta para contratos e vendas, mas com cinco meses de prazo de entrega, precisamos começar a construir as casas de especificações para as vendas de maio. No que diz respeito a quantos desses projetos suas equipes podem lidar com sucesso, eu preciso adiar para você.

Demorou cerca de uma hora para elaborar um plano provisório. Quando terminaram, Gene e Carl não perderam tempo em voltar para suas equipes. Xander se levantou para vê-los partir. — Se você me der licença, Srta. Griffin, eu preciso sair para pegar um pouco de madeira. Não há necessidade de travar quando terminar. Meu pessoal de fora vai ficar de olho nas coisas aqui.

Seu dedo do pé agora gritava por atenção, mas ela manteve o aceno plácido. — Obrigada. Eu só preciso fazer uma ligação rápida, se você não se importa.

Ele demorou-se brevemente na porta. — Não tenha pressa. — Ele pode ter dito outra coisa, mas tudo em que ela conseguia pensar era ele fechando a porta para que ela pudesse tirar os malditos sapatos.

Quando ela finalmente removeu os instrumentos de sua tortura, ela teve vontade de chorar de alívio. Seu dedão do pé direito estava vermelho de raiva e inchado até o dobro do tamanho normal. O pé esquerdo estava desconfortável, mas não mais do que o normal quando ela usava esses sapatos. Uma inspeção em seu calçado revelou um rasgo no forro do sapato direito, bem onde seu dedo do pé estava preso.

Um mistério resolvido. Neste ponto, ela tinha que descobrir como ela voltaria para seu carro. Com seu maldito sapato finalmente descalço, ela não conseguia imaginar forçá-lo de volta. A outra opção era caminhar de volta pela terra com os pés descalços. Muito profissional.

Ela estava tão ocupada pensando em seus pés que não ouviu ninguém subir as escadas para o trailer ou mesmo a maçaneta

girando para abrir a porta. É como se ela não soubesse que Nathan estava lá até que ele falou o nome dela.

— Amanda.

Ela deu um pulo.

Droga.

Maneira de dar a ele a vantagem. — O que você está fazendo aqui? — Ela ficou descalça. De jeito nenhum ela o teria pairado sobre ela mais do que sua diferença de altura já permitia.

Seu sorriso traiu sua crueldade latente. — Eu queria ver mais de perto onde você está se rebaixando.

Ela olhou para a porta, mas ele ficou parado no caminho de sua única saída. — Você não tem negócios aqui. — A voz dela não traiu o terror que sentia ao ser encurralada por ele.

— Você é meu negócio, desde que eu diga que é. — Ele avançou e ela deu um passo para trás. Não foi rápido o suficiente. Seu ataque a jogou contra a parede.

Ela se preparou para outro golpe quando ele ergueu o punho, mas uma mão forte e escura envolveu seu bíceps e o puxou de volta.

— Tire suas mãos imundas de mim, — Nathan gaguejou. — Você tem alguma ideia de quem eu sou?

— Um pedaço de merda, pelo que eu posso dizer. — Ela não reconheceu a voz, e ela não podia ver o rosto de seu salvador.

Nathan lutou contra o aperto do homem. — Quem diabos você pensa que é? Volte para seu próprio país.

— Este é o meu país. E vou te dizer exatamente quem eu sou. Sou o sargento Cyrus Amir, Ranger do Exército. O homem que vai chutar sua bunda privilegiada e com direito, se você não se afastar da senhora.

Cyrus? Sim, ele era um dos caras que Xander tinha trabalhando fora.

Nathan riu baixo em sua garganta. — Senhora? A única mulher que vejo aqui é uma prostituta.

Ela não precisava ver o soco que Cyrus deu. Ela ouviu o forte estalo de seu punho contra o rosto de Nathan. E ela não podia perder a maneira como a cabeça de Nathan foi jogada para trás com a força do golpe.

Ele não lutou contra Cyrus, no entanto. Ele investiu contra ela, envolvendo as mãos em seu pescoço, cortando seu oxigênio antes que ela pudesse respirar. — É este? O homem que arranhou seu lindo rosto com a barba? Aquele que você estava *fodendo* quando deveria ser minha? — Seus olhos se arregalaram e uma veia pulsou em sua testa crivada de Botox.

Quando sua visão escureceu, ela avistou várias mãos puxando os braços e ombros de Nathan. Ou talvez ela estivesse vendo em dobro. Triplo? O mundo estava girando. O trailer, Nathan, tudo estava ficando mais longe.

Até que seu aperto de ferro se soltou e seus pulmões se encheram de ar. Seus joelhos dobraram e ela caiu no chão na frente do sofá, ofegando como um peixe na terra. Os sons de violência ecoaram ao

redor dela, mas seu cérebro lutou para entender o que estava acontecendo a apenas alguns metros de distância.

Nathan estava deitado de costas, um homem escarranchado em seu peito, batendo em seu rosto como se seus punhos fossem marretas. O sangue respingou quente em sua pele. Ela ouviu gritos, mas era como se suas orelhas estivessem cheias de algodão.

Não era Cyrus esmurrando Nathan. Era um cara branco com queimaduras no pescoço e na lateral do rosto. Cyrus estava tentando puxá-lo, ele e um homem grande. Qual era o nome dele? Ele era amigo de Kane. Aquele que foi baleado.

Ela ainda estava tentando se lembrar do nome dele quando o mundo escureceu.

Kane

Kane quase ignorou seu telefone quando ele zumbiu no bolso de trás. Apenas o olhar assombrado nos olhos de sua mãe na mesa da cozinha no dia anterior o fez reconsiderar.

E se os policiais tivessem voltado? E se eles encontrassem a unidade de armazenamento com as drogas e as armas?

Ele puxou-o para fora e olhou para a tela, esperando ver a foto que Mama V tinha anexado ao seu contato.

— Brick? — Ele podia contar em uma mão quantas vezes seu amigo o havia chamado. — Tudo certo?

— Você precisa ir para o novo local. Rápido. — Embora Brick tenha baixado a voz, quase vibrou com intensidade. — É a sua garota. Um cara bagunçou muito com ela.

Ele pode ter dito mais, mas essas foram as últimas palavras que Kane registrou. Se ele estivesse pensando com clareza, poderia ter feito perguntas ou tentado descobrir exatamente o que havia acontecido. Ele não precisava esclarecer que seu amigo estava falando sobre Mandy. Não havia outra garota, e os dois sabiam disso.

O tempo normal de viagem para o novo empreendimento durou cerca de cinco ou seis minutos. A Harley o levou lá em três, ziguezagueando para dentro e para fora dos carros na estrada, até mesmo levando-o para cima de algumas calçadas.

Ele pilotou direto para os degraus do lado de fora do trailer, onde percebeu imediatamente que a porta estava aberta, mas dois homens a bloquearam. Ele abriu caminho passando por eles.

Mandy estava deitada no chão, com as costas apoiadas na parede ao lado da mesa. Sua bochecha esquerda estava vermelha com o inchaço revelador que ele tinha visto no rosto de sua mãe muitas vezes para contar. Sua blusa estava rasgada na manga, e ela estremeceu quando seus dedos deslizaram para frente e para trás

em seu pescoço. Pelo olhar desfocado em seus olhos, era óbvio que ela não registrou sua presença.

Uma fúria quente e branca quase o congelou no lugar, mas a necessidade de tocá-la, de confortá-la subiu à superfície. Ele se ajoelhou ao lado dela, apoiando a mão em seu ombro.

Ela atacou, conduzindo com os punhos e seguindo com o peso de seu corpo franzino. Os nós dos dedos dela roçaram o peito dele, mas ela continuou lutando, despreocupada ou inconsciente de que seus golpes não estavam acertando.

Ele deslizou as mãos ao redor de seus pulsos, mantendo-os imóveis, e o olhar selvagem em seus olhos torceu seu intestino.

— Deixe-me ir, — ela murmurou, lutando contra seu aperto.

— Mandy. — Ele disse isso suavemente, do jeito que sua mãe disse seu nome quando ele acordou no hospital. — É Kane. Baby, olhe para mim.

Seu corpo se acalmou e seu olhar percorreu a sala. Com o canto do olho, ele não podia ver nenhum sinal de Brick, mas Cy e Evan ainda se aglomeravam ao redor da porta. Ela odiaria ter testemunhas de algo assim. — Vocês podem nos dar um pouco de espaço, pessoal? — Ele tinha a sensação de que eles poderiam ajudá-lo a preencher as lacunas, mas sua primeira prioridade era cuidar de sua mulher.

A porta se fechou atrás dele e os ombros de Mandy caíram para frente. Ela soltou um pequeno grito quando ele a puxou para seus

braços. — Shh. Você está bem agora. Tudo vai ficar bem. — Ele beijou o topo de sua cabeça e balançou-a suavemente.

Ela não fez outro som, mas sua respiração irregular e ombros trêmulos falavam alto. Alguém a machucou além das palavras, e ele não iria descansar até que o perpetrador pagasse o preço com sangue e lágrimas de merda. Mas Mandy vinha primeiro.

Cinco minutos podem ter se passado, ou talvez cinquenta, mas pareceu uma eternidade antes que a respiração de Mandy se acalmasse e ela relaxasse contra ele. — Eu quero ir para casa, — ela sussurrou.

Ele a ajudou a se levantar, que ele percebeu que estava descalça. — Você tem sapatos? — Quando o rosto dela começou a se enrugar novamente, ele não hesitou. Ele a pegou nos braços e a carregou até a porta, pegando sua bolsa da mesa ao longo do caminho.

Cyrus e Evan estavam vigiando ao pé da escada, e Evan assentiu gravemente, com a mandíbula cerrada, enquanto eles passavam. Cyrus correu para o carro de Mandy e abriu a porta do passageiro para que Kane pudesse soltá-la dentro.

Kane fechou a porta enquanto ela colocava os braços em volta das pernas e enterrou o rosto nos joelhos levantados. Ele se virou para Cyrus. — Quem fez isto?

Cy balançou a cabeça em frustração. — Eu não peguei o nome dele, mas ele definitivamente era da velha guarda, e ele definitivamente tinha uma história com sua namorada. — Ele se

aproximou e baixou a voz. — Acho que ele pode ter pensado que ela e eu... — Ele limpou a garganta. — Ele perguntou se fui eu que arranhei o rosto dela com a minha barba. Se ela estava dormindo comigo enquanto eles ainda estavam juntos.

Filho da puta. Sua mandíbula cerrou. — Isso foi antes ou depois de ele colocar as mãos sobre ela?

— Eu sabia que algo estava acontecendo quando ele entrou no trailer. Ele parecia que estava pronto para incendiar o lugar, sabe? — Cyrus estalou os nós dos dedos enquanto falava. — Eu o segui, mas ele estava um pouco à minha frente. Ele já tinha batido nela uma vez quando eu entrei.

— E depois?

As mãos de Cy se fecharam em punhos. — Quando ele a chamou de prostituta, eu o deixei ir tempo suficiente para acertá-lo no rosto. Eu não contei com ele indo para sua garganta depois. Tive que ligar para Evan e Brick para me ajudar a tirá-lo de cima dela.

Seus instintos o puxaram em direções diferentes. O desejo de encontrar esse cara e matá-lo era um fogo em suas veias. Mas a necessidade de proteger Mandy, de confortá-la e ajudar a acalmar quaisquer pedaços dela que o ataque deixou quebrada, irregular e crua... esse dever era primordial. Ele iria mantê-la segura, ponto final.

— Onde está esse cara agora? — Mais importante, Mandy ainda estava em perigo?

— Nós íamos segurá-lo para a polícia, mas sua garota não permitiu. Ela estava com medo de que ele conseguisse virar as costas para um de nós, fazer com que eu ou Evan fosse preso. — Ele zombou. — O dia em que tiver medo de um idiota como ele será o dia em que precisarei trocar minhas nozes por uma bolsa. Mas ela estava pirando, então Brick o tirou daqui. Evan realmente teve seu tempo. Não sei se o cara vai comer algum alimento sólido por um tempo, muito menos voltar aqui para causar mais problemas.

Parecia que devia muito ao novo cara. — Obrigado por tudo. Eu vou levá-la para casa. — Ele lançou um olhar para Cyrus, com a intenção de transmitir a profundidade de sua gratidão, então deu a volta no carro de Mandy para se aproximar do banco do motorista.

Ele ia matar seu ex, mas primeiro, ela precisava dele para cuidar dela.

Quando ele subiu ao volante, ela não se moveu de sua posição enrolada no banco do passageiro. — Espere, querida. Estou levando com você para casa.

Ela finalmente ergueu a cabeça. — Não a minha. — Sua voz era como uma lixa. — Sua.

Ela queria ir para a casa dele? A ideia nem tinha ocorrido a ele, embora provavelmente devesse ter. Seu ex não tinha ideia de quem ele era, muito menos onde encontrá-los. Ele simplesmente nunca convidava mulheres, algo sobre a ideia de uma pessoa que ele pode nunca mais querer ver gravada em seu espaço pessoal. Mas não era o caso de Mandy, era? Ela já estava impressa em cada parte de seu coração, corpo e alma.

— Entendi. Preparar-se. Estaremos lá antes que você perceba.

CAPÍTULO DEZENOVE

Amanda

Amanda não tinha certeza de como seria o apartamento de Kane. Algo barato ou bagunçado, talvez? Roupas sujas no chão ou garrafas de cerveja vazias na mesa de centro. Não o espaço limpo e confortável para o qual ele a conduziu.

Ela se concentrou em seu entorno, proibindo seus pensamentos de reviver os eventos no trailer de Xander.

Todos os móveis de Kane combinavam. O sofá marrom macio contra a parede vinha claramente do mesmo conjunto que a cadeira estofada perto da porta de vidro deslizante. A mesma nogueira imaculada usada na mesa de centro compunha as duas mesinhas finais e o pequeno centro de entretenimento que sustentava a TV.

Uma paisagem impressa pendurada, emoldurada, na parede de cor creme imaculada. O tapete bege era macio sob as almofadas de seus pés doloridos.

Uma pontada de vergonha subiu dentro dela. Por que ele não teria um lugar legal?

Porque ele está em uma gangue de motoqueiros desagradáveis, uma voz afiada sibilou na parte de trás de sua cabeça.

Kane era mais do que apenas o clube, não era?

A maneira como seu irmão e seu pai falavam sobre mulheres, a maneira como colocavam a porra do clube acima de sua família, seus empregos, basicamente tudo, revirou o estômago. Mas o clube significava algo diferente para ele.

Afinal, ele nunca a tratou como lixo. Inferno, mesmo quando ele tinha todos os motivos para odiá-la, ele se preocupou sobre como ela estava depois da queda de Mike. Mesmo quando ele estava ferido, mesmo quando pensava que ela o mantinha longe de seu próprio filho, ele lhe deu uma chance de explicar. Ele ouviu. Ele foi razoável.

Agora ele cuidava dela. Ele não estava ficando todo homem das cavernas, batendo no peito, tentando rastrear Nathan, embora ela não tivesse dúvidas de que ele queria. Não, em vez disso, ele abriu os braços e sua casa para fazê-la se sentir segura. E funcionou. Nesse momento, ela não estava nem um pouco preocupada com seu ex. Talvez ele procurasse vingança por isso, mas não aqui e não agora.

Kane se aproximou atrás dela e colocou a mão em seu ombro. — O que eu posso fazer? O que você precisa?

Ela se voltou para seus braços. Seu calor se infiltrou em seus ossos. — Eu quero me deitar, — ela murmurou. Sua garganta protestou com o esforço de falar.

Enlaçando seus dedos com os dela, ele a levou para seu quarto. Sua cama quase ocupava todo o quarto.

Quantas mulheres ele trouxe aqui?

Ela piscou para afastar as imagens mentais que assaltavam seu cérebro.

— Eu, uh, vou me trocar. — Kane estava ao lado de uma cômoda alta, roupas na mão. — Sirva-se de qualquer coisa que estiver na gaveta de cima se quiser ficar mais confortável. — Ele desapareceu no banheiro contíguo e fechou a porta.

Parte dela queria vasculhar cada uma de suas gavetas, olhar embaixo da cama e dentro do armário. Ela queria uma prova de que ele não era bom demais para ser verdade, uma prova de que ela não era boba por confiar nele, mas a confiança não vinha da prova. Então, ela abriu apenas a gaveta que ele ofereceu e tirou uma camiseta cinza e um par de boxers pretos. Rapidamente, ela tirou a calcinha e vestiu as roupas dele. Elas cheiravam a ele.

Assim como seus lençóis, ela notou enquanto subia em sua cama. Ele ainda preferia dormir do lado esquerdo? Insegura, ela se situou no meio. Ainda era início da noite, mas seu corpo estava destruído.

Minutos depois, Kane voltou, vestindo uma calça de moletom cortada na altura do joelho e uma grossa camiseta branca. A tinta preta e vermelha das tatuagens em seus braços contrastava fortemente com o tecido. Ela não conseguia tirar os olhos deles quando ele subiu em sua direita e se recostou nos travesseiros da cabeceira da cama.

Seus dedos traçaram sobre os vários demônios e anjos no desenho. Cada um era ligeiramente diferente do outro, mas eram todas mulheres, com asas ou um forcado e chifres. O outro braço apresentava uma colagem de crânios. — Conte-me sobre elas, — ela sussurrou.

Ele se abaixou para que ela pudesse descansar a cabeça em seu peito. — As tatuagens? — Seu peito tremia um pouco enquanto ele ria. — Eu gostaria de ter algum significado profundo por trás delas que pudesse compartilhar, mas não tenho. Elas não são baseadas em nenhuma pessoa real ou algo assim. Os anjos e os demônios, eu acho, elas, as mulheres podem ser ambos. Ou nenhum. Obviamente, meus sentimentos sobre o sexo oposto são complicados.

Ele fez uma pausa. — Na verdade não. Meus sentimentos sobre você têm sido complicados. Eu realmente não tinha sentimentos sobre nenhum das outras. Elas estavam apenas... lá. Merda da minha parte, eu sei, mas nunca menti para elas. Nunca fingi que poderia haver qualquer tipo de futuro para nós. Eu estava muito morto por dentro, sabe? Eu estava sempre procurando por algo que me fizesse sentir vivo.

Sua palma alisou seu cabelo. — Peguei o primeiro demônio um ano depois que terminamos. Eu tive um novo a cada ano. Todo dia vinte e cinco de outubro, durante doze anos depois, alguns se lembraram dos bons tempos, outros não.

— Eles são todos sobre mim? — ela resmungou.

— Não. Bem, na verdade não. Mais sobre como eu me sentia sobre relacionamentos e mulheres no início. Mais tarde, eu acho,

tornou-se uma tradição. E os crânios são obviamente sobre o clube. Eu os recebia sempre que sentia vontade de voltar para a agulha. Como o que eu estava dizendo antes, estava procurando maneiras de me sentir vivo. A picada fazia isso. Meus irmãos também.

Ela coçava para detê-lo ali. Ela não queria falar sobre o clube ou ouvir sobre ele. E se fosse a única coisa destinada a mantê-los separados? Assim que colocassem todas as cartas na mesa, essa fantasia de um futuro feliz entre eles seria arruinada. Talvez ela precisasse de uma bota na bunda, um chute rápido da realidade.

Kane continuou falando, alheio à batalha interna dela. — Eu sei que nós dois estamos na ponta dos pés em torno da coisa do clube, e eu acho que sou um bastardo por tocar no assunto agora, mas precisamos enfrentar a realidade. OK?

Ela fechou os olhos com força e assentiu com a cabeça contra seu peito duro.

— Meus sentimentos sobre o clube são complicados. Todas as merdas que eu odiava sobre a cultura antes, ainda odeio. O que acontece é que provavelmente sou um grande hipócrita porque não tratei muito melhor as mulheres desde que me conectei, mas com você é diferente. Eu nunca e nunca tratarei você do jeito que o clube trata as velhinhas.

Ele se afastou para olhar seu rosto. — Se fosse apenas pelo meu pai, eu iria embora sem nunca olhar para trás, mas alguns dos outros caras, como Cue Ball e Frank, eles são o que a família deve ser. Eles são mais do que amigos para mim, eles são meus irmãos,

Mandy. Eles me pegaram toda vez que eu caí. Scott também. Eles dariam suas vidas por mim. Que tipo de irmão, que tipo de pessoa, eu seria se os afastasse no minuto em que você voltasse à minha vida?

Ela nem tentou responder. Mil palavras não teriam sido suficientes para decifrar tudo, e doeu como o inferno tentar dizer qualquer coisa. Ela balançou a cabeça e tocou a garganta com a testa franzida.

— Eu sei. — Ele a abraçou novamente. — O triste é que, mesmo que você pudesse falar, não tenho todas as respostas. Há dias que eu quero sair, e nem mesmo tem nada a ver com você. Às vezes, eu só quero me afastar de todas as escolhas estúpidas que eles estão fazendo, porque posso ver que eles estão se dirigindo para um desastre e não vão ouvir. Eu continuo pensando que posso salvá-los, mas toda vez que tento, é como se estivesse batendo minha cabeça contra a parede.

Duas verdades brilharam como faróis em sua cabeça. Um, Kane queria sair do clube, e dois, a única maneira de seu relacionamento sobreviver era se ele tomasse a decisão de sair por conta própria. Do jeito que ele estava falando, pode realmente acontecer. Ela inclinou a cabeça para beijar o local em seu peito acima do coração, então se enterrou em seu calor.

— Vamos dormir um pouco. — Ele ligou o interruptor acima de sua mesa de cabeceira, deixando o quarto na escuridão.

Haveria muito tempo para conversar amanhã. Ela relaxou em seus braços, e pela primeira vez ela se permitiu um vislumbre de

esperança. Talvez desta vez eles conseguissem o final feliz que estavam há muito atrasados.

Amanda acordou com um calor irradiando contra suas costas e um pau duro como pedra aninhado contra sua bunda. Ela se contorceu contra o punho de ferro que a prendia nos braços de um homem. Braços tatuados. Kane.

Ele gemeu, seu hálito quente em seu pescoço, e sua mão se moveu para segurar seu seio. O toque enviou um zumbido de consciência entre suas pernas.

Quantas vezes eles fizeram amor assim? Ele empurrando lentamente por trás, seus dedos puxando seus mamilos ou dedilhando seu clitóris. Havia noites em que ela sonhava com isso, acordando com o nome dele nos lábios e a própria mão sob a calcinha.

A realidade era muito melhor, mesmo sem a penetração que ela já ansiava. Mas não precisava parar por aqui. Ela cobriu a mão dele com a dela e a arrastou para onde ela mais queria senti-lo.

Kane não desapontou. Seus dedos deslizaram por baixo do tecido sedoso de sua calcinha, sobre seu monte, para a fenda lisa abaixo. Seu dedo médio separou suas dobras. — Porra. Você está tão molhada.

Ela inclinou os quadris em direção à mão dele. — É o que você faz comigo. — Ela gemeu quando ele deslizou o dedo dentro dela. — É o que você sempre fez comigo.

A pressão contra sua bunda se intensificou com seu impulso em resposta. — Sinta o que você faz comigo.

Ela bombeou seus quadris para frente e para trás, montando sua mão e esfregando seu pênis impressionante. — Prefiro sentir isso dentro de mim.

Em um piscar de olhos, sua mão se foi e ele estava tirando as roupas. Quando seu pau pressionou contra ela momentos depois, apenas a seda fina de sua calcinha os separou.

Enlaçando os polegares no elástico, ela deslizou o material encharcado por suas pernas. Sua carne aquecida já estava deslizando entre seus lábios, provocando-a com sua espessura, e levou cada gota de resolução que ela tinha para sussurrar, — Preservativo, — ao invés de se empalar em sua excitação.

Uma batida soou na porta da frente.

Kane deslizou a língua ao longo de seu pulso. — Ignore isto. — Seus dedos brincavam com ela pela frente, enquanto ele continuava a atormentá-la com a promessa de cumprimento por trás.

Outra batida.

Ela gemeu de frustração.

— Shh, — ele murmurou. — Eles irão embora. Somente...

Ambos congelaram com o som da fechadura girando.

— Kane. Por que você não está atendendo a porta, irmão?

Não. Qualquer um, ao menos Scott.

Kane agarrou o edredom e puxou-o para cobrir seus corpos segundos antes de seu irmão idiota entrar na sala. — Você está dormindo ou, *puta merda,* você trouxe para casa um pedaço de bunda na noite passada? — A risada morreu em sua garganta quando seus olhos encontraram os dela. O sorriso em seu rosto se transformou em algo feio. — Não qualquer pedaço de bunda. O pedaço de bunda. — Ele tirou um chapéu imaginário. — Sua Alteza.

— Você pode sair da mesma maneira que entrou, — Kane rosnou.

— E perder a oportunidade de atualizar os velhos tempos? — Ele balançou sua cabeça. — De jeito nenhum. — Ele estacionou ao pé da cama. — Então, você conseguiu tirar o pau da bunda em algum momento na última década, ou ele ficou preso lá para sempre?

Um chute violento de Kane o derrubou do colchão, mas ele voltou a ficar de pé com uma risada sombria. — Vamos, irmãozinho, você sabe que eu falo a verdade. Ser abandonado pela Princesa Cadela aqui foi a melhor coisa que já aconteceu com você. Mas talvez sua bunda apertada seja boa para algo que você nunca me contou.

Kane saltou da cama e se lançou sobre seu irmão. — Dê o fora daqui antes que eu esqueça que somos uma família, Scott.

— Não seria a primeira vez, com *ela* na foto. — Apesar de sua grande conversa, Scott saiu da sala, esquivando-se do balanço de Kane.

Ambos os homens ignoraram completamente o fato de Kane estar completamente nu. Ela não podia. Seu físico era quase perfeito. Ombros largos e braços esculpidos emolduravam as costas fortes que se estreitavam até a cintura em um v. Os músculos de sua bunda flexionavam enquanto ele caminhava, e suas pernas tinham uma espessura que não existia anos atrás.

Ela mal percebeu as tatuagens, embora a extensão relativamente vazia de pele em suas costas fosse um pouco surpreendente. Havia apenas...

Por um momento seu coração parou. Então começou a correr.

MANDY estava escrito em letras grossas e em negrito em suas costas. Cada letra parecia ser do tamanho de sua palma, e a palavra se estendia por cima de suas omoplatas.

Ao longe, ela ouviu vozes altas ecoarem na sala ao lado. Kane estava puto, Scott parecia estar zombando dele. Mas ela não conseguia se concentrar em suas palavras.

Há quanto tempo ele tinha?

Por quê? Por que ele faria tal coisa?

Mesmo enquanto fazia a si mesma as perguntas, ela sabia as respostas.

Ele a amava. Ele sempre a amou. Mesmo quando ela partiu seu coração. Mesmo agora. Ela sabia disso como se soubesse seu próprio nome. Como se ela soubesse que o sol iria nascer todas as manhãs e se pôr todas as noites. Kane Hale era tão constante quanto a estrela do norte. E ela estava tão envergonhada de ter duvidado dele.

O clube não era quem ele era, e mesmo que demorasse para ele descobrir, ela sabia agora. Ela esperaria.

Quando ele voltou para a sala, a visão totalmente frontal eliminou toda a capacidade de pensar. Não havia tatuagens em seu torso, apenas peitorais musculosos e abdômen tanquinho, ambos polvilhados com cabelos escuros. Seu pau pendurado pesado entre as pernas, todos os sinais de excitação se foram, mas ainda impressionante.

Sua voz rouca chamou sua atenção para seu rosto. — Eu sinto muito, porra. Ele nunca deveria ter falado com você assim. — Seus olhos escureceram. — Ou te ver assim.

Porcaria. Ela também estava nua. Pelo menos o cobertor cobria a maior parte dela. — Não é sua culpa. Você não poderia saber o que aconteceria.

Ele grunhiu enquanto se abaixava para pegar sua cueca do chão. — Não há desculpa.

Por que ele estava se vestindo?

— Eu tenho que ir. — Ele abotoou a calça jeans, sentou-se ao lado dela na cama e segurou sua mão. — Deus sabe que prefiro ficar aqui com você.

Então, fique.

Ele suspirou. — Mas há negócios do clube que preciso da minha atenção. — Sua carranca suavizou quanto mais ele olhou para o rosto dela. — Você parece tão certa, aqui na minha cama. Você pertence aqui. Comigo.

Com certeza ela pertencia.

— Fique o tempo que quiser. — Ele largou a mão dela e colocou uma chave de prata em sua palma. — Scott não consegue mais entrar. Eu quero que você tenha isso. Esteja aqui a qualquer hora. O tempo todo. Vamos descobrir tudo isso, Mandy, contanto que façamos isso, juntos.

A imagem de seu nome em suas costas passou por sua mente, e seus dedos se curvaram ao redor do metal em sua palma. — Nós vamos descobrir isso, — ela sussurrou.

Ele deu a ela um pequeno sorriso, então se levantou e cobriu seu lindo peito com uma camiseta. — Meu irmão está esperando lá fora. Eu te ligo, ok? — Seu olhar a percorreu mais uma vez e ele saiu da sala. Momentos depois, ela ouviu a porta se fechar atrás dele.

Não ia ser fácil. Nathan seria um problema. Scott. O clube. O pai dela.

Mas eles descobririam como lidar com tudo isso. Juntos, eles encontrariam uma maneira de colocar todos os seus demônios para trás.

CAPÍTULO VINTE

Kane

Scott tinha um sorriso desagradável no rosto quando Kane saiu do apartamento. Como se ele tivesse prazer em forçá-lo a sair da cama com sua garota.

Onde estava o cara que desistiu de dois meses de sábado para ajudá-lo a reconstruir seu motor na primavera passada?

— Você é um idiota. — A ideia que ele tinha de montar uma vadia atrás de seu irmão só fez sua irritação queimar mais forte, o que foi uma façanha, considerando o quão irritado ele se sentiu ao se afastar de uma Mandy nua.

Eles estiveram tão perto de fazer amor esta manhã. Ele não tinha dúvidas de que ela o queria. Seu corpo estava tão molhado e acolhedor. Ela olhou para ele da mesma forma que fazia na primeira vez que estiveram, juntos.

Ela estava lá, esperando, e Scott tinha que estragar tudo.

Ele rosnou enquanto subia na moto atrás de seu irmão, e o bastardo teve a coragem de rir.

— Pare de choramingar, cara. É apenas uma buceta, não é como se você não pudesse acertar mais tarde. — Scott ligou o motor e saiu para a rua. O vento e o ronronar do motor tornavam impossível

falar no caminho para a sede do clube, mas quando eles chegaram, Kane tinha muito a dizer.

— Você gostou de ser um fanfarrão lá atrás. Você nunca gostou de Mandy. Você deixou isso claro naquele dia. Você provavelmente vibrou na sala de espera do hospital quando ela me largou. — Ele empurrou o ombro de seu irmão enquanto descia. Sua adrenalina ainda precisava de uma saída depois da merda que seu ex fez no local de trabalho.

— Aw, foda-se você. Você sempre coloca esse corte antes de sua família. Quem te recompôs quando ela te deixou cair como o lixo de ontem? Eu. — Scott caminhou em direção a ele na calçada. — Inferno, não, eu não gosto dela. Ela é uma puta rica e cheia de direitos que pensa que é melhor do que todos os outros. Todos, incluindo você.

Ele ergueu o punho, pronto para fechar a boca de Scott, mas seu braço estava preso em um aperto de ferro.

— Não sei o que está acontecendo aqui..., — resmungou a Cue Ball, — ... mas vocês precisam parar. Temos trabalho a fazer.

Está certo. Malcolm insistiu em uma reunião do clube, mas Scott não disse o porquê. Ele relaxou nas garras do amigo. — Estou bem. Vamos.

O resto da tripulação já estava sentado ao redor da mesa quando eles entraram na igreja.

— Que bom que você pôde se juntar a nós, — Malcolm murmurou. — Agora, vamos chamar esta reunião de ordem. — O

ruído surdo de conversa morreu. — Meu filho e eu conversamos sobre a interseção de nossos dois empreendimentos comerciais atuais e como um poderia impactar o outro.

Graças a Deus. Malcolm finalmente estava levando seu aviso a sério.

— Já faz algum tempo que estamos procurando os russos e, embora os negócios não sejam mais o que costumavam ser, é uma relação que acho que devemos manter. Estive pensando na melhor maneira de fazer isso, e Scott teve uma ideia.

Scott? Que merda.

— Devemos nos oferecer para continuar vendendo nossas armas para Ace e sua tripulação.

Kane balançou a cabeça em silêncio. Isso era exatamente o que eles não deveriam fazer. Infelizmente, ninguém se importava com o que ele pensava. Ele se amaldiçoou por não ter tempo para falar com cada um dos irmãos antes da votação, tentar convencê-los um a um. Ao menos desta vez, seu voto seria ouvido. — Eu voto não.

Uma dúzia de cabeças girou bruscamente em sua direção.

— Por que não, irmão? — Cue Ball inclinou a cabeça. — Parece uma situação em que todos ganham.

— Porque Sergei não nos quer no negócio das drogas. — Ele se virou para Frank. — Ele deixou isso bem claro durante nossa última corrida.

— Você acha isso, Frank? — Scratch perguntou, acariciando seu longo cavanhaque.

Frank encolheu os ombros, desconfortável. — Eu realmente não ouvi muito do que ele disse. Eu estava verificando as armas quando ele falou com Kane.

Seu rosto aqueceu. — Você está questionando minha palavra, Scratch? Desde quando eu minto para você?

Agora foi a vez do homem mais velho parecer desconfortável. Ele se mexeu na cadeira. — Não, não estou questionando sua palavra. Só estou me perguntando se você realmente o entendeu bem.

Besteira. — Eu o entendi bem.

Scott sorriu e abriu bem os braços. — Mesmo que seja verdade, Sergei é um empresário. Quando vendermos sua mercadoria e lhe dermos o dinheiro, ele não vai se importar de onde vem. O lucro é um grande motivador.

— Você está errado. — Errado e teimoso. — Eu voto não.

— É um sim para mim. — A voz de Malcolm estava fria.

— E um sim para mim, — Scott ecoou.

Os outros caras se mexeram em seus assentos, claramente divididos em sua lealdade.

— Eu voto não, — Cue Ball disse calmamente.

— Não, — repetiu Frank.

Scratch pigarreou. — A palavra do meu presidente é suficiente para mim. Sim. — Todos os outros homens seguiram o exemplo.

— O sim ganhou. — Malcolm sorriu. — Kane, estenda a mão para Ace. Amplie a oferta.

— Não.

Todo mundo congelou. Ninguém dizia não a Malcolm, além disso, ninguém trabalhou contra o voto do clube. Esta não era uma transgressão pequena. Ele tinha acabado de dar o dedo médio a um código muito sagrado.

Scott bateu com o punho na mesa. — Você está de volta com sua ex-cadela por cinco minutos, e você já está virando as costas para seus irmãos. Onde está a porra da sua lealdade? —

Suas unhas cravaram na madeira. — Isso é lealdade. Eu amo meus irmãos. Não vou ser a razão de um único deles acabar morto.

Scratch fez uma careta. — Você foi derrotado, filho. Você não tem o direito de tomar decisões pelo resto de nós.

— Eu não vou fazer isso.

Malditas consequências. Ele não era bobo... *haveria* consequências. — Eu estarei lá fora. Vocês todos fazem o que têm que fazer.

Ele caminhou até a garagem, tentando ignorar a sensação de aperto no estômago. Esta era uma violação clara das regras do clube, e ele teria que pagar por isso. A espera não foi longa.

Scratch saiu pela porta, os punhos cerrados ao lado do corpo. Kane enfiou as mãos nos bolsos e contraiu os músculos contra o soco do amigo no estômago. A porra do cara o esmurrou, xingando após cada golpe até que o próximo cara entrou para tomar seu lugar. Pete subiu atrás dele. Então Joe.

Cada membro do clube tinha o direito de pegar meio quilo de carne, mas parecia que Scott era o último da fila. Kane esperava que ele sorrisse quando deu seu primeiro soco, mas seu irmão não parecia nada feliz. Na verdade, a cada golpe, seu rosto ficava mais sombrio. Ele parou no terceiro, embora pudesse facilmente reivindicar mais. Kane escorregou para o chão.

— Por que você não pode estar do meu lado? — Scott murmurou. — Eu te amo cara. — Balançando a cabeça, ele foi embora.

Kane se enrolou, permitindo que o calor do aquecedor o envolvesse. Tudo doía, mas honestamente, ele esperava pior.

O que realmente o surpreendeu foi a expressão de traição no rosto de seu irmão um minuto atrás. Ninguém poderia deixá-lo louco do jeito que Scott fazia. Pelo amor de Deus, ele estava pronto para derrotar o cara menos de uma hora atrás. Ainda assim, ele não tinha dúvidas de que seu irmão o amava. Mas Scott queria um tipo de devoção cega que ele não podia dar. Amar alguém não significa que você concorda em tudo.

Para Scott, porém, amor significa lealdade e fé inabalável. No final do dia, ele sabia que era a raiz de sua antipatia por

Mandy. Scott estava com ciúmes. Uma coisa era dividir seu irmão com o clube, mas com uma mulher? De jeito nenhum.

Não era um problema há muito tempo.

Ele fechou os olhos pelo que poderia ter sido alguns segundos, alguns minutos ou uma hora antes de uma voz profunda o incitar a abri-los novamente.

— Um movimento corajoso aí, irmão. — As grandes botas de merda pretas do Cue Ball ocupavam todo o seu campo de visão. — Você tem sorte de ainda estar inteiro.

Ele pegou a mão estendida do homem e se permitiu ser colocado de pé. O mundo girou momentaneamente ao redor dele. — Eu só estava tentando proteger o clube.

Seu amigo passou a mão na cabeça calva. — Eu entendo, mas não é assim que as coisas funcionam aqui, e você sabe disso. — Cue suspirou. — Você parece uma merda. Vamos limpar você.

Ele cambaleou em direção à casa, sua mente se movendo mais rápido do que seu corpo machucado. Esta noite deixou bem claro que seu clube não veria razão. Se eles continuassem seguindo cegamente seu irmão, seria um desastre para todos.

Ele sabia o que tinha que fazer.

Amanda

A viagem de volta ao seu apartamento deu a Amanda muitas oportunidades para reflexão. Seus pensamentos se centraram principalmente no quase sexo que ela teve esta manhã e na visão de Kane em toda sua glória nu depois disso.

Ele poderia ser dela novamente. Ele pode já ser.

Ela ainda estava revivendo tudo quando parou em sua garagem e encontrou seu pai encostado no porta-malas de seu BMW, os braços cruzados sobre o peito.

Ele se endireitou. — Onde você esteve?

Ela suspirou. — Não é da sua conta, pai. — Passando por ele, ela se dirigiu para seu prédio.

Ele a seguiu meio passo atrás, mas não falou novamente até que eles estivessem dentro do apartamento dela. — Eu vi Nathan esta manhã. Parece que ele foi atropelado por um caminhão.

— Bom. — Ela olhou para a porta do banheiro. Um banho parecia o paraíso. Seus pés deviam estar nojentos depois de andar descalça a manhã toda.

Seus olhos se arregalaram. — Bom? Você é estúpida? Ele quer sangue. Seu e meu, graças ao seu cavaleiro de armadura brilhante.

Ela não tinha certeza de como ainda conseguia se surpreender com a falta de interesse do pai em seu bem-estar. — Desculpe, não estava pensando em sua candidatura a governador enquanto ele

tentava me sufocar até a morte, pai. Sempre fui egoísta quando se trata de respirar e tudo. — Com outro olhar ansioso para o chuveiro, ela então voltou sua atenção para a cozinha. Ela não comia há vinte e quatro horas.

— Sempre tão dramática. Nathan não estava tentando matar você.

Com uma risada maçante, Amanda desenrolou o lenço de Kane que vestira no carro. A evidência do ataque de Nathan era um paladar inconfundível de hematomas roxos e pretos em volta do pescoço. — Dramática? — ela brincou. — Saia, pai.

Ele congelou por uma fração de segundo, olhando para a pele machucada dela. Então, ele continuou seu discurso retórico. — Ele diz que você foi infiel a ele enquanto estavam juntos. Você não pode simplesmente manter as pernas fechadas por alguns meses? — Ele caminhou pela sala. — Ele disse que você estava se envolvendo e se rebaixando com um dos homens da sua tripulação. — Ele parou, a compreensão surgindo em seus olhos. — Kane Hale.

Ela puxou um pedaço de pão de cima da geladeira e começou a montar um sanduíche de rosbife. Sem chance de ela discutir seu relacionamento com o pai pela enésima vez.

Ela chegou ao ponto de espalhar a maionese quando seu pai entrou em seu espaço. — O que há sobre um pedaço de lixo como ele que você fica tão encantada? Conte-me. Existem centenas de caçadores de fortuna de colarinho azul e lixo branco por aí. Por que esse aqui? E pelo amor de Deus, por que agora?

Ela jogou a faca de manteiga na pia e ergueu o queixo. — Caçador de fortunas? Você realmente pensa assim? Kane não dá a mínima para o seu dinheiro. Ele nunca fez isso.

— Claro que não. Ele só quer você por você. — A voz de seu pai gotejava com escárnio. — Por que mais ele se apegaria a uma mulher com quem não tem absolutamente nada em comum?

— É bom saber que você acha que minhas conexões são a única razão pela qual um homem pode me querer. — Ela empilhou o rosbife no pão e deu uma mordida selvagem.

— Tenho certeza de que sua moral frouxa também não doeu, — ele zombou.

Ela se forçou a engolir antes de engasgar. — Eu sou uma mulher adulta. Com quem eu durmo não é da sua conta. Não pergunto onde você enfia o pau, pai, e, francamente, não quero saber.

— Eu gostaria de ter o mesmo luxo. Infelizmente, suas ações refletem diretamente em mim, e não vou permitir que volte a ter um relacionamento com um bandido que você deveria ter superado há uma década. — Seus olhos brilharam de fúria. — Kane Hale vai se arrepender do dia em que tentou entrar na sua vida novamente, está me ouvindo? Eu vou aniquilá-lo absolutamente. Não sobrará nada de sua vida para reconstruir quando eu terminar.

— Papai. — Ela largou o sanduíche de volta no guardanapo sobre o balcão e o seguiu enquanto ele caminhava até a porta.

— Não. — Ele olhou para ela por cima do ombro enquanto girava a maçaneta. — Eu dei a você todas as oportunidades de fazer

algo de sua vida. Uma educação. Uma introdução ao tipo certo de pessoas.

— O tipo certo? Você quer dizer o tipo rico. O tipo que pode ajudá-lo com suas aspirações. Nunca importou se eles eram esnobes, intolerantes ou valentões. Nunca importou se eles falaram comigo ou se puseram mãos à obra atrás de um dos vasos de plantas. — Sua voz aumentou. — Porque nunca foi sobre mim. Sempre foi sobre como isso poderia beneficiar você. É provavelmente a única razão pela qual você me tem em sua vida. Para usar como uma ferramenta para seu ganho.

— Como você ousa? Se alguém é usuário nesse relacionamento, é você, querida. — Ele falou lentamente com malícia. — Você não escondeu que preferia sua mãe e a família de Charlie a esta. A casa deles era o único lugar que você gostaria de estar. A única coisa para a qual sempre fui bom era o meu dinheiro.

— Isso não é...

— Não é verdade? — Ele riu. — De quem é o dinheiro que resolveu os problemas legais do seu pequeno criminoso anos atrás? Quem salvou a patética empresa de seu precioso Charlie? Querido pai. O mesmo que te usou como mercadoria. O mesmo que não se importa se você vive ou morre. Como você reconcilia o conhecimento com a sua imagem de mim, eu me pergunto? — Desta vez, quando ele girou a maçaneta, ele abriu a porta e saiu.

— Eu quis dizer o que eu disse. A vida de Hale como ele a conhece acabou. Ele acha que sabe o que significa sofrer. Seu sofrimento apenas começou.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Amanda

Amanda não conseguiu se forçar a terminar o sanduíche depois que o pai saiu, o gosto havia se transformado em serragem em sua boca. Ela mandou uma mensagem para Kane e finalmente foi até o chuveiro.

A água quente era um bálsamo para os músculos tensos de seus ombros. Apoiando as palmas das mãos na parede, ela abaixou a cabeça, permitindo que o spray batesse em suas costas.

Seu confronto com seu pai a deixou abalada. Ela não tinha dúvidas de que ele quis dizer cada palavra que disse. A parte em que ele questionou sua lealdade era normal. Ele sempre foi paranoico por ela amar Charlie mais do que ele.

O que realmente a preocupava eram suas ameaças contra Kane. Ele já tinha algo em movimento após seu encontro com o motoqueiro rival dos Skulls. Agora, quem sabe o que ele faria? Ele tinha dinheiro e influência para fazer quase tudo. Seu único limite era sua imaginação.

Ela se virou para relaxar no banco embutido, depois massageou os pés com o sabonete. O tempo na água já havia feito incursões na

terra, mas esfregar os polegares na almofada de um pé, depois de outro, a confortou. Quando ela finalmente se sentiu limpa, seus dedos começaram a podar.

Uma rápida verificação em seu telefone não mostrou resposta de Kane quando ela saiu. Então, ela vestiu seu par favorito de calças de pijama de flanela e uma camiseta grande antes de cair na cama para tirar uma soneca. Ela não acordou até que uma batida soou na porta.

Seu peito apertou quando seu primeiro pensamento voou para Nathan. Então, ela se lembrou de que disse a Mickey para tirá-lo de sua lista branca. Seu pai com certeza não voltaria. Restava apenas uma possibilidade. — Kane.

Quando ela abriu a porta, a sensação de aperto em seu peito voltou com força total. Sim, era ele, mas parecia que seu pai já havia cumprido sua promessa.

Ele exibia um olho esquerdo preto e uma bochecha direita sombreada. Ele se abaixou um pouco e agarrou suas costelas enquanto entrava.

Ela deslizou sob seu braço e permitiu que ele a usasse como apoio enquanto ele cambaleava lentamente para o sofá. — O que aconteceu? — ela respirou. — Você saiu?

Ele passou a mão pelo cabelo solto. — Em uma maneira de falar. Os caras do clube fizeram isso.

Ela engasgou. — Não por minha causa?

— Não. Não teve nada a ver com você. — Ele deu um tapinha na perna dela de leve. — Era negócios do clube.

Ah não. Esta não era uma estrada que eles estavam percorrendo. — Negócios do clube, — ela repetiu cuidadosamente. — Então, basicamente, o que você está dizendo é... não é da minha conta.

Seus lábios se estreitaram.

— Quero dizer, está tudo bem passar a noite em sua cama. Inferno, posso até entrar no seu apartamento. Mas não sei por que você mal consegue andar, porque é *assunto* do clube, e eu sou apenas, como se chama, uma old lady. — Ela balançou a cabeça tristemente. — Como se eu pudesse esquecer quanto respeito o título oferece.

Seu rosto ficou vermelho de raiva. Depois de tudo que ela passou nas últimas vinte e quatro horas, ela sentiu como se alguém tivesse arrancado suas entranhas e pisado em cima delas. Tudo o que ela queria, tudo que ela precisava, era voltar para dentro da pequena bolha que ela e Kane haviam criado em seu apartamento. Apenas, ela sabia que seu desejo era irreal.

Ele esfregou os olhos. — Não é desse jeito.

Ela respirou fundo, forçando suas emoções furiosas em cheque. — OK. — Inspire profundamente. Expire profundamente. — Diga-me o que aconteceu.

Sua boca se abriu, depois se fechou novamente, a indecisão dançando em suas feições.

Era isso. O momento da verdade. O momento em que ela saberia o quão forte o clube o tinha em suas garras.

Um minuto se passou. Dois. Seu peito apertou dolorosamente, e ela afundou ainda mais nas almofadas do sofá e fechou os olhos. — Apenas vá. — Apesar do cochilo, ela estava tão cansada. Talvez ela pudesse dormir bem aqui. Dormir até que tudo isso fosse embora.

Ela tinha certeza de que ele não iria responder. Quando ele o fez, sua voz a fez pular. — Meu irmão e meu pai estão levando o clube a cometer um grande erro.

Seus olhos se abriram.

Kane tinha a cabeça entre as mãos. — Eles vão matar alguém. — Ele olhou para cima, procurando os olhos dela. — Eu os desafiei. Recusei uma ordem depois que o clube votou. — Ele gesticulou para seu rosto. — Este foi o meu castigo.

Ofegando, ela saltou para frente, examinando seus ferimentos com novos olhos. — Seus próprios amigos fizeram isso com você... porque você *discordou* deles?

Ele assentiu. — Eu sei o que parece, mas *é* negócio de clube, e eu não devo falar sobre isso. Também sei que realmente não pertenço a esse lugar. Não por causa da derrota, mas não sei. Achei que talvez pudesse fazer a diferença, transformar o clube em algo melhor ou pelo menos evitar que piorasse, mas estava vivendo uma fantasia. Não posso salvar ninguém que não queira se salvar.

Com cuidado, ela colocou o braço em volta dos ombros dele. — Oh, Kane, sinto muito. — Ela realmente sentia. Não porque percebeu que não pertencia a uma gangue de motociclistas, mas

porque o machucava admitir. Ela também sentia muito, se isso significava que ele tinha que prantear seus amigos.

— Vou falar com os caras sobre sair. Isso vai ser uma merda. Provavelmente vou perder todos eles. Não há uma maneira de contornar isso. — Ele parecia tão desolado.

Ela queria muito encontrar as palavras certas, mas sabia o quão implacável era o código deles. Ele mesmo disse a ela, anos antes. — Você não vai me perder, — ela disse suavemente, e os músculos dele travaram sob suas mãos. — Você nunca vai me perder de novo, Kane. Eu sou sua, contanto que você me queira.

Ele manteve o corpo rígido por um momento, os olhos piscando rapidamente. — Você tem certeza? — Ele pigarreou. — Porque eu não tenho certeza se meu coração pode sobreviver quebrando novamente, baby. A última vez que quase me matou.

— Você *não vai me perder*. Precisamos ser honestos um com o outro, no entanto. Eu arruinei coisas antes pensando que estava protegendo você. Foi a chamada errada. Poderíamos ter enfrentado isso juntos. Faremos melhor desta vez. Vamos aprender com o meu erro.

No silêncio sombrio, seu estômago soltou um grunhido tão alto que ela poderia ter ouvido na sala ao lado. As pontas de suas orelhas ficaram vermelhas e ele riu constrangido. — Desculpe. Acho que não como há algum tempo.

O lembrete sobre comida fez seu próprio estômago responder ao chamado com um rosnado próprio. — Que tal eu fazer o jantar para nós?

Ele ergueu as sobrancelhas. — Você está se oferecendo para cozinhar? A mulher que colocou um ovo cozido no microondas e o fez explodir?

— Muito tempo se passou desde então, — ela disse afetadamente. — Além disso, eu tive algumas aulas de culinária alguns anos atrás. Você ficará surpreso ao descobrir o que posso fazer na cozinha atualmente.

— Ao contrário. — Seu rosto relaxou em um sorriso genuíno. — Não estou surpreso com nada que você seja capaz de realizar. Você tem o poder de dominar o mundo algum dia.

— Eu não preciso do mundo inteiro. Só você, Mike e a empresa. — Ela se levantou e ofereceu-lhe a mão. — Vamos começar conquistando a cozinha.

Ele permitiu que ela o levasse até a pia, onde os dois lavaram as mãos. — Ok, Iron Chef, o que temos no menu?

Ela abriu a porta da geladeira e examinou o conteúdo. — Tenho sobras de frango grelhado. — Aproximando-se da despensa, ela se abaixou para examinar uma das prateleiras inferiores e, triunfantemente, tirou uma lata de corações de alcachofra. — Oh, sim, eu sei exatamente a coisa. Se trabalharmos juntos, pode ficar pronto em dez minutos.

Com seu objetivo em vista, ela empilhou os ingredientes no balcão: cebolinha, cogumelos, azeite e queijo feta. Então, ela abriu uma panela com água para ferver. — A tábua está na gaveta na sua frente, Hale. Essas cebolas verdes não vão se picar.

Com uma pequena saudação, ele começou a trabalhar, cortando os legumes, enquanto ela derretia um pouco de manteiga em uma panela. Logo, a cozinha se encheu com o aroma saboroso de cogumelos salteados.

Kane cantarolou uma música que ela não reconheceu enquanto abria a lata de corações de alcachofra. A coisa toda parecia tão simples e doméstica, como se esta fosse a cozinha deles, e eles tivessem cozinhado juntos um milhão de vezes. Como eles haviam feito antes, e era certo que fariam de novo. E de novo. E de novo.

Mas eles realmente iriam? Com seu pai, Nathan e o clube querendo separá-los?

Ele olhou para cima e a pegou olhando para ele, mas não a questionou. — Você quer isso na panela com as outras coisas?

O nó de emoção crescendo em seu peito a impediu de responder em voz alta, mas seu sorriso e aceno foram o suficiente. Ele entrou ao lado dela no fogão e despejou o conteúdo drenado. Sua proximidade era quase uma carícia física.

Ela se inclinou para ele e ele beijou o topo de sua cabeça. Oh sim, ela poderia se acostumar com isso. — Pegue o frango, — ela murmurou. — Precisamos adicionar alguns também. — Derramando um pouco de cabelo de anjo na água agora

borbulhante, ela tentou acalmar seus sentimentos inchados pelo homem que atualmente estava tomando todo o ar da sala. Embora ela tenha falhado miseravelmente, não cabia a ela se arrepender. A maneira como ela se sentia por Kane era como o sol aquecendo-a de dentro para fora.

Em cinco minutos, eles drenaram o macarrão e misturaram com o frango, os vegetais e um molho de azeite, limão e tempero grego. Ele olhou para o queijo feta enquanto ela o levava para a mesa. Ele sempre costumava chamá-lo de *coisa fedorenta.*

— Não se preocupe. — Ela revirou os olhos. — Vou mantê-lo do lado.

Eles comeram em um silêncio amigável nos primeiros minutos, sua fome mútua mantendo sua atenção na comida na frente deles. Só quando o prato ficou limpo, Amanda tomou um gole de vinho e se recostou na cadeira.

— O jantar foi incrível, — anunciou Kane enquanto limpava o rosto com um guardanapo. — Quem te deu aulas de culinária merece algum tipo de medalha.

Ela enrolou seu próprio guardanapo e o jogou na cabeça dele. Ele passou voando por sua orelha enquanto ele evitava o projétil. — Eu gosto de cozinhar. A aula originalmente era apenas para passar o tempo, mas acabou sendo mais do que apenas outra distração. Eu precisava de muitos deles no início.

— Entendi. — Ele provou o vinho e franziu o nariz antes de devolver o copo à mesa. — Minhas distrações foram um pouco menos... construtivas... mas eu fiz a mesma coisa.

— Você sabe o que eu sinto falta?

— O sexo incrível?

Ela procurou outro guardanapo para jogar, mas não encontrou nada. — Dançar com você. — Uma de suas memórias favoritas foi a festa de Quatro de Julho de Charlie, onde eles terminaram a noite dançando sob as estrelas ao som de uma velha canção do Journey.

— Um problema que podemos resolver facilmente. — Ele se levantou e curvou-se ligeiramente. — Concede-me esta dança?

Amanda mordeu o lábio. Ela tinha o álbum inteiro em seu telefone. Com alguns movimentos de seu dedo, as notas iniciais de "Lights" saíram de seus pequenos alto-falantes montados.

Seus olhos se fecharam brevemente enquanto ele ouvia a música. — Você lembrou.

Ela pegou a mão dele. — Nunca esquecerei.

Ficar em seus braços foi como voltar no tempo. Ela estava revivendo uma de suas melhores memórias, mas agora estava ainda melhor. Significou mais porque desta vez ela sabia saborear. Mesmo se eles tivessem apenas esta noite, ela valorizaria cada segundo. Descansando a cabeça em seu peito, ela respirou seu cheiro familiar. Ela se deleitou com a sensação de seus braços fortes ao redor dela.

Eles não fizeram muito mais do que balançar, eles nunca tinham mudado, mas era mil vezes mais satisfatório do que a valsa perfeita que os contatos de seu pai adoravam exibir em suas festas de Natal chiques. Quando ele começou a cantar em seu cabelo, ela queria derreter em uma poça no chão.

Quando a música terminou e outra balada começou, ela ergueu a cabeça.

Seus olhos eram insondáveis. — Eu quero dançar com você pelo resto da minha vida.

Quando ele se inclinou para capturar seus lábios, foi muito mais do que um mero beijo. Foi uma garantia, uma promessa, uma reclamação.

O que começou como um roçar suave de sua boca se intensificou em segundos. A língua dele deslizou em sua boca, e ela respondeu com todo o desejo e paixão que ela reprimiu por anos. Era perfeito, mas ela estava ávida por mais. Nada seria o suficiente. Para sempre com este homem não seria suficiente.

Ela interrompeu o beijo apenas o tempo suficiente para levá-lo para seu quarto. Imediatamente, ela começou a trabalhar em suas roupas, puxando sua camisa pela cabeça. Desta vez, ela se permitiu o luxo de tocar sua bela pele. As pontas dos dedos dela percorreram seus braços, seus ombros largos e desceram por seu peito até os mamilos enrugados.

Ele se manteve quieto enquanto ela o explorava, seu corpo esticado como uma corda de arco.

Ela podia ver em seu rosto, o momento exato em que ele se deixou ir, seu olhar refletindo fome e calor.

Ele tirou a camisa dela em segundos enquanto ela puxava a calça do pijama para o chão. Em duas passadas, ele a apoiou em sua cama e subiu em cima dela, cobrindo seu corpo com o dele.

O peso dele parecia diferente, mais pesado, mas ela teria conhecido a sensação dele em qualquer lugar. A maneira como ele beijou seu pescoço, a maneira como ele adorou sua clavícula enquanto descia até seu seio. Ele refinou um pouco sua técnica, mas ainda era o clássico Kane.

Suas mãos se moveram sobre ele com desespero urgente. Ela precisava tirar suas calças, seu pau grosso entrando em seu corpo. As preliminares eram uma doce tortura.

Erguendo os quadris, ele deu a ela acesso ao botão de sua calça jeans, e uma vez que sua braguilha estava aberta, ele puxou-a para baixo e chutou-a antes de retornar a seus cuidados.

Ele lambeu e chupou um mamilo enquanto rolava e torcia o outro entre os dedos. Seu pau empurrou insistentemente contra a barreira fina de sua calcinha.

Ela gemeu e ergueu os quadris para encontrar suas estocadas. A pressão e o atrito só aumentaram sua necessidade. — Kane, por favor.

Sua cabeça baixou, dando a ela uma imagem clara para onde ele estava indo. Sim. Finalmente, ela o sentiria onde sua necessidade pulsava tão desesperadamente. Mas quando seu rosto estava a

apenas alguns centímetros de sua calcinha, ele não a tirou como ela esperava.

Em vez disso, ela sentiu seu hálito quente sobre o material sedoso e úmido. Seu corpo estremeceu quando ele deslizou o dedo ao redor do elástico, diretamente dentro dela. Seus músculos se apertaram ao redor dele, gratos pela invasão, mas ainda necessitados por mais.

Foi quando ele prendeu a boca em seu clitóris. Ele a chupou diretamente através de sua calcinha, e seu corpo quase saiu da cama. Foi fantástico, foi magistral, era pura tortura. — Pare de me provocar, — ela gemeu.

Ele olhou para cima, seus olhos escuros encobertos. — Você sempre gostou da minha boca em você antes.

— Mais tarde, — ela implorou, alcançando cegamente sua mesa de cabeceira. Quando sua mão encontrou o pacote de papel alumínio que procurava, ela o estendeu para ele. — Eu quero tudo de você. Não nos faça esperar mais.

Com um grunhido, ele rasgou a lateral de sua calcinha, revelando-a completamente. — Só uma prova, — ele rangeu, antes de mergulhar de volta entre suas pernas. Sua língua percorreu um caminho sobre seu núcleo até seu clitóris agora dolorido. Então ele puxou a camisinha da mão dela e se cobriu com facilidade.

Antes que ela pudesse pensar em quantas vezes ele tinha feito o mesmo com inúmeras outras mulheres, ele mergulhou dentro dela

com um golpe. Por mais molhada e carente que ela estivesse, seu corpo não oferecia resistência. Ela gritou com a certeza disso.

Por um momento, os olhos de Kane ficaram semicerrados. Ele parou de se mover completamente, seu pau totalmente dentro dela. — Você é perfeita, — ele sussurrou. Então seu corpo se soltou.

Seus quadris bombearam, e ele dirigiu dentro dela com um ritmo quase frenético. Não era medido, não era refinado, e sua falta de controle só a deixou mais alta. Suas mãos a tocaram em todos os lugares, como se ele estivesse morrendo de fome, e ela era um banquete. Mas a melhor parte, junto com sua imprudência e necessidade, veio a reverência e adoração. Ele nunca parava de dizer a ela como ela era bonita, como ela se parecia bem, como seus sonhos estavam se tornando realidade.

A última exaltação a levou ao limite. Os seus sonhos não foram os únicos se tornando realidade. Kane estava aqui, em sua cama, e embora ele não tivesse dito as palavras, ele a amava. Ela sabia disso em seus ossos. Com o dom do conhecimento em seu coração, e seu polegar trabalhando em conjunto com seu pau entre suas pernas, seu corpo atingiu o pico em uma liberação estilhaçante.

Seu orgasmo seguiu um batimento cardíaco atrás com um rugido de seu nome. Ele não puxou quando terminou, mas ergueu a metade superior de seu corpo sobre os cotovelos e olhou em seus olhos. Seu olhar nunca vacilou enquanto sua respiração pesada desacelerou em seu ritmo natural. Finalmente, ele rolou de costas, puxando-a em seus braços.

Não houve necessidade de conversar por um tempo. Ela estava deitada no conforto de seu abraço, ouvindo seu coração bater em seu peito. Ela nunca quis se mover.

Ele falou primeiro. — Eu disse a mim mesmo que não era tão bom quanto eu me lembrava. — Ele mudou ligeiramente para que pudesse acariciar seu cabelo. — Eu me convenci de que construí você tanto na minha cabeça que ninguém mais poderia competir. Quero dizer, se foi realmente perfeito com você, como eu poderia, que chance eu teria de ser feliz novamente?

Suas palavras poderiam ter vindo de sua própria boca. Por anos, ela tentou mentir para si mesma também. — É tão bom porque sempre deveríamos estar juntos. Qualquer outra pessoa, pelo menos na minha vida, era apenas um substituto. Por um tempo, fingi que eram você. Eventualmente, doeu mais, então tentei fingir que você nunca existiu. — Ela beijou sua pele quente sob sua bochecha. — Que foi um fracasso ainda maior. No final das contas, eu estava cumprindo as regras, mas realmente desisti.

— É isso que você estava fazendo com o cara que te machucou? Executando os movimentos? — Ele manteve sua voz firmemente controlada.

Ela não queria falar sobre Nathan, mas ela tinha prometido honestidade a ele apenas algumas horas atrás, e ela quis dizer o que disse. — Nathan era um acordo comercial com meu pai. — Uau, parecia ainda pior quando ela disse isso em voz alta. — Pedi um empréstimo ao meu pai para ajudar na empresa. Ele me ofereceu o

dinheiro de graça e claro se eu fosse o braço direito de Nathan por seis meses.

— Por quê?

Ela suspirou. — Porque ele tem ligações políticas e meu pai quer ser governador. Porque meu pai queria uma abertura para as boas graças de Nathan. Porque eu precisava do dinheiro e não me importava se isso me transformasse em uma prostituta. Como disse, desisti, pelo menos de encontrar alguém que pudesse amar. E com Nathan, realmente não havia chance de eu desenvolver nenhum sentimento. Quase era mais fácil para ele ser um idiota. Nunca me senti culpada pelo fato de não o amar. Quem poderia amar alguém como ele?

Com o canto do olho, ela o viu cerrar os punhos e deixá-lo ir. — Ele te machucou? Quando vocês estavam juntos?

Ela mudou. — Um pouco. As vezes. Motivo pelo qual disse ao meu pai que não queria mais nada com ele. Meus seis meses terminaram no Dia de Ação de Graças. Mas meu pai tentou mudar o acordo, ele me fez prometer que lhe daria mais quatro semanas ou ele reteria o dinheiro. Eu disse que sim, mas nunca mais vi Nathan até a noite em que terminei com ele. Na noite em que você veio aqui e me beijou.

— Ele era a pessoa no telefone.

Não era uma pergunta, mas ela respondeu mesmo assim. — Sim. Fui lá para acabar de vez com as coisas, e ele viu as queimaduras de barba em meu rosto. A partir daí foi piorando

Kane se sentou, puxando-a com ele. — Ele machucou você naquela noite? Por minha causa?

— Ele queria. Mas eu sabia que isso poderia acontecer, então trouxe uma arma. — Ela não conseguia segurar seu olhar, baixando os olhos para o colo. — Acho que ele está me perseguindo desde então. Espero que a surra que ele recebeu de Evan Ryan o derrube um degrau ou dois.

— Não esta bom o suficiente. — Seus olhos queimaram de fúria. — Eu quero arrancar a porra da cabeça dele.

Ela balançou a cabeça. — Ele estará esperando por isso. Você só vai acabar na prisão e me recuso a perder você de novo, especialmente por causa dele. Vou limpar minha própria bagunça e fazer isso da maneira legal. Vou registrar uma ordem de restrição.

Os dedos dele encontraram seu queixo e ergueram seu rosto. — Isso não é culpa sua.

Foi muito gentil da parte dele dizer isso. — Não sei se concordo com você. Eu abri a porta. Ninguém me forçou. Tenho vergonha de tê-lo deixado entrar em minha vida, mas não posso culpar ninguém além de mim.

— Culpe-o. Só um buceta que se alimenta de fundo coloca as mãos em uma mulher com raiva.

— Oh, eu quero, mas o que eu quis dizer...

— E seu pai...

— Meu pai é um empresário, — disse ela com firmeza, — ... e eu sou apenas mais um de seus bens. Ou pelo menos eu era. Ele está tão chateado quanto Nathan está agora. — Ah Merda. Como ela poderia ter esquecido a ameaça de seu pai? — É a razão pela qual eu te enviei uma mensagem mais cedo. Meu pai está mirando em você. Ele diz que vai arruinar você. — Suas palavras começaram a correr juntas quando seu medo por ele voltou. — Você tem que ter cuidado. Ele está furioso por estarmos juntos novamente.

Ele sorriu.

Que diabos?

— Então é realmente como nos velhos tempos.

Ela golpeou seu braço. — Não é engraçado. Meu pai é um homem poderoso. Ele já estava trabalhando com a aberração da supremacia branca de que falei. Agora é pessoal.

Kane piscou preguiçosamente e puxou-a de volta para ele. — Homens mais assustadores do que Beau Griffin tentaram me derrubar. Deixe ele tentar. Com você ao meu lado, sou invencível.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Kane

Kane não conseguia se lembrar da última vez que ficara tão animado com o Natal. Ele não teve apenas um, mas dois convites para comemorar este ano. Nem estava com sua própria família, é claro. Nada mudou na forma como o clube ignorava o feriado.

Ele quis dizer isso quando disse a Mandy que planejava sair, mas egoisticamente, ele queria esperar até depois do Natal. Eles não seriam sentimentais sobre isso, mas ele seria. Ele não queria enfrentar o feriado sabendo que estava morto para eles. Além disso, se ele estivesse lá para supervisionar uma última troca com Ace, eles teriam pelo menos algo para trabalhar antes de perderem a conexão com as drogas. Porque ele não tinha dúvidas, sem ele, Ace e seus produtos eram história.

Então, ele manteve sua cabeça baixa, ele ia trabalhar todos os dias e no clube todas as noites para ver sua mãe. Por mais que o amasse, ela escolheria o clube quando a poeira baixasse. Sua devoção ao pai vivia acima de todas as coisas, e Malcolm nunca perdoaria sua deserção.

Mandy não ofereceu uma palavra de reclamação. Depois de todo o tempo que passaram separados, ele sabia o quanto ela ansiava por sua companhia. Deus sabia, ele se sentia da mesma maneira. Mas ela

também sabia o quão sério era se afastar de seus irmãos. Em menos de uma semana, ele seria todo dela.

Ele se preocupava com a segurança dela, no entanto. Ela havia entrado com a ordem de restrição sobre a qual falara, mas seu ex, Nathan, era um canhão solto. Uma rápida ligação para Mike colocou seu irmão a par de tudo. Seu velho amigo contratou segurança privada no local, e pelo menos dois caras a seguiram silenciosamente desde então.

Ele não se afastou dela inteiramente. Além de mensagens de texto e algumas fotos privadas nas redes sociais, ele a surpreendeu com uma visita rápida e alguns beijos incríveis em sua casa na segunda-feira depois do trabalho e mais do mesmo em sua garagem na quarta de manhã. Ele ficou tentado a rastejar em sua cama depois de terminar seus negócios do clube todas as noites, mas depois de lidar com drogas e armas dia após dia, ele se sentia muito cansado e sujo para enfrentá-la.

Agora seu último acordo com Ace estava feito. Era véspera de Natal, provavelmente a última noite que ele passaria com seu irmão. Como todos os outros, Scott iria evitá-lo quando ele entregasse seu colete. Apesar de toda a merda estúpida que o homem disse e fez ultimamente, ele era uma família, e eles tinham uma vida inteira de história. Kane o amava e seu coração doeu quando ele entrou no clube.

Scott estava jogando sinuca sozinho na mesa.

— Tem algum quarto para mim aí?

O rosto de seu irmão iluminou-se com a oferta e ele juntou as bolas para começar um novo jogo. Quaisquer que fossem as divergências que eles tivessem sobre as drogas ou com Mandy, Scott claramente recebia bem a oportunidade de ficarem juntos. — Quer fazer uma pausa? — Ele ofereceu seu taco a Kane.

— Nah. Você sempre foi melhor nisso do que eu.

Scott se envaideceu um pouco antes de dar sua tacada. As bolas espalharam-se e a bola única afundou na caçapa do canto. — Consistentes, — seu irmão anunciou e começou a deixar cair mais duas bolas antes de perder seu terceiro tiro.

Kane disparou de propósito para fazer seu irmão sorrir.

— Ha, ha. Sem prática, irmãozinho. Assista e aprenda. O mestre está trabalhando. — Depois disso, Scott correu a mesa, seu sorriso crescendo progressivamente maior a cada bola que colocava no bolso. Depois de acertar a bola oito, ele soltou um grito e girou nos calcanhares. — Venha comigo esta noite, K. Vamos tomar uma cerveja no The Watering Hole. — Ele torceu o nariz. — A menos que a Princesa Vadia tenha você em uma coleira muito apertada.

Ele deixou a escavação sobre Mandy passar. — Claro irmão. A primeira rodada é por minha conta.

Não foi surpresa ver a multidão reunida no bar. Na verdade, ele estava chocado por seu pai não estar lá pegando um pedaço de bunda de Natal. Graças a Deus por pequenos favores.

Ele comprou uma cerveja para o irmão, que se transformou em duas e, eventualmente, três. Eles jogaram sinuca novamente,

jogaram uma rodada de dardos. Ele até pagou para tocar a música favorita de Scott na jukebox, para que pudessem cantar juntos. O que ele queria fazer era explicar por que estava se recuperando, para dizer que o amava. Para implorar para ele entender. Ele conhecia Scott muito bem, entretanto, para sequer tentar. Em vez disso, ele comprou mais uma rodada de bebidas, ele cantou mais canções e riu das piadas idiotas de Scott. Então ele deixou seu irmão usá-lo como uma caixa de ressonância para suas ideias sobre uma nova tatuagem.

— Eu estava pensando em um escorpião, cara. — Pegando uma caneta do Hangman, Scott desenhou um desenho no topo de sua mão. — Talvez possamos conseguir um conjunto correspondente este ano. Algo especial para meu irmão de sangue.

Ele duvidava que Scott sentiria o mesmo em alguns dias, mas concordou mesmo assim. — Sim cara. Parece bom.

Na hora de fechar, ele teve que se forçar a sair. Quando ele deixou Scott de volta na sede do clube, ele o acompanhou até a porta e o puxou para um abraço apertado. — Eu te amo, irmão.

Scott aceitou com calma, retribuindo o abraço com um sorriso bêbado. — Eu também te amo, cara. Obrigado por esta noite. Eu me diverti muito como em anos.

Ele esfregou o peito quando seu irmão entrou na casa. Scott não sabia que esta era a última noite que eles passariam juntos, mas o conhecimento queimou um buraco no coração de Kane. Com um último abraço, ele acabou de dizer adeus ao irmão.

Almoçar com Brick e sua noiva proporcionou uma distração bem-vinda da nuvem que pairava sobre a cabeça de Kane. O jantar festivo, deu a ele a chance não só de partir o pão com seu único amigo de verdade fora do clube, mas também com alguns dos outros caras do canteiro de obras.

Antes de comerem, ele silenciosamente agradeceu ao homem novamente por sua ajuda com o ex de Mandy. Já haviam conversado sobre isso uma vez esta semana, mas era uma pena repetir. Ele devia a Brick, Cyrus e Evan mais do que poderia pagar.

Brick acenou para suas palavras. — Você fez muito por mim. Eu nem estaria aqui sem você. Não teria minha garota, esta casa. Você não me deve nada. Foi um prazer arrastar sua bunda lamentável para fora da propriedade. Só lamento que Evan o tenha tentado e eu não.

Ele não contou a ninguém sobre seus planos de deixar o clube após o feriado, em vez disso, ele absorveu o riso e o amor na sala como uma esponja. Por mais divertido que fosse, porém, era apenas o aquecimento para uma tarde na casa dos Cooper.

Mandy já estava lá, trabalhando na comida com Cindy. Quando ele contou a ela sobre o convite de Brick, sobre a crescente amizade que eles tinham, ela insistiu que ele fosse lá primeiro. Sua chegada à

casa dos Cooper deveria ser uma surpresa, ele esperava que todos a considerassem uma boa.

Por que ele estava tão nervoso? Ele conhecia essas pessoas há anos. Ele estava lá apenas algumas semanas atrás.

Mas eu não estava de volta com Mandy então.

Eles ficariam felizes em ver o homem que ele se tornou um elemento permanente em sua família? Ele descobriria em breve.

Ele respirou fundo e bateu na porta. Ela se abriu antes mesmo que ele soltasse. Então Mandy caiu em seus braços, e nada importou, exceto o cheiro de seu cabelo e a maneira como ela sussurrou seu nome.

— Quem é esse? — A voz de Cindy saiu da sala de estar. — Amanda? — Ela exalou bruscamente. — Oh meu Deus, Mike. É Kane. Ele está... *vocês estão... vocês estão juntos*?

A alegria em sua voz pôs de lado qualquer preocupação que ele tivesse sobre sua recepção. Quando Mandy finalmente o soltou, Cindy praticamente a empurrou para o lado para dar-lhe um abraço. — Esperamos muito tempo para ter você de volta aqui, meu amigo. Espero que você tenha certeza sobre isso porque você está preso a nós agora.

Ele a abraçou de volta com o mesmo calor que ela concedeu a ele. Seu aperto era forte e depois de todos esses anos, ela ainda cheirava a cocos.

— Todos vocês precisam entrar em casa e fechar a porta, — Mike resmungou. — Estou congelando minhas nozes.

Ladeado pelas mulheres, ele seguiu a voz de Mike para o calor da casa. O irmão de Mandy parecia transformado algumas semanas antes. Embora ele ainda estivesse na cadeira de rodas, os gessos estavam fora de suas pernas e ele engordou pelo menos cinco quilos. Sua garotinha estava com os braços em volta do pescoço dele. — Parece bem, velho amigo.

Mike colocou a filha no chão e ela cambaleou sobre os pés rechonchudos. — Estou vivendo bem. Parece que finalmente vou conseguir voltar ao trabalho em algumas semanas. Tenho certeza que minha cara-metade está pronta para me tirar de casa. Se ela tiver que passar muito mais tempo comigo em quartos fechados, eu não poderei sair vivo.

Cindy bateu na parte de trás de sua cabeça de brincadeira. — Se eu quisesse você morto, não teria perdido tanto tempo cuidando de você para recuperá-lo.

— Ei, mãe, vamos comer ou o quê? — Joshua inclinou a parte superior do corpo no espaço do batente da porta da cozinha. — Estou faminto.

A mão de Mandy aninhada com força na sua, Kane caminhou com a família até a cozinha. Ele não tinha comido muito na casa de Brick, sabendo que ele estaria compartilhando o jantar aqui. Assim que o cheiro da carne assada de Cindy tomou conta de seus sentidos, ele soube que tinha feito a escolha certa.

— Mana, cima. Mana, cima. — A filhinha de Mike estava puxando a calça jeans de Mandy e rapidamente foi colocada nos braços de sua tia.

Sua mulher parecia em casa segurando uma criança. Talvez eles pudessem falar sobre ter um deles.

Seu batimento cardíaco acelerou.

Isso realmente poderia acontecer. Todos aqueles sonhos que ele pensava que haviam morrido estavam acordando da hibernação.

A refeição estava deliciosa, e a família era tudo de que ele se lembrava. Tudo menos Charlie e Elizabeth Cooper. Ainda assim, a foto deles estava pendurada na parede sobre a mesa, dando a ele a sensação de que o casal os vigiava de onde quer que estivessem agora.

Teria sido perfeito se Joshua parasse de olhar para ele de vez em quando. Ele ergueu a sobrancelha para o garoto do outro lado da mesa. — Tenho espinafre nos dentes ou o quê? — Ele olhou para sua camiseta. — Comida nas minhas roupas? Galhos no meu cabelo?

Joshua sorriu afetadamente. — Você pensou que eu era seu filho, não é?

Cindy deu um tapa na testa, depois passou a mão no rosto. — Joshua Charles Cooper, você não tem filtro algum?

O menino tinha muita coragem. Kane decidiu que gostou. Atirando para trás seu próprio sorriso torto, ele fingiu um estremecimento. — Graças a Deus, eu estava errado.

Um momento de silêncio se passou antes que Mandy soltasse um bufo deselegante e toda a mesa explodisse em gargalhadas. Um rolo

voou pela mesa e ricocheteou na cabeça de Kane, deixando Mike dobrado de alegria.

Foi o tipo de Natal com que ele sempre sonhou.

Ele ainda estava sorrindo quando o telefone zumbiu em seu bolso.

Malcolm: 911. Emergência familiar.

A única ligação que ele não podia ignorar. Emergência familiar significava que a merda estava batendo no ventilador. O clube precisava dele. Desta vez, ele iria.

— Obrigado, pessoal, por me incluir em sua ceia de Natal, mas eu preciso ir para casa. — Ele manteve os olhos em Mandy enquanto inclinava a cabeça em direção à porta. — Você vai me acompanhar, querida?

Ela ergueu as sobrancelhas, mas fez o que ele pediu. — Tudo certo?

Ele balançou sua cabeça. — Algo está errado. Eu preciso descobrir o quê. Mas depois disso, estou fora. — Agarrando sua jaqueta do gancho na parede perto da porta da frente, ele puxou uma pequena caixa de um bolso interno. — Segure-se nisso. Você pode abri-lo quando eu voltar para você esta noite.

Seu rosto se iluminou, então seu lábio inferior saltou enquanto ela balançava a caixa suavemente. — Não. Você não pode me fazer esperar. Você é apenas mau.

Inclinando-se para frente, ele deu uma mordida rápida em seu lábio inferior. — Como se eu pudesse te dizer não. Tudo bem, abra, mas então eu realmente tenho que ir.

Sorrindo amplamente, ela arrancou o papel e olhou dentro da caixa. Uma respiração escapou dela quando ela puxou a delicada corrente de prata. Em anexo estavam dois corações entrelaçados. Uma era de prata, gravada com as palavras ***Eu Te Amo*** ; o outro era ouro branco, marcado com a palavra para ***sempre.*** — Eu amo isso. — Sua voz falhou um pouco no final. — Você vai colocar em mim? — Ela ergueu o cabelo e o presenteou com a nuca.

Seus dedos grandes eram desajeitados ao segurar o pequeno fecho, mas depois de duas ou três tentativas, ele conseguiu prendê-lo. — Tudo feito. — Ele beijou seu pescoço. — Esta noite, você pode usá-lo para mim e nada mais.

Quando ela se voltou para ele, seus olhos já brilhavam com calor. — Você pode contar com isso.

As imagens de Mandy esperando por ele em sua cama o mantiveram aquecido na viagem gelada de volta ao clube. Isso também o impediu de especular muito sobre qualquer crise que tivesse inspirado o texto que o chamava de casa.

Nem mesmo lhe ocorreu o uivo lamentoso das sirenes que poderiam estar indo para o mesmo destino que ele. Pelo menos, ele não percebeu isso, até que ele virou a esquina para a rua do clube e uma série de luzes piscantes vermelhas e azuis quase o cegou.

Pelo menos seis carros da polícia iluminaram a noite em suas vagas de estacionamento ao redor da casa. Duas ambulâncias estavam no gramado, paradas na passarela em frente à porta da frente.

Mama V se ajoelhou na grama, soluçando, seu rosto voltado para o céu. Seu pai, em estado de choque, sentou-se de pernas cruzadas no chão ao lado dela. Sua expressão permaneceu em branco, mesmo quando Kane se aproximou. Mas quando sua mãe o avistou, ela soltou um grito agudo e colocou os braços em volta de suas pernas.

Ele se agachou ao nível dos olhos dela. — O que está acontecendo? Mamãe, o que está acontecendo?

— Meu bebê. Meu bebê, — ela chorou. Quase não parecia sua mãe, sua voz quebrada e rouca.

Ele não estava recebendo nenhuma resposta aqui. Saindo de seu aperto, ele se moveu em direção à porta da frente aberta da casa. Ele mal deu dois passos antes de uma maca bloquear seu caminho. Dois paramédicos estavam expulsando alguém de casa. Ele reconheceu a careca de Cue instantaneamente. Um dos médicos chamou seus sinais vitais.

De repente, seus olhos percorreram as janelas quebradas. Os buracos de bala se espalharam pela frente da casa. O sangue nas roupas de sua mãe.

Os paramédicos rapidamente rolaram a maca ao redor dele, levando o Cue Ball para a ambulância e revelando uma segunda equipe não muito atrás. A equipe atrás se moveu mais devagar. Um lençol cobria o corpo na maca.

— Ei, — ele gritou. — Quem é aquele? — Um oficial apareceu do nada e agarrou seu braço. — Me *solta* . Eu preciso ver quem é.

— Sinto muito, senhor, — disse o policial com firmeza. — Você vai precisar dar um passo atrás e deixar os homens trabalharem.

— Você não entende. — O pânico aumentou. 'Esta é minha família.' A segunda maca passou rolando. — Você tem que me dizer. Quem... — Ele engoliu as palavras seguintes quando as rodas ricochetearam na calçada e caíram na grama, e a mão de um homem escorregou para fora do lençol branco manchado de sangue.

Vinte e quatro horas depois, o desenho do escorpião ainda estava lá.

Ele caiu no chão, a apenas alguns metros de distância do local onde sua mãe ainda chorava.

Seu irmão estava morto. E ele não descansaria até que alguém pagasse por isso.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Amanda

Amanda correu os dedos ao longo do contorno de um dos corações em seu pingente. Usando o colar, ela não sabia dizer se era aquele gravado ***Eu te amo*** ou para ***sempre*** . Não importa. Qualquer um sozinho era o suficiente para fazer seu coração se encher a ponto de explodir.

Ela não se preocupou em esconder o largo sorriso em seu rosto quando voltou para a mesa depois de levar Kane para fora. Sabendo que toda a família estava assistindo, ela tirou a colher da tigela de Mike e enfiou um pedaço de sorvete de noz-pecã na boca. Felicidade.

— Que diabos, mulher? — Seu irmão tentou limpar a colher. — Pegue o seu.

— Oh, dê um tempo a ela, querido. — Cindy piscou para ela. — Ela tem um motivo para comemorar.

— Sim, bem, ela não precisa do meu sorvete para fazer isso, — ele resmungou.

Joshua acenou com a mão no ar. — Se alguém se importa com a minha opinião, eu gosto do cara. Ele se encaixa perfeitamente com a gente... meio estranho... definitivamente um espertinho.

Mike bateu na nuca. — Cuidado com a linguagem, — ele avisou, mas não havia nenhuma evidência de raiva real. Ele ergueu a criança no colo e a entregou. — Vá preparar sua irmã para dormir e vamos fingir que isso nunca aconteceu.

Ele esperou até que Joshua pegasse Aliyah em seus braços desengonçados e a carregasse para fora antes de falar novamente. — Você sabe que sempre considerei Kane como um membro desta família.

Ele não estava exagerando. Mesmo que ele nunca tenha incomodado ela sobre isso, ela sabia que Mike tinha sofrido quando Kane deixou seu círculo íntimo.

— Esta noite foi incrível, — ele continuou. — De certa forma, era como se ele nunca tivesse partido. Eu tenho que perguntar, no entanto. Você tem certeza disso? — Ele olhou para o teto antes de encontrar os olhos dela. — Muito tempo se passou. Ele está correndo com a gangue de seu pai. Esses caras estão envolvidos em alguma merda séria. A última vez que soube, eles estavam usando armas. Sem mencionar que parecem alguns hematomas em seu rosto.

Ela não sabia os detalhes sobre suas atividades criminosas, mas não duvidava da palavra de Mike. Kane não gostava de falar sobre como o clube ganhava dinheiro, mesmo quando eles namoraram pela primeira vez, mas com o que ela aprendeu sobre sua entrada no comércio de drogas, nada a surpreenderia. — Ele vai sair.

— Ele disse que estava saindo do clube? — Mike não poderia ter soado mais duvidoso.

Isso a irritou. — Na verdade sim. Ele disse. Dias atrás e novamente esta noite. Ele tem uma emergência para cuidar, então ele vai voltar para mim.

Cindy raspou os restos de comida dos pratos restantes em uma travessa vazia. — Espero que seja verdade. Se for, ótimo, mas e os anos em que ele faz parte da equipe? Mesmo que ele entrasse no clube de seu pai com as mãos limpas, você acha que eles estão agora? E, pelo amor de Deus, — ela baixou a voz para um sussurro, — ... espero que você o faça fazer o teste antes de ficar maluca. Quem sabe onde ele estava mergulhando seu pavio?

Mike gemeu. — Não fale sobre minha irmã fazendo sexo, Cin.

— Por que não? — Cindy parou de limpar o tempo suficiente para lançar a ele um olhar sujo. — Amanda está crescida e ela merece transar tanto quanto você. Só não quero que ela acabe com um caso violento de gonorreia.

— Não estou conseguindo aplausos. — É por isso que Deus inventou os preservativos. — Olha, eu agradeço que vocês dois cuidem de mim, mas como você disse, eu sou uma garota crescida. Tudo que preciso de vocês é seu amor e apoio. E se não for muito problema, talvez você possa ficar feliz por mim. Eu não me sentia assim há muito tempo.

Mike mexeu nos restos ensopados de sua sobremesa. — Estamos felizes por você e, realmente, quero Kane de volta. Sempre pensei que acabaríamos criando nossos filhos juntos e sendo os pais legais que nossos filhos querem nas festas.

— Ninguém quer você nas festas, pai. — A provocação de Joshua veio alta e clara da sala ao lado.

— Continue assim e direi não ao jogo de PlayStation que você pediu para baixar. — Mike balançou a cabeça e murmurou: — Espertinho.

A ideia de um menino com o cabelo escuro de Kane e um grande coração era o que seus sonhos eram feitos. Mesmo quando a possibilidade de um futuro com ele era menor que zero, todos os seus filhos fantasiosos tinham seu sorriso. — Adoraria que meus filhos crescessem com os seus.

— Tudo que estou perguntando é se você tem certeza de que tudo isso é o que Kane também quer. O tipo de família doméstica feliz para sempre de que estamos falando não combina com os Skulls, nós dois sabemos disso. E se o que você diz é verdade, se ele está desistindo, você tem que estar pronta para abalar o mundo dele. O clube foi praticamente tudo para ele durante toda a sua vida adulta. Só estou dizendo que pode ser difícil. — Ele pigarreou. — Vou carregar a máquina de lavar louça agora.

Cindy colocou a pilha de pratos que recolheu em seu colo e esperou até que ele se afastasse antes de falar. — Ele tem boas intenções.

Ela não duvidou por um segundo. Mike nunca tinha feito nada além de apoiá-la, desde sua escolha de carreira, sua vida amorosa e seu relacionamento com seu pai. Seu irmão era seu maior líder de torcida e seu melhor amigo. — Eu sei. Não tenho certeza do que ele está me perguntando, no entanto. Eu sei que o clube é

sombrio? *Sim*. Eu sei que é um grande problema para ele consertar? *De novo... sim*. Mas foi sua escolha. É o que ele quer. Eu sou o que ele quer.

— Eu acho que você está certa. — Cindy se levantou, abrindo os braços para um abraço que ela estava mais do que feliz em oferecer. O abraço de sua cunhada parecia familiar e fortalecedor. — Se alguém pode encontrar a magia novamente após uma pausa de treze anos, são vocês dois. Nunca parei de esperar que vocês encontrassem o caminho de volta um para o outro. — Cindy beijou sua bochecha. — Agora dê o fora daqui. Tenho a sensação de que ele ligará a qualquer minuto.

A senhora não precisou dizer duas vezes. Ela mal podia esperar para chegar em casa, para ter seu homem de volta em sua cama.

Assim como Cindy previu, o telefone tocou momentos depois que ela entrou em sua porta da frente, mas seu coração afundou quando viu a mensagem.

Kane: Não posso vir esta noite.

Sem palavras ternas. Sem explicação.

Sua mente foi direto para os avisos de seu irmão. Ela tinha lido Kane errado? Ele já tinha mudado de ideia?

Ela agarrou o pingente em seu pescoço, o metal frio um peso reconfortante em sua mão. *Eu te amo. Para sempre*. Ela estava sendo

paranóica. Kane não mudaria de ideia, ele estava nisso por um longo tempo, deixando sua antiga vida para trás, se não esta noite, então amanhã.

Não há razão para se preocupar. Ela diria a si mesma quantas vezes fosse necessário até que ela pudesse se fazer acreditar.

Kane

Kane enfiou o telefone no bolso interno da jaqueta, empurrando imagens de Mandy para fora de sua cabeça. Ela não tinha lugar entre os pensamentos sombrios que o consumiam agora.

A polícia havia terminado seu trabalho, deixando-o com a dor da mãe, o estupor congelado do pai e um clube crivado de balas e encharcado de sangue. — O que aconteceu? — Ele precisava de respostas, e seus pais eram os únicos aqui. — Malcolm, — ele latiu, sacudindo o ombro de seu pai. — O que. Aconteceu.

Malcolm olhou para cima, o olhar atordoado em seus olhos clareando. — Estávamos jogando sinuca quando o tiroteio começou. Cue, Scott e eu. Voltei para a cozinha para pegar uma cerveja e então ouvi. Era automático, com certeza. — Sua mandíbula se apertou. — Eu rastejei de volta em minhas mãos e joelhos, mas

parou tão rápido quanto começou. Seu irmão estava morto antes de eu chegar até ele.

Uma grande poça de sangue ao lado da mesa apoiou sua versão dos eventos. A série de buracos de bala ao longo da parede frontal da casa e do interior também funcionou. Eram muitos para ser qualquer coisa menos do que fogo automático. — Quem fez isto? — Tanto os soldados cristãos quanto os russos estavam por trás disso. Ambos os grupos iriam querer a cabeça de Scott em uma lança.

— Testemunhas disseram aos policiais que viram uma van preta. — Com as mãos trêmulas, Malcolm derramou uma boa dose de bourbon em um copo.

— Sergei, — Kane rosnou. Os soldados estariam sobre duas rodas, não quatro.

— Você tentou nos avisar. — Malcolm engoliu o líquido âmbar. — Devíamos ter ouvido.

Ele não estava interessado na autocomiseração do pai. Era hora de ação, não de palavras. — Chame o resto do clube. Vai haver um acerto de contas.

Malcolm reuniu os homens em apenas trinta minutos. Suas reações variaram de raiva a angústia e medo.

— A primeira coisa que precisamos fazer é estar lá para o Cue. — Ele se voltou para a perspectiva. — Eu preciso que você leve Mama V e Desiree para o hospital. Use o carro da minha mãe.

O garoto pegou as chaves que Malcolm estendeu e então conduziu mamãe para fora da porta da frente.

Kane voltou seu foco para seus irmãos. — O que sabemos sobre onde os russos ficam quando estão aqui?

Frank estalou os nós dos dedos. — Eles têm uma casa segura em Mechanicsville. Pelo menos, eles fizeram alguns anos atrás. Foi onde nos encontramos com eles pela primeira vez... eu, Randy e Scott.

Randy acariciou sua barba quase grisalha, uma carranca enrugando sua testa de couro. — Certo. Foi na Love Street. Lembro que Scott disse que ia roubar a placa da rua para pendurar em cima da cama. Os russos não acharam engraçado.

Isso soou como Scott. Ele sempre... o coração de Kane gaguejou quando ele se lembrou de que seu irmão nunca faria nada novamente. Chega de trocadilhos ou piadas. O legado de Scott estava completo. Estava tudo no passado agora.

Ele fechou a onda crescente de emoção. — Você acha que reconheceria o lugar se o visse de novo?

Os olhos de Randy se estreitaram. — Sem dúvida.

Frank cruzou os braços na frente do peito. — Eu também. Além disso, a van deles vai ficar para fora como um polegar dolorido. Não é nenhum Escalade, mas é melhor do que qualquer outra coisa que você vai ver na vizinhança.

— O que vamos fazer, Kane? — Scratch fez a pergunta, mas todos os olhos na sala estavam voltados para ele. Engraçado como

ninguém olhava para Malcolm agora. Não importaria se eles fizessem. Nada ficaria no caminho de sua retribuição.

A justiça seria rápida.

E será minha.

— Nós vamos pagar de volta, olho por olho. Vamos descer no lugar onde eles se sintam seguros e vamos matar até o último fodido deles.

Uma torcida subiu na sala. Cada voz clamava por sangue.

— Mas vamos fazer do meu jeito. — Ele olhou para os rostos ao seu redor em busca de qualquer sinal de desafio. Não havia nenhum. — Não vamos passar por aqui. Vamos invadir. Isso não é negócio. É pessoal, — ele rosnou. — Eu quero olhar aqueles bastardos nos olhos. Quero que meu rosto seja a última coisa que eles verão quando derem o último suspiro. Eles vão morrer sabendo que está na porra do nome do meu irmão. —

Os homens murmuraram em concordância e ele distribuiu tarefas para vigias, motoristas e membros do esquadrão. Eles se separaram, abandonando as motos e se amontoando no Bronco e no Impala preto de Pete para manter a discrição. Dez homens ao todo fariam parte da operação. Quatro ficariam com Malcolm na sede do clube.

No caminho para o esconderijo, os únicos sons eram o ronco do motor do Bronco e os clipes deslizando em várias armas enquanto os homens se preparavam para o ataque. Pete estacionou algumas

casas abaixo de seu alvo e os irmãos se dividiram em suas designações sem avisar.

Ele liderou o esquadrão de ataque com apoio de Frank, Randy, Bear e Scratch. Randy e Scratch podiam ser caras mais velhos, mas eram implacáveis e não hesitaram em tirar uma vida, que era exatamente o que precisavam agora.

Com certeza, a van preta estava estacionada na garagem, embora estivesse meio coberta por uma lona velha. Scratch esgueirou-se por trás do vigia e Kane viu o brilho de uma lâmina alguns segundos antes de o corpo do homem atingir o solo.

Ele e seus homens se espalharam em posições em vários pontos de entrada e ao apito estridente de Frank explodido com armas em punho. Gritos e tiros ecoaram pela casa. Embora fosse impossível saber qual russo disparou os tiros fatais em seu irmão, ele estava procurando por um homem: o responsável. Ele não tinha dúvidas de que Sergei deu a ordem.

O bastardo loiro estava descarregando um pente em direção à porta da frente quando Kane abriu caminho pelos fundos. O cabelo normalmente penteado para trás do filho da puta tinha caído sobre sua testa, seu rosto normalmente plácido se contorcia de raiva.

Ele tirou a arma de sua mão e enfiou o cano da Glock do irmão sob o queixo do homem. Todos os gritos e violência ao redor deles desapareceram. Apenas a mandíbula rígida de Sergei e seus olhos azuis estreitados permaneceram. — Você matou meu irmão.

Sergei levantou uma sobrancelha loira zombeteiramente. Estava coberto de sangue de um corte a menos de uma polegada abaixo da linha do cabelo. — É bom saber que meus homens podem acertar um alvo.

Ele empurrou a Glock com mais força contra a pele do homem. — Seus homens estão todos morrendo ou mortos.

— Há mais de nós. Continuaremos voltando. Além disso, não somos seu único inimigo. Temos os soldados conosco agora. Você irritou alguém muito poderoso, que não vai parar até que seus preciosos irmãos sejam nada mais do que uma mancha de sangue no chão.

Isso o incomodava. Sergei não demonstrou medo, mas em sua fanfarronice, pelo menos o bastardo conectou alguns pontos importantes. Os Skulls não tinham mais três inimigos separados, agora eles estavam conectados com Beau Griffin no centro de tudo.

— Seu irmão foi apenas o começo, — zombou Sergei.

Com toda aquela conversa fiada do russo, talvez o ferimento na cabeça o estivesse deixando estúpido. — Aposto que ele morreu chorando em uma pilha de sua própria merda. — Talvez ele estivesse pronto para encontrar seu criador.

Ele puxou o gatilho e o som explodiu em seus ouvidos quando o cérebro de Sergei se espalhou em uma série de sangue coagulado na parede atrás dele.

Ele conseguiu passar todos esses anos sem matar ninguém. Puxar o gatilho foi muito mais fácil do que ele esperava.

Girando nos calcanhares, ele examinou o resto da sala. Pelo menos oito corpos espalhados pelo chão. Dois eram seus próprios homens. Bear estava morto, as feições em seu rosto quase destruídas por balas. Scratch ofegou a alguns metros de distância, a camisa ensopada de sangue. Frank ficou de pé, mas sangrou de um ferimento no ombro. Nenhum dos russos sobreviveu.

— Randy, Frank, leve Scratch para o carro. — Kane se agachou ao lado de Bear e ergueu o homem grande em uma mochila de bombeiro por cima do ombro. Assim que ele conseguiu sair de casa, um dos caras estacionados como vigia o ajudou a carregar seu fardo para o Bronco.

No momento em que chegaram ao hospital, Scratch havia parado de respirar. Frank tinha inventado uma história para contar aos policiais sobre um segundo ataque dos homens na misteriosa van preta. Kane e Pete saíram do SUV na beira do estacionamento, e Frank dirigiu o resto do caminho sozinho. Eles não precisavam se preocupar com as perguntas dos policiais.

Estava muito apertado para espremer mais homens no Impala, e Kane e Pete cobertos de sangue demais para pedir uma carona, então eles começaram a voltar para a sede do clube a pé, mantendo-se nas sombras.

Suas ações esta noite foram um começo, mas eles ainda tinham inimigos esperando para dar outro tiro neles. Os soldados cristãos, por exemplo, e, claro, o pai de Mandy. Ele não tinha dúvidas de que

Beau Griffin era o homem poderoso de quem Sergei estava falando. Inferno, a própria Mandy o advertiu que seu pai era uma ameaça.

Mandy.

Ele tinha feito a ela tantas promessas, e ele quis dizer cada uma. Eles deveriam ter um futuro juntos, aquele com o qual ambos sonharam por anos. Mas quem eles estavam enganando?

Ele deveria se afastar do clube, de jeito nenhum ele poderia fazer isso agora. Seu irmão estava morto e apenas metade dos responsáveis pagou o preço. Ele devia isso a Scott, a seus pais e irmãos restantes, para garantir que a justiça fosse feita.

Mas ele não poderia fazer isso com Mandy ao seu lado. Ele não podia pintar um alvo nas costas dela. Além disso, ele não era mais o mesmo homem que havia feito aquelas promessas apenas algumas horas atrás. Esse homem nunca tirou uma vida.

Ela merecia coisa melhor do que um assassino sujando sua cama.

E agora, seu pai era agora seu inimigo, mais do que nunca.

Ele passou a mão pelo cabelo emaranhado, sem dúvida cobrindo-o com o sangue de Bear. Não poderia haver futuro com Mandy. Sem felicidade ou amor. Ele teve que deixar seus sonhos irem. Era hora de desencadear um pesadelo sobre seus inimigos.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Kane

Kane estava no chuveiro com a cabeça baixa, sangue seco mais uma vez se misturando com a água descendo pelo ralo. O amanhecer já estava aparecendo no horizonte quando eles voltaram para o clube. Os irmãos estavam aqui, junto com seu pai, todos desmaiados, alguns tinham camas presas, outros na mobília, alguns no chão. Graças a Deus, alguém limpou o local onde Scott tinha caído.

Cada músculo de seu corpo se contraiu e ficou tenso. Sua cabeça doía e seus dedos queimavam ao recuperar as sensações depois de uma hora no frio. Ele precisava queimar as roupas que estava vestindo. Todos eles fizeram. Não havia como saber de quem era o sangue, uma ligação direta com a morte e destruição da noite anterior.

Ele pegou o sabonete, esfregando a barra diretamente em sua pele suja. Ele nunca ficaria verdadeiramente limpo, mas pelo menos ele poderia se livrar da evidência externa de seus pecados. Seu cabelo também precisava de atenção. Por mais longo e grosso que fosse, só Deus sabia o que o DNA escondia entre os fios.

Ignorando a água que ele arrastou pelo chão, ele saiu do spray que ainda corria e ficou nu diante do espelho. Agarrando um

punhado de cabelo grosso, ele o cortou com a faca que havia deixado na pia. Ele fez isso um punhado após o outro até que os pedaços mais longos pendurassem logo abaixo de sua mandíbula.

Jogando os pedaços de cabelo no saco de lixo com suas roupas, ele voltou para o chuveiro. Agora era fácil fazer espuma com o shampoo. Não era tão simples de lidar há anos.

E realmente, quem dá a mínima para o que parece?

Depois que ele tirou todo o sangue de debaixo das unhas, ele percebeu que estava o mais limpo possível. Ele enrolou uma toalha na cintura e penteou o que restava de seu cabelo com os dedos. Tarde demais, ele percebeu que não tinha roupas aqui. Mas Scott tinha. Kane vestiu a calça jeans de seu irmão e uma flanela ainda com um toque da colônia favorita de Scott.

Ele carregou o saco de lixo para o quintal e jogou-o na grande lata de lixo de metal. Um jato rápido de fluido de isqueiro, então ele acendeu o conteúdo em chamas. Nem a fumaça nem o cheiro virariam qualquer pessoa. Era assim que queimavam folhas por anos.

Ignorando a queimadura de gelo em seus pés descalços, Kane ficou do lado de fora até que o saco e tudo dentro se transformou em cinzas. Se ao menos ele pudesse se livrar da noite inteira da mesma maneira.

Ele caminhou de volta para casa, a exaustão pesando sobre ele como uma bigorna em suas costas. Não encontrando nenhum lugar macio para se deitar, ele entrou na igreja e se aninhou em cima da

mesa, a manta favorita de sua mãe tornou-se seu travesseiro. Ele desmaiou no segundo em que seus olhos fecharam.

Uma sacudida suave de Mama V o trouxe de volta à superfície. — KC? — ela murmurou. — Acorda bebê. Seu pai quer se encontrar.

— Que horas são? — ele murmurou. Ou ele tentou dizer isso. Saiu mais como uma mistura de sons.

Ainda assim, sua mãe parecia entender. — São três horas. Vamos para a cozinha. Temos pizza.

Seu estômago roncou. Ele não tinha comido desde... não, ele não estava pensando em sua refeição nos Coopers. Balançando a cabeça, ele respondeu com um grunhido.

Ela agarrou a mão dele e o conduziu até o cheiro saboroso da comida. Os homens ficaram ao redor da sala, comendo sombriamente. Ele pegou uma fatia e engoliu em silêncio.

Mama V estava atrás de Malcolm, que estava sentado à mesa. Ela massageou seus ombros enquanto falava. — O Cue Ball está indo bem. Os médicos tiveram que fazer uma cirurgia esta manhã. Uma das balas perfurou seu intestino. Eles estavam realmente preocupados com a infecção, mas cortaram o pedaço ruim e o juntaram novamente. Eles têm que vigiá-lo de perto em busca de sinais de sepse, mas acham que ele vai se recuperar.

Não parecia que ele tinha saído completamente da floresta ainda, mas Cue Ball era um lutador. Se alguém poderia superar isso, ele poderia. — Tem alguém aí com ele? E quanto ao Frank?

Sua mãe manteve os olhos na nuca de Malcolm enquanto falava. — Desiree não saiu do hospital. Ela está ficando tão perto quanto os médicos permitem. Quanto a Frank, vamos deixá-lo dormir um pouco em um dos quartos. Ele voltou há apenas algumas horas. A bala passou direto, então os médicos o remendaram bem rápido. Ele ficou preso por um tempo lidando com a polícia. Tenho a sensação de que eles estarão por aqui antes do final do dia para fazer mais algumas perguntas.

Kane pegou outra fatia morna da caixa de pizza. — Todos queimaram suas roupas? Se livraram das armas? — Não deveria haver nenhuma outra evidência na sede do clube.

Malcolm assentiu. — Aqueles de nós que ficaram na noite passada cuidaram de tudo esta manhã.

— E o esconderijo? Pode haver algo aí ligando de volta para nós. — Havia muitas variáveis.

Scratch falou. — Eu acendi antes de sairmos ontem à noite. Queimou a van também. Os policiais encontrarão os corpos, talvez alguns cartuchos, mas nada os amarrará de volta ao clube.

— Então, nós temos justiça, — Pete disse severamente.

Kane tirou uma garrafa de água da geladeira. — Não. — Ele tomou um gole e enxugou a boca com as costas da mão. — David Bennett e Billy Meers. Eles têm uma mão nisso. — Ele não mencionou o pai de Mandy. Ele não estava pronto para compartilhar todos os detalhes com o clube.

Malcolm ficou de pé, forçando Mama V a tropeçar para trás. — Meers? Você sabe disso?

— Foi a última coisa que Sergei disse antes de seu cérebro bater na parede. — Ele fez uma pausa, esperando que a enormidade de matar um homem o acertasse, mas... nada. — Os soldados estavam na fila para assumir as armas de nós. Foram eles que avisaram os russos que estávamos vendendo para o Ace.

— Eu vou mata-lo. — Os dentes de Malcolm cerraram-se com tanta força que suas palavras eram quase ininteligíveis. Ele enfiou um cigarro entre os lábios e acendeu a ponta. Depois de uma tragada profunda, ele riu sombriamente. — Não. Vou estripar o filho dele bem na frente dele. Então eu vou matá-lo.

Kane não tinha objeções. Ele queria queimar o maldito mundo inteiro.

Frank tropeçou, o braço esquerdo em uma tipóia. — O que quer que vocês estejam planejando, estou dentro.

— Sem ofensa, irmão, mas parece que um vento forte poderia derrubá-lo. — Ele balançou sua cabeça.

Frank abriu a boca para discutir, mas ficou de queixo caído. — Que porra você fez no cabelo, cara?

Ele passou a mão pelas peças desgrenhadas e desiguais. — Sim, bem, acho que perdi minha chance de uma carreira de modelo. — A cicatriz em sua bochecha apertou com seu sorriso zombeteiro. — No entanto, da última vez que verifiquei, não precisava ser bonito para fazer justiça pelo assassinato do meu irmão.

Mama V sufocou um soluço com a lembrança gritante. Ela parecia uma casca fantasmagórica de si mesma, seu cabelo despenteado e sem maquiagem no rosto. Sem os saltos altos, ela parecia muito menor.

E, ele percebeu sombriamente, este seria o primeiro ano em que ela perderia a liquidação depois do Natal para fazer compras para seu pai.

— Precisamos atacar antes que percebam que estamos atrás deles, — disse ele rapidamente. — Mas primeiro, precisamos de um plano.

Talvez *plano* fosse uma palavra muito forte. Eles só precisavam de um álibi, um horário e uma formação. A localização da sede do clube era de conhecimento geral. Eles eram provavelmente muito arrogantes para se preocupar com retaliação, mas ele não queria se arriscar com os irmãos que ele havia deixado de pé.

— Cortamos a cabeça do dragão. Sim, queremos ter todos eles, mas Meers e Bennett são nossas prioridades.

— Meers é meu, — Malcolm fervia. — Vou fazê-lo pagar, de um presidente a outro.

Kane o ignorou. — A primeira coisa que precisamos fazer é sermos vistos por toda parte. De preferência em algum lugar com câmeras. O banco, o estacionamento do hospital. Talvez alguns de vocês possam ir acender velas no St. John's. As pessoas vão se lembrar de ter visto você lá. — A igreja não ficava longe da base dos soldados em Druid Hills.

Todos receberam uma missão e concordaram em se encontrar na floresta perto da propriedade dos soldados por volta das cinco e meia. Frank e o cliente em potencial eram as exceções. Eles ficariam de olho no Cue Ball para o caso de ele receber alguma visita inesperada no hospital.

Quando eles chegaram à propriedade de Meers, porém, encontraram a casa escura e deserta. Então, eles esperaram. Não poderia ter sido mais suave. Os homens chegaram um de cada vez, e os Skulls os pegaram como frutas ao alcance da mão, escondendo cada corpo e moto atrás da linha das árvores. Eles mataram seis soldados em sucessão.

O próprio Meers apareceu depois, flanqueado por dois grandes bastardos. Dois grandes bastardos que caíram como moscas graças à pontaria infalível de Pete. Para seu crédito, Meers não tentou correr ou mesmo alcançar sua própria arma enquanto seus homens caíam a seus pés.

Malcolm deixou a cobertura da escuridão para enfrentá-lo na garagem. Kane seguiu dois passos atrás. — Você tem sorte de seu menino não estar aqui, — Malcolm rugiu.

Meers fez uma careta. — Eu ouvi sobre Scott. Ele não era o alvo.

— Ele foi um dano colateral, então está tudo bem que ele está morto? — Malcolm se aproximou. — Diga-me, Billy, quem era o alvo? Eu? Meu outro filho? Meu clube?

— Você. — Meers não hesitou. — Você deveria estar em casa. A ideia era cortar a cabeça da cobra.

Kane sorriu severamente com a ironia.

— Achamos que sua morte levaria o clube ao caos. Um filho sem disciplina para liderar na sua ausência, o outro sem o desejo. — Meers olhou significativamente para Kane e a Glock agarrada com força em sua mão. — Acho que estávamos errados sobre muitas coisas. — Ele cruzou as mãos à sua frente, como em uma oração, fechou os olhos e baixou o queixo sobre o peito.

Esperando.

Malcolm ergueu a arma e abriu um buraco no centro da testa do homem.

Eles esperaram mais uma hora, mas ninguém mais apareceu. Os caras enrolaram os corpos em lonas antes de jogá-los na traseira da velha pick-up de Scott. Com sorte, haveria espaço nos barris de ácido sulfúrico onde eles se livraram da tripulação de Sucre algumas semanas atrás.

Ele não tinha certeza de quanto tempo levou o ácido para comer através dos ossos, mas não tinha dúvidas de que seus irmãos descobririam algo. Ele alinhou todas as motos atrás da casa, como se os proprietários as tivessem acabado de estacionar ali para passar a noite. Então ele dobrou de volta por entre as árvores até onde sua moto esperava a cerca de um quilômetro de distância. Eles não haviam matado Bennett, mas Kane o encontraria em breve, e quando o fizesse, o homem estava morto.

Kane acordou na manhã seguinte com uma mão gentil passando por seu cabelo. Quando ele abriu os olhos e viu Mandy, por um momento esqueceu sua decisão de deixá-la. Ele envolveu a mão em seu braço esguio e puxou-a contra seu peito.

Ela cheirava a esperança e lavanda. Sua pele era sedosa e macia, seus lábios tão próximos e irresistíveis.

Sem pensar, ele capturou sua boca. Ela tinha gosto de café e chocolate, delicioso, quente e perfeito. A língua dela se enrolou na dele, atraindo a atenção de seu pau.

Afastando-se, ela sussurrou: — Onde você esteve? Estava tão preocupada.

E com sua pergunta inocente, o breve intervalo de sua vida se desfez em uma nuvem de fumaça. — Scott está morto. — Não adianta revesti-lo de açúcar.

Mandy engasgou, com a mão cobrindo a boca de horror. Ele não duvidou de sua sinceridade por um segundo. Por mais que ela não gostasse de seu irmão, ela nunca desejou sua morte. — Como?

— Como você acha? — ele rosnou. — Seu pai cumpriu sua promessa. Ele me fez pagar.

— Meu pai? Ele matou Scott? — Ela balançou a cabeça em descrença.

— Ele não puxou o gatilho, mas sim. Ele colocou as rodas em movimento. — Ele saiu da cama e vestiu um par de jeans por cima da boxer com que tinha dormido. — Um dos meus outros caras também está morto. Dois estão feridos. A merda está batendo no ventilador.

Ela ficou de joelhos no colchão. — O que eu posso fazer?

Virando-se para a cômoda, ele começou a procurar uma camisa limpa, mas congelou. Seu rosto queimou com o conhecimento que ela podia ver seu nome tatuado em suas costas. Ela sabia que estava lá? Ele não conseguia se lembrar de ter dado as costas a ela antes.

Era tarde demais para esconder agora. Ele se virou, a camisa agarrada em sua mão. Ela não mencionou isso, ela também não disse nada sobre o cabelo dele. — Você precisa ir. Não é seguro ficar perto de mim agora.

Ela avançou e colocou a palma da mão sobre o coração dele. Ele recuou com o contato. — O que você está dizendo? — ela sussurrou. — Você está em perigo?

Ele arrastou a camisa pela cabeça. — Não. Eu *sou* o perigo.

Ela se levantou para encará-lo. — Eu não tenho medo de você. Você nunca me machucaria.

— Eu matei um homem, — disse ele asperamente, e os olhos dela se arregalaram. — Depois que eu te deixei. Feliz maldito Natal. Você ainda me quer agora?

— Sempre. — Ela tocou seu braço e ele a afastou.

— Você não está me ouvindo. Eu matei alguém. Eu explodi a porra de seus miolos e faria isso de novo. Provavelmente *farei* de novo, se conseguir colocar minhas mãos no resto dos bastardos responsáveis pelo que aconteceu com Scott. — Ele colocou as mãos em volta dos braços dela e a sacudiu suavemente. — Você não me quer em sua vida, bebê. No momento, sou um veneno.

Seus dedos agarraram o colar que ele deu a ela no Natal. Deus, parecia uma vida atrás. — Mas você me ama, — ela sussurrou.

— Deus, mulher, claro que te amo. Sempre amei e provavelmente sempre amarei. — As palavras pareciam arrancadas de seu peito. — Isso não significa que podemos fazer este trabalho. Às vezes, o amor não é suficiente. Ou talvez, eu te amo demais para deixá-la perto desta minha vida tóxica. De qualquer forma, o resultado final é o mesmo.

— Não faça isso, Kane. — Seus olhos verdes brilharam com lágrimas não derramadas. — Nós somos melhores juntos. Somos *mais fortes* juntos.

— Não. — Sua voz era implacável.

Ela fez um som quebrado no fundo da garganta. — Era para ser para sempre desta vez.

Ele passou por ela e entrou na sala de estar, onde vestiu uma jaqueta e enfiou os pés nas botas ao lado da porta. — Você não pode estar envolvida neste mundo, Mandy. — Ele convocou as palavras que se recusaram a deixar sua memória, mesmo depois de anos tentando afugentá-las. — Não me ligue. Eu não vou responder. Não

tente me ver. Eu te amo, mas você não faz mais parte da minha vida. — Ele abriu a porta e falou sem olhar para trás. — Deixe a chave embaixo do tapete ao sair.

Com o coração na garganta, ele se afastou e fechou a porta, deixando o amor de sua vida para trás.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Amanda

Amanda conseguiu se controlar até Kane fechar a porta atrás dele. Só então ela caminhou rigidamente de volta para sua cama e se enrolou em uma bola. Seu travesseiro ainda cheirava a ele. Ela teria que passar o resto de sua vida sem sentir o cheiro dele novamente? Será que a memória dele se dissiparia como antes?

Ela teria que voltar para a meia-vida que ela vivia sem ele? A ideia abriu a comporta de lágrimas que ela segurou na frente dele. Apertando o travesseiro contra ela, ela deixou sua agonia escapar em soluços fortes.

Não era justo. Eles tinham acabado de encontrar o caminho de volta um para o outro. E mais uma vez, seu pai estava conseguindo o que queria. Ele sempre conseguia.

Ela chorou pelo que pareceram horas até que todas as suas lágrimas secaram. Quando ela se sentou, suas entranhas pareciam vazias, como se alguém a tivesse retirado e deixado apenas a concha no lugar. Ela esperava nunca mais sentir tal vazio novamente.

Tinha que haver uma maneira de parar tudo isso. Deus sabia que Kane não iria ouvi-la, mas talvez houvesse outra pessoa que

pudesse chegar até ele. Ela pegou o telefone e percorreu seus contatos até encontrar o nome que estava procurando.

O correio de voz de Brick pegou.

— Oi. É Amanda Griffin. Em primeiro lugar, quero agradecer a sua ajuda no local na semana passada. Se você e os outros caras não estivessem lá, não sei o que teria acontecido comigo. Estou ligando porque preciso da sua ajuda novamente. Kane precisa de sua ajuda. — Ela deu um suspiro trêmulo. — Alguém matou seu irmão. Acho que meu pai teve algo a ver com isso. Agora, Kane... ele não é ele mesmo, temo por ele. E ele não quer nada comigo. Eu estou te implorando. Por favor, ajude ele. Ele precisa de um amigo. Eu vou lidar com meu pai. Talvez entre nós dois possamos evitar que isso piore.

Ela desligou sem dizer adeus. Não havia como saber quando Brick iria receber sua mensagem ou se ele a levaria a sério, mas era hora de fazer sua parte.

Saindo da cama, ela parou na frente do espelho e se endireitou. Ela não daria a seu pai a satisfação de vê-la desgrenhada. Batom fresco e um pente em seu cabelo a deixaram quase tão boa quanto nova.

Ela lutou contra a vontade de levar o travesseiro com ela quando saiu do quarto. Em vez disso, ela parou para rabiscar uma pequena nota e a deixou sobre a mesa. Como ele pediu, ela colocou a chave sob o tapete ao sair.

Nenhum tráfego a atrasou no caminho para a casa de seu pai, então Amanda chegou rápido. Normalmente ele não estaria lá durante a semana, mas seu escritório estava fechado entre o Natal e o Ano Novo.

Ela entrou pela porta da frente, e Terrence correu desanimado. — Senhorita Griffin. Seu pai está esperando por você?

— Não. Onde ele está? — Ela odiava colocar o bom homem no centro dos problemas de sua família, mas o conhecia bem o suficiente para reconhecer que ele não iria simplesmente deixá-la em paz.

— Ele está no escritório, senhora, mas...

Sem ouvir mais, ela marchou direto de volta para a sala que seu pai usava como escritório. Ele estava curvado sobre a mesa, vasculhando alguns papéis.

— O que você fez, pai? — Ela estava orgulhosa por sua voz não vacilar.

Ele não fingiu não entender. Endireitando-se, ele olhou para ela friamente. — Eu fiz o que precisava ser feito. Kane Hale tem sido uma pedra no sapato desta família desde o dia em que você o conheceu. Tentei ser paciente. Eu tentei deixar você encontrar seu caminho por conta própria, mas você não conseguia ver além de sua paixão colegial.

— Não é uma paixão. Eu o amo. Eu sempre o amei. Sua relutância em aceitar isso não o torna menos verdadeiro. — Tudo o que fez foi reforçar sua decisão de excluir o pai de sua vida.

— Ainda tenho o vídeo, sabe. — Ele gesticulou vagamente em direção ao seu computador. — Eu te avisei naquela época que não havia estatuto de limitações para assassinato. Você achou que eu estava blefando, querida? Obviamente, o Sr. Hale sobreviveu ao confronto com sua gangue rival de motociclistas. Ele é como uma barata, — ele murmurou. — Então, obviamente, eu preciso vir de outra maneira. Do jeito que eu deveria ter feito anos atrás. Vou passar o vídeo para as autoridades.

— Você não fará tal coisa, — ela avisou.

— Não vou? — Ele deu uma risadinha. — Diga-me, filha querida, por que não? Você me mostrou que sua palavra não tem sentido. Você desistiu de nosso acordo de ficar longe dele, sem mencionar como renegou nosso acordo sobre Nathan. — Ele olhou por cima do ombro dela. — E falando do diabo.

O medo apertou seus músculos, ela girou para enfrentar o homem que ela esperava nunca ver novamente.

— Amanda, — ele disse suavemente. — Tão bom ver você, querida. — Todos os sinais de hematomas em sua pele desbotaram para tons amarelos e verdes suaves.

Ela deu um passo para trás e esbarrou na mesa do pai. — Fique longe de mim. Há uma ordem de restrição contra você. — Seus

olhos se voltaram para o pai. — Ele tentou me matar da última vez que nos vimos. Eu te disse o que aconteceu!

Nathan riu e foi um som arrepiante. — Você adora exagerar. Obviamente, você está bem.

O pai dela pegou as chaves da mesa. — Vocês dois obviamente têm muito o que trabalhar. Eu tenho um compromisso. — Ele estreitou os olhos para Nathan. — Tenho certeza de que ela ainda estará respirando quando eu voltar.

— Eu acho que posso administrar. — Nathan deu um tapinha no ombro do pai dela ao passar. — E você pode contar com meu apoio em novembro próximo, *governador*.

A porta se fechou depois que seu pai saiu, deixando-a sozinha com o homem que quase a estrangulou até a morte.

Ele avançou em direção a ela. — Você tem sido uma garota muito safada, Amanda. Acho que é hora de uma conversa muito esperada.



Kane olhou, pasmo, para o pequeno pacote embrulhado na mesa da cozinha do clube. Sua mãe, mesmo nas profundezas de sua dor, encontrou uma maneira de comprar um presente de aniversário para Malcolm.

Há quanto tempo ele estava parado lá?

Ele queria jogá-lo contra a parede apenas por existir. Ele queria sacudir sua mãe. Dar um soco no pai dele. Que porra de existência circular sem sentido eles viviam onde essa merda nunca, nunca mudava?

Sua mão se curvou para pegá-lo, quando alguém bateu na porta da frente. Eram os policiais? David Bennett? Os russos? Só há uma maneira de descobrir.

Ele abriu a porta. — Brick? O que você está fazendo aqui?

— Retribuindo um favor. — O grandalhão se intrometeu. — Ouvi falar do seu irmão, cara. Eu sinto muito.

Ele ficou boquiaberto. — Como você sabe? Como você me achou?

— Você esquece que eu costumava fazer parte deste mundo, — zombou Brick. — Você não foi realmente difícil de encontrar. Ouça, sua garota me ligou.

— Mandy? — Um choque irracional de ciúme passou por ele.

— Não olhe para mim como se eu estivesse tentando roubá-la, seu idiota. Eu tenho minha própria mulher. — Brick empurrou seu ombro. — Escute, você me procurou uma vez, quando Olivia estava

com medo por mim. Eu estava em um mundo de dor e você realmente me ajudou. Agora sua garota está preocupada com você. Você está em um lugar escuro, um lugar muito escuro. A questão é que há um motivo maior para eu estar aqui. Acho que você precisa se preocupar com *ela*. Ela foi confrontar seu pai.

Ele inclinou o braço para trás para devolver a batida forte no ombro de Brick, mas deixou cair a mão quando as palavras foram registradas. — Ele não a machucaria.

Brick encolheu os ombros. — Eu não colocaria nada além dele. — Ele esfregou o pescoço, inquieto. — Eu não entrei em detalhes sobre isso com você antes porque eu não pensei que ajudaria em nada. Mas depois que eu arrastei seu ex para fora do canteiro de obras, o dia em que ele a machucou, ele estava gritando no caminhão, dizendo que o prefeito era sua vadia. Aparentemente, o pai de Amanda quer ser governador e acha que o ex dela pode lhe dar as chaves do reino. O cara disse que ele poderia fazer qualquer coisa que quisesse com ela, desde que ela ainda estivesse respirando quando ele terminasse. — Suas mãos se fecharam em punhos. — Peguei tudo que tinha pra não bater na bunda de novo, mas achei que ele só estava fazendo barulho, sabe? Agora sua garota está voltando para a casa do pai. Você confia que ele não vai traí-la novamente?

Sem chance.

— Vamos lá. — Brick inclinou a cabeça em direção à porta. — Eu vou te levar.

Amanda

Amanda tirou o telefone do bolso do casaco, segurando-o atrás da mesa do pai enquanto discava 9-1-1. Colocando no viva-voz, ela o deixou cair de cara na cadeira ao lado dela. Com o volume baixo, ela não tinha certeza se alguém atendeu, mas ela podia ter esperança. — Fique para trás, Nathan. Me deixe em paz.

— Ah, querida, você sabe que não posso. Você tem sido uma garota má e precisa ser punida. — Ele deu um passo ameaçador em sua direção.

Ela recuou rapidamente e ele a perseguiu. — Meu pai é o prefeito. Estamos na casa dele, pelo amor de Deus. Você não pode planejar me machucar aqui. — Por favor, por favor, Deus, deixe a polícia descobrir para onde ir.

Nathan rosnou. — Seu pai não é nada para mim. Um peão político. A única razão pela qual tenho algo a ver com ele é que me dá acesso a você. — Ele mordeu o lábio. — Você e essa sua doce boceta minha, honestamente. Porque sejamos realistas, você e eu sabemos que você me pertence.

Ela remexeu na bolsa, em seguida, puxou a mesma arma que exibiu na noite em que terminou. Ela não tinha ido a lugar nenhum sem ele desde o dia em que ele a estrangulou. — Eu tenho uma

arma. Estou te avisando. Não vou deixar você colocar suas mãos em mim de novo. Vá embora. Ninguém precisa se machucar. — Ela correu ao redor da mesa, colocando a pesada peça de mobília entre eles novamente.

— Alguém tem que se machucar, mas não será eu. Você e eu sabemos que você não vai atirar em mim. — Com um movimento do braço, ele derrubou tudo de cima da mesa. Os papéis e arquivos flutuaram quase silenciosamente, mas a lâmpada caiu no chão. — Você não arriscaria o escândalo para seu precioso pai. Não. Você vai abaixar a arma e receber sua punição como uma menina grande. Já esperei por você por tempo suficiente. Quando eu terminar, você terá sorte se puder andar novamente por dias. — Ele se lançou para frente, empurrando-a para a estante alta e rasgando a manga de seu casaco.

Os livros caíram em cima dos dois, e o móvel alto balançou, ameaçando tombar.

— Saia de perto de mim. Eu disse não! — Ela disparou a arma duas vezes.

O choque em seu rosto foi quase cômico quando o sangue floresceu em seu lado esquerdo. Ele largou o braço dela e ficou de joelhos.

Ela passou por ele, de volta ao outro lado da mesa, onde pegou o telefone, colocando-o no ouvido. — Olá? Tem alguém aí? Eu preciso de ajuda.

Uma voz masculina calmante respondeu. — Sim, Srta. Griffin, a polícia e uma ambulância estão a caminho. Você está bem?

A porta se abriu e dois oficiais entraram com as armas de serviço em punho. Ela largou a arma e o telefone, erguendo as mãos no ar. — Não atire, — ela resmungou.

— Está tudo bem, senhorita, — disse o oficial afro-americano, baixando a arma. — Nós estamos aqui para ajudar.

Seu parceiro, um cara branco de meia-idade com bigode, se aproximou de Nathan. — Fique aí, senhor. Os médicos estão bem atrás de nós.

— C-como você chegou aqui tão rápido? — Pode ter parecido que Nathan a encurralou aqui para sempre, mas provavelmente foram apenas alguns minutos.

— Eu liguei para eles, senhora. Assim que vi seu pai deixar vocês dois sozinhos. — Terrence manteve os olhos nos pés ao passar pela soleira. — Sr. Shaw disse coisas terríveis ao seu pai sobre o que ele faria com você na próxima vez que a visse. — Ele olhou para a forma inclinada de Nathan com desgosto. — Pessoas como ele tendem a não ver a ajuda quando estamos por perto.

Os médicos entraram atrás dele, indo direto para Nathan. Kane e Brick estavam em seus calcanhares. Dois homens que ela não reconheceu entraram correndo por último.

— Mandy! — Kane gritou. Ele parecia enlouquecido enquanto abria caminho em direção a ela. Suas pernas quase cederam quando

ela estava dentro de seus braços. — O que está acontecendo? O que a polícia está fazendo aqui?

— Sr. Hale? É você? — Os olhos de Terrence se arredondaram como pires.

Kane acenou com a cabeça. — Já faz muito tempo, Terrence.

— Sr. Shaw tentou atacar a Srta. Amanda, e ela atirou nele. — Ele apontou para os médicos que estavam carregando Nathan na maca. — Estou tão feliz por você estar aqui, senhor. Sempre pensei que você era o homem certo para ela.

— Este é o que você tem fodido? Será que *todo mundo sabe*? — Nathan gritou, pulando da maca em direção ao policial branco. — Eu vou te matar, sua vadia. — Ele agarrou a arma no coldre do oficial.

Kane girou Amanda em seus braços, pronto para usar seu corpo como escudo. Mas antes que Nathan pudesse atirar, o policial mais próximo dela começou a atirar.

Pop. Pop. Pop.

Ela levantou a cabeça do peito de Kane e esticou o pescoço para ver o que aconteceu. Nathan estava no chão, os seus olhos cegos olhando para o teto. O sangue jorrou de dois novos orifícios em seu peito.

— Droga, Gleason, — o policial branco murmurou, tocando o corpo com a ponta do sapato. — Você atirou em Nathan Shaw. Você sabe que tipo de pesadelo político isso vai causar?

Gleason resmungou e bateu no peito. — O inferno que é. Eu tenho minha câmera corporal. Eu não me importo se ele era a porra do papa. Ele tentou pegar sua arma.

Os médicos colocaram Nathan de volta na maca da qual ele havia escapado. A parte feminina do par parou quando seu parceiro o levou para fora da sala. — Eu vi tudo. Vou testemunhar se você precisar.

— Você precisa de uma declaração dela? — Kane inclinou a cabeça na direção de Amanda. — Ou posso levá-la para casa?

O oficial Gleason balançou a cabeça. — Ela pode vir amanhã. Eu tenho que avisar vocês, no entanto, uma vez que a mídia souber disso, vocês não terão um momento de paz.

— Obrigada. — Ela ofereceu a mão ao policial e o homem pareceu um pouco surpreso, mas a apertou. — Nós vamos ficar bem.

O oficial acenou com a cabeça pensativamente. — De alguma forma, não duvido por um minuto.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Kane

Kane nunca foi tão grato por alguém interferir em sua vida. Ele nunca seria capaz de recompensar Brick por bater na porta do clube. Embora percebesse que sua presença não mudara o resultado final, ele nunca se perdoaria se Mandy tivesse que enfrentar Nathan novamente, tudo isso sozinha. Deus sabia que os guarda-costas que Mike contratou não tinham feito nada. Eles nem sabiam que algo estava acontecendo até que a polícia apareceu na casa de seu pai e eles seguiram a cavalaria para dentro. Então, quando Nathan puxou a arma, quem sabia onde eles estavam. Desnecessário dizer que eles não tinham mais emprego.

Ele apertou a mão do amigo. — Eu não sei como te agradecer, irmão. — As palavras pareciam inadequadas.

Brick inalou o ar frio pelo nariz. — É bom estar do outro lado da merda, para variar. — Ele sorriu com tristeza. — Além disso, é isso que os amigos fazem. Eu não tinha nada disso até você voltar. Se precisar de mais alguma coisa, estou apenas a um telefonema de distância.

Ele observou a caminhonete azul de Brick até que saiu da garagem, então focou seu olhar em Mandy. — Você quer que eu dirija?

Deslizando as chaves em sua mão, ela subiu no banco do passageiro de seu carro. Ela ficou quieta durante todo o trajeto, e ele deu a ela o espaço que ela parecia pedir sem palavras. Ele a levou para seu lugar em vez do dela.

Resmungando algo sobre tomar banho, ela desapareceu no banheiro.

Ele tirou a jaqueta e se sentou à mesa para tirar as meias. Instantaneamente, seus olhos se fixaram em uma nota na caligrafia de Mandy.

Eu sei que você está sofrendo e está com medo. Mesmo que você não possa enfrentar isso agora, eventualmente você se lembrará: somos mais fortes juntos. Estou disposta a esperar. Quanto tempo for preciso. Eu te amo. Para sempre.

Ela estava certa, é claro. A perda de Scott quebrou seu coração. Perder Mandy o teria destruído inteiramente.

Despindo-se enquanto caminhava, ele largou a camisa nas costas de uma cadeira. Sua calça jeans, ele deixou uma pilha no chão. Então ele se juntou a ela no chuveiro, circulando sua cintura por trás. — Eu sinto muito, — disse ele com voz rouca. — Eu fiz uma bagunça nas coisas. — Inspirando o cheiro de seu cabelo, ele silenciosamente agradeceu a Deus por não tê-la perdido esta noite.

Ela inclinou a cabeça para trás contra o peito dele, dando-lhe uma visão desobstruída de seus seios perfeitos e cremosos. — Você estava de luto.

— Sim. — Ele beijou seu ombro. — Mas não foi sua culpa. Nada disso é culpa sua, mas aqui está você, presa no meio entre eu e seu pai.

Mandy se virou em seus braços. — Eu não estou presa entre vocês. Foda-se meu pai. A única coisa que sou para ele é uma moeda de troca, e me recuso a ser mais uma vez. — Ela ensaboou o sabonete nas mãos e passou a espuma no peito dele. — Vamos descobrir como lidar com ele, mas não agora, ok? Agora, eu só quero sentir você e esquecer o resto do mundo.

— Isso aí. — Ele correu o dedo do centro de seu peito, em uma linha lenta até o seu cabelo castanho-avermelhado. — Coloque sua bunda na minha cama. Os preservativos estão na gaveta de cima da cômoda. — Ele tinha certeza de estocar o lugar assim que deu a ela a chave.

Ela saiu correndo, e ele enxaguou-se rapidamente antes de se encarar no espelho acima da pia. Ele não podia fazer muito com seu cabelo, mas havia uma coisa que ele podia fazer. Agarrando a navalha que usou para modelar sua barba, ele começou a trabalhar removendo todo o cabelo de seu rosto. Foi surreal olhar para seu reflexo quando ele terminou. Se não fosse pela cicatriz, ele se pareceria muito com a época da faculdade.

Como ele exigiu, Mandy esperou como uma porra de deusa nua em cima de seus lençóis, seu cabelo vermelho espalhado como uma

auréola de fogo no travesseiro. Ela engasgou e endireitou-se quando ele saiu das sombras para a luz fraca da lâmpada.

Ele se sentou ao lado dela, permitindo que suas mãos acariciassem suas bochechas.

Seu lábio inferior tremeu. — Eu realmente tenho você de volta.

Inclinando-se, ele pegou o lábio dela entre os dentes antes de acalmá-lo com a língua, mas Mandy não teve paciência para deixá-lo assumir a liderança. A língua dela disparou, enredando-se na dele, puxando-o para um beijo. Não havia nada de cuidadoso nisso, nenhuma preocupação com qualquer arranhão em sua pele sensível.

Ela era a encarnação da paixão, seu beijo era tão intenso que ele quase podia esquecer que ambos estavam nus em sua cama. Quase.

Seu polegar encontrou seu mamilo, e ele o arranhou suavemente com a unha. Ele endureceu instantaneamente com o toque.

Mandy não estava interessada na abordagem sutil. Esfregando sua bochecha contra a dele, sua boca encontrou sua orelha, e ela traçou a concha com a língua. O hálito quente dela enviou uma onda de arrepios em sua pele. — Ver você assim me deixa tão quente, — ela sussurrou. A mão dela puxou a toalha dele, então circulou sua ereção. — Deite-se para mim, baby. Deixe-me assumir o volante por um tempo.

Inferno, sim .

Ele se acomodou em suas costas, e ela montou nele. — Mais beijos, — ela murmurou, lambendo, tocando e provocando sua boca

antes de mergulhar de volta para dentro com abandono. Como ele pensou que poderia viver sem essa mulher?

Logo ela se mudou. Ele quase protestou até que percebeu para onde ela estava indo. Graças a Deus, ela não o provocou, ela foi direto para o prêmio. Ele quase gozou ali mesmo, no momento em que sua língua deslizou por seu eixo. Seus quadris levantaram da cama e ele cometeu o erro de olhar para baixo.

Seus sensuais olhos verdes o encararam como a visão de um incrível sonho molhado. Mais uma vez, ela o lambeu da raiz à ponta, a parte plana de sua língua lambendo sua pele como se ele fosse o sabor favorito do picolé. — Você é tão fodidamente sexy, — ele rugiu.

Ela deu a ele um sorriso conhecedor, então o engoliu inteiro. A língua dela enroscou-se ao redor de seu pênis enquanto ela o chupava de volta, em seguida, provocativamente, recuou. Uma e outra vez, ela o deu prazer da maneira que ela sabia que ele gostava mais, até que seu orgasmo estivesse tão perto, ele estava a ponto de derramar em sua boca. — Deixe-me me vestir, baby. Eu preciso estar dentro de você.

Ele pegou a camisinha no momento em que ela voltou para respirar. Seu corpo gritou para ele enterrar seu pênis em sua boceta, mas ele se forçou a esperar. Ela tinha que estar pronta para ele primeiro. — Fique de joelhos.

Sua Mandy não hesitou, apenas fez o que ele mandou. A posição colocou seu sexo brilhante em plena exibição. Embora parte dele desejasse a intimidade de se unir a ela cara a cara, ele precisava

reivindicá-la, lembrar a ambos que ela era sua da maneira mais primitiva.

Deslizando o dedo para dentro, ele a descobriu já escorregadia e acomodando. Ela empurrou de volta contra a invasão. — Não brinque comigo. Eu preciso muito de você. Por favor.

Quem era ele para negar seus desejos? Abrindo-a com as mãos, ele mergulhou seu pau dentro dela em um longo golpe. Seu gemido de satisfação aumentou ainda mais o fogo dentro dele. Agarrando seus ombros, ele a forçou a se arquear, dando-lhe o ângulo perfeito para acertar o ponto que ele sabia que sempre a deixava louca.

Quando ela gritou seu nome, ele soube que tinha encontrado. Serpenteando sua mão ao redor de seu quadril, ele procurou o botão inchado no topo de sua fenda. Ele circulou com o dedo em conjunto com suas estocadas dentro dela. Seus gemidos suaves o deixavam louco, encorajando-o a dedilhar mais rápido, cavalgá-la com mais força. Ela o recompensou com gritos mais altos e um aperto mais forte de seus músculos internos.

Finalmente, ele sentiu seu corpo ficar tenso, sua respiração parar e as ondulações de seu orgasmo enquanto ordenhava seu pênis. Suas bolas apertaram, e ele gozou enquanto ela ainda estava pulsando ao redor dele. Eles desabaram juntos na cama.

Assim que seu corpo começou a obedecer novamente a seus comandos, ele se desembainhou e jogou a camisinha na lata de lixo ao lado da cama. Enquanto ele era afastado, os dedos de Mandy traçaram as letras de seu nome em suas costas. Ele ficou congelado até a mão dela cair, e ele se acomodou na cama.

— Quando você o conseguiu? — ela perguntou, uma vez que ela se acomodou de volta em seus braços.

Ele soltou um suspiro. — Um dia depois de eu sair do hospital. Usei parte do dinheiro que economizei para o seu anel. Eu sei que parece estúpido, mas me fez sentir como se você ainda estivesse comigo de alguma forma.

Seus dedos percorreram o cabelo em seu peito em círculos suaves. — Não é estúpido. É romântico. Isso... me dá vontade de voar. E me dá vontade de chorar ao mesmo tempo. — Ela ergueu a cabeça. — O que não é obra sua. É minha. Perdemos muito tempo por minha causa.

Ela se machucaria para sempre se ele permitisse, mas ele estava prestes a cometer o mesmo erro. Ele estaria sozinho agora se não fosse pela interferência de Brick.

— Você pensou que estava me protegendo.

— Sim, bem, pode ter sido tudo em vão. — Ela esfregou os olhos. — Meu pai ainda tem o vídeo daquela época. Ele está ameaçando liberá-lo novamente para a polícia. Ele me lembrou um pouco antes de me deixar na sala com Nathan.

Como um homem poderia fazer isso com sua filha desafiava sua compreensão. — Seu pai faz com que o meu pareça o pai do ano, o que significa alguma coisa, porque meu pai é um idiota egoísta.

Ela se enrolou nele com um suspiro. — Temos que nos livrar do vídeo de uma vez por todas.

— Nós vamos. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — Agora durma um pouco. Pretendo amar você de novo quando o sol nascer.

Amanda

Kane manteve sua promessa, acordando-a com palavras sussurradas de amor e uma jornada lenta e lânguida para o prazer. Seu corpo estava solto e satisfeito, mas ela tinha muito peso em sua mente para relaxar completamente. Como as ameaças de seu pai. As consequências da morte de Nathan. A porra do clube de motos.

Ela lidaria com tudo, um passo de cada vez.

Quando eles finalmente estavam vestidos e compartilhando torradas com manteiga na mesa da cozinha, ela abordou o problema número um. — O que vamos fazer com meu pai?

Kane engoliu sua torrada com um gole de café. — Eu tenho uma ideia. Você confia em mim?

— Com a minha vida. — Seu rosto aqueceu, mas ela não se arrependeu de dizer isso. A verdade pode te libertar, certo?

Seu sorriso iluminou todo o seu rosto. Deus, ele era lindo. Deveria ser ilegal esconder o rosto sob todo aquele pelo por tantos anos.

— Envolve o envolvimento do clube e preciso que você faça algumas ameaças sérias. Você acha que pode administrar isso?

— Ameaçando meu pai? — Ela riu. — Sim, eu posso administrar isto. Depois de tudo que ele fez, a parte difícil será me impedir de prosseguir.

Ele a forneceu mais alguns detalhes antes de beijar sua testa e sair para solicitar a ajuda de seus amigos. Se ele tivesse sucesso, todos se encontrariam na casa dos Griffin em uma hora.

Se ela quisesse, isso lhe daria tempo para voltar para seu apartamento e se trocar, mas ela se sentia segura na casa de Kane, e segurança importava muito mais do que o que ela estava vestindo. Ela tinha muito mais preocupação em ficar cara a cara com os caras do clube novamente. Nenhum deles jamais gostou dela.

Mas Kane tinha fé neles, e ela tinha fé nele. Se ele dissesse que daria certo, ela acreditaria nele. Nesse ínterim, ela precisava se recompor. Ela alisou o cabelo em um rabo de cavalo apertado e retocou a maquiagem. De jeito nenhum ela enfrentaria seu pai parecendo suja.

Satisfeita de que sua aparência parecia tão boa quanto poderia ficar, ela recuperou a chave que havia deixado debaixo do tapete na manhã anterior.

Que diferença um dia faz.

Ela chegou em casa na hora combinada e, embora não tinha visto Kane, não tinha dúvidas de que ele estava lá. Com uma respiração forte, ela saiu do carro, foi até a porta da frente e bateu duas vezes.

Terrence abriu a porta, seu rosto cheio de apreensão. — Seu pai está com problemas no escritório, Srta. Amanda. — Sua voz estava baixa. — Pode não ser o melhor momento para uma visita.

Ela apertou sua mão suavemente. — Obrigada por cuidar de mim, Terrence. Você provavelmente salvou minha vida ontem. — Agora foi a vez dela sussurrar. — Kane estará na porta em alguns minutos. Ele vai entrar e vai cuidar de mim. Talvez agora seja uma boa ideia você consultar o cozinheiro sobre o cardápio do Ano Novo.

Ele acenou com a cabeça em compreensão. — Como você quiser, senhora. — O mordomo idoso virou-se lentamente e se arrastou em direção à cozinha.

Amanda confirmou que a porta da frente estava destrancada antes de caminhar até o escritório de seu pai pelo segundo dia consecutivo. A agitação em seu estômago a lembrou da sensação que teve no caminho para o hospital quando seu pai exigiu que ela terminasse com Kane. Pavor, combinado com o conhecimento de que não havia saída, ela tinha que ver até o fim.

A porta do escritório estava parcialmente entreaberta. Amanda não bateu, ela empurrou a porta até que estivesse completamente aberta e entrou. Parecia que um furacão havia varrido a sala. Livros, arquivos e papéis estavam espalhados pelo chão. Todas as gavetas da mesa estavam abertas e uma cadeira estava deitada de lado. Seu

pai estava no centro de tudo, murmurando para si mesmo e compassando.

A sala parecia ruim quando ela saiu ontem, mas agora o caos estava infinitamente pior. — O que você está fazendo, pai?

Ele parou de andar ao som de sua voz e esticou o pescoço para encará-la. — Não me lembro de ter convidado você hoje, Amanda. Talvez você deva ligar para minha secretária e marcar uma reunião.

Ela passou a mão pela sala, reconhecendo a bagunça. — E perder tudo isso? — Ela balançou a cabeça. — Por mais tentador que seja, você e eu temos alguns negócios inacabados para resolver. Depois, você pode ir se foder por tudo que me importa, porque nós terminamos.

Seu pai zombou de suas palavras. — Tal linguagem. Seu bandido de estimação está de volta em sua vida por algumas semanas, e você já soa como se estivesse rolando na sarjeta.

— O homem mais vil com quem já estive é aquele com quem você me armou, pai. Só que acho que realmente não importa se o cara pode fazer algo por você, certo?

Seu lábio se curvou. — Você não quer falar sobre Nathan comigo. A façanha que você fez ontem à noite pode atrasar minha corrida governamental por anos, se não descarrilar para sempre.

Como sempre, seus olhos estavam no prêmio. — Eu não me importo com a sua candidatura a governador. Na verdade, esse estado provavelmente seria melhor com alguém que não está

disposto a vender sua própria filha para uma conexão de rede. — Ela ergueu a mão para parar o que quer que ele estivesse prestes a dizer. — Mas eu não vim aqui para falar sobre seu futuro político. Sejamos realistas: você e eu, não sobrou nenhum relacionamento. Eu só vim aqui para pegar o vídeo que você está segurando na minha cabeça. Dê para mim e podemos seguir nossos caminhos separados.

Ele riu, e a ameaça emanou dele. — Eu deveria saber. O garoto Hale novamente. Diga-me, minha filha recalcitrante, por que diabos eu te daria meu ás na manga?

Ela puxou a pequena arma de sua bolsa. É hora de blefar. — Porque estou pedindo com educação.

Seu pai revirou os olhos. — Eu deveria ter medo de você? Como se você fosse atirar em mim se eu não cooperasse com suas demandas.

Ela não achou que iria funcionar, seu pai nunca escolheu o caminho fácil. — Não. Você está certo. — Ela não se virou, mas ouviu passos entrando na sala atrás dela, e os olhos de seu pai se arregalaram em resposta. — Eu não atiraria em você, mas eles atirariam.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Kane

Kane se aproximou de Mandy, seu pai e amigos preenchendo o espaço atrás dele. Ela executou sua parte do plano perfeitamente. Agora, ver o medo nos olhos de seu pai o satisfez mais do que ele havia imaginado.

Claro, ele viu Beau Griffin ao longo dos anos, o homem era o prefeito. Ele estava na TV o tempo todo, e isso sem contar todos os outdoors e panfletos bagunçando sua caixa de correio. Pessoalmente, o pai de Mandy parecia menor do que ele se lembrava. Círculos profundos sombreados sob seus olhos, e seu cabelo normalmente perfeito, parecia que ele o estava puxando em direções diferentes.

Este pequeno homem arruinou sua vida. Roubou seu amor. Matou seu irmão.

Ele mal reconheceu a voz grave que saía de sua própria boca. — Você acha que eu sou um bandido. Você pode se agradecer por isso. — Ele se aproximou e Beau se encolheu. — Graças a você, sou um assassino. Graças a você, tenho um motivo para buscar vingança. Então, diga-me, Sr. Prefeito, você acha que estou blefando?

O pai de Mandy engoliu em seco, varreu os olhos pela sala e então pareceu encontrar coragem. Ele ficou um pouco mais alto. — Eu não o tenho.

— Besteira, — ele latiu.

— Verifique a casa se você não acredita em mim. — O homem parecia todo experiente e suave novamente. — Procure onde você quiser. Não há nada para encontrar.

Malcolm colocou a mão no ombro de Kane. — Aceite. Procure cofres escondidos, especialmente em seu quarto. Vou ficar aqui com o Sr. Griffin e conversar de pai para pai.

Ele queria discutir, mas a verdade era que Malcolm não tinha acabado de perder um irmão em tudo isso, ele perdeu um filho. Se ele queria discutir com o pai de Mandy, ele merecia a chance. — OK. Mandy, você pode nos mostrar por onde começar?

Ela claramente não gostou e não tentou esconder, mas também não discutiu. — Sim. Tenho algumas ideias, mas realmente precisamos examinar os computadores. Provavelmente, ele está armazenado digitalmente em algum lugar. — Ela pegou a mão dele. — Ele tem um cofre em seu quarto lá em cima. Eu sei a combinação.

Brick

De sua localização oculta no espaço oco atrás da parede do escritório, Brick observou Amanda levar Kane e seus amigos do clube para fora da sala. Apenas Kane e sua garota sabiam que ele estava aqui. Seu trabalho era assistir e registrar tudo o que visse, caso pudessem pegar o pai dela em um momento de descuido que pudessem usar contra ele. Bem, se o pai de Kane não matasse o cara primeiro.

Seria uma forma de resolver o problema.

A violência e a morte faziam parte do mundo de Brick há anos, então não era realmente uma proposta chocante, especialmente porque o homem havia armado para sua própria filha se machucar. Baixo, mesmo para o pior tipo de desprezível. O problema seria encobrir tudo. O prefeito era um cara de destaque. Seu desaparecimento seria muito perceptível e, depois do que aconteceu ontem, sua conexão com Kane era assunto de registro público. Não, não havia como se livrar dele silenciosamente.

A voz de Malcolm o tirou de seus pensamentos. — Você causou problemas para o meu clube por anos, e eu deixei ir para evitar uma guerra total. Assédio da polícia. Permissões rejeitadas. Empréstimos bancários negados. Mas isso? Não há como ignorar isso. Eu deveria matar você agora e acabar com isso.

Beau zombou. — Você não fará tal coisa. Cumpri nosso acordo ao pé da letra.

— Nosso acordo, — Malcolm sibilou, — ... nunca disse nada sobre você fazer com que meu filho fosse morto.

O queixo de Brick caiu.

— Você e eu queríamos nossos filhos longe um do outro. É todo o motivo pelo qual você configurou o vídeo para seu próprio filho e o enviou para mim.

De seu pequeno olho mágico, Brick observou Beau pegar a cadeira de couro do chão e se acomodar nela. — Funcionou como um encanto. Seu filho se juntou à sua gangue e minha filha mudou-se para dirigir um negócio. Mas você e eu sabemos que não há policial para testemunhar a veracidade do vídeo. Não resistiria um segundo no tribunal. Então porque você está aqui? Por causa do seu filho mais velho?

Malcolm apoiou as mãos nos braços da cadeira e colocou o rosto a menos de um centímetro do de Beau. — Você está certo por causa do meu filho mais velho. Você é a razão pela qual ele está morto.

Beau encolheu os ombros. — Não é verdade. Ele está morto porque seu clube foi tolo o suficiente para cruzar com um sindicato russo.

— Foi você quem os avisou. — A saliva voou da boca de Malcolm enquanto ele assobiava.

Beau enxugou uma gota de sua bochecha com o polegar. — David Bennett os avisou. E, francamente, mesmo se ele não tivesse, era apenas uma questão de tempo antes que eles descobrissem. Até você deveria ver.

— Você não pode fugir disso, Beau. Você sabe o que fez e eu também.

— Mas as crianças não. — O rosto de Beau se abriu em um sorriso satisfeito. — Seu filho não tem ideia de que você orquestrou tudo que o empurrou para sua preciosa gangue de motoqueiros.

— Nós. Nós orquestramos isso. Não aja como se você fosse inocente.

O prefeito balançou a cabeça. — Mas eles já me odeiam. Você ainda pode jogar com a parte lesada. A menos que eu diga a verdade.

— E o que a verdade te traz? Sem influência sobre sua filha...

— Esse navio navegou, — ele rosnou.

Malcolm fez um show ao estalar os nós dos dedos. — Mas se você simplesmente desaparecer, será uma situação em que todos saem ganhando. Meu filho nunca saberia a verdade. Eu recebo justiça pela morte de Scott, e a porra do mundo inteiro se livraria de você.

Beau revirou os olhos. — Quantas testemunhas viram você entrar aqui? Eu sou o maldito prefeito da cidade. Você acha que ninguém notaria se eu parasse de trabalhar um dia? Você acha que ninguém iria se perguntar o que um bando de motoqueiros sujos estava fazendo na minha casa da última vez que alguém me viu? Mesmo você não é tão estúpido, Mal.

— Valeria a pena, — Malcolm sussurrou. — Para tirar o sorriso presunçoso do seu rosto.

— Você não vai me matar, — Beau acenou para ele. — Tudo o que temos a fazer é concordar em sair daqui com a mesma história. Eu deixo você atirar em mim, talvez um olho roxo, para mostrar, e eu lhe dou uma cópia do vídeo em um pen drive. Dizemos que é a única cópia, e você ameaçou me matar se eu mentisse. Você vai embora como um herói, e eu lavo minhas mãos de tudo isso.

— E Scott? Que tal justiça para meu filho?

Beau cruzou os braços. — Acho que você perdeu a justiça quando fez um acordo com o diabo.

— Eu te odeio, — Malcolm fervia.

— Entre na fila. — Beau abriu seu laptop e apertou alguns botões. Ele puxou um pen drive de uma gaveta e em minutos entregou-o a Malcolm. — Ligue de volta para eles. — Ele se levantou e apontou para sua bochecha. — Mas, primeiro, faça com que pareça convincente. — Ele sorriu. — Esta é sua grande chance.

Malcolm não hesitou. Recuando, ele atingiu Beau com tanta força que o homem tropeçou para trás. Então ele pegou seu telefone, provavelmente para ligar de volta para a cavalaria.

Kane e sua garota foram os primeiros a voltar à sala. Malcolm ergueu o pen drive. — Eu consegui. Vamos sair daqui.

Amanda franziu a testa. — Bem desse jeito? E se ele tiver outra cópia?

Malcolm rosnou. — Então ele sabe que vou matá-lo. Certo, Sr. Prefeito?

Beau acenou com a cabeça com tanta tristeza aparente que merecia um Oscar.

Sem esperar que ninguém concordasse, o pai de Kane saiu pisando forte porta afora.

Amanda uniu sua mão com a de Kane e lançou a seu pai um olhar inescrutável. — Ele realmente vai te matar, você sabe. Kane é o único filho que lhe resta. Enquanto isso, você não tem nenhum. Terminamos, *Beau* . Boa sorte com sua candidatura a governador. Você vai entender se não conseguir meu voto.

Amanda

Kane voltou para o apartamento de Amanda em seu carro. Ele tinha vindo na garupa da moto de seu amigo. Foi uma viagem tranquila, ambos tinham muito que processar.

Quando eles finalmente entraram em sua casa, ela ficou muito feliz em colocar algumas roupas limpas antes de se oferecer para fazer o almoço para os dois.

Kane deu a ela um pequeno sorriso. — Ainda estou me acostumando com a ideia de que você pode cozinhar. Mas deixe-me fazer isso. Eu preciso cuidar de você.

Ele colocou o rosbife, a maionese e o pão no balcão e começou a preparar a refeição.

— E agora? — Sua voz não soou tão casual quanto ela gostaria, mas teria que servir.

— O que você quer dizer? — Com cuidado, ele untou o pão com uma fina camada de maionese e, em seguida, empilhou a carne cortada por cima.

— O perigo para o seu clube acabou. Você tem sua vingança. Temos o vídeo. E agora? Para nós? Para você?

Ele colocou a camada superior do pão no sanduíche e entregou-lhe um prato.

Ela o levou para a mesa e se sentou.

— Você está perguntando sobre o clube. — Ele ficou em pé no balcão e deu uma mordida na comida. Seus ombros curvados. — A pergunta de um milhão de dólares, não é? — Ele mordeu o sanduíche novamente e mastigou, uma expressão vazia no rosto. — Eu sei como você se sente sobre isso. Parte de mim se sente da mesma maneira. Mesmo com a merda que seu pai fez, ele não poderia ter feito isso se não tivéssemos dado a ele os meios nós mesmos.

Ela sabia que era arriscado perguntar sobre negócios do clube. Seria tão fácil continuar enchendo a boca com comida ao invés de cruzar a linha invisível para o território do MC. Mas ou eles passaram por isso ou não. Ela abriu a boca para pedir mais informações, mas Kane a venceu.

Ele suspirou. — O clube está envolvido em alguma merda ruim, baby. Armas. Drogas. Inferno, nós até cometemos um assassinato de aluguel uma vez.

Seu estômago caiu.

— Não *eu*. Quero dizer, eu não matei ninguém por dinheiro. Mas eu matei o homem que matou meu irmão. Ele é o único. Você precisa entender e ter certeza de que é algo com que você pode conviver se quisermos fazer isso funcionar.

Ela não examinou muito de perto, mas ela podia entender.

Depois do aceno dela, ele continuou. — Eu quero ir direto. Quero me casar com você e fazer parte da sua família. — Suas bochechas escureceram. — Quero ter filhos com você e ser o tipo de pai que nossos filhos respeitem e admirem.

— Eu quero a mesma coisa, — ela sussurrou.

— Mas como posso dar as costas à minha família agora? — Ele esfregou os olhos ao se sentar na cadeira em frente a ela. — Meus pais já perderam um filho. Se eu sair, é como perder outro.

Amanda abanou a cabeça. Toda a linha de raciocínio era estúpida. — Só se eles escolherem. Está com eles.

Ele ergueu um ombro. — Talvez. Eu entendo de onde você está vindo. Mas o código é o código. Para eles, seria eu quem os abandonaria, não o contrário. — Afastando o prato, ele entrelaçou os dedos na mesa à sua frente. — Não são apenas meus pais, também são meus amigos. O Cue Ball e o Frank estiveram comigo

mais vezes do que consigo contar. Afastando-se, estou chutando-os quando eles caem.

Ela se levantou para servir dois copos de chá gelado e depois se juntou a Kane à mesa. — Eu não tenho as respostas, baby. Se aqueles caras cuidaram de você quando eu não estava lá, sou grata a eles. Se você os ama, não quero que os perca. Você sabe o que eu penso do clube, mas não posso te dizer o que fazer. Tem que ser sua decisão.

Ambos se assustaram quando seu telefone tocou na mesa. Ele olhou para a tela. — Brick quer falar conosco. Você se importa se ele vier?

Brick. Ele era um amigo com quem ela podia embarcar. Ele também tinha uma história incompleta, mas, segundo todos os relatos, mudou sua vida e ficou noivo de uma professora por quem era louco. — Está bem. Ele é sempre bem-vindo aqui.

Ela chamou para alertar o porteiro e, em poucos minutos, a batida forte de Brick soou na porta.

Kane o conduziu com um tapinha nas costas. — Obrigado novamente por ajudar esta manhã, especialmente porque você teve que se enfiar em um espaço tão pequeno para nada. — Ele não teve a chance de falar com seu amigo depois que Malcolm garantiu o vídeo.

Brick esfregou a nuca. — Eu não diria que foi por nada. Você aprende muito quando ninguém sabe que você está ouvindo. — Ele apontou para o sofá. — É melhor você se sentar, cara. Isso não vai ser fácil de ouvir.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Kane

Kane não tinha estado dentro de um hospital desde que foi esfaqueado anos atrás. Northside não mudou muito desde então. O cheiro, principalmente, ameaçava levá-lo de volta a uma das piores noites de sua vida. Uma mistura pungente de anti-séptico e morte.

Ele evitou com sucesso retornar como uma praga, mas a conversa que ele precisava ter não podia esperar até que seu amigo tivesse alta.

Frank já estava no quarto do Cue Ball quando Kane entrou. — Ouvi dizer que tudo correu bem com o pai da sua old lady ontem. Estou feliz por você.

Cue resmungou. — Você realmente voltou com Mandy Griffin? — Ele balançou sua cabeça. — Como diabos você acabou aí? Ela jogou você fora como lixo quente.

Ele se acomodou na cadeira ao lado de Frank no lado esquerdo da cama. — Não era o que parecia. Ela pensou que estava me protegendo, mas a coisa toda era uma armação. Um que meu pai e o pai dela criaram juntos para nos manter separados.

Frank franziu a testa. — Seu pai? Você está dizendo que Malcolm e a porra do prefeito estavam trabalhando juntos apenas para fazer você terminar com sua namorada? Você tem que saber o quão ridículo você parece.

— Eu os ouvi falando sobre isso. Meu amigo gravou tudo. Meu pai disse a Scott para me trazer junto no dia em que tudo aconteceu com o incêndio no apartamento. — Seus dedos pressionaram com força os braços de madeira da cadeira. — Ele armou isso para Mandy pensar que estava me protegendo de um processo por estar lá.

Cue gemeu enquanto se ajustava para encará-lo mais completamente. — Por quê? Por que ele faria isso?

— Não é óbvio? — Frank rosnou. — É a única razão pela qual Kane se juntou ao clube. Ele se ferrou, perdeu a garota e estávamos lá para colocá-lo de volta no lugar. — Seu amigo o encarou. — Você nunca se intrometeria. Era tudo sobre faculdade e casamento. — Frank fechou os olhos. — Porra.

Cue Ball balançou a cabeça. — O pai dela é o mesmo cara que trouxe os russos até a nossa porta. Ele é a razão de eu estar aqui... a razão de Scott estar morto. E Malcolm estava trabalhando com ele?

Ele assentiu. — Antes, sim. E manter isso em segredo é por que ele não está pressionando por vingança agora. — Ele colocou a mão no ombro de Cue. — Você sabe o quanto vocês significam para mim. Vocês são meus irmãos. Eu não poderia te amar mais se fôssemos parentes de sangue.

Frank suspirou. — Você está saindo.

Cue fez uma careta. — Não, ele está... Kane?

— Eu estou.

Seus amigos pareciam chocados. Tubos presos em suas mãos, Cue esfregou a cabeça careca, cansada. Frank baixou a cabeça entre as mãos.

— Meu pai manipulou minha vida inteira para me colocar neste clube. Eu não posso viver com isso. Não quero vender drogas ou armas. Eu nunca quis, e vocês sabem disso. Meu futuro é com Mandy. Eu quero que ela seja minha esposa e mãe dos meus filhos. Esta não é a vida que eu quero, nunca foi.

— Eu entendo, — disse Frank suavemente e olhou para cima. — O que seu pai fez foi todo tipo de merda. Mas o resto de nós... nós nunca te traímos. Você se afastaria de todos nós?

— Eu não quero. — Ele bateu com a cabeça nas costas da cadeira. — Eu quero manter vocês dois em minha vida. Porra, minha mãe também. Mas são vocês que precisam decidir o que o código significa para você. Eu sei o que minha mãe vai dizer, e isso parte meu coração. Mesmo assim, tenho que tentar, aqui, com você. Estou tentando dizer que quero que vocês dois façam parte do meu futuro. Mas, quanto ao clube, a partir de hoje, estou saindo.

Cue se encolheu. — Você precisa ir agora, irmão.

Frank olhou para suas botas.

Ele respeitou os desejos do amigo. — Eu sempre serei seu irmão, cara. — Com o coração na garganta, ele saiu da sala. Sua próxima parada não seria melhor.

O clube havia retornado ao seu estado normal quando Kane chegou. Alguém recolocou a janela quebrada e remendou os buracos de bala nas paredes.

Ele encontrou seus pais juntos na mesa da cozinha, uma caixa aberta de Papa John's entre eles. Mama V o cumprimentou com um sorriso aguado. — Ei, KC. Quer comer pizza comigo e com seu papai?

Sem palavras, ele largou o colete na mesa ao lado da caixa.

Os olhos de seu pai escureceram. — O que é isso, garoto?

— Estou fora.

Sua mãe engasgou.

Malcolm ficou de pé. — Besteira. Este clube apenas ficou em suas costas contra o pai de sua velha senhora, e é assim que você nos retribui?

Seus dedos se curvaram na frente da camisa de Malcolm, o desejo de bater nele correndo quente como o sangue em suas veias. — Retribuir? Por me armar em primeiro lugar? — Ele

apontou para a cicatriz em seu rosto. — Por isso? *Por conspirar com o homem que matou Scott* ?

Mama V puxou seus braços. — Do que você está falando, Kane? Deixe seu papai ir.

Ele soltou seu aperto, mas ele deu um passo mais longe no espaço de Malcolm. — Você vai admitir ou vai mentir como um covarde de merda?

Malcolm balançou a cabeça com cansaço. — Faça o que você quiser. Estou farto de lutar para manter esta família unida.

Que monte de merda. — A única pessoa por quem você lutou foi você mesmo. — Ele se virou para sua mãe, mas o olhar dela estava cravado no chão. — Mamãe.

Ela balançou a cabeça, as lágrimas já caindo pelo seu rosto. — Eu não posso mais ser sua mãe.

— Nós vamos perder tudo, — Malcolm murmurou. — O acordo com os russos acabou. E você sabe que Ace só negociará com você. Você não liga. Você não se preocupa com nada, exceto seu precioso pedaço de boceta.

Ele bateu em seu pai então. Um gancho de direita forte no queixo. — Você apenas mostrou a diferença entre você e eu. Não penso na mulher que me ama como um pedaço de buceta. Ela vai ser minha esposa e sempre a colocarei em primeiro lugar. Obrigado, Malcolm, por me ensinar que tipo de marido e pai eu não quero ser. E mãe, se você decidir que vale mais do que isso, minha porta estará sempre aberta.

Respirando fundo, ele deu as costas para seus pais e deixou o Skulls MC em seu espelho retrovisor.

Amanda

Amanda traçou os dedos nervosamente sobre as tatuagens no antebraço de Kane enquanto esperavam seus amigos chegarem. Brick e sua noiva estavam vindo para tomar uns drinques e, embora Kane prometesse que ela amaria Olivia, ela não fazia amigos com facilidade. Era difícil ser ela mesma perto de estranhos.

Ela deu um pulo quando o sino tocou.

Os ombros largos de Brick encheram o batente da porta quando Kane os deixou entrar. — Espero que esteja tudo bem. Eu trouxe Robby também.

— Está bem. — Kane disse a ela que ele e Brick meio que adotaram a jovem assistente de Xander. — Entrem.

A noiva de Brick era uma loira esguia que a cumprimentou com um abraço. — É tão bom conhecer você. Já era hora de Kane ter um pouco de felicidade em sua vida. — Ela baixou a voz. — E ótimo trabalho com seu novo visual. Eu mal o reconheci sem a barba e todo o cabelo. Que senhora de sorte você é.

Ela deu uma risadinha. — Oh eu sei. Estou colhendo todos os benefícios de sua transformação.

Kane já estava distribuindo cervejas para os caras. — Você quer algo, Liv? Cerveja? Vinho?

Seus olhos brilharam. — Eu vejo zinfandel ali?

Depois que todos beberam, Kane os contou o que aconteceu com o clube. Robby fez um barulho de desgosto e franziu a testa para ela. — Seu pai saiu impune? Não parece certo.

Kane encolheu os ombros. — Não, não importa. Mas se ajuda saber, a morte de Nathan Shaw em sua casa o arruinou politicamente. Ele nunca será governador deste estado, e duvido que tenha chance de reeleição para prefeito, já que David Bennett conversou com a mídia.— O novo presidente dos Soldados Cristãos deu uma entrevista reveladora sobre seus laços com o prefeito, obviamente preocupado em mantê-lo em segredo poderia ser uma motivação saudável para fazê-lo desaparecer. Ele convenientemente omitiu qualquer detalhe que pudesse incriminar a si mesmo. — Beau terá sorte se não for para a cadeia.

— E seu clube? — Robby pressionou. — Eles todos viraram as costas para você?

— Frank me ligou algumas vezes. Acho que ele está disposto a violar as regras, mas por outro lado, sim. Eles foram embora. — Fazia duas semanas desde que ele saiu, e para todos os outros, havia silêncio no rádio.

— Eu sinto muito. — Robby bateu na garrafa de cerveja de Kane com a sua. — Eu sei que não é a mesma coisa, mas você sabe que me pegou. Somos uma família, lembra?

— Sim, cara, eu me lembro. — Kane acenou com a cabeça agradecido e depois se virou para Brick. — Falando em família, quando vocês dois vão tornar isso oficial?

Liv se aninhou ao lado de Brick. — Dia dos namorados. Vai ser um casamento pequeno, mas significaria muito para nós se vocês dois estivessem lá.

— E vocês dois? — Robby deu uma cotovelada no braço de Kane.

Amanda sorriu. — Kane está se mudando neste fim de semana. Poderíamos realmente usar alguns pares extras de braços fortes para ajudar com as caixas.

— Conte conosco. — Brick sorriu.

Kane se inclinou e sussurrou em seu ouvido. — Não é uma pequena família ruim que temos aqui, hein, baby?

Ela roçou os lábios em sua bochecha lisa. — Nada mal, — ela sussurrou. — Nada mal mesmo.

EPÍLOGO

Kane

Deslizar para a cadeira de Gerry no Slipknot parecia tão familiar quanto respirar. O velho tatuador deu a Kane cada pedaço de tinta que ele já tinha conseguido, incluindo as letras em negrito do nome de Mandy que ele usava nas costas.

Além de sua primeira tatuagem, esta seria a única arte que ele usava que realmente significava algo.

O assento de vinil estava frio contra suas costas nuas, enquanto Gerry desinfetava a pele de seu peitoral esquerdo onde Mandy o barbeara na noite anterior. No início, ele considerou colocar a nova tatuagem em sua mão, mas no final, pareceu melhor usá-la sobre o coração.

Eles revisaram o design na semana passada, e o estêncil já estava feito. A única coisa que restou foi torná-lo uma parte permanente de sua pele.

Mandy entrelaçou os dedos nos dele enquanto Gerry trabalhava, embora a picada da agulha mal fosse um pontinho em seu radar. Ela sabia, é claro. Ela estava lá para apoio emocional. Sem ela, seria muito fácil cair de volta em memórias que poderiam quebrar seu coração.

Graças a Deus por sua esposa. Eles calmamente tornaram oficial após Brick, que era conhecido por Jonathan atualmente, e Olivia disse *que sim* . Não houve cerimônia, apenas uma troca de alianças e um juiz de paz para torná-la legal. Mike e Cindy resmungaram sobre isso, mas no final, eles entenderam. Kane não poderia viver outro momento sem amarrá-la a ele para sempre. Ele foi abençoado além da medida, ela sentia o mesmo.

Ainda nenhuma palavra de ninguém além de Frank no clube. Foi melhor do que ele esperava, honestamente. Pelo menos ele manteve um de seus velhos amigos, mesmo que perdesse o Cue Ball todos os dias.

O desenho em seu peito era simples, mas Gerry era um profissional e não teve pressa. Passaram-se algumas horas antes que ele erguesse o espelho e observasse o escorpião tão parecido com o que Scott havia desenhado para eles meses atrás.

— Você está feliz com isso? — o velho perguntou rispidamente.

Ele assentiu, em vez de despejar suas emoções em todo o campo estéril.

Gerry o enfaixou e levou seu cartão de crédito para pagar a conta.

Mandy o ajudou a abotoar a camisa, então mexeu com sua pequena bandagem colocada na parte interna de seu pulso. Quando ela disse a ele que queria sua própria tatuagem, ela poderia tê-lo derrubado com uma pena. Assim que viu o desenho, ele entendeu.

Assim como o pingente que ele deu a ela no Natal, eram dois corações entrelaçados com as palavras ***Eu te amo*** e para ***sempre*** no script abaixo. Era sua maneira de marcá-lo em seu corpo como ele tinha feito por ela.

Estava escuro lá fora quando eles terminaram, e eles estavam a apenas alguns metros de distância do carro dela quando ela agarrou seu pulso. Sua cabeça estava inclinada para trás, um sorriso curvando-se em seu belo rosto. — Kane, olhe. Uma estrela cadente. Faça um desejo.

Ele fechou os olhos, mas estava apenas brincando. Não havia mais nada que ele quisesse.

Todos os seus desejos já haviam se tornado realidade.

SOBRE A AUTORA

Jen começou seu caso de amor com romances, primeiro como leitora, depois como revisora e blogueira.

Ela é casada com seu namorado da escola. Juntos, eles estão criando dois filhos, um gato e um cachorro que tem medo de sua própria sombra.

Jen passa seus dias trabalhando como jornalista de televisão e suas noites enrolada com um bom livro.